

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

SONIA REGINA SOARES DA CUNHA

**A série jornalística televisual:
do código verbal ao digital e do genético ao cultural**

São Paulo
2020

SONIA REGINA SOARES DA CUNHA

**A série jornalística televisual:
do código verbal ao digital e do genético ao cultural**

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação

Área de Concentração: Ciências da Comunicação

Linha de Pesquisa: 1. Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos

Orientadora: Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Cunha, Sonia Regina Soares da

A série jornalística televisual : do código verbal ao digital e do genético ao cultural / Sonia Regina Soares da Cunha ; orientadora, Cremilda Celeste de Araújo Medina. -- São Paulo, 2020.

275 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão original

1. Jornalismo Televisual 2. Epistemologia do Diálogo Social 3. Série Jornalística Televisual 4. Observação-Experiência 5. Curiosidade Epistêmica I. Medina, Cremilda Celeste de Araújo II. Título.

CDD 21. ed.- 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB - 8/6194

CUNHA, Sonia Regina Soares da. A série jornalística televisual: do código verbal ao digital e do genético ao cultural. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação. 2020. 275 f.

Aprovado em: ____/____/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

Presidente:

Professora Doutora CREMILDA CELESTE DE ARAÚJO MEDINA (orientadora)

Instituição: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professor Doutor LUCIANO VICTOR BARROS MALULY

Instituição: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professora Doutora ANAMARIA FADUL

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo PPCS/ UMESP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professor Doutor CARLOS EDUARDO SANDANO SANTOS

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL/Mackenzie)

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Professor Doutor PEDRO HENRIQUE FALCO ORTIZ

Instituição: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (FEBASP)

Julgamento: _____

Assinatura: _____

To
Ricardo Abravanel
from Captain Underpants to I'm Batman now

Agradecimentos

Agradeço minha querida orientadora que é 90 % de inspiração e 90% de paciência, eu sei que a soma dá 180% mas a Cremilda é multitarefa.

Agradeço aqueles que inspiraram esta escrita e que nem vão chegar perto para ler.

Agradeço aos cientistas meus seguidores que aumentam minha nota como pesquisadora científica ao ler e baixar meus artigos nos portais de pesquisa acadêmica internacional e eu nem tenho ideia de quem são.

Agradeço ao Leon Abravanel Jr pelo apoio incondicional e principalmente pelo presente genético que faz minha mente seguir evoluindo epistemicamente.

Agradeço aos pesquisadores acadêmicos com os quais compartilho a vastidão do espaço e a imensidão do tempo neste planeta.

Agradeço a você que abre uma tese, lê os agradecimentos e descobre que, mais uma vez, seu nome não está lá. Não dessa vez, porque ainda não nos conhecemos, ou temos apenas uma amizade superficial, ou somos loucos um pelo outro, ou não nos vemos há muito tempo, ou ainda não nos encontramos, mas apesar disso sempre pensamos com carinho um no outro. Então obrigada a você que provavelmente sabe o porquê.

Eu poderia agradecer muito mais pessoas, mas tempo, espaço e modéstia me obrigam a parar por aqui.

CUNHA, Sonia Regina Soares da. A série jornalística televisual: do código verbal ao digital e do genético ao cultural. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação. 2020. 275 f.

RESUMO

A tese busca oferecer elementos que ampliem a compreensão das interações sociocognitivas reveladas pelo sujeito da pesquisa, o jornalista, mediador social e cultural, no âmbito da produção da série jornalística televisual, uma narrativa que rompe com o paradigma do imediatismo, lendária chave da notícia comunicada pela televisão. A pesquisa revela que a coparticipação do coletivo profissional nutre o repórter para o ato epistêmico que expressa o encontro mental entre a intuitividade dos sentimentos com a lógica da inteligência criadora (razão, imaginação e conhecimento). As reflexões teórico e empíricas observam as noções epistemológicas de intercausalidade, sujeitos intercondicionantes e complexidade. A leitura detalhada da linguagem híbrida televisual que resulta da hibridização das matrizes verbal, visual e sonora oferece o embasamento necessário para que a pesquisadora com o auxílio das lentes epistemológicas da arte de narrar o contemporâneo observe reflexivamente a reportagem seriada como uma resposta cultural que possibilita a ativação da homeostase sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Jornalismo Televisual. 2. Epistemologia do Diálogo Social. 3. Série Jornalística Televisual. 4. Observação-Experiência. 5. Curiosidade Epistêmica.

CUNHA, Sonia Regina Soares da. A série jornalística televisual: do código verbal ao digital e do genético ao cultural. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação. 2020. 275 f.

ABSTRACT

The thesis seeks to offer elements that broaden the understanding of the socio-cognitive interactions revealed by the journalist, social and cultural mediator, within the scope of the televisual journalistic series' production, a narrative that breaks with the paradigm of immediacy, legendary key of TV news. The research reveals that the co-participation of the professional collective nourishes the reporter to make the epistemic act that expresses the mental encounter between intuitiveness of feelings with logic of creative intelligence (reason, imagination and knowledge). Theoretical and empirical reflections observe the epistemological notions of intercausality, interconditioning subjects and complexity. The detailed reading of the televisual hybrid language that results from the hybridization of the verbal, visual and sonic matrices provides the necessary basis for the epistemological lens of the contemporary narrating art finally observe reflexively the series' journalistic as a cultural response that activates sociocultural homeostasis.

KEYWORDS: 1. Televisual Journalism. 2. Epistemology of the Social Dialogic. 3. Journalistic Series. 4. Experience-Observation. 5. Epistemic Curiosity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cavalo em movimento de Muybridge.....	22
Figura 2 – Cinetoscópio de Edison (1894).....	23
Figura 3 - Espelho (esq.) e Lauda (dir.)	38
Figura 4 - Estúdio e redação <i>Jornal Nacional</i>	39
Figura 5 - Grupos de Mídia (Brasil)	42
Figura 6 - Elementos da mensagem jornalística (impressa).....	46
Figura 7 - Decodificação na TV	72
Figura 8 - Códigos da TV.....	74
Figura 9 - Semiótica (esq.) Linguagem Híbrida Televisual (dir.)	82
Figura 10 - Bastidores de gravação (Canellas e equipe)	89
Figura 11 - Vinheta <i>A Fome</i>	90
Figura 12 - Azevedo e Ioschpe no avião fretado pela Globo	102
Figura 13 - TV Gazeta (ES) montagem para transmissão ao vivo	103
Figura 14 - Prêmio <i>Emmy</i> 2011 do <i>Jornal Nacional</i>	104
Figura 15 - NDI <i>Vovó Raquel</i> (Caucaia, CE).....	111
Figura 16 - <i>numa folha qualquer eu escrevo meu sonho</i>	116
Figura 17 - Previsão de lixo de painel solar até 2050.....	137
Figura 18 - motor VE (esq.) vs motor combustão (dir.).....	140
Figura 19 - caminhões elétricos.....	141
Figura 20 - eletrovia Copel/Itaipu.....	143
Figura 21 - VEs e o avião que estão sendo testados pela Itaipu Brasil.....	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Séries Jornalísticas Televisuais estudadas nesta tese	16
Quadro 2 - Linguagem Híbrida Televisual	17
Quadro 3 - O Jornalismo na Nova República: destaques sobre jornalismo televisual	28
Quadro 4 - Série <i>Novo Pacto da Ciência</i> (Projeto Plural)	62
Quadro 5 - ângulo da câmera e sua função significante.....	65
Quadro 6 - elementos da cinematografia e sua função significante	65
Quadro 7 - a guinada cognitiva na teoria do cinema 1	66
Quadro 8 - a guinada cognitiva na teoria do cinema 2	66
Quadro 9 - análise de variáveis da captação e edição	68
Quadro 10 - do analógico ao digital.....	68
Quadro 11 - tipos de edição no jornalismo televisual.....	69
Quadro 12 - Linguagem Híbrida Televisual.....	75
Quadro 13 - autoritarismo da mídia vs automatismo da audiência.....	91
Quadro 14 - diagnosticar a fome é prognosticar a morte	94
Quadro 15 - verbal duplicado vs visual reforçado	95
Quadro 16 - contextualização social e cultural.....	96
Quadro 17 - estratégias para sobreviver dignamente	97
Quadro 18 - da geografia da fome para a cartografia da falta de alimentos	98
Quadro 19 - Escolas da <i>Blitz da Educação</i>	107
Quadro 20 - a visão tradicionalista da educação	109
Quadro 21 - ausência da "observação-experiência".....	110
Quadro 22 - reportagem de serviço sobre educação?	111
Quadro 23 - a comparação pode induzir ao erro	113
Quadro 24 - capital social + capital econômico = privilégios de poucos	114
Quadro 25 - da alfabetização deficiente à manualização inconsistente	115
Quadro 26 - contextualização do período histórico	122
Quadro 27 - tela da verdade	123
Quadro 28 - Histórias de vida (protagonistas anônimos).....	124
Quadro 29 - ferida aberta no corpo da sociedade	126
Quadro 30 - cadeira do dragão vs pau-de-arara.....	127
Quadro 31 - Ivan: <i>meu pai estava vivo, mas o jornal noticiava sua morte</i>	128
Quadro 32 - arquivo vivo da memória somatossensorial.....	129
Quadro 33 - a cura pela arte	130
Quadro 34 - repórter-ator vs repórter-autor.....	136
Quadro 35 - marketing ativista vs capitalismo ecologista.....	139
Quadro 36 - o cotidiano do motorista do carro elétrico	142
Quadro 37 - Trigueiro: <i>Brasil está na contramão dos VEs</i>	145
Quadro 38 - haja energia humana para suprir a falta de energia do VE	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. PARTE I	19
1.1. A percepção da realidade na cultura de cada dia.....	19
1.2. As incertezas da complexidade cultural diante da evolução tecnológica	25
1.3. Parênteses de flagrante histórico da televisão brasileira	26
1.3.1. TV Tupi: emissora / escola experimental	29
1.3.1.1. Primeira equipe de jornalismo televisual do Brasil	29
1.3.1.2. É preciso aprimorar o exercício intelectual jornalístico	31
1.4. "Qual a minha contribuição para a ciência brasileira?"	34
1.5. Telejornal, uma janela para o mundo dos donos da mídia?	37
1.6. As vertentes epistemológicas da grande reportagem.....	43
1.7. O que é a série jornalística televisual?	47
1.8. Como a nossa mente elabora as histórias?	49
1.9. Do impulso homeostático à curiosidade epistêmica	53
2. PARTE II	59
2.1. Por que estudar a narrativa jornalística televisual?	59
2.2. O imprevisível que dá vida ao novo	63
2.3. Edição: entre a autoria humanizada e a sintética da máquina	67
2.4. A televisão sob o olhar da ciência	70
2.4.1. Raymond Williams: <i>o ato epistêmico da estrutura de sentimento</i>	70
2.4.2. Stuart Hall: <i>a redescoberta imaginativa da identidade cultural</i>	71
2.4.3. John Fiske: <i>o sistema sógnico das representações simbólicas</i>	73
2.5. O fenômeno midiático contemporâneo sob a lente triádica	75
2.5.1. <i>Broadcast News Discourse</i> : o discurso experiencial do jornalismo televisual	76
2.5.2. <i>Linguagem híbrida televisual</i> : a semiótica que escapa do fetichismo midiático	80
2.5.3. <i>Arte de tecer o presente</i> : lente metodológica para a reflexão epistemológica	84
3. PARTE III	88
3.1. <i>A Fome</i>	88
3.2. <i>Blitz da Educação</i>	101
3.3. <i>As crianças e a tortura</i>	119
3.4. <i>Veículos Elétricos</i>	134

INSPIRAÇÕES DIALÓGICAS PARA FUTUROS DEBATES	148
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICES	173
APÊNDICE A – Relatório da série <i>A Fome</i>	174
APÊNDICE B – Relatório da série <i>Blitz da Educação</i>	199
APÊNDICE C – Relatório da série: <i>As crianças e a tortura</i>	225
APÊNDICE D – Relatório da série: <i>Veículos Elétricos</i>	254

INTRODUÇÃO

"Isaac Newton não descobriu a gravidade, a inventou. [...] Se alguém inventa algo, então é a linguagem o que cria o mundo; se, em troca, alguém pensa que descobriu algo, a linguagem não é mais do que uma imagem, uma representação do mundo. Acredito ter podido demonstrar-lhes com isto que é a linguagem que gera o mundo e não o mundo que é representado na linguagem." (von FOERSTER, 1996, p. 66).

Mais que surpresa senti curiosidade ao ler o e-mail com o convite para o dia 11 de agosto de 2006, que dizia algo como "representar a direção da emissora" numa missa em homenagem ao dia da televisão¹. Além de dia do garçom, do estudante, do advogado, 11 de agosto também é dia de Santa Clara de Assis, que segundo a *Carta Papal* de Pius XII (1957) teria sido a primeira pessoa a ver e ouvir remotamente, por meio de uma "alucinação visual", uma missa de Natal (1252), tornando-se assim, padroeira celestial da televisão (*tele* = distante). "Entre as invenções tão úteis que despertam admiração geral, a televisão tem seu lugar, porque torna possível ver e ouvir eventos à distância", escreveu Pius XII na justificativa para a escolha da santa e do objeto tecnológico.

Alucinação visual – fenômeno que intriga pesquisadores de várias áreas, em especial os que se dedicam aos estudos da função cerebral. Um ponto que tem ajudado a avançar nessa área é a compreensão do processo dos padrões da retina na formação da visão humana. A mente se conecta com a visão e a audição, enquanto os outros sentidos operam por conexões viscerais. A visão do mundo externo é processada em forma de imagens pelas células receptoras da retina ao detectar a luz que passa pela córnea e lente, diferente da visão processada pela emoção que corresponde ao abrir de uma porta para o mundo interno, privado, único.

¹ De acordo com o calendário da Assembleia Geral das Nações Unidas, 21 de novembro é considerado o dia mundial da televisão, desde 1996, não para celebrar a ferramenta em si, mas pela representação de um "símbolo de comunicação e globalização no mundo contemporâneo". A ONU reconhece "o crescente impacto que o meio tem na tomada de decisões, chamando a atenção para conflitos, ameaças à paz e à segurança, e o seu potencial em dar visibilidade a questões económicas e sociais" (ONU, 2018). Lançada em 1947, a *ONU Vídeo* produz conteúdos em francês, espanhol, inglês, chinês, árabe e russo.

Confesso que tenho grande atração por refletir sobre a experiência sensorial e a crença, mas observo que o fenômeno não chega a se tornar um intermediário epistêmico, assim concentro esforços nas representações cognitivas resultantes das atividades das células nervosas na mente. Atividades essas que a mente humana elabora, a partir dos padrões do mundo externo, em especial as representações simbólicas narradas pelos jornalistas que comunicam pela televisão, ou seja, pelo "jornalismo televisual", nomenclatura oficializada para nomear "as disciplinas voltadas à produção de programa jornalístico de televisão" (PICCININ e PUHL, 2013, p. 8) nos cursos superiores de muitas universidades brasileiras.

O termo "televisual" começou a ser utilizado pelos acadêmicos a partir dos anos 1990, para "nomear o meio televisão como contexto cultural". (AUSLANDER, 1997, p. 50). No caso deste estudo sobre o jornalismo televisual transmitido pela TV Aberta do Brasil, **ver** o telejornal pode significar acessar o portal da emissora de TV pela internet, ou ver o arquivo da videorreportagem pelo *YouTube*, ou ainda, ver o vídeo da notícia encaminhado por um aplicativo de mensagens. Como a força experiencial em **ver** televisão é muito forte segue-se falando em **ver**. "Mas esse *ver* é, em muitos casos, radicalmente diferente do velho *ver* televisivo."(SCOLARI, 2011, p. 129). O termo televisivo pode eventualmente remeter ao aparelho de televisão, dispositivo técnico instalado dentro de um espaço residencial ou comercial a captar a transmissão analógica através das ondas hertzianas. Assim, televisual – como indicador de produção, transmissão e recepção de áudio e vídeo digital – parece encaixar-se melhor nas novas plataformas midiáticas porque amplia a reflexão para o hibridismo dessa linguagem formada pelas matrizes verbal, visual e sonora que converge da tela do aparelho de televisão para as telas do celular, do tablete, do computador, enfim.

Na **Parte I** da escrita da tese busco apresentar uma contextualização histórico social e cultural da prática jornalística televisual como sujeito jornalista e sujeito que pesquisa academicamente. Esse processo que Medina nomeia de "observação-experiência" (2008, p. 95) transcende a coleta de dados ou a transcrição dos relatos porque enriquece o código verbal, ou seja, essa prática permite ao pesquisador ouvir e dar voz ao Outro. Esse processo de detectar, sentir e trazer à consciência sensorialmente a presença do Outro é o que o neurocientista António Damásio (2017, p. 112) nomeia de "passo transformador" e sem o qual "as culturas humanas não teriam surgido." Ao escrever sobre o fático cotidiano ou sobre um tema mais abrangente o jornalista deve detectar os sentimentos que emergem na mediação social e cultural entre ele sujeito repórter e os Outros sujeitos como os protagonistas e os especialistas, porque são os encontros presenciais que possibilitam a escrita da narrativa

autoral plena de significados. "Foi este o início formal, nos tecidos vivos, dos sinais e dos símbolos que 'representam' e se 'assemelham' aos objetos e acontecimentos que os canais sensoriais da visão, da audição e do tato conseguem detectar e descrever." (ibidem, p. 113).

Ao ponderar sobre o valor da minha contribuição científica como Doutora em Ciências da Comunicação observei o Regimento da Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (USP, Res. nº 7493, 2018) que descreve a tese como "o texto resultante de trabalho supervisionado" e que apresente uma "contribuição original em pesquisa e inovação". Entre as inúmeras inovações jornalísticas contemporâneas que combinam televisual e digital, diversidade e inclusividade destaco: a) os *podcasts* (áudios noticiosos); b) os boletins inseridos nos intervalos dos programas de entretenimento, e c) as **séries jornalísticas televisuais**, grandes reportagens, algumas com duração total de 50 minutos, divididas em capítulos diários que formam o corpus empírico deste estudo de doutorado.

Decidir sobre quais séries seriam estudadas e apresentadas na tese demandou um complexo e demorado trabalho de *download* de vídeos, transcrições de textos, capturas de tela, entrevistas com jornalistas, diretores e produtores de emissoras brasileiras. O resultado apresentado nesta tese contou com as imprescindíveis contribuições da orientadora Cremilda Medina, bem como dos professores doutores Daniela Ramos (ECA-USP) e Carlos Sandano (Mackenzie) na banca de qualificação. (CUNHA, 2017). Nessa fase da pesquisa foram baixadas e transcritas (verbal) algumas reportagens premiadas com o Esso de Telejornalismo² e as observações resultantes foram comunicadas no *Conexão Pós* da ECA-USP (CUNHA, 2018) e na Escola de Primavera de 2018 da Universidade de Perugia (Itália). Entre as dificuldades da investigação destaco o acesso aos vídeos das reportagens, por exemplo, nem a cineasta Andréa Cassola, nem a MTV, conseguiram fornecer uma cópia do documentário *Aids* (Prêmio Esso de 2002). Por outro lado, algumas reportagens baixadas, assistidas e transcritas (verbal) não constam deste estudo porque não se enquadravam no recorte empírico, ou seja, este estudo trata das reportagens seriadas comunicadas como conteúdo de um telejornal de horário nobre por uma emissora de TV Aberta do Brasil.

A amplitude do tema da reportagem e a extensão da cobertura jornalística no território brasileiro pelo repórter e equipe também influenciaram na escolha das séries estudadas nesta tese. *A fome* de Marcelo Canellas, por exemplo, percorre diversos municípios brasileiros e abrange questões sobre agricultura, meio ambiente, trabalho no campo, alimentação, entre outras, cujo debate continua importante e necessário para a sociedade brasileira.

² O prêmio de Esso de Telejornalismo Brasileiro começou em 2001 e terminou em 2015.

A **Parte 2** da tese apresenta uma leitura crítica reflexiva sobre as contribuições teórico-metodológicas desenvolvidas por outros pesquisadores acadêmicos sobre a televisão e as reverberações culturais provocadas por esta mídia tanto coletiva quanto individualmente. O diálogo metodológico a princípio acontece entre as teorias: a) Discurso (MONTGOMERY), b) Semiótica (SANTAELLA); enquanto a reflexão epistemológica que fecha a escrita busca fundamentação na Epistemologia do Diálogo Social (MEDINA). Para a apresentação dos achados reflexivos sobre as narrativas jornalísticas televisuais recorro ao estudo de caso (YIN, 2001).

A escolha da **série jornalística** justifica-se por sua característica inovadora e complexa, pois é uma produção que rompe com o paradigma do imediatismo, lendária chave do jornalismo televisual, bem como, as séries estudadas apontam para um coletivo profissional unido por um sentimento participativo voltado para o desenvolvimento de um tema de maneira mais profunda em contraste com o superficial e acelerado relato diário dos fatos. O recorte recai sobre quatro séries jornalísticas televisuais comunicadas em telejornais do horário nobre pela TV Aberta do Brasil.

Quadro 1 - Séries Jornalísticas Televisuais estudadas nesta tese

Título da Reportagem	Equipe de Reportagem	Programa Emissora	Ano
A fome	Marcelo Canellas, Lúcio Alves, Laura Fernandes, Luís Oliveira, Cida Hipólito	Jornal Nacional TV Globo	2001
Blitz da educação	André Luiz Azevedo, Fernando Calixto, Luiz Azevedo, Ana Brasil, Bruna Viana, Juliana Lima, Luciana Rodolphi, André Junqueira, Paulo Coutinho, Angela Garambone, José Ferreira, Gustavo Ioschpe	Jornal Nacional TV Globo	2011
As crianças e a tortura	Luiz Carlos Azenha, Márcia Cunha, Ana Haertel, Sheila Fernandes, Edgard Luchetta, André Carvalho, Yoshio Tanaka, Aruan Santos, Igor Arroyo, Elias Rodrigues, Francisco Gomes e Gilson Dias	Jornal da Record TV Record	2013
Veículos elétricos	André Trigueiro, Tiago Eltz, Rodrigo Alvarez, Márcio Gomes, Helton Setta, Michelle Dominguez, Flávio Lordello, José Henrique, Rogério Lima	Jornal Nacional TV Globo	2018

Fonte: CUNHA, 2020.

A transcrição das videoreportagens na fase operacional é indutiva e busca organizar os significados observados orgânica e sistematicamente no corpus investigativo. A partir do relatório verbal revejo a reportagem com o apoio da Semiótica que apura o olhar do

pesquisador para a compreensão reflexiva das matrizes visual, verbal, sonora que formam a "linguagem híbrida televisual", como observa a professora Lúcia Santaella (2001, p. 380) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) uma linguagem que permite ao pesquisador "escapar de uma visão fetichista, meramente somatória, e atomizada das mídias, visão que costuma dar ampla margem ao tecnicismo e à concepção segmentada e desintegrada dos fenômenos da comunicação".

Quadro 2 - Linguagem Híbrida Televisual

VÍDEO	ÁUDIO		LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
matriz visual – índice: signo indicial – secundidade linguagem visual é perceptiva vista em presença figurativa, referencial Gerador de Caracteres	matriz sonora – ícone: signo icônico – primaridade linguagem sonora é sugestiva, som não referencia, não representa fora dele associa por similaridade	matriz verbal – símbolo: signo simbólico – terceiridade universo da mediação e das leis a linguagem verbal é conceitual	hibridação das matrizes: visual sonora verbal

Elaboração: CUNHA, 2020.

A matriz visual é perceptiva porque a imagem é referencial, figurativa e a matriz verbal trata do simbólico, da mediação, do conceitual, da abstração e das leis. Na produção televisual a linguagem verbal hibridiza com a linguagem sonora que, por sua vez, apresenta uma riqueza de variações, incluindo tudo o que é ouvido pelo telespectador, como narração em *off*, sons naturais, sonoras dos entrevistados etc., sendo sugestiva, pois não referencia apenas associa por similaridade. Para este estudo considero alguns gráficos e ilustrações como imagens sintéticas (processadas por algoritmos), embora contenham caracteres informacionais processados sobre imagens não sintéticas (fotos, vídeos).

Nos **Apêndices** da tese estão os relatórios com os quadros qualitativos elaborados durante o desenvolvimento da primeira parte do estudo. Trata-se de uma complexa "leitura cultural" que combina: a) meu intuitivo sintético exposto nos sentimentos despertados pela visão das imagens, audição dos sons e leitura dos textos quando assisti as reportagens, com b) minha lógica analítica expressa pelos apontamentos que faço da linguagem híbrida televisual. Penso que para uma comunicação mais aproximada da linguagem híbrida televisual como apresentada no vídeo da reportagem talvez fosse interessante ler/ver a tese pela internet. Assim, ao clicar na linguagem híbrida televisual o leitor/internauta poderia acessar a matriz sonora que transcrevo verbalmente na coluna do áudio, bem como poderia ver a matriz visual

que descrevo na coluna do vídeo, ao mesmo tempo, ou seja, "sentir" a hibridação das matrizes. Como a tese é apresentada na versão impressa a representação da linguagem híbrida televisual é feita através da captura de tela da matriz visual.

Na última parte do estudo desenvolvo um diálogo cognitivo com as noções epistemológicas da arte de narrar o contemporâneo elaboradas pela professora orientadora desta tese Cremilda Medina (2003, p.127):

- a) o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o factual imediato);
- b) a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo);
- c) as raízes históricas do acontecimento atual; e
- d) os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas.

Estas vertentes epistemológicas possibilitam a observação reflexiva qualitativa do processual desenvolvido pelo jornalista ao comunicar a série jornalística televisual editada, sonorizada e complementada pelos gráficos e legendagem, transmitida em horário nobre, por um telejornal de TV Aberta do Brasil. Assim, o sujeito da pesquisa é o jornalista, mediador social e cultural da realidade e do Outro, que emerge na contemporaneidade produzindo uma narrativa jornalística seriada que expande o tempo cronometrado do habitual relato fatural que impera no cotidiano do fazer jornalístico televisual.

1. PARTE I

1.1. A percepção da realidade na cultura de cada dia

"O estudante que se inicia no seu conhecimento se depara com o fato de que o que os "indígenas" de uma ciência chamam de sistemas simbólicos, os de outra chamam de signos, ou ideologia, ou comunicação, ou ainda de imaginário. Escolhemos o termo cultura."
(GARCÍA CANCLINI, 1983, p.17)

Foram necessários milênios e milênios para que a dobradinha humano e meio ambiente pudessem afinar a percepção da visão, muitas vezes em detrimento dos outros sentidos que também são essenciais para o conhecimento sensível. "O resultado do processo seria o triunfo da informação pela imagem". (BOSI, 1977, p. 16). Imagem que é informação, imagem em movimento que se torna informação audiovisual de forma hegemônica em toda a América Latina, como observa o escritor e teórico comunicacional Jesús Martín-Barbero (1999). Para o autor é o fluxo contínuo de imagens que anima o ritmo e constitui a cena que o telespectador vê na tela iluminada do aparelho de televisão, porque no fluxo da televisão os discursos se equivalem "informação, drama, publicidade ou ciência, pornografia, dados financeiros" provocando a "interpenetrabilidade de todos os gêneros e a transformação do efêmero em chave de produção e proposta de gozo estético". (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 26, tradução nossa). Assim a visualidade ainda domina parte da nossa cultura contemporânea, porque a experiência perceptiva visual permite distinguir, conscientemente, o ambiente externo pela cor, tamanho, relevo, distância, enfim, "ver", de certa maneira, parece combinar as imbricações neuronais para a entrega do pacote somatossensorial. Nossa capacidade

imaginativa, criativa, vem da recordação da nossa visão do mundo real, que combinada com a aquisição de novos conhecimentos "é o fundamento do raciocínio e da navegação imaginária do futuro e, de uma forma mais geral, da criação de soluções inovadoras para um problema". (DAMÁSIO, 2012, p. 131, tradução da autora).

A imagem simbólica discursa imaginariamente na tela da TV, invade os canais das redes sociais pelo computador e conquista o público, inclusive pela minúscula telinha dos telefones celulares. Domesticado, o aparelho de TV consegue em determinados eventos juntar a família e os amigos numa desunião ideológica, pois o desgaste narrativo audiovisual enfraquece a identidade plural dos povos do Sul. O entrelaçamento entre a simbolização de uma imagem na cultura audiovisual contemporânea pode exigir uma dupla mirada humana diante da midiática imagética. A imagem fragmentada alternada entre sensacionalista / denunciata se encaixa mundialmente para ilustrar o imigrante: despaisado³ / estabelecido e o oximoro desempregado: desalentado / empreendedor. Imagens do trânsito parado nas grandes avenidas e pontes das principais capitais entrelaçam-se com imagens de carros circulando velozmente por ruas bem asfaltadas dos vídeos publicitários. Enganosa e reducionista imbricação imagética entre a dramatização ficcional e o comportamento "teatralizado" de alguns sujeitos jornalistas ao representar simbolicamente os acontecimentos do mundo da vida. Entre uma e outra piscada de olhos do desprevenido telespectador, o relato jornalístico, ou seja, a rasa exposição escrita ou oral sobre a violência urbana, por exemplo, acaba se fundindo com a cena dramatizada da ficção seriada. Entretanto, a crítica sobre o conteúdo da programação na televisão, tanto o jornalístico quanto o acadêmico, giram em torno do óbvio, como observa Martín-Barbero (1999, p.15), "é a exasperação da queixa". Queixar-se é um vício mental e o aumento do processo queixoso diminui o hipocampo, área do cérebro que é fundamental para a solução de problemas e a inteligência emocional. (BRADBERRY, 2016). Na contemporaneidade os queixumes acompanham a polarização política da sociedade enquanto o olhar do telespectador esgazeia no descompasso do paralelismo televisual do denunciamento dos comentaristas e do sensacionalismo disfarçado das imagens alternativas produzidas tecnicamente, graças à evolução tecnológica que, no século passado registrou importantes avanços para a transformação midiática televisual.

A narrativa jornalística televisual entretanto, permanece sendo executada dentro do mesmo roteiro e formatação do início das transmissões dos canais de televisão brasileiros.

³ "O *despaisado* – homem sem país, sem paisagem e sem pertencimento." (tradução nossa). (SALAZAR BONDY, 1954, p. 8). Do francês "depaysé".

Mas, antes de abordar a história do jornalismo na televisão brasileira destaco o dinamismo cerebral das pessoas que transformaram o cotidiano da humanidade mundialmente.

Entre as mentes mais profícuas está Thomas Edison que registrou mais de duas mil invenções. Ao seu lado figuram Maxwell (1865) com as ondas eletromagnéticas a atravessar o espaço na velocidade da luz, Hertz (1886) cujo nome se tornou sinônimo de um ciclo por segundo, medida utilizada por Marconi (1896) ao apresentar o rádio ao mundo.

A lista é longa e interessante, mas minha pesquisa pede concentração nas descobertas que contribuíram para o meio televisão, cujo processo em síntese, pode ser descrito como um feixe de luz que percorre a imagem que será convertida em impulso elétrico, como os olhos ao ler as linhas de uma página, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Após a transmissão por ondas *Hertz* ou cabo, o receptor do impulso elétrico reconverte o sinal em luz novamente e recupera o original. Para alcançar esse nível foi preciso contar com o trabalho de pioneiros, entre eles, Karl Braun (1897) que inventou o tubo de raio catódico, Campbell Swinton (1908) que identificou o *scanner* eletrônico e o russo Vladimir Zworykin que trabalhou no iconoscópio, que ele chamou de "olho elétrico", capaz de ler 240 linhas.

O primeiro aparelho de tevê era uma caixa de madeira com uma tela que mostrava imagens com pouca definição, em preto e branco, sem controle remoto. Hoje, a indústria trabalha o modelo de televisão 8K, com resolução de 7.680 x 4.320 linhas, considerado uma viagem perceptiva virtual de "ver tevê".

Experienciar e registrar a percepção de visão contínua a partir de imagens estáticas marcou a vida do fotógrafo inglês-americano Eadweard Muybridge (09/04/1830 – 08/05/1904). O fotógrafo queria confirmar se o quadrúpede elevava as quatro patas durante o galope e se tornou pioneiro na projeção de imagens em movimento, porque ao observar a sequência de negativos das fotos tiradas durante a corrida de cavalos a percepção visual foi de um movimento contínuo, polêmico fenômeno estudado e debatido como "persistência da visão ou persistência da retina".

Figura 1 - Cavalo em movimento de Muybridge

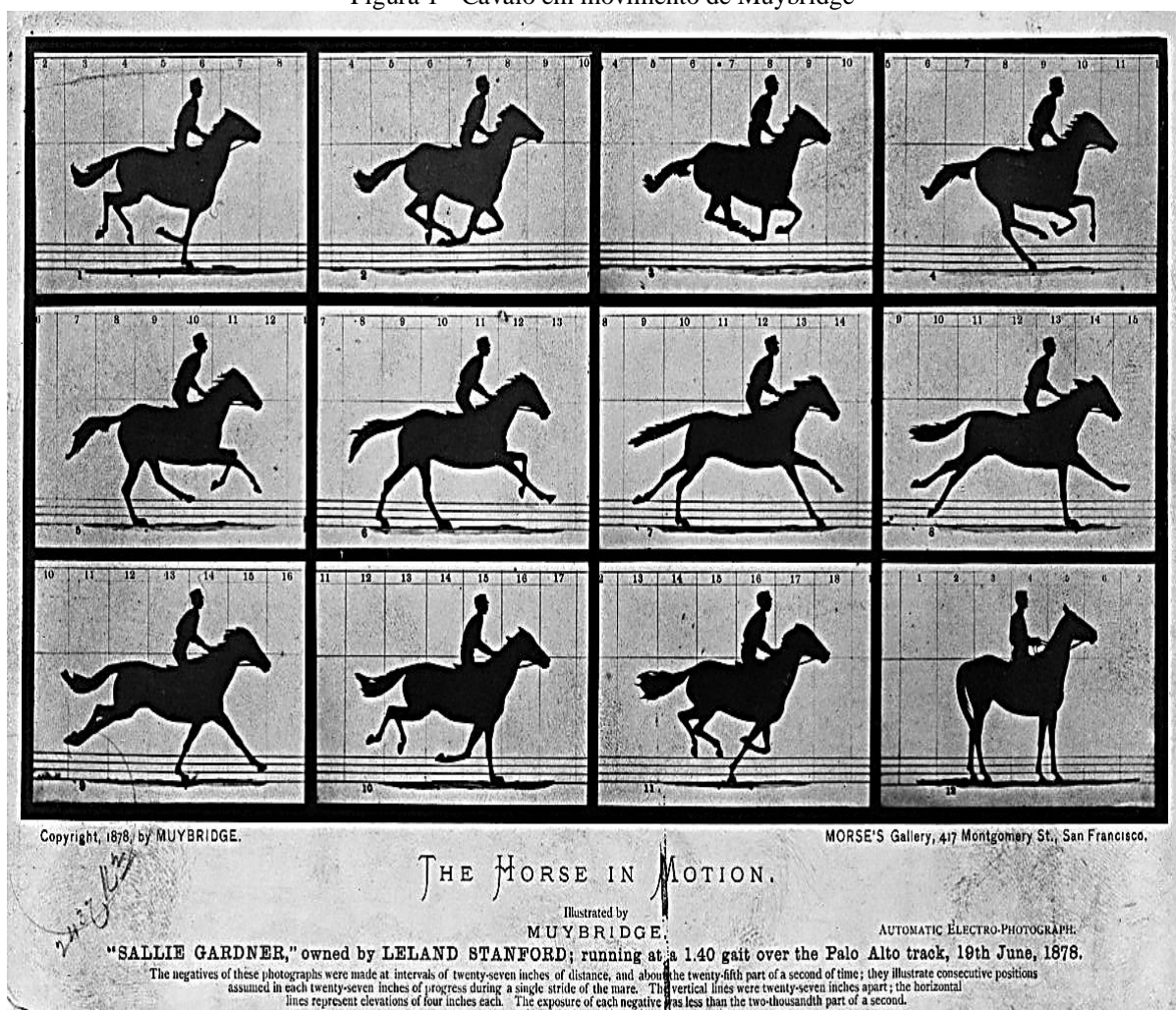


Ilustração: MUYBRIDGE, 1878

Do zoopraxiscópio (1876) de Muybridge, Thomas Edison desenhou o cinetoscópio (1888): uma caixa com cerca de 1,50 m de altura, com uma pequena abertura circular no topo, pela qual uma pessoa assistia um filme de 17 metros de comprimento – uma sequência de 48 imagens estáticas que, a cada segundo, rodavam completando uma ação. A baixa luminosidade impedia a projeção em espaços abertos, mas foi a base para o primeiro projetor dos irmãos Lumière.

Figura 2 – Cinetoscópio de Edison (1894)



Fonte: ARCHIVOS HISTORIA

A atitude humana captada naquele momento da fotografia (Fig. 2) sugere uma reconfiguração cultural no modo de ver uma exibição cultural por parte do público, ou seja, a observação individual ganha primazia através de dispositivos mecânicos disponibilizados em locais públicos e / ou pelos aparelhos adquiridos para utilização dentro da residência como rádio, TV etc. provocando a desativação nos laços de pertencimento coletivo. Num exercício imaginativo poder-se-ia pensar que o cidadão da foto é brasileiro e que a sequência fílmica apresenta uma dança de um grupo folclórico identificado como representação cultural daquela comunidade. Essa negação de autonomia sobre a escolha do cidadão para o que ele deseja ver comunicado pela mídia reflete parte das escolhas culturais que nos são impostas pela mídia. Nas palavras do antropólogo argentino Néstor García Canclini (1983, p. 27) observador do "relativismo cultural" podemos perguntar "como é possível a construção de um saber que possua validade universal indo além das particularidades de cada cultura sem ser este saber a imposição dos padrões de uma cultura a todas as demais?".

Os sistemas sociais podem refletir, reproduzir, repetir outros modos de viver para garantir o processo de desenvolvimento socioeconômico onde a cultura humana subsiste. É como ser bombardeado por uma tempestade de raios feitos de obrigações e necessidades a serem cumpridas no redemoinho cotidiano a impedir a mente de encontrar uma saída. Um dos caminhos apontado por estudiosos seria o da "literacia midiática" crítica, que desenvolve a capacidade crítica da sociedade possibilitando a conscientização de que a própria cultura pode ser relativa. Contudo, o próprio García Canclini observa que mesmo os intelectuais podem

não conseguir manter o distanciamento necessário para elaborar uma reflexão que promova de maneira eficaz uma ação política transformadora. **Distanciamento** como quem senta no banco do parque a ouvir conversas dos passantes, o canto dos pássaros, as crianças brincando na grama, e não, **isolamento** como quem senta na pedra do alto da montanha para tentar entrever o contorno da cidade no horizonte.

Essa **capacidade relacional** do humano pode estar comprometida pelo desenvolvimento tecnológico observa Martín Barbero porque a ação política germina na socialidade das mediações afetivas, e não, na falsa proposta de liberdade do agir democrático praticado solitariamente. O bloco do "eu sozinho" nem entra na passarela.

O esvaziamento de utopias que atravessa o âmbito da política se vê preenchido nos últimos anos por um acúmulo de utopias provenientes do campo da tecnologia e da comunicação: "aldeia global", "mundo virtual", "ser digital" etc. E a mais enganosa de todas, a "democracia direta", atribuindo ao poder das redes informáticas a renovação da política e superando rapidamente as "velhas" formas de representação pela expressão viva dos cidadãos, seja votando pela internet, desde casa, ou emitindo telematicamente sua opinião. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 68-9).

A palavra votar no sentido de ter que escolher entre isto ou aquilo, "a" ou "b", sem um debate social presencial pode induzir ao maniqueísmo pela falsa sensação de liberdade de decisão. Jornalista, pesquisador, cidadão, deve buscar a compreensão reflexiva sobre o contexto local e global das forças sociais, políticas e econômicas que moldam a mídia, bem como incentivar individual e coletivamente a "literacia midiática" crítica para uma maior compreensão do processo de construção democrática do próprio país e das instituições. Aperfeiçoar as competências intelectuais necessárias para que o todo ser humano possa opinar livremente está na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (UNESCO, 1948), em especial no art. 19º, ao descrever o desenvolvimento de um conjunto de habilidades humanas *Media and Information Literacy*⁴, com o objetivo de possibilitar a livre expressão, através da educação, emprego, inclusão social, participação socioeconômica e político-cultural dentro e fora do espaço institucional da esfera pública. Comunicar transcende o ato de falar. É a habilidade de ouvir, sentir, refletir, dialogar, propor e reivindicar para si e para os outros o direito de viver e de usufruir todos os outros direitos humanos no mundo da vida de forma sustentável.

Processo reflexivo produtivo que opera dinamicamente o questionamento sobre estratégias dinâmicas que envolvem os serviços de comunicação e dos provedores de

⁴ Literacia Midiática e Informacional (Port/PT) / Alfabetização Midiática e Informacional (Port/BR).

informação do país, em especial, na contemporaneidade, em que o mundo real é representado simbolicamente pelo digital.

Como a mente humana processa e organiza a teoria para a realização prática da tecnologia do regime numérico e autotélico? A estrada histórica da evolução tecnológica revela que, normalmente, quando nós humanos estimulamos as conexões neuronais e buscamos adequar uma lógica da estrutura corporal no sentido de dominar uma nova técnica é porque ela já está inserida economicamente na sociedade sendo testada por indivíduos e coletivos, para então, aos poucos revelar-se como prática na cultura. No Brasil, a transmissão televisiva inseriu-se culturalmente na dinâmica da esfera pública tornando-se instituição, e então, passou a ser legislada para operar oficialmente dentro da sociedade.

1.2. As incertezas da complexidade cultural diante da evolução tecnológica

"O objetivo da complexidade é, de uma parte, unir (contextualizar e globalizar) e, de outra, enfrentar o desafio da incerteza."
(MORIN, 1999, p. 26)

A televisão surgiu, assim como o telégrafo, o telefone e o rádio antes dela, como uma resposta tecnologicamente sintética a um conjunto novo e radical de necessidades sociais, políticas e econômicas. [...]
As máquinas, pensadas e desenvolvidas para oferecer respostas singulares a demandas, em grande maioria, militares e industriais [...] tomariam formas inesperadas em usos sociais e civis.
(WILLIAMS, 2016, p. 14)

O estudo sobre a contribuição cognitiva da mídia televisão, ou no caso deste estudo, do jornalismo televisual na vida do cidadão, começa com a própria invenção e atravessa a cronologia histórica nas intersecções com as áreas social, governamental, política, tecnológica, entre outras, porque com o aumento do número de dispositivos em que podem ser vistos os conteúdos audiovisuais, aumentam também, as múltiplas finalidades do meio. Historicamente, a primeira licença para transmissão de sinais de televisão nos Estados Unidos foi emitida para Charles Francis Jenkins, em nome de uma **rádio**, a *Federal Radio Commission*, prefixo W3XK (Washington, D.C.), em 1928. A transmissão pode ser captada

pelas antenas receptoras dos rádios amadores dos Estados Unidos e Canadá. A onda de 46,7 metros carregava 15 imagens por segundo e cada imagem, com 48 linhas, e mostrava as silhuetas humanas em preto e branco.

No Brasil, a primeira licença para a transmissão de televisão também saiu para uma **rádio**, *Difusora de São Paulo*, prefixo PRF-3, do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (04/10/1892 – 04/04/1968), em setembro de 1950, mais de uma década antes do *Código Brasileiro de Comunicações* (Lei nº 4.117/1962), hoje *Lei Geral de Telecomunicações* (Lei nº 9.472/1997), cuja última modificação foi feita pelo PLC79, no final de 2019.

Assis Chateaubriand foi dono do primeiro grupo midiático brasileiro. Fundou o *Diários Associados* na década de 1920, e acrescentou *Emissoras Associadas* quando ganhou a concessão para transmitir por rádio e TV. Entre os veículos estão *O Jornal* (RJ, 1919), *Diário da noite* (SP, 1919), *Revista Cruzeiro* (1928), *Diário de Notícias* (RS, 1929), *O Estado de Minas* (MG, 1929), *Diário de São Paulo* (SP, 1929), *Diário da Noite* (RJ, 1929), *Diário de Pernambuco*⁵ (PE, 1930), *Agência Meridional de Notícias* (1931), *Rádio Tupi* (RJ, 1935/SP, 1937), *TV Tupi* (SP, 1950), *TV Cultura* (SP, 1958), *Correio Braziliense* (BSB, 1960), *TV Brasília* (BSB, 1960), *TV Itapoan* (BA, 1960). As dificuldades financeiras e a desestruturação do grupo começaram com a morte de Chateaubriand e no caso da TV Tupi o triste fim veio em julho de 1980. O empresário Silvio Santos venceu a disputa pela concessão do canal, dando o nome de Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em 1981. A TV Cultura (concessão 1958, operação 1960) também integrava o grupo de Emissoras Associadas de Chateaubriand e oferecia ao telespectador paulistano cerca de dez horas de programação educativa. Com a entrada em operação do canal 2 da Cultura, a Tupi mudou o canal de 3 para 4 para evitar interferências. O terreno onde estava instalado o estúdio da TV Cultura na Água Branca (SP), as concessões da TV e da Rádio são transferidos, em 1969, para a Fundação Padre Anchieta (sem fins lucrativos), subsidiada financeiramente pelo governo do estado de São Paulo, e por recursos privados obtidos com doações de empresários e publicidade.

1.3. Parênteses de flagrante histórico da televisão brasileira

⁵ Fundado em 1825, o mais antigo jornal da América Latina.

"De 1973 a 1975, um processo contínuo de violência e desgaste minou o Departamento de Jornalismo e Editoração [da ECA-USP] em várias frentes: cassação de professores (José Marques de Melo, Freitas Nobre, Jair Borin, Thomas Farkas), perseguição dirigida aos laboratórios dinâmicos, considerados subversivos, destruição da gráfica e boicote através da deterioração de equipamentos e falta de papel. Em meio à mais absoluta insegurança, a resistência manteve-se a caro custo até o último vendaval de maio de 1975, quando a cassação do professor Sinval Medina e o consequente afastamento de mais três professores – Walter Sampaio, Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro – provocaram a greve de estudantes, a primeira na universidade brasileira após 1968, e que se expandiu para toda a Universidade de São Paulo."
(MEDINA, 1987, p. 9)

Uma dos mais significativos momentos que conduziram ao debate democrático do Brasil Livre, Brasil da Nova República, é o retorno da *Semana de Estudos de Jornalismo*, coordenada pela jornalista e educadora profa. Dra. Cremilda Medina, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 1986.

Conseguiria a Constituinte [1988] eliminar a deformação da concessão de canais de rádio e TV? Como se sentem os profissionais, pesquisadores e estudantes brasileiros diante do fim da ditadura militar e do início da ditadura tecnológica?

Entre as possibilidades reflexivas de respostas, Cremilda Medina, apresentou os autodiagnósticos dos próprios jornalistas, as leituras metodológicas dos acadêmicos de diversas universidades brasileiras e as propostas de aproximação mobilizadora com o povo brasileiro feitas pelos estudantes de jornalismo. A certeza de que universidade e sociedade podem e devem caminhar juntas democraticamente é que o evento conquistou, pela primeira vez, a legitimação institucional de pesquisa científica com a obtenção de recursos do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Compreender e refletir sobre as imbricações entre as forças político-econômica, organizacional e cultural pode ajudar o jornalista na produção de narrativas jornalísticas televisuais abrangentes, contextualizadas cultural e historicamente, bem como ampliar a visão profissional para a perspectiva rizomática da expressão cultural e comunicacional latente na diversidade periférica da sociedade.

Para Cremilda Medina a essência da profissão jornalística e do pesquisador acadêmico está no contato com as pessoas presencialmente nos espaços do mundo da vida. Longe de atuar como uma estrategista mercadológica, antes mesmo dos algoritmos saírem correndo atrás dos "cookies" (biscoitos que marcavam o caminho de João e Maria na literatura infantil, ou pegadas dos internautas na literatura do marketing digital), Cremilda Medina já desenhava

com mão firme os contornos das pegadas de professores e jornalistas para torná-las visíveis para as próximas gerações.

A escrita dialógica contextualiza histórico e socioculturalmente o saber jornalístico televisual dos primórdios da TV Analógica Aberta do Brasil, principalmente nos livros *Profissão de Jornalista: responsabilidade social* (Forense-Universitária, 1982) e *O Jornalismo na Nova República* (Summus, 1987). Observo que, temos outras obras de pesquisadores brasileiros sobre a TV no Brasil, algumas citadas neste estudo, entretanto a tessitura de Medina reflete a coragem criativa da educadora ao criar aberturas para o diálogo pedagógico entre academia e mercado, ao mesmo tempo, escritos que expõem a força da jornalista profissional, antes, durante e depois do período da ditadura militar no Brasil (01/04/1964-15/03/1985). A ECA-USP tornou-se o caminho do exercício democrático comunicacional da Nova República. A obra *O Jornalismo na Nova República* registra a memória histórica do fim da ditadura militar brasileira e alerta para o início da **ditadura do determinismo tecnológico**.

A leitura dos diálogos entre Medina e os debatedores permite vislumbrar importantes etapas da história do exercício profissional jornalístico brasileiro, em diversos suportes midiáticos, entre eles, o jornalismo televisual. Para este estudo destaco as vozes de Armando Figueiredo, Luiz Fernando Santoro e Paulo Roberto Leandro (14/10/1947 – 24/01/2015) e os seguintes capítulos:

Quadro 3 - O Jornalismo na Nova República: destaques sobre jornalismo televisual

Título	Pag.	Autor	Tema
<i>A Função Social da Televisão Brasileira</i>	55	Armando Figueiredo (jornalista TV Cultura) Gabriel Prioli (jornalista da TV Gazeta) Paulo Maia (pseudônimo de José Nêumanne Pinto, jornalista de O Estado de S. Paulo)	mesa redonda e debate
<i>Telejornalismo produto de exportação?</i>	147	Paulo Roberto Leandro (TV Globo) Luiz Fernando Santoro (Editor Rede Alternativa na América Latina)	mesa redonda e debate
<i>Telejornalismo na Era do Cruzado</i>	187	Pedro Henrique F. Ortiz (Estudante de Jornalismo ECA-USP)	ensaio sobre o jornalismo televisual durante o uso da moeda "cruzado".
<i>Repórter, Fiscal da Notícia</i>	200	Angelo Akimitsu Ishi (Estudante de Jornalismo ECA-USP)	ensaio sobre o jornalismo na Nova República.

Fonte: CUNHA, 2020.

Profissão jornalista: responsabilidade social como a própria Cremilda Medina revela é um mergulho no mar revolto da prática comunicacional brasileira do início da metamorfose década de 1980. "O campo de ação deste trabalho: a tentativa de mergulhar a sonda dentro do processo de comunicação tal como ele está aí implantado." (MEDINA, 1982, p. 18). Mesmo enfrentando pressões da ditadura militar brasileira a autora reflete sobre o fazer jornalístico e revela as contradições do cotidiano profissional numa escrita fluída dividida em cinco partes: 1) Quem é o jornalista?; 2) A profissão na sociedade; 3) Ferramentas de Trabalho, 4) Depoimentos, dos quais destaco o 7º. Armando Figueiredo *Telejornalismo Livre* (p. 204) e 8º. Paulo Roberto Lobo Leandro *No Barquinho de Papel ...* (p.209); e 5) Impasses do Presente.

Armando Figueiredo organizou a primeira equipe do telejornalismo brasileiro, o *Repórter Esso*, apresentado por Calil Filho, em 1956, na primeira emissora de televisão do Brasil, a TV Tupi, Canal 3, depois Canal 4 de São Paulo.

1.3.1. TV Tupi: emissora / escola experimental

1.3.1.1. Primeira equipe de jornalismo televisual do Brasil

"Desde el principio la imagen fue a la vez medio de expresión, de comunicación y también de adivinación e iniciación, de encantamiento y curación."
(MARTÍN-BARBERO e REY, 1999, p.9)

Na época Armando Figueiredo contou com o apoio financeiro do Mappin (importante loja de departamentos na Praça Ramos de Azevedo, na capital paulista), através da agência de publicidade *McCann Erickson*. O pacote de notícias era internacional, roteiro e filme produzidos nos Estados Unidos, um *movie release* para a comunicação da política estadunidense (com ênfase no maniqueísmo da Guerra Fria: EUA *versus* Rússia). As inserções de notícias locais e nacionais eram raras, geralmente fornecidas por fontes oficiais do poder governamental. A falta de equipamentos técnicos e de profissionais especializados e treinados em jornalismo televisual inviabilizavam a cobertura tanto local, estadual e nacional. Para Figueiredo um ponto importante desse aprendizado experimental sob orientação dos americanos, e que está esquecido pelos editores de telejornais é a checagem completa sobre a veracidade de qualquer notícia antes da comunicação. Não havia a "correção", ou "erramos",

ou ainda "falha nossa". "Hoje põe-se no ar muitas notícias – ou totalmente inconsistentes ou facilmente desmentidas." (FIGUEIREDO, 1982, p. 205).

A aquisição de equipamentos técnicos e o desenvolvimento experimental dos trabalhadores da emissora tornou possível a cobertura jornalística local (São Paulo), principalmente pela estrutura organizacional e liderança jornalística das outras empresas de comunicação (rádio e jornal impresso) do grupo Assis Chateaubriand, dono da licença da TV Tupi. A reportagem diária feita pelos repórteres Carlos Spera e Tico Tico focalizava os problemas enfrentados pela população na vivência diária urbana paulistana, e era exibida bruta, ou seja, o filme era mostrado na íntegra, sem edição / cortes (que eram feitos com tesoura ou lâmina) das partes que continham eventuais erros de vídeo ou de áudio. A experiência rendeu frutos e em poucos anos de funcionamento a TV Tupi estava consagrada como o ponto de encontro de jornalistas, especialistas e público que, comentavam, analisavam e debatiam sobre os acontecimentos diários que movimentavam o país, através dos telejornais apresentados em direto (sem gravação prévia): *Edição Extra*, *Diário de São Paulo na TV* e *Repórter Esso* e da mesa redonda semanal, mais disputada da época, tanto pelas pautas ecléticas quanto pela credibilidade dos participantes, o emblemático programa *Pinga Fogo*.

O nome [Pinga Fogo] se inspirava na seção livre de debates parlamentares que ocorria, com grande animação, antes das seções formais da Câmara [Federal, na época no Rio de Janeiro, capital do Brasil, mais próxima a São Paulo, onde ficava a sede da TV Tupi]. “Pinga Fogo” surgiu para ser o programa de debate político e realmente se tornou o ponto culminante de nosso jornalismo. Escolhemos o horário das sextas, após a programação, para não ter limite e muitos dos debates passaram das 3 horas da manhã, com uma audiência inacreditável. O segredo do programa era manter um debate ao vivo, com a participação do telespectador. (FIGUEIREDO, 1982, p. 206).

A chegada dos anos 1960 fortalecia a esperança dos jornalistas e profissionais em especial os que trabalhavam na nova mídia, a televisão, contudo o que a história revela é o retrocesso a que foram submetidos com a imposição da censura pela ditadura militar. Foi nesse período difícil para a liberdade de expressão que o jovem jornalista Paulo Roberto Leandro (14/10/1947 – 24/01/2015) iniciou sua carreira profissional como repórter de rádio e televisão nas Emissoras Associadas – Tupi (1968-1971). Leandro enfrentou na prática o período de censura jornalística e controle governamental (dezembro de 1969), mas ao mesmo tempo vivenciou a transformação tecnológica da edição da notícia na televisão com a transição para o sistema U-Matic (SONY, 1969), no formato de fita de vídeo analógico (¾ de polegada) para gravação de áudio e vídeo (helicoidal) nas reportagens externas, em substituição às câmeras com filmes de 16 mm (película). A utilização do equipamento

completo com o videoteipe portátil passou a ser chamado pelos cinegrafistas das emissoras de televisão de **ENG**, iniciais do termo em inglês *Electronic News Gathering* (Captação Eletrônica de Notícias) ou **UPJ** (Unidade Portátil de Jornalismo).

A entrada no mercado de televisão de novas emissoras (TV Globo, TV Excelsior, TV Bandeirantes, TV Record), que passaram a dividir os recursos financeiros da publicidade e outras causas que afligiam a sociedade brasileira na década de 1970, provocaram o fim do jornalismo da TV Tupi e a cassação da licença de transmissão da emissora (18/07/1980). Entre os principais problemas Figueiredo (1982) destaca: redução do espaço jornalístico na grade de programação, pois o entretenimento conquistou a melhor parte dos recursos financeiros (publicidade); ditadura militar; e imposição da qualidade técnica que empacota o jornalismo com uma falsa estética de realidade devido ao pouco espírito crítico reflexivo dos jornalistas, capacidade não gestada intelectualmente durante a formação superior. A edição formal da notícia televisual censurada oferece uma representação simbólica "extra", fora da realidade viva. "Não sei, realmente, o que é pior: se os efeitos da censura, se a aparência falsa que se dá à notícia formalmente estética." (FIGUEIREDO, 1982, p. 208).

1.3.1.2. É preciso aprimorar o exercício intelectual jornalístico

"Antes mesmo de educar ou organizar a audiência em formas de participação, é preciso atacar os sistemas formais de educação de comunicadores (universidades e cursos) e transformar a experiência pedagógica ultrapassada (unidirecional) numa prática comunicacional efetiva."
(MEDINA, 1982, p. 287)

Diante da mudança de cenário criado pela publicidade que ampliava ou diminuía os tempos dos programas de televisão, de acordo com os índices de audiência, a TV Cultura surge como uma possibilidade de trabalho para os jornalistas, em 1966, ao se tornar uma emissora pública subsidiada pelo governo do Estado de São Paulo. Assim, nem o equipado parque técnico para captação, edição e transmissão de áudio e vídeo da Vênus Platinada, como era conhecida a TV Globo, nem a pressão da censura, nem as dificuldades financeiras vivenciadas durante o período em que trabalhou na TV Tupi, intimidaram o jovem jornalista

Leandro quando decide assumir a chefia do Departamento de Jornalismo da TV Cultura (1975-1980). Enquanto a TV Globo exibia o brilho tecnológico frio e distante, Leandro iluminava a tela da TV Cultura com a emoção dialógica da aproximação com o telespectador. As manifestações do público aconteciam no local do acontecimento, no seio das comunidades onde as expressões culturais e as vozes plurais dos protagonistas anônimos brotavam e floresciam livremente, apesar da censura militar da época exercida sobre a prática jornalística.

Na contramão do processo de massificação da comunicação, Leandro rompe com o paradigma do empacotamento concentrado (tempo e espaço reduzidos) da notícia na televisão. A voz popular ganha o primeiro plano em contraponto à unilateralidade constante do superficial relato jornalístico e então a população tem um espaço para dialogar em linha direta com os políticos, artistas, especialistas.

A capacidade para debater importantes questões humanísticas, além do conhecimento teórico e do talento no exercício da prática profissional fizeram com que Leandro se tornasse professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), de 1972 a 1975. A convivência universitária ampliou a visão crítica que o fez rejeitar o imobilismo do profissional do campo da comunicação. Nesse período Leandro escreve com a professora Cremilda Medina o livro *A arte de tecer o presente* (ECA/USP, 1973), um clássico, a inspirar estudantes de jornalismo e pesquisadores acadêmicos para uma escrita complexa e autoral.

Leandro também trabalhou no jornalismo da TV Globo (1982-1995), momento da carreira em que participou da *Semana de Estudos de Jornalismo* (ECA-USP, 1986). Durante sua palestra, Leandro recorda que o jornalista, no início da era televisão, narrava os fatos aos telespectadores a partir do local dos acontecimentos. Contudo, em apenas uma década ocorre uma grande modificação tecnológica da produção jornalística para tevê o que provoca um aumento sensível nos custos do processo de captação, gravação e edição de imagens. Esse custo passou a ser repassado aos patrocinadores que podiam veicular vídeos publicitários de seus produtos ou empresas nos intervalos da grade de programação das emissoras. Essa prática persiste até hoje e vale destacar que o intervalo do telejornal da noite, horário nobre, sempre foi um dos espaços mais caros da televisão, por exemplo, a tabela de set/dez/2019 da TV Globo, registra R\$ 847.900 mil reais, por 30 segundos, no Jornal Nacional. (NEGÓCIOS REDE GLOBO, 2019). Quanto maior a audiência, maior o preço da veiculação de um anúncio publicitário. O levantamento da audiência é feito pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), desde 1942.

Além da renovação do parque técnico fator que contribui para a entrada de patrocinadores dos programas de tevê, Leandro observa que a TV Aberta no Brasil, no início da década de 1980, cria e desenvolve um processo que se mantém vivo até hoje, o da verticalização estrutural, com as matrizes (cabeça de rede) concentradas no Sudeste, principalmente no eixo Rio / São Paulo, produzindo a maior parte do pasteurizado conteúdo hegemônico televisual impregnado de determinados valores próprios dos empresários proprietários, favorecidos economicamente pelo sistema instituído e vigente.

Ao compor a mesa de debates sobre *Telejornalismo, produto de exportação?* com o prof. Dr. Luiz Fernando Santoro (CJE/ECA/USP), Leandro destaca a importância da compra da Tele Monte Carlo (Europa) pelo Grupo Globo.

Não estou discutindo conteúdo mas amadurecimento enquanto indústria cultural, que a TV brasileira começa a atingir agora. Isto é praticamente inquestionável. A conquista de um mercado externo, a transformação da notícia em produto de exportação, representa o mesmo tipo de experiência que nós vivemos quando nos anos 50. [...] É importante lembrar que uma empresa do porte da Globo está hoje com uma cobertura quase de extensão mundial, capaz até de concorrer com emissoras internacionais. Para chegar a este ponto foi preciso buscar constantemente uma coisa que causa arrepio a todos nós que trabalhamos lá: o chamado padrão de qualidade, que é um horror, porque pasteuriza tudo, mas assegura o produto final com uma qualidade que permite a sua veiculação em qualquer lugar. (LEANDRO, 1987, p. 148-149).

O contraponto do professor Santoro foi de que a TV Globo não possuía um modelo brasileiro de jornalismo para exportação, porque as notícias exibidas na telinha eram notícias descritivas, não investigativas, além disso, a emissora não tinha equipamentos para uma efetiva cobertura presencial (equipe técnica e recursos humanos) no local dos acontecimentos, em especial durante os telejornais.

Que modelo de jornalismo a Globo tem? Um jornalismo muito mais descritivo que investigativo. Uma segunda característica, que na Europa é motivo de risada, é da repórter, com um corpo muito bonito, pulando na água e saindo com um maiô maravilhoso. Por que o repórter está se tornando um pouco mais ator? (SANTORO, 1987, p.151).

Diante da abordagem da teatralização da notícia Leandro trouxe para o debate a formação técnica destacando que todos os repórteres cinematográficos da TV Globo, na época, tinham conhecimento técnico para lidar com a câmera, operar um equipamento na ilha de edição etc., e que esse conhecimento era uma imposição da emissora para garantir o padrão de qualidade técnica, contudo, lembrou Leandro, o aprimoramento do exercício intelectual jornalístico andava esquecido.

A questão do repórter formular perguntas absolutamente idiotas, mas muito usuais, frequentes, é abrir mão do seu papel. E ocorre fundamentalmente pela falta de formação anterior, porque uma quantidade razoável de quem vai trabalhar nas redações está mais preocupada em como chegar ao vídeo. O repórter então aceita esse tipo de imposição e limita a participação dele no trabalho de reportagem a preencher esse tipo de expectativa. E deixa de transformar os recursos técnicos, que estão à disposição dele, em ferramentas para captação e reconstituição da realidade. E você só escapa de uma ditadura técnica, de padrão de qualidade como essa, se você dominar conceitualmente esse instrumento. (LEANDRO, 1987, p. 155).

Ditadura técnica, determinismo tecnológico, domínio conceitual da máquina? Da prisão real para a virtual? Abri um parêntese para historicizar sobre um período difícil para a população brasileira e sinto que, ainda há muito a estudar para escrever sobre.

As narrativas de Figueiredo, Leandro e Santoro revelam que muitas interrogações dominaram o cotidiano dos jornalistas durante os anos (1964-1985) da ditadura militar no Brasil. A necessidade da formação universitária crítico-reflexiva é um ponto de convergência importante dessas narrativas. "É preciso que nos reeduquemos, professores e alunos dos cursos de jornalismo, para abandonarmos o valor tradicional de ter muito [conhecimento] para incorporarmos a noção de ser. [...] Aprender se caracteriza pela ação e não pela verbalização de conhecimentos." (MEDINA, 1972, p. 45-58).

Assim, o sujeito jornalista bem como o sujeito pesquisador precisam observar o exercício dialógico que possibilite a escrita autoral de narrativas capazes de abarcar a essência dos acontecimentos e os interesses da sociedade.

1.4. "Qual a minha contribuição para a ciência brasileira?"

O "ensino-aprendizagem" pela ação é prática pedagógica praticada há décadas pela jornalista e educadora Cremilda Medina. Recordo que na minha primeira reunião de orientação, em janeiro de 2016, ela perguntou: "universidade para quê?". Depois de esperar um pouco, em silêncio, Medina passou ao grupo de orientandos um recorte do jornal *Folha de S. Paulo* com o texto "Qual a sua contribuição para a ciência brasileira?" (GRAJEW, 2016). "Não tenho a visão pessimista do autor", observou Medina sobre o texto: "A imensa riqueza de saber produzida nas universidades brasileiras contribui em sua plenitude para melhorar o país? Acredito que não". (GRAJEW, 2016, p. A3). A otimista Medina observou aos orientandos a importância de se buscar uma resposta para a questão ["Qual a sua contribuição para a ciência brasileira?"] durante o desenvolvimento da pesquisa e escrita da dissertação ou

tese. No caso de Medina, entre as inúmeras contribuições científicas destaco a obra *Entrevista: o diálogo possível* (Ed. Ática, 1995) na qual a autora aponta a presença do narrador mutante, "porque o jornalismo não pode ser o dono da terceira pessoa". O jornalista precisa ouvir a pluralidade de vozes dos anônimos e dos marginalizados para escapar da avalanche da imprensa oficialista. Para Medina, é preciso trabalhar naquilo que Antônio Candido alertou [nos anos de 1980]: "a democratização do narrador no século 20", porque a imprensa em suas múltiplas expressões precisa estar acompanhada da literatura, pois ela é a "proa do mundo".

Essa "leitura cultural" que permeia a ação da prática pedagógica de Medina oferece ao aluno jornalista / pesquisador a possibilidade de combinar o estudo do que se passa entre a prática da reportagem e o convívio com a arte, através da noção do "gesto da arte".

Ao batizar o projeto pedagógico de o gesto da arte, um dos eixos principais da metodologia aplicada às disciplinas oferecidas na Escola de Comunicações e Artes da USP, pretendia, antes de mais nada, levar o estudante de Comunicação Social à fruição da obra artística. Só depois, nos estudos de grupos, aflora a consciências das inúmeras mensagens que o artista oferece na partilha poética. Na sequência, quando se produz o documento científico, o ensaio ou a narrativa que se referencia na realidade contemporânea, surgem novas visões, novos estilos. Os estudantes e pesquisadores, os profissionais de comunicação e especialistas de outras áreas do conhecimento, ao cultivarem o convívio com a arte se diferenciam na própria autoria. E não se trata especificamente da forma de se comunicarem, mas sobretudo a sutileza na relação com o humano ser – um ético deslocamento do signo autoritário para o signo dialógico. (MEDINA, 2003, p.62-63)

Mais do que refletir sobre significados teóricos e significantes metodológicos, a universidade através da estrutura institucional ao acolher o pesquisador e sua pesquisa, aguarda uma escrita autoral plena de conhecimento essencial e aplicável na vida cotidiana da sociedade. O estudante universitário é cidadão, independente da área que escolheu para a formação profissional e a participação político-democrática e crítico-reflexiva desse agente social como audiência participativa em todos os espaços do mundo da vida carece do incentivo institucional tanto individual quanto coletivo como parte do exercício de cidadania na esfera pública. Ao entrar em um curso superior o aluno, no caso deste estudo, sobre a comunicação, antecipa mentalmente a existência da pressão mercadológica para a transição digital e a proliferação das redes sociais no ciberespaço reforçam o "poder simbólico" da mídia.

O "poder simbólico" é um conceito relacional de poder, porque não se refere a um poder individual, e sim, ao poder coletivo de um campo específico. "As estruturas simbólicas

como instrumentos de conhecimento e comunicação podem exercer um poder estruturante porque elas próprias são estruturadas. O poder simbólico é um poder de construção da realidade." (BOURDIEU, 1991, p.166).

A produção e comunicação de formas simbólicas envolve a criação e distribuição de ideias, imagens, histórias, músicas e informação, cuja centralidade é importante, porque é a informação que guarda o poder de nomear, endossar, definir, e, portanto, a mídia está entre as mais importantes instituições que exercem o poder simbólico, ao antecipar e prover a busca do público por informação. Contudo, ser o primeiro a atender a necessidade do público na busca por informação tornou-se a chave do sucesso do negócio comunicacional. Proliferam *startups* para aplicativos midiáticos e a base tecnológica, principalmente a do empreendedorismo, deixa de ser disciplina optativa para ser obrigatória, com a justificativa de que o estudante de comunicação precisa estar preparado para o efervescente e instável mercado de trabalho que emerge na contemporaneidade.

O currículo disciplinar em muitas faculdades de comunicação está a obscurecer a etapa de formação crítico-reflexiva, dificuldade detectada por Medina nos anos 1980, que normalmente ocorre nos primeiros semestres dos cursos de graduação, período do alicerçamento e fundamentação da estrutura teórico-compreensiva para o exercício profissional ético e cidadão do jornalista. Assim, a pressão pela formação tecnológica processual está presente na maioria das expressões comunicacionais através das diferentes plataformas e suportes, entretanto o jornalismo televisual parece o mais sujeito aos movimentos operacionais tecnológicos tanto na vivência operacional da prática social quanto na convivência humana para a produção de sentido.

O desenvolvimento tecnológico que exige habilitação técnica para o exercício jornalístico na era da TV Digital em diversas plataformas está a percorrer diversos setores das redações de televisão: produção (pauta, redes, dados estatísticos), reportagem (captação de imagem, gravação de áudio, fontes, transmissão "ao vivo" via internet), edição e pós-produção (legendagem, grafismo, tradução, dublagem, desenho, arquivo), apresentação (teleponto, microfone, câmera), transmissão, entre outros. Contudo, aumentam também as ofertas para habilitar o universitário para a produção de narrativas jornalísticas videográficas para cegos, informativos com tradução simultânea da Língua Brasileira de Sinais (Libras), ou seja, ampliam-se as estratégias para oferecer acesso à informação através da inclusão social e cultural. Essas novas oportunidades de comunicação que tratam da inclusividade do sujeito podem ser enriquecidas com o apoio do "gesto da arte" (MEDINA, 2003) e destaque *Olhar de*

Neblina (AMARAL, 2016), roteiro de um espetáculo de dança inspirado na obra *Memória do Brasil* de Evgen Bavcar, fotógrafo e filósofo esloveno que perdeu a visão aos 12 anos, e para quem a fotografia deve ser vista mesmo por quem não enxerga [sem o sentido da visão], porque ela [a foto] é também, para ser expressa através do "ver-através-da-palavra", ou seja, é possível enxergar e ouvir com o corpo. Nossos sentidos estão sempre se conectando entre si e se traduzem mentalmente, porque a experiência sensorial é infinita.

Ao ponderar sobre minha contribuição científica como Doutora em Ciências da Comunicação observei o Regimento da Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (USP, Res. nº 7493, 2018) que descreve a tese como "o texto resultante de trabalho supervisionado" e que apresente uma "contribuição original em pesquisa e inovação". Entre as inúmeras inovações jornalísticas contemporâneas que combinam televisual e digital, diversidade e inclusividade destaco: a) os *podcasts* (áudios noticiosos); b) os boletins inseridos nos intervalos dos programas de entretenimento; e c) as **séries jornalísticas televisuais**, grandes reportagens, algumas com duração total de 50 minutos, divididas em capítulos diários, que escolhi para compor o corpus empírico deste estudo de doutorado.

Assim, o sujeito da pesquisa é o jornalista, mediador social da realidade e do Outro, que colabora com minhas reflexões a partir da lente epistemológica da "arte de narrar o contemporâneo" (MEDINA; LEANDRO, 1973).

A escolha da **série jornalística** justifica-se por sua característica inovadora e complexa, pois é uma produção que rompe com o paradigma do imediatismo, lendária chave do jornalismo televisual, bem como, as séries estudadas apontam para um coletivo profissional unido por um sentimento participativo voltado para o desenvolvimento de um tema de maneira mais profunda em contraste com o superficial e acelerado relato diário factual. O recorte recai sobre as séries jornalísticas comunicadas em telejornais pela TV Aberta do Brasil.

1.5. Telejornal, uma janela para o mundo dos donos da mídia?

O telejornal é considerado um programa que passa um efeito de "ao vivo", no tempo presente, mesmo que utilize imagens editadas de um tempo passado. A mensagem que reforça o acontecer em acontecimento é expressa pelo âncora na bancada do telejornal. Contudo o processo de produção jornalística televisual revela um organizar, desorganizar e reorganizar de imagens, de sons e de textos, que podem estar gravadas, editadas, ou expressas por

repórteres ou entrevistados desde um local onde um acontecimento está sendo transmitido em direto, construindo um processo de representação simbólica no momento em que está sendo comunicado. Uma "colagem de depoimentos e fontes numa sequência sintagmática que jamais chega a constituir um discurso suficientemente unitário, lógico ou organizado", observa o professor Arlindo Machado (2000, p. 11), da Universidade de São Paulo (BR). Cada notícia editada, depois de pronta é colocada na sequência de outra reportagem editada, formando assim o **roteiro** que representa simbolicamente a história comunicada pela mídia, sobre os principais acontecimentos daquele dia, uma memória televisual de uma cidade, país, mundo, que busca contornar "o problema crucial do realismo" (PRIGOGINE, 1996, p. 257), ou seja, tentar o controle das aproximações culturais da existência humana no giro do tempo cronológico do relógio.

O **roteiro** do telejornal é formado pelas notícias, em forma de relatos ou reportagens, entrevistas, *links* "ao vivo", previsão do tempo etc. Basicamente, as edições têm no máximo dois minutos que apresentam, por exemplo: a) passagens do repórter, b) narrações descritivas sobre as imagens captadas durante a visita ao local do acontecimento – *off* gravado pelo repórter, e c) entrevistas – sonoras com testemunhas e fontes. Eventualmente, a reportagem pode apresentar um gráfico ilustrativo com dados estatísticos sobre o assunto tratado.

Figura 3 - Espelho (esq.) e Lauda (dir.)

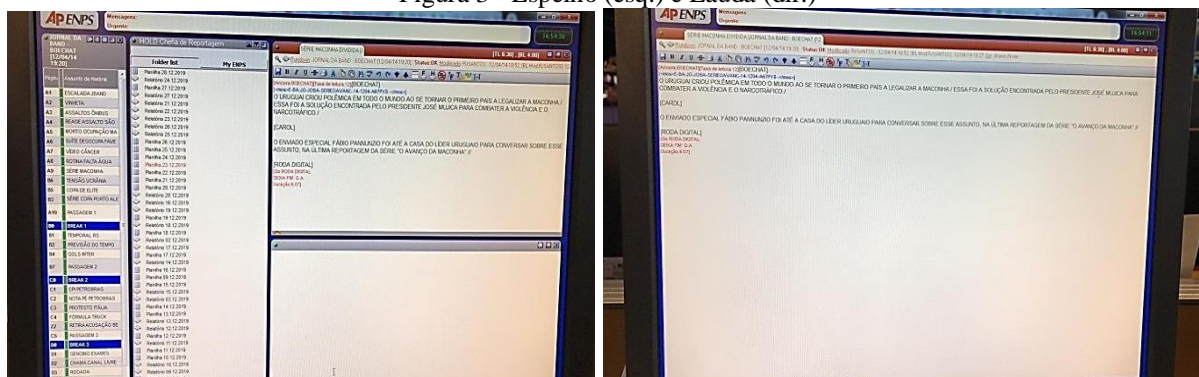


Foto: T. RANGEL, 2019 (captura de tela)

A figura 3 é uma captura da tela do computador e apresenta do lado esquerdo um "espelho" do *Jornal da Band* e do lado direito uma lauda. O roteiro, o espelho, os vídeos, as cabeças e outros documentos do telejornal normalmente são acessados, editados e arquivados através do software *ENPS* utilizado na maioria das redações de tevê.

Na parte operacional da emissora, com a modernização tecnológica, a sala de controle (*switcher room*) onde acontece a emissão do telejornal, o diretor de TV, conta com o apoio da

equipe do estúdio e da redação, bem como controla a produção do telejornal através de softwares organizadores das tarefas nos monitores, como vídeo e áudio do estúdio, previsão do tempo, entrevistado, legendagem, *teleprompter*, reportagens editadas, tempos de entrada e saída dos vídeos, entre outras tarefas relacionadas com a parte operacional da transmissão televisual. Embora parte das etapas seja executada de forma individualizada, como a leitura da pauta e / ou a escrita do texto no computador, a essência da realização em televisão segue a lógica da mediação coletiva, integrada e parceira.

Figura 4 - Estúdio e redação *Jornal Nacional*



Foto: S. ZALIS

No Brasil, alguns profissionais relatam informalmente que na prática, enfrentam essa fase de transição tecnológica através de um aprendizado intuitivo pessoal, feito de tentativas e adaptações. Nas universidades os avisos de "estágios para estudantes de jornalismo", em muitos casos já exigem conhecimentos de informática, de *softwares* de edição de imagens e vídeos etc.

Do lado da audiência, o público, em geral acima dos 60 anos que prefere sentar para ver o telejornal no aparelho de tevê em casa parece continuar adepto do formato tradicional exibido em horário fixo dentro da grade de programação das emissoras, mas o público jovem principalmente nas grandes capitais parece estar atraído pelo imediatismo, lendária chave

elementar do jornalismo na tevê, e que pode ser acessado a qualquer hora de qualquer lugar no celular, tablete, PC ou notebook.

Como parte da construção identitária profissional do jornalista televisual o "imediatismo" vem do "furo de reportagem" (*breaking news*), ou seja, garantir a credibilidade de uma informação atualizada em primeira mão, comunicada através de um "plantão exclusivo" no meio da programação do canal. (USHER, 2018). Desde o surgimento da imprensa comercial o "imediatismo" foi enfatizado como um importante fator crítico para fortalecer o relacionamento com o público (SOMMERVILLE, 1996).

O imediatismo para obter notícias sobre remessas, por exemplo, data do século XVI, com o pombo-correio, seguindo, entre outros, pelo telégrafo, telex, fax, satélite, internet. (BLONDHEIM, 1994; EMERY et al., 1997). Contudo, o imediatismo na transmissão online 24/7, ou do canal exclusivo de notícias, ainda não deslancha com sucesso porque muitos informativos, reportagens e entrevistas acabam sendo rerepresentados como forma de preenchimento da grade de programação.

Sobre o "imediatismo" ou o "furo de reportagem" considero oportuno observar que esse estímulo exterior sobre o profissional pode fazer emergir um sentimento competitivo entre jornalistas de empresas concorrentes no mercado midiático, contudo, esse paradigma parece se desfazer diante da **série jornalística** porque esse tipo de produção, abre uma brecha no cotidiano acelerado da redação fazendo com que o sentimento participativo da "observação-experiência" se traduza na escrita que vem da "ação transformadora" a partir do equilíbrio entre a "razão complexa" e a "sensibilidade solidária" (MEDINA, 1986, 2003).

Assim, essa produção seriada agrega valor ao telejornal, ou seja, independente do contexto estratégico organizacional que obriga o profissional a produzir jornalismo, ou o factual, para satisfazer a dinâmica estratégica capitalista, a série jornalística quando bem contextualizada atrai a audiência. Jornalismo, seriado ou factual, é conteúdo obrigatório na televisão, conforme determina a *Lei Geral de Telecomunicações* (Lei 9.472/1997). "As emissoras de televisão devem cumprir a finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% de seu tempo para transmissão de serviço noticioso".

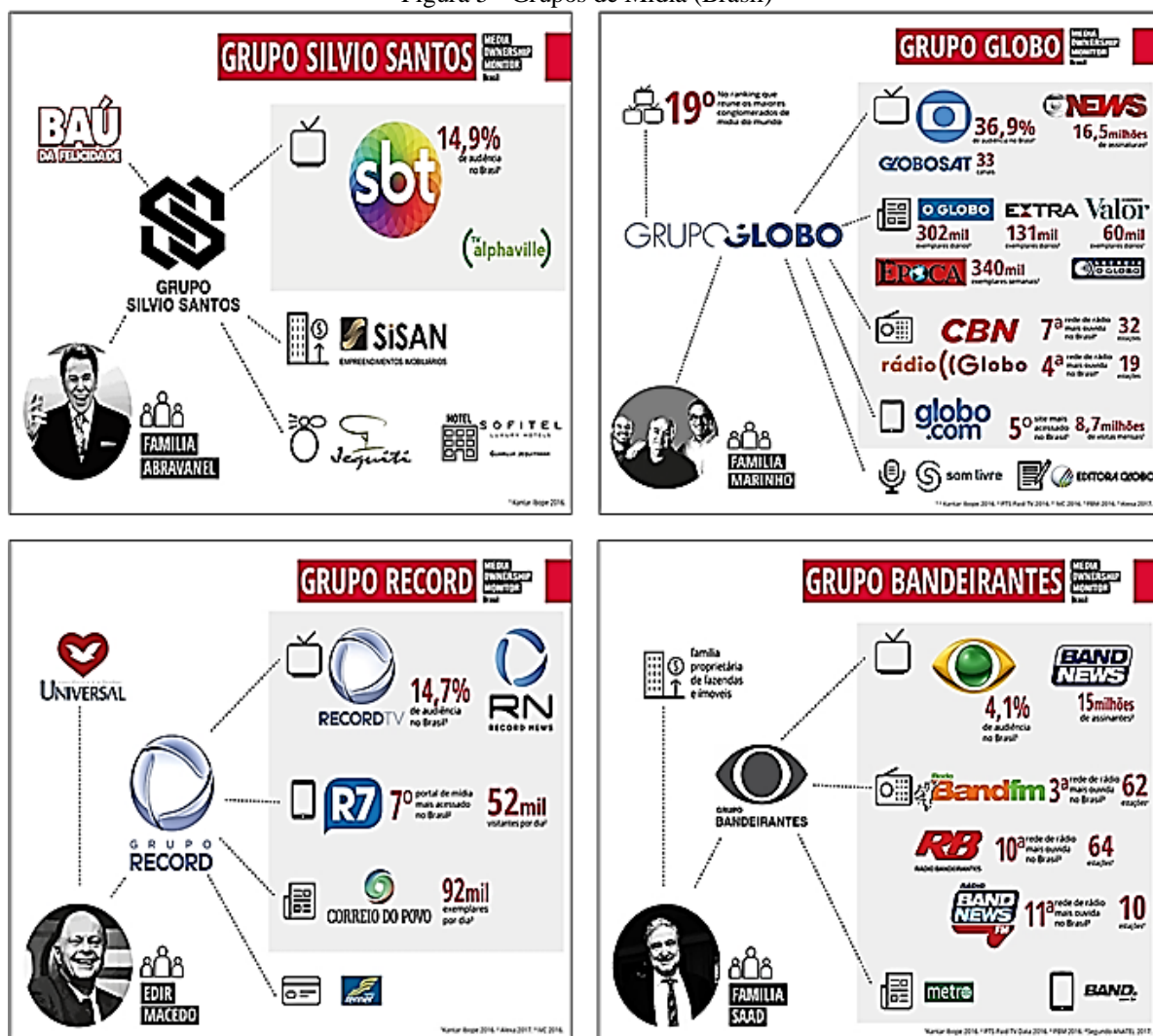
A lei descreve serviço noticioso como um programa "que leva ao telespectador relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade", e deve ser fiscalizado pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). O serviço noticioso produzido pela TV Aberta no Brasil desempenha um papel central e, em alguns casos único, em termos de comunicação jornalística sobre o que acontece no País e no mundo, em especial

nas "ilhas do silêncio", municípios brasileiros com Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM-Educação) abaixo da média, onde o cidadão não tem acesso aos bens culturais, como bibliotecas, cinemas, teatro, música etc. Contudo, dentro da dinâmica estratégica organizacional que domina o mercado de radiodifusão aberta parece não existir espaço para uma produção jornalística criativa e independente, em outras palavras, eventualmente o jornalista até pode escapar da estrutura imposta pelas normas de produção da empresa de comunicação, entretanto grande parte da produção jornalística acaba sendo apresentada no telejornal como se fosse "um conteúdo despersonalizado" (LOHISSE, 1973).

A *Constituição Federal de 1988* tentou corrigir alguns desvios da *Lei Geral de Telecomunicações*, entre eles o uso da mídia pela política e, vice-versa, o uso político da mídia. Como a concessão de operação para radiodifusão é feita pelo Governo Federal, alguns acordos seguem ocorrendo em algumas regiões do país, com o objetivo de beneficiar grupos partidários afins. Em 2015, mais de quarenta políticos, entre eles deputados federais e senadores, de diversos estados brasileiros, possuíam outorgas de radiodifusão, e nas eleições de 2018, mais de trinta candidatos eram donos de emissoras de rádio e TV. (INTERVOZES, 2019).

Além do desvio político sobre a mídia, outra questão que dificulta a comunicação plural, da e pela sociedade brasileira, é o monopólio / oligopólio, direto ou indireto, de empresas de comunicação da mídia, proibido pelo Artigo 220, §5º da Constituição (1988). Em todo o Brasil, cinco grupos (Fig. 5) concentram mais da metade dos veículos de comunicação. (MOM, 2018).

Figura 5 - Grupos de Mídia (Brasil)



Fonte: MOM, 2018

Ilustração: CUNHA, 2020.

Em relatórios anuais os grupos midiáticos tentam justificar a concentração midiática destacando os custos elevados tanto operacional quanto organizacional para conseguir transmitir 24/7, em direto, programas gravados e "ao vivo", para todo o território nacional e, em alguns casos, mundialmente. Além do parque técnico, em geral equipado com material desenvolvido e fabricado fora do Brasil, é preciso contar com capital humano de excelência, em constante atualização, ou seja, os recursos humanos precisam receber continuamente, capacitação e especialização adequada, tanto para o desenvolvimento das competências e habilidades que permitem a operação técnica do ferramental quanto das potencialidades criativas e sensíveis que sustentam a produção conteudista capaz de atrair e manter a atenção da audiência, a *commodity* (mercadoria) mais importante do marketing na cultura de consumo televisual.

A disputa pelos direitos de transmissão de um evento esportivo mundial, por exemplo, é parte da conformação tradicional que rotula a instituição midiática de "quarto poder", cuja meta principal é o lucro obtido com os patrocínios das empresas que veiculam anúncios publicitários, com foco no consumidor / telespectador; processo muito diferente do exercício criativo e autoral desenvolvido pelo jornalista, como mediador-social, na vivência cotidiana ao narrar através das reportagens, as representações simbólicas dos acontecimentos do real concreto. A dinâmica estratégica corporativa de enfrentamento da concorrência para a entrega da notícia é empresarial.

Apesar dos desvios da produção jornalística como lucro acima da informação, monopólio da mídia, uso da mídia para ganho financeiro, o antropólogo da comunicação, Jean Lohisse (1936-2010), observa que o pesquisador acadêmico não deve se ater apenas aos motivos mercenários, e sim, buscar compreender a complexidade relacional das forças que formam a teia de possibilidades operando entre sociedade e mídia.

1.6. As vertentes epistemológicas da grande reportagem

Basicamente as funções primárias compreendidas pelos pesquisadores da comunicação na década de 1960 eram fonte, transmissão, canal, recepção e destino. (LOHISSE, 1973). Entretanto, a comunicação da mensagem musical gravada eletronicamente contagia jovens de todo o mundo e dispara, em efeito dominó, uma transformação que obriga os estudiosos ao reexame das teorias da mídia para acrescentar ao processo as organizações formais e complexas. Lohisse desenvolve, então, uma original relação entre linguagem típica, mentalidade coletiva e estrutura da sociedade favorecida pela cultura e, observa que o contexto não é apenas o ambiente ou a rede, acima de tudo em comunicação, "é um campo social, conjunto de sistemas simbólicos, estruturas e práticas" (1999a, p.19), um espaço simbólico em construção e que constrói a relação intersubjetiva pertencente à relação social onde a própria sociedade está organizada com suas convenções, estruturas, poderes, ritos, representações coletivas e a cultura, dando asas criativas para a "elaboração de produtos finais culturais dignos desse nome" (1973, p. 62).

A metodologia que Lohisse (1973, p. 63) desenvolve para estudar o processo comunicacional do ponto de vista antropológico é dedutiva, a partir de três séries de modelos:

"arquétipos, osmótipos e lidertipos", ampliados numa leitura interpretativa feita por Cremilda Medina.

Os arquétipos são fatores biogenéticos, elementos sociogenéticos ou mitos que por serem universais entram no coletivo (é o antropos universal); os osmótipos que procedem da corrente de relação cultural, contatos, convergências de valores, ritos, símbolos, formas, estilos e conteúdos das sociedades, grupos e culturas particulares; e os lidertipos, desencadeados dos centros industrialmente mais equipados, com maiores recursos financeiros e políticos, ou então, segregações próprias de um determinado contexto em reação a novas situações. (MEDINA, 1978, p. 44-45).

O pensamento de Lohisse questiona o pesquisador acadêmico para a impregnação do imaginário ficcional na representação do real e para a heurística dos elementos imaginários que reveste as aparências do real concreto da narrativa jornalística. Uma complexa imbricação de símbolos que performam a comunicação social. As empresas impõem os próprios pontos de vista através da exploração de interesses que existem na audiência através da "comunicação anônima", ou seja, "jornais, revistas, livros, rádio, cinema, televisão *fazem a proposta, o consumidor aceita ou rejeita.*" (LOHISSE, 1973, p. 155-6, *italico do autor*). Para o autor o mercado midiático opera sob "determinantes anônimos e inconscientes" conforme descrito pela "autoridade anônima", em Erich Fromm (23/03/1900 – 18/03/1980).

Em meados do século XX a autoridade mudou de caráter: já não é uma autoridade manifesta, mas anônima, invisível, alienada. Ninguém dá ordens, nenhuma pessoa, nenhuma ideia, nenhuma lei moral; porém todos nós nos submetemos tanto ou mais do que as criaturas sujeitas a uma sociedade fortemente autoritária. Na realidade, ninguém é autoridade, exceto "Aquilo". Que é "Aquilo"? – O lucro, as necessidades econômicas, o mercado, o senso comum, a opinião pública, o que a pessoa faz, pensa ou sente. As leis da autoridade anônima são tão invisíveis quanto as leis do mercado, e exatamente tão invioláveis quanto estas. Qual a pessoa que pode atacar o invisível? Quem pode rebelar-se contra Ninguém? (FROMM, 1955, p. 154-155).

Fromm observa que a "autoridade anônima" é especialista na manipulação e porta-voz da personalidade alienada, além de dizer o que está mal nas pessoas, também inventa métodos em nome da compreensão e da liberdade com a promessa de torná-las felizes, normais, convertendo os praticantes em sacerdotes de uma nova religião da diversão e do consumo. Contudo, possibilidades há, para escapar da escrita despersonalizada, como observa Cremilda

Medina que, há quatro décadas reúne alunos da graduação, da pós e da terceira idade nos laboratórios de *Narrativas da Contemporaneidade* na Universidade de São Paulo.

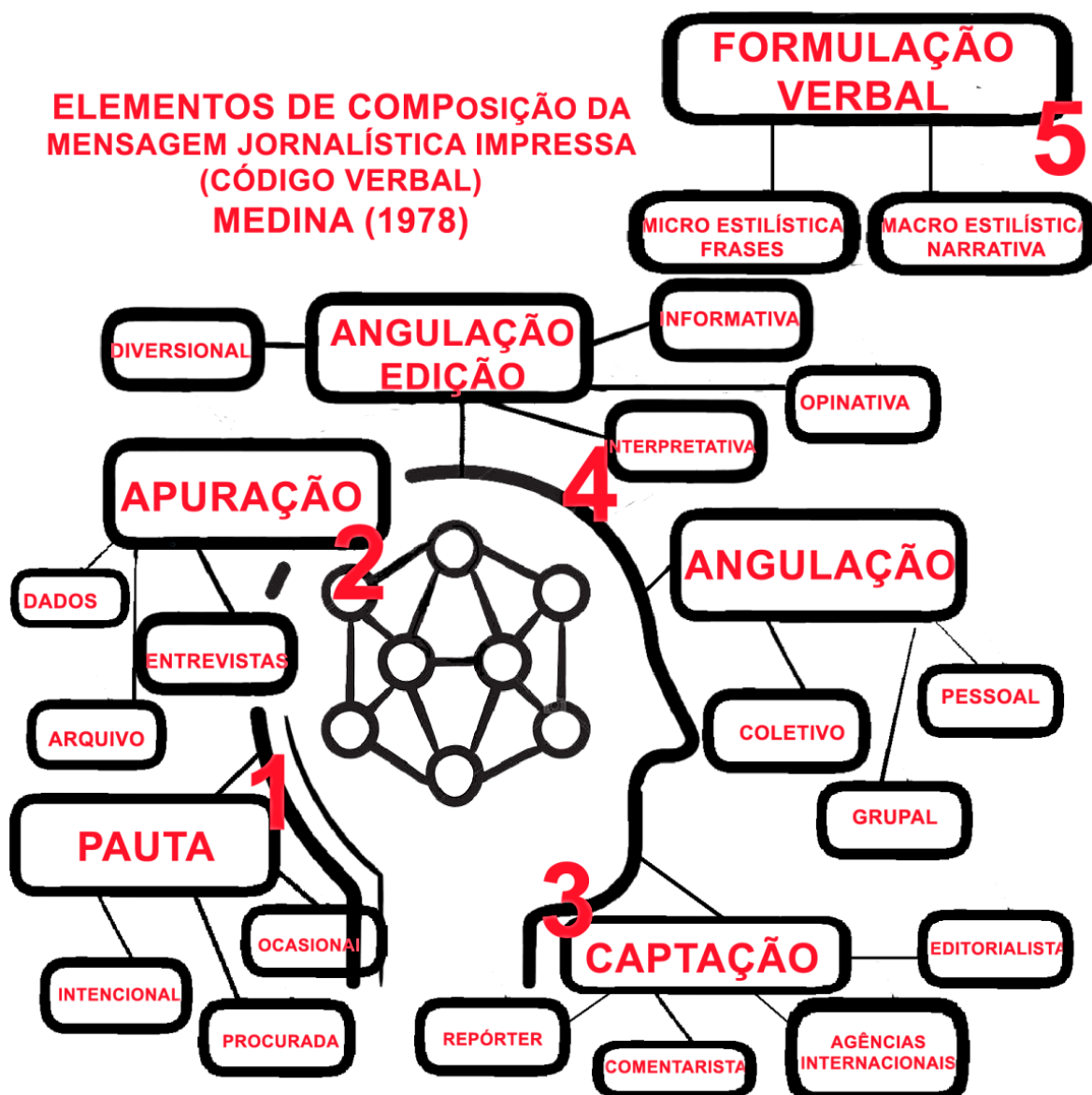
Encontros epistemológicos onde o "ato presencial" e o "signo da relação", noções condutoras da tessitura filosófica de Medina que iluminam as mentes dos participantes para a escrita de grandes reportagens / narrativas-autorais sobre a vida, a cultura e a sociedade, como atestam a coleção *São Paulo de Perfil* e o livro digital *Reproposta para todas as idades* (ECA-USP, 2019), disponível em acesso aberto no Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBiUSP), [https://bit.ly/ 2IlkIIq](https://bit.ly/2IlkIIq). Resultados inquestionáveis de autoria e epistemologia da narrativa. Mas como está construída essa grande reportagem para que o jornalista / pesquisador possa observar sua execução na mídia contemporânea?

Recorro ao estudo empírico que embasa a dissertação *Notícia um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial* (Alfa-Ômega, 1978), defendida por Cremilda Medina, primeira mestra em Comunicação pela ECA-USP, em 1975. O corpus empírico focaliza duas coberturas (jornais do Rio e de São Paulo) sobre a visita de Nixon à China e Moscou, em fevereiro de 1972. Ao tratar das manifestações da mensagem jornalística a autora observa a irradiação a partir dos grandes centros urbanos. "O rádio, além da instalação de transmissores capazes de atingir precariamente toda a região centro-sul e parte da região leste, também traz em si um ingrediente que conduz à concentração industrial – a formação de cadeias de empresas jornalísticas." (p. 56).

A segunda metade do século XX expõe a empolgação "desenvolvimentista", em especial pelo advento da televisão que contribuiu para reforçar a concentração da produção de mensagens midiáticas. "A indústria cultural brasileira se define nos eixos dominantes de todo o sistema econômico – São Paulo e Guanabara." (p. 57).

A autora observa que, independente da plataforma de veiculação essas comunicações podem expressar-se como: "informação imediata (notícia), informação ampliada (grande reportagem interpretativa) e opinião expressa". (p. 154). Medina (1978) organiza uma leitura dos elementos que compõem a mensagem jornalística impressa conforme demonstra a ilustração.

Figura 6 - Elementos da mensagem jornalística (impressa)



Fonte: MEDINA, 1978

Ilustração: CUNHA, 2020.

Através da "observação-experiência" o repórter (agente e intermediário) sente o acontecimento ou a "notícia-potencial, para a interpretação que representará simbolicamente o real. Nessa etapa o repórter gerencia cognitivamente duas frentes para agir: a) perceptiva e b) técnica. A perceptiva aflora a consciência da "carga cultural do meio sobre sua interação psicológica com o fato", enquanto a técnica é operacionalizadora da cultura superior, denotação da consciência profissional que brota da convivência formativa universitária, e que permite ao repórter se deslocar da atuação como testemunha, o que significaria denotação contemplativa do instrumental. Uma grande reportagem, em síntese, emana da força interativa e criativa expressas através das seguintes vertentes epistemológicas: a) o aprofundamento do

contexto (ou das forças que atuam sobre o factual imediato); b) a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo); c) as raízes históricas do acontecimento atual; e d) os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas. (MEDINA, 2003, p. 127).

Apesar da dinâmica fluída e aparentemente de fácil execução para o desenvolvimento criativo de uma grande reportagem que contextualize o fato, dê voz ao protagonista anônimo e percorra a fundamentação especializada será que os sujeitos jornalistas que narraram as grandes reportagens do corpus empírico desta investigação observaram algumas destas noções epistemológicas? Importante lembrar que o sujeito que pesquisa também deve observar estas noções epistemológicas no desenvolvimento reflexivo de sua escrita interpretativa do fenômeno midiático estudado.

No caso deste estudo, logo no primeiro ano, como sujeito que pesquisa conduzi o barco através do inédito (para mim) mar *ecano*⁶, com paradas estratégicas para diálogos presenciais (as referências teóricas se transformam em sujeitos pedagógicos que compartilham saberes), e períodos de elucubração solitária para dissecação de videorreportagens atrás da influência tecnológica na edição jornalística televisual, resultado comunicado em artigos e capítulo de livro *Comunicação e Educação: o algoritmo dos outros somos nós* (CUNHA, 2016, 2018).

No segundo ano, depois da qualificação, a partir da orientação psicopedagógico-afetiva de Cremilda Medina começo a percorrer uma trilha que almejo seja a da "interação social criadora" que imbrica a narrativa autoral da minha própria experiência com a atual vivência como pesquisadora acadêmica que observa empiricamente o campo da comunicação da TV Aberta do Brasil.

1.7. O que é a série jornalística televisual?

Poderia tentar definir o que é uma série jornalística televisual, mas prefiro dizer que não é um documentário dividido em quatro a cinco partes, capítulos, ou grandes reportagens. A pauta para a produção de uma série jornalística televisual pode ganhar fermentação a partir do enquadramento de um problema, mas deve se abrir para a contextualização do tema, cultural e historicamente, bem como ouvir protagonistas que possam revelar experiências

⁶ Estudante da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

humanas e arrematar com uma fundamentação embasada em diagnósticos e prognósticos dos especialistas no assunto.

A narrativa autoral em cada reportagem / capítulo, deve crescer de maneira complexa, sólida, a partir da fortalecida estrutura embasada em uma ampla visão oferecendo ao telespectador conhecimento que ele não encontraria na reportagem comum. Considero que seguir a regra da narrativa ficcional pode não dar certo, como por exemplo, criar um recurso narrativo, um gancho, para prender a atenção do telespectador e fazê-lo voltar no dia seguinte. O que o repórter encontrou deve ser comunicado sem rodeios ou segredinhos que visem contagiar a audiência. Essa estratégia funciona melhor no entretenimento.

A serialidade ficcional é um fenômeno midiático contemporâneo bastante estudado por acadêmicos de universidades brasileiras e internacionais porque domina o mercado videográfico, com um aumento expressivo de público desde a primeira década do século XXI, tanto na TV Aberta do Brasil quanto no *video on demand* VOD (vídeo por demanda online). O professor Arlindo Machado, da Universidade de São Paulo observa que as produções seriadas [fissionais] podem ser agrupadas em três categorias (MACHADO, 2001, p.90):

- a) variações em torno de um eixo temático;
- b) metamorfose dos elementos narrativos; e
- c) entrelaçamento de situações diversas.

A série ficcional, em geral começa cada episódio com uma retrospectiva do capítulo anterior, e no final de cada capítulo, deixa uma ação, ou mais, em suspenso, como gancho para manter a atenção do público; no caso da série jornalística, o recurso para atualização do capítulo anteriormente exibido é feito pelo âncora na bancada do telejornal, através de uma síntese do que foi reportado e convidando o telespectador a conhecer mais sobre o assunto. Eventualmente, o jornalista que apresenta a reportagem também poderá fazer uma interlocução com o âncora, "ao vivo", direto de alguma cidade onde estão sendo gravadas as entrevistas e as imagens da reportagem. O que o sujeito jornalista deve buscar ao desenvolver uma grande reportagem é apresentar um jornalismo que contribua para o exercício democrático da cidadania, ou seja, que se destaca dos relatos superficiais e reducionistas.

No jornalismo diário, a série como prática social midiática deriva dos programas jornalísticos semanais, onde os documentários e as reportagens investigativas mais longas têm espaço garantido, por exemplo, na TV Aberta do Brasil, *Globo Repórter*, *Câmera Record*; e na TV internacional, *Watchdog* (BBC, UK), *Sixty Minutes* (CBS, EUA), *Dateline* (NBC, EUA), entre outros.

Ao escrever sobre a transição comunicacional da "transmissão à relação" o antropólogo da comunicação, Jean Lohisse (2009) observa que o modelo de serialidade ganha impulso com a adoção da máquina (imprensa) que fragmenta, homogeneiza, como, por exemplo, os capítulos da Bíblia, a divisão entre Antigo e Novo Testamento, e oferece ao público, especialmente os que viviam no campo, pequenos textos impressos com as histórias dos apóstolos, fortalecendo a criação da nova cultura burguesa liberal.

Nesta pesquisa observo que apesar da sucessão de capítulos diários, a serialidade jornalística televisual não pressupõe continuidade, pois em geral, o sintagma televisual revela uma edição descontínua e fragmentada. O tema principal perpassa a estrutura das reportagens (capítulos) permitindo que o repórter apresente novos protagonistas, ou contextualize o evento a partir de outras localidades do Brasil ou outros países. A série jornalística televisual na TV Aberta do Brasil é um nicho autoral encontrado por alguns repórteres para ampliar compreensivamente a representação simbólica da realidade. O repórter da série televisual parece esforçar-se para assumir uma posição epistemológica plena da pluralidade interpretativa e assim, sutilmente vislumbrar novos horizontes para a prática comunicacional.

Ao percorrer o mundo da vida na busca pela aquisição de conhecimentos informacionais que são representados simbolicamente nas narrativas jornalísticas, o profissional organiza os controles postural e cerebral de maneira a permitir que a mente consciente execute uma incrível orquestração neuronal entre os sistemas visual, vestibular, auditivo e somatosensorial, mas como será que a mente do sujeito jornalista cria as histórias?

1.8. Como a nossa mente elabora as histórias?

"Contar histórias é uma obsessão do cérebro, no que concerne tanto ao processo evolutivo como à complexidade das estruturas neurais necessárias para criar narrativas. Contar histórias precede a linguagem, pois é, na verdade, uma condição para a linguagem."
(DAMÁSIO, 2000, p. 243)

Como possibilidade para compreender as relações cognitivas e humanas que inspiram e operam a escrita jornalística na mente humana, o antropólogo da comunicação Jean Lohisse, – com base no texto *O mundo lá fora e as imagens em nossas cabeças*, escrito no início da

década 1920, por Walter Lippmann (23/09/1889 – 14/12/1974) – observa que, o processo é resultado da interpretação psíquica do real, com todas as variações possíveis, de acordo com o nível de desenvolvimento pós-industrial e conforme o universo simbólico que é composto de linguagem, arte, ritos religiosos e símbolos míticos de cada sociedade.

O estímulo que originalmente acionou o gatilho [para a escrita da notícia] pode ter sido uma série de imagens na mente. É difícil manter essas fotos firmes; seus contornos e pulsos flutuam. Gradualmente, o processo de saber o que você sente sem ter certeza absoluta do porquê. As imagens desbotadas são substituídas por outras e depois por nomes e símbolos. (LIPPMANN, 1921, p. 110).

O estudo de Lippmann remete ao processo humano de sentir conscientemente o mundo da vida, através da formação neural de um mapa imagético, observado pelo neurocientista António Damásio, nos anos 1990.

Como nosso cérebro tem a possibilidade de representar, em mapas somato-sensitivos, os planos para ação e também as próprias ações, e como esses planos podem ser disponibilizados em mapas de segunda ordem, o cérebro teria ao seu dispor um duplo mecanismo para construir as narrativas primordiais da consciência. [...] O relato não verbal de segunda ordem narra uma história: a do organismo captado no ato de representar seu próprio estado em mudança. No caso dos seres humanos e da consciência, a narrativa não verbal de segunda ordem pode ser convertida em linguagem imediatamente. (DAMÁSIO, 2000, p. 332-360).

Mesmo quando o corpo físico adormece a mente segue ativa criando mapas imagéticos sobre as experiências universais humanas, tesouro cultural feito de narrativas literárias, jornalísticas, poéticas, enfim. No estudo sobre a *Interpretação dos Sonhos* (1900) o fundador da psicanálise, Sigmund Freud (06/05/1856 – 23/09/1939) destaca essa incrível capacidade da mente humana de imaginar histórias. A renovação interna gerada pela escrita autoral transcende o revolucionário corpóreo e sangrento, é homeostática e compassiva, como na natureza viva que faz germinar a inspiração do "eu nuclear". Quem sente e decodifica os sinais somatossensoriais sem precisar de dispositivo externo, numa velocidade inimaginável, ininterruptamente, é o "eu nuclear" com a consciência mantendo o fluxo do *hic et nunc* da "narrativa não verbal de segunda ordem" entre as imagens do interior e do exterior corpóreo.

Damásio (2012) observa que o "eu nuclear" está relacionado com um "eu material", enquanto o "eu autobiográfico" é mais social e está relacionado com um "eu social" e um "eu espiritual". "Podemos observar estes aspectos do eu na nossa própria mente ou estudar os seus efeitos no comportamento dos outros." (DAMÁSIO, 2012, p. 23, tradução da autora).

O "eu autobiográfico" transforma o especulativo conteúdo do somatossensorial (melodia / audição, imagem / visão, sentimento) em código verbal. Ler, ouvir música, observar a natureza alimentam o somatossensorial, ou seja, é a confirmação neurocientífica do sucesso inspirador para a escrita autoral que vem do "gesto da arte" (MEDINA, 2003), vertente epistemológica praticada há décadas por Medina no *Laboratório de Narrativas* na USP e em outras universidades. "O homem moderno é um ser predominantemente visual, foi o olhar expressivo à luz do pensamento contemporâneo, plantado no corpo, que, casando mente e coração, alma, olhos e mãos, tornou possível o gesto da arte." (BOSI, 1988, p. 81).

Há que se deixar fluir as emoções e que nos permite realizar feitos criativos, capacidade única e invisível da mente humana executada por conexões ainda pouco conhecidas. Embora, sobre nominalizações a partir da adição do prefixo "neuro". Por exemplo, entre as práticas dessa substantivação (von FOERSTER, 1996) temos *neuromarketing* (WILSON et al, 2008) os sentimentos que movem as escolhas dos consumidores; *neuroperiodismo* (GÓMEZ Y MÉNDEZ y MÉNDEZ-MUROS, 2016), uma possível conexão entre o jornalista e o cidadão através da informação local; *neurocapitalismo* (GRIZIOTTI, 2019) a transformação tecnológica dos bens comuns em ferramentas para comercialização, controle de automação e gerenciamento de crises.

Longe de substantivar uma *neuroepisteme* observo a importância do momento da tomada de decisão que aciona a "curiosidade epistêmica" (CUNHA e MEDINA, 2017) do jornalista ou do pesquisador. Esse processo de elaboração de uma rápida e eficaz resolução para agir, descobrir possibilidades dialógicas com o Outro, narrar um acontecimento, está relacionado com as nossas emoções, porque segundo Damásio (2010) são elas que exercem um papel central na cognição epistêmica. O recurso da memória e a linguagem oferecem o suporte e estrutura operacional fundamentais para que a percepção cognitiva do novo conhecimento acione a consciência do jornalista para a escrita da nova narrativa.

O "eu autobiográfico" dá vida à consciência autobiográfica ao identificar o próprio corpo, perceber e revelar a própria identidade, relembrar momentos vividos no passado e ser capaz de imaginar e projetar a vida no futuro. O "eu autobiográfico" ajuda a reconhecer o próprio rosto em uma imagem, permite analisar uma situação a partir do próprio ponto de vista, também habilita a ouvir a opinião dos outros, e ser responsável pelos próprios atos (GILLIHAN e FARAH, 2005). Dois outros "eus" podem orientar o "eu autobiográfico": o "eu racional" e o "eu emocional" (HANSON, 2012). Quando resolvo um problema, estou ativando as conexões neurais do "eu racional". Por outro lado, as sensações somatossensoriais

(tristeza, alegria, dor etc.) emanam do "eu emocional". (LEWIS e TODD, 2007). Damásio (2010) considera que a partir do momento em que a humanidade começou a conectar as "necessidades biológicas individuais à sapiência acumulada" o "eu autobiográfico" passou a operar com base naquele conhecimento que estava gravado nos "circuitos cerebrais" e nos "registros externos": pedra, argila, madeira, e hoje, papel, pele, corpo, jornal, rádio, televisão, internet, enfim.

Cada vez que muda a formato (*techne*) muda a matriz porque o "eu autobiográfico" adapta a linguagem (*episteme*) para a nova mediação.

Foram as primeiras narrativas dos "eus autobiográficos" feitas em registros externos que acenderam a fagulha comunicacional para transmissão do saber humano de forma compreensível e persuasiva. Lá atrás na linha do tempo imagino que o cheiro de mato, a zoadada dos animais soltos no meio ambiente natural e o brilho do Sol a aquecer o corpo e a mente descongelaram a memória e ativando a consciência para fazer brotar na mente e no coração a semente verbal decantada em saber oral local como patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Acrescento ao exercício de consciência do "eu autobiográfico" do jornalista como "mediador social" a habilidade sensível e solidária para ouvir as vozes dos protagonistas sociais, bem como contextualizar histórica e culturalmente o acontecimento, substanciando assim, de maneira complexa e criativa, a escrita jornalística ou acadêmica.

Na confluência intelecto-afetiva do diálogo orientativo com Medina e das leituras reflexivas dos estudos do neurocientista António Damásio, referência sempre presente nos encontros do grupo *Epistemologia do Diálogo Social* realizo interessantes descobertas que vão do **código verbal ao digital e do genético ao cultural** num exótico voo acadêmico.

Com Medina experiencio a observação do Outro, sujeito jornalista que emerge na contemporaneidade produzindo uma narrativa jornalística seriada que extrapola o tempo cronometrado da televisão. Com Damásio extrapolo o devir temporal entre o "eu autobiográfico" e o sujeito Outro em "nós" para ver emergir a "curiosidade epistêmica" de um conhecimento em aquisição. "A estimulação da curiosidade epistêmica pode ampliar o discernimento informativo e com o apoio da memória sensível elaborar o mapa imagético da narrativa verbal de segunda ordem – base da narrativa autoral." (CUNHA e MEDINA, 2017, p. 1). Entretanto não há garantias de que o esforço empreendido na produção de uma determinada pauta resultará em genuíno ato epistêmico de autoralidade jornalística. Damásio observa que há uma pressuposição de que o sucesso chega para o sujeito que tem um

comportamento inteligente e eficaz no seu respectivo ambiente, ou seja, agir com "deliberação", "complexidade funcional" e apoiando-se no "sistema nervoso". Estas características são importantes, mas na evolução da vida na terra o **sucesso** da espécie humana pode estar relacionado com nossa forma de **sentir**. "Os sentimentos são as expressões mentais da homeostasia, [...] que estabelece a ligação funcional entre as primeira formas de vida e a extraordinária colaboração que se veio a estabelecer entre corpos e sistemas nervosos."⁷ (DAMÁSIO, 2017, p. 17).

Embora controversa, a teoria do paralelo entre a evolução genética e a mudança cultural (crenças, conhecimentos, tecnologia etc.) proposta por Charles Darwin (12/02/1809 – 19/04/1882) em 1874, acabou sendo aceita por parte dos pesquisadores acadêmicos no final do século XX, observa Damásio. A homeostase para a biologia é a capacidade dos organismos vivos em manter o equilíbrio fisiológico interno visando a preservação da saúde, como, por exemplo, o corpo regula a temperatura interna pelo suor. Além dessa homeostase básica ativada de modo não consciente o neurocientista António Damásio (ibidem, p. 44) observa que a relação entre os sentimentos e a cultura ativa a homeostasia sociocultural. "Os sentimentos, como colaboradores da homeostasia, são os catalisadores das respostas que deram origem às culturas humanas."

1.9. Do impulso homeostático à curiosidade epistêmica

"Estou convencido de que o refrão *Em terra de cego o caolho é rei* é uma metáfora totalmente equivocada. No país dos cegos, o caolho iria parar diretamente num hospital psiquiátrico, porque vê as coisas de modo diferente das demais. Creio que é isto que Sócrates quis dizer, e não que a realidade é a sombra de alguma outra coisa."
(von FOERSTER, 1996, p. 65)

A homeostase sociocultural é moldada pelo funcionamento de muitas mentes humanas provocando movimentos culturais que ajudam no desenvolvimento da sociedade e contribuindo para a ocorrência de "modificações no genoma humano, pois a biologia e a cultura são completamente interativas". (DAMÁSIO, 2010, p. 439, tradução da autora). O

⁷ Claro que podem ocorrer situações, como por exemplo, alguns estados depressivos em que os sentimentos não indicam corretamente o estado homeostático do sujeito.

impulso homeostático que prefigura a curiosidade busca fortalecer a "coesão social" favorável à homeostasia do organismo vivo. Essa curiosidade pode ser de dois tipos: a) perceptual (todos os animais possuem) e b) epistêmica (organismo humano). A perceptual é evocada em animais e humanos por estímulos visual, auditivo ou tátil. A curiosidade epistêmica vai além, porque busca compreender as coisas e preencher os vazios do conhecimento, como se estivesse faltando uma peça no quebra-cabeças da vida. (BERLYNE, 1954). A curiosidade epistêmica não é o ato de supor, porque ela é tenaz e vem com força para aprofundar o conhecimento sobre um tema, uma pessoa, um acontecimento, a partir de uma atenção estabilizada e sustentada, desde o disparo motivacional que origina o desejo de conhecimento.

O processo neural pelo qual a mente humana ativa a curiosidade é estudado há décadas pelos pesquisadores do Laboratório de Robótica da Brown University (Estados Unidos) porque ela é o “coração da inteligência”. (KONIDARIS, 2017). Para ativar a *inteligência* artificial – neste escolho nomear de *criação* artificial porque é o resultado da criatividade inventiva de uma *inteligência humana*, e não uma inteligência *per si* –, os pesquisadores investigam como o humano elabora perguntas sobre assuntos que desconhece. Contudo, recentes estudos (HUTSON, 2017) observam que a curiosidade humana também pode ser despertada pelo sentimento de ampliar aquilo que já conhecemos.

Para Todd Hester (2017), cientista da computação do laboratório *Google Deep Mind* (Reino Unido) o objetivo é concentrar esforços para desenvolver "computadores que trabalhem inteligentemente, explorando o mundo como um humano o faria" (*apud* HUTSON, 2017). O próximo passo na visão de Hester pode ser a criação de algoritmos modelados a partir da arquitetura das redes neurais do cérebro humano, algo como ensinar um robô a "aprender a viver" como se fosse uma criança curiosa. A chave do organismo humano é o próprio humano. Atingimos a evolução atual depois de milhões de anos de homeostasia natural e parece que estamos cada vez mais incapazes de praticar a homeostasia sociocultural. Para o jornalista e professor da Universidade da Califórnia (EUA), Jon Christensen (2017) "a curiosidade aproxima as pessoas de uma maneira que os meros fatos não fazem. Por isso é preciso incluir as pessoas nas histórias. Ela é a semente da qual podem brotar decisões democráticas sensatas".

No livro *Investigative Journalism: context and practice* (Routledge, 2000) o professor de teoria da mídia, Hugo de Burgh, da University of Westminster (Reino Unido) destaca o pensamento do jornalista australiano John Richard Pilger ao observar criticamente a

diminuição da curiosidade e a **redução** do tempo de investigação jornalística na contemporaneidade. Ao citar Pilger (1999) de Burgh (2000) observa que o termo "jornalismo investigativo" se tornou um destaque do marketing empresarial na cobertura dos fatos como se fosse um diferencial da cobertura praticada apenas pela empresa comunicacional que adota o *slogan*. "Gostaria de ver o termo jornalismo investigativo ser rejeitado como uma tautologia, afinal todos os jornalistas deveriam ser investigativos." (de BURGH, 2000, p. 20).

A primeira tese de jornalismo *De relationibus novellis* (1690) escrita em latim pelo alemão Tobias Peucer, na Universidade de Leipzig (DE), aponta a curiosidade humana e o afã do lucro como os motivadores para a criação dos jornais. Mais contemporâneo é o estudo *Journalism Curiosity and Story Telling Frame* (2009) do professor Ebbe Grunwald, da University of Southern Denmark (DK) e da professora Verica Rupar da Auckland University of Technology (NZL). Grunwald e Rupar (2009, p. 3) observam que a curiosidade jornalística revela uma atitude de bom senso, "um hábito jornalístico de buscar emoção intelectual e a real chave para se tornar um bom jornalista", porque estimula a **dinâmica cognitiva** da narrativa noticiosa complexa.

A partir do sentimento de curiosidade epistêmica o jornalista atravessa os limites estruturais dados pela **angulação** (componente de organização **textual**) para ampliar o **enquadramento** (componente **epistemológica**) e reflete sobre o que é essencial e vale a pena enfatizar sobre determinado evento, pessoas, fenômenos, ou seja, a curiosidade epistêmica jornalística é a ponte que promove a tensão "interativa social criadora". Há quem questione a subjetividade deste processo diante da imposição da objetividade jornalística.

Estudiosos do jornalismo (HILDEBRAND, 2013; MCCHESENEY, 2003) observam que a objetividade emerge e afunda no século XX. A guinada da subjetividade no jornalismo é observada pelo professor Jay Rosen da New York University (EUA) no artigo *Para além da objetividade* (2000, p. 139-150). Rosen escreve que não está preocupado com o viés ideológico ou ânimo pessoal expresso pelos jornalistas nas reportagens, o que precisa mudar "são as convenções do jornalismo: as maneiras pelas quais os jornalistas dividem o mundo, enquadrando a vida pública para nós, imaginando o mundo da política". No jornalismo contemporâneo a palavra objetividade ganha outras conotações como "equidade", "relato justo e abrangente" (JOURNALIST ETHIC CODE), "realismo" (LIPPMANN, 1921), "linha divisória entre notícia e opinião" (WARD, 2005), "ponto de vista de ninguém" (SALANT *apud* DELLI CARPINI, 2005), e ainda, o jornalismo "é o último refúgio da objetividade como epistemologia" (ROSEN, 2000).

O jornalista brasileiro, escritor e professor Juremir da Silva (PUC-RS) observa que a objetividade do jornalista oscila de acordo com a filosofia da empresa comunicacional para a qual está contratado e a moda profissional em vigor. "A única moda que nunca passa é a do arrivismo. Mergulhado numa carreira, o jornalista vive para o mercado coberto com o manto cômico de missionário da Informação e da Verdade." (SILVA, 2001, p. 37). E a subjetividade?

Damásio observa que é a subjetividade do organismo humano que capacita o consciente para dar conta dos estados corporais, sentimentos. "Na ausência da subjetividade, o organismo onde esses mecanismos ocorriam não seria capaz de ter em conta nem os mecanismos nem os seus resultados. Os respectivos estados corporais não seriam examináveis". (DAMÁSIO, 2017, p. 257).

Para Medina (1996) a subjetividade permite ao humano jornalista / pesquisador, mediador social, ultrapassar as fronteiras da redação / universidade para vivenciar com sensibilidade uma leitura interpretativa do real. Em síntese, parcimônia e paciência na escolha cognitiva tanto da objetividade quanto da subjetividade, porque ambas são necessárias para municiar a memória do jornalista diante do presente imediato que oscila entre o passado permanente e o futuro transitório, como observa Medina (1996, p. 223), "a entrevista como instrumento de relação pode se esgotar na objetividade de perguntas feitas e respostas empostadas ou pode ingressar na aventura da subjetividade, um processo de **interação social criadora**". Complementando com o pensamento do professor Raúl Osorio Vargas da Universidad de Antioquia (COL) interação que permite avançar do relato jornalístico convencional para o fruto da "observação experiência: a reportagensaio"⁸.

A metodologia observacional da experiência humana é uma vertente epistêmica que recorre ao experiencial sensível do observador (pesquisador / jornalista), e vai além do umbral participativo proposto pela Antropologia, porque não se restringe aos dados coletados em entrevistas e depoimentos. "A autoria na mediação social acontece no contato presencial, sempre um mistério e uma possibilidade de transformação dos atores em relação". (MEDINA, 2016, p. 23). Da minha experiência pessoal nos laboratórios de escrita autoral desenvolvidos por Medina destaco o exercício epistêmico que combina a "ação transformadora, a racionalidade complexa, a intuição sensível e sintética". O fluxo contínuo das camadas criativas se intercalam entre si, interagem entre o autor / criador e narrador / criatura. A

⁸ "Observação experiência" e "reportagensaio" são noções elaboradas pelo prof. Dr. Raúl Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, COL), em sua tese *O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: O homem das areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura*, PPGCOM-ECA-USP, 2003, sob orientação da profa. Dra. Cremilda Medina.

intuição sensível atença a "curiosidade epistêmica" que inspira a percepção cognitiva para a escrita autoral, uma capacidade intelectual de ir além do que seria imediatamente perceptível, sem preocupar-se com a "justeza e exatidão das interpretações", porque a partir desse "sentimento forte, quer positivo quer negativo, ocorre a interpretação que motiva a invenção, tanto individual quanto coletivamente". (DAMÁSIO, 2017, p. 258). A experiência observacional é um método válido pela própria práxis como observa o filósofo John Stuart Mill (20/05/1806 – 08/05/1873). Em uma leitura histórico-experiencial (1882) sobre a primeira etapa da Revolução Industrial (1760-1860) o autor destaca que o registro sistemático dos resultados das experiências da humanidade nem sempre precisam ser revertidos em proposições gerais para se aplicar a experiência a um novo caso. Como exemplo, Mill narra um episódio ocorrido em uma fábrica de tecidos, onde o dono contrata um tingidor, famoso pela extraordinária habilidade de criar cores únicas, muito naturais nos tecidos, sinônimo de lucro certo. O fabricante pede ao tingidor que descreva sua fórmula para a criação de cada cor como por exemplo, a quantidade de tinta a ser colocada na balança, o volume de água na tina, a proporção de tinta e tecido, a temperatura da água etc., de tal maneira que a produção seja padronizada e qualquer funcionário obtenha os mesmos resultados que o tingidor, aumentando a produção e as vendas. Entretanto, o segredo do sucesso do tingidor estava nas próprias conexões neuronais perceptivas tanto do tato quanto da visão ao manusear as tintas e os tecidos. As percepções do tingidor o ajudavam a inferir as quantidades e os meios que deveria utilizar e os efeitos possíveis das cores que resultariam nas peças, mas ele não sabia explicar como isso acontecia em sua mente, portanto, "não podia passar para os outros os motivos pelos quais ele assim o fazia, porque nunca os generalizava em sua mente ou os expressava através da linguagem". (MILL, 1882, p. 144).

A subjetividade implícita na percepção da "curiosidade epistêmica" e, por conseguinte, a ativação consciente de uma "observação-experiência" (MEDINA, 2008, p. 95) torna impraticável sua generalização por uma proposição geral. Um defeito metodológico? Pode ser, mas não um erro. A "observação-experiência" é a grande parceira da curiosidade jornalística epistêmica, porque conecta sentimentos, ativa a emoção, recorre à memória, enfim dispara uma sequência de conexões que permitem ao jornalista experimentar, interpretar, diagnosticar, narrar uma situação através da compreensão reflexiva de suas causas e efeitos. A "observação-experiência" pode ajudar o sujeito jornalista a reaprender a observar os próprios sentimentos e a respeitar os sentimentos do Outro. "Na viagem pelo mundo vivo, os cinco sentidos se articulam para despertar a intuição criativa, decidem o caminho solidário e

enriquecem o juízo de valor". (MEDINA, 2007, p.18). Embora a prática jornalística favoreça a cobertura de temas de interesse prático, a curiosidade epistêmica busca o conhecimento a partir de novas visões de mundo, porque dinâmica e homeostaticamente, permite ao sujeito ultrapassar as fronteiras dos interesses individuais e, progressivamente, praticar a mediação social e cultural. (SCHMITT; LAHROODI, 2008). Ou seja, se o pesquisador ou jornalista sente que a lógica está a endurecer, padronizar e estruturar a rotina pelo dogmatismo, procrastinação, rigidez ou preconceito, é preciso deixar-se levar pelo fluxo contínuo da intuição para que ocorra uma ampliação sensível dos sentimentos de tal forma que se possa flexibilizar a mente para voltar a ter foco e concentrar-se na curiosidade epistêmica prefigurada pela homeostase sociocultural. A flexibilidade corporal pode ser obtida através da prática do alongamento muscular. Se a curiosidade epistêmica fosse um músculo, qual procedimento / sentimento a ser trabalhado no sentido de se desenvolver uma flexibilidade compreensiva acerca de um acontecimento sem se resguardar no reducionismo intelectual das certezas dogmáticas?

2. PARTE II

2.1. Por que estudar a narrativa jornalística televisual?

"O estudo da mídia precisa ser crítico, relevante, pensante. [...] Devia ser [tarefa] humanista em sua preocupação com o indivíduo e com o grupo. Era para ser humana no sentido de estabelecer uma lógica distinta, sensível a especificidades históricas e sociais e que recusasse as tiranias do determinismo tecnológico e social."
(SILVERSTONE, 2002, p. 10)

Ao chegar com a equipe da TCM Canal 10 para que os alunos da Escola Municipal de Grossos (RN) pudessem gravar a reportagem semanal da *Minha Escola na TV* descobri que "a pauta, higiene bucal, tinha sido uma escolha da coordenação". Perguntei para a aluna / repórter: "qual o tema de vocês?". De pronto: "sobre a vida da gente [jovem] na zona rural". Essa foi a reportagem, uma das melhores do conjunto que recebeu o prêmio Responsabilidade Social da ABTA, em 2007. Antes de gravar fizemos um encontro dialógico mediado por uma psicóloga, entre professores, familiares e os estudantes da escola. *Minha Escola na TV* era um programa semanal do canal comunitário da TV a Cabo TCM⁹ produzido e apresentado por alunos das escolas mossoroenses (RN), no semiárido potiguar. Propagação de saberes da cultura popular nordestina, um desafio para a educação fundamental, um olhar para Si e para o Outro entre professores, alunos e profissionais (técnicos e jornalistas) que expande a visão participativa comunitária do cidadão adulto ou mirim através da interação sociocognitiva para uma "literacia midiática" crítica e sem censura, que esclarece as várias formas de informação e comunicação, como o jornalismo televisual, por exemplo. "A literacia crítica da mídia oferece as ferramentas e a estrutura para ajudar os alunos a se tornarem sujeitos no processo de desconstrução de injustiças, expressando suas próprias vozes e lutando para criar uma sociedade melhor." (KELLNER; SHARE, 2007, p. 22).

⁹ Os participantes, alunos, professores e familiares, moradores fora do alcance de transmissão da TCM, recebiam um DVD com a cópia do programa para que pudessem assistir e debater. Se a escola não tivesse um aparelho para reproduzir DVD fazíamos uma apresentação num telão em praça pública.

Embora a expressão literacia midiática remeta ao conhecimento compartilhado com o cidadão da esfera privada da sociedade, vale destacar que o conhecimento da prática também amplia a compreensão crítica processual da prática jornalística do profissional jornalista, possibilitando o desenvolvimento de uma visão estratégica sobre as componentes articuladas durante o exercício comunicacional na esfera pública. Porque o repórter, "elemento-chave dessa dinâmica", observa Medina (1978, p. 156) "na realidade, muitas vezes produz mensagens e percebe resultados negativos ou positivos sem saber dos fatores que entram em jogo."

A televisão como mídia presente no cotidiano da sociedade guarda a possibilidade de estar sempre remetendo nosso pensamento para o mundo em que vivemos, em especial quando comunica as notícias. Lógica essa que se inverte quando a pessoa está no escurinho da sala de cinema, vendo um filme projetado na grande tela, e por instantes, parece se esquecer da vida.

A partir dessa perspectiva justifica-se portanto, a relevância deste estudo, pois a comunicação é uma ciência estabelecida, sendo portanto um conhecimento, um saber humano. E a sociedade precisa desse conhecimento como observa o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (2005, p. 21) "essa enorme massa do saber quantificável e tecnicamente utilizável não passa de veneno se for privado da força libertadora da reflexão", ou seja, a *grey literature*, "literatura cinzenta" (AUGER, 1975) é um dos maiores recursos de saber para a sociedade e para os pesquisadores de todas as áreas, pois fomenta a "metapesquisa", ou "meta-análise", como observa o professor José Luiz Braga, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil), é um processo epistemológico que "desentranha" o saber dos escritos acadêmicos resultantes de investigações empíricas de uma área "potencializado por articulações reflexivas e transversais" (BRAGA, 2010, p. 404). Esse desentranhar de saberes marcou o final do século XX. Quase uma faxina epistemológica que revolucionou os padrões teóricos e paradigmas científicos sobre o caminhar cognitivo da humanidade.

Um desses memoráveis momentos aconteceu em Buenos Aires, no começo dos anos 1990 e está registrado no livro *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (Artes Médicas, 1996). Nesse encontro interdisciplinar o prêmio Nobel (1977) de química, Ilya Prigogine (25/01/1917 – 28/05/2003) e a psicóloga Dora Fried Schnitman observam que o diálogo entre ciência e natureza ajuda a construir a ciência e a própria natureza.

O evento também contou com a participação de dezenas de renomados cientistas de diversas áreas, entre eles, a jornalista e pesquisadora brasileira Cremilda Medina, o

psicanalista e crítico de arte Félix Guattari (30/04/1930 – 29/08/1992); o sociologista e filósofo francês Edgar Morin; a pesquisadora e professora do MIT Evelyn Fox Keller, entre outros, que refletiram sobre as perspectivas emergentes diante do desmoronamento do "projeto de modernidade".

A virada de página para a escrita do novo milênio destacava a incerteza, a interrogação e, principalmente, a necessidade do diálogo inter e transdisciplinar. A nova ordem emergia dos sistemas caóticos, auto-organizantes (PRIGOGINE, 1996). A aproximação com o século XXI expunha as interconexões recursivas, construídas socialmente, entre "ciência, processos culturais e subjetividade humana", como num sistema de feridas abertas, multidimensionais, configuradas transversalmente, dinâmicas, descentradas, caóticas. "A perda da certeza que atravessa a cultura contemporânea leva a uma nova consciência da ignorância da incerteza." (SCHNITMAN, 1996, p.14). Saía de cena a previsibilidade que ajustava o foco apenas em uma única óptica regular, abriam-se as cortinas para o contexto amplo da trama cultural e científica.

O foco iluminava a transformatividade interrogante possibilitadora de descobertas energizantes e capaz de empreender uma busca pela "perspectiva processual que localize a noção do sujeito numa biológica psicossocial. O sujeito, o tempo, a historicidade têm uma participação substantiva na ciência contemporânea". (SCHNITMAN, 1996, p. 12-4). O encontro, um tsunami intelectual de cientistas e público, todos protagonistas, sujeitos "participantes de e participados pelos desenhos sociais" que formam a contemporaneidade.

Contudo, a vanguarda brasileira já estava reunida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em torno de um *Novo Pacto da Ciência*, o *Projeto Plural*, fórum transdisciplinar organizado e coordenado por Cremilda Medina desde o início da década de 1990, cujo legado está disponível em uma coleção com onze volumes publicados. "A gênese deste encontro transdisciplinar se insere no tema a *crise dos paradigmas*. Observa-se, há algum tempo, que no âmbito do saber científico não há mais espaço para conceitos estratificados, absolutização de leis e princípios, certezas metodológicas definitivas." (MEDINA, 1991, p. 17).

Quadro 4 - Série *Novo Pacto da Ciência* (Projeto Plural)

Ano	Vol.	Título	Editora
1991	1	A Crise de Paradigmas (anais). Primeiro Seminário Transdisciplinar.	ECA/USP
1993	2	Do Hemisfério Sol: O Discurso Fragmentalista da Ciência	ECA/USP; CNPq
1994	3	Saber Plural: O Discurso Fragmentalista	ECA/USP; CNPq
1995	4	Sobre vivências No Mundo do Trabalho	ECA/USP; CNPq
1996	5	Agonia do Leviatã: A crise do Estado moderno	ECA/USP; CNPq
1998	6	Planeta Inquieto: Direito ao Século XXI	ECA/USP; CNPq
1999	7	Caminhos do Saber Plural: Dez anos de trajetória	ECA/USP; CNPq
2005	8	Ciência e sociedade, mediações jornalísticas	Est.Ciência; CCS/USP
2008	9	Diálogo Portugal-Brasil. Sec. XXI. Novas realidade, novos paradigmas	UFP
2009	10	Energia, meio ambiente e comunicação social	UFP; Cásper Líbero, Mega Brasil
2010	11	Liberdade de Expressão, direito à informação nas sociedades latino-americanas	Fund. Memorial América Latina

Ilustração: CUNHA, 2020.

Penso que o apelo coletivo dos novos paradigmáticos, tanto no encontro da Argentina quanto nos encontros brasileiros do *Projeto Plural* refletem epistemologicamente as renovadas possibilidades da desconstrução ideológica. Longo e árduo processo, tanto para a ciência como para o jornalismo, pois tanto um quanto o outro não são neutros, como observa Schnitman (1996, p. 16) "a ciência serve para destruir e construir, assim como para alterar cursos de ação".

Ao reler esses textos para a escrita da tese, quase no final da segunda década do século XXI, destaco a importância do que foi validado anteriormente, bem como a preocupação pelo "código" que fundamentou os escritos teóricos sobre arte e comunicação nas décadas de 1960 e 1970, porque a ética da escritura científica está em permitir a validação até a próxima validação, a partir dos desenhos sociais experienciados na vivência da cultura cotidiana. As teorias que derivam de estudos acadêmicos ajudam a compreender os processos comunicacionais que se apresentam na contemporaneidade, bem como, aguçam o cognitivo para refletir como uma nova mídia afeta a anterior. Por exemplo, o escritor Hans Fantel (01/03/1922 – 21/05/2006) publicou um artigo no *New York Times* (1981) onde observa a infiltração da "estereofonia" (ADER, 1881) na eletricidade, no sistema de gravação de sons, a música principalmente, no desenvolvimento dos plásticos, no microchip, no desenho e no

consumo de móveis interiores e eletrônicos (rádio, TV etc.). Ideia referendada por Winston (1990, p. 55): "as tecnologias não são neutras. Elas incorporam ideias, necessidades, imaginação, possibilidades."

Difícil tarefa a de abarcar os fatores que atuam sobre o fenômeno da prática jornalística televisual, informações que não podem ser representadas apenas por dados quantitativos / descritivos. Assim, a partir da leitura dos estudos acadêmicos sobre a televisão busco ampliar minha compreensão sobre a natureza mutável e complexa dessa prática midiática.

2.2. O imprevisível que dá vida ao novo

O tempo e a realidade estão ligados irredutivelmente.
Negar o tempo pode ser um consolo ou
parecer um triunfo da razão humana,
mas é sempre uma *negação da realidade*. [...]
A ideia de relógios transmite a ideia de estabilidade;
partindo dela podemos estudar trajetórias individuais na mecânica clássica
e funções de onda na mecânica quântica;
em contraste, temos a imagem das nuvens,
que enfatiza o imprevisível,
o surgimento permanente de novas figuras e formas.
(PRIGOGINE, 1996, p. 263-267, itálico no original).

Um bom tempo deste estudo foi dedicado ao "estado da arte", revendo e testando metodologias, entre elas, a "análise de conteúdo" que, para Martin Bauer (2002, p. 189) pode ser "apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das Ciências Sociais empíricas"; o "estudo de caso", um *insight* vivenciado pelo psicólogo Robert Yin, bastante utilizado nas Ciências Sociais, "quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real" (YIN, 2001, p.19); a "narratologia" (1969), a ciência da narrativa, dedicada ao estudo da lógica, princípios e práticas da representação narrativa conforme observado por Tzvetan Todorov (01/03/1939 – 07/02/2017). Em síntese, a narratividade constituída pelos franceses inspirados nos formalistas russos ajuda a compreender o que é dito e como é dito a partir da distinção entre fábula e *syuzhet* ("sujeito"), ou seja, a matéria-prima de uma história e a maneira como a matéria-prima é apresentada em uma história. Gérard Genette (07/06/1930 – 11/05/2018) acrescenta "narração".

A narrativa jornalística especialmente a da televisão, trabalha sobre a invisível linha do tempo, manifesto, ou seja, que é perceptível, principalmente através dos eventos, porque torna possível medir e localizar os acontecimentos, numa dimensão especial. "As narrativas, quando compreendidas como representações de sequências de eventos, são definidas e diferenciadas pela temporalidade." (SCHEFFEL et al., 2019, p. 2). O tempo é uma construção cultural e por ser elementar é debatido pela filosofia, física, estética, entre outros. Como diferenciador dos tipos de arte, o tempo está associado com a arte da fala (poesia e ficção), enquanto o espaço com as artes visuais. (LESSING, 1962). Embora o filósofo francês Jean Paul Gustave Ricœur (27/02/1913 – 20/05/2005) argumente contra a cronologia linear, ele aceita que a narrativa precisa de um princípio de configuração, como no caso do romance, por exemplo, onde "se pode romper com o tempo real: é a própria lei de entrada na ficção. Mas, ele não pode deixar de configurá-lo segundo novas normas de organização temporal que sejam ainda percebidas pelo leitor como temporais". (RICOEUR, 1995, p. 41).

No caso do jornalismo televisual as histórias procuram manter uma concordância que as estrutura. Trata-se de estabelecer um começo, meio e fim, decidir como cada cena passa para a outra, estabelecer um ritmo, e criar uma dinâmica. Saber como fazer um corte em um clipe ou em uma sequência de tomadas, é importante para contar histórias audiovisuais. (FRECHETTE, 2012).

A análise da narrativa noticiosa dos telejornais sempre buscou suporte metodológico na semiótica do cinema, embora alguns professores pesquisadores como Slávka Tomaščíková, da Faculdade de Artes da Pavol Jozef Safarik University (Slovakia, EU) e o professor de telejornalismo e comunicação eletrônica, Arthur Asa Berger, da Universidade de São Francisco (EUA) invistam no estudo de estratégias metodológicas dedicadas especificamente ao estudo da notícia na televisão.

No livro *Media Analysis Techniques* (SAGE, 2013) Berger apresenta exemplos da aplicação semiótica em um estudo sobre a televisão. Berger observa que a televisão é função do signo e como meio é o que melhor revela o protagonista e não a ação. Para facilitar a visualização apresento nos quadros a seguir algumas reflexões qualitativas feitas por Berger.

Quadro 5 - ângulo da câmera e sua função significante

Significante (Imagem)	Definição	Significado
Close-up	Rosto	Intimidade
Plano Médio	Rosto e Parte do Corpo	Relação Pessoal
Plano Aberto	Pessoas e Local	Contexto, abrangência, distância
Plano Aberto Conjunto	Repórter Corpo Inteiro e Localização da Reportagem	Relação Social

Fonte: BERGER, 2013, p. 33.

Ilustração (tradução): CUNHA, 2020.

Quadro 6 - elementos da cinematografia e sua função significante

Significante (movimento da câmera)	Definição	Significado
Pan down	Ângulo da câmera desce para baixo	Poder, autoridade
Pan up	Ângulo da câmera aponta para cima	Fraqueza, pouca autoridade
Dolly in	Movimento da câmera (normalmente sobre um trilho)	Observação, foco
Fade in	Imagem aparece na tela	Começo, início
Fade out	Imagem desaparece da tela	Final, encerramento
Cut	Corte de uma imagem para a outra	Simultaneidade, excitação
Wipe	Movimento de transição de uma imagem para outra (pode ser em vários formatos: estrela, diagonal, redondo, coração etc.)	Fechamento de uma imagem para início de outra (conclusão)

Fonte: BERGER, 2013, p. 33.

Ilustração (tradução): CUNHA, 2020.

Os teóricos do cinema contribuíram para os estudos sobre televisão principalmente aqueles que trabalham a "semiótica cognitiva" que se dedica a compreender as atividades mentais envolvidas na criação e produção dos roteiros cinematográficos (conhecimento intuitivo), em vez de estudar somente os textos.

Quadro 7 - a guinada cognitiva na teoria do cinema 1

Teoria Clássica do Cinema		Teoria Moderna do Cinema (teoria do cinema contemporâneo)	
Montagistas	Realistas	Semiótica do Cinema	Teoria pós-estrutural do cinema (psico-semiótica)
Sergei Eisenstein, Rudolf Arnheim	André Bazin, S. Kracauer	Christian Metz (<i>Film Language, Language and Cinema</i>)	Teoria do cinema marxista e psicanalítica Stephen Heath, Colin MacCabe, Metz (<i>The imaginary signifier</i>), Jean-Louis Comolli, Jean-Louis Baudry, Raymond Bellour

Fonte: BUCKLAND, 2000, p. 3

Ilustração (tradução): CUNHA, 2020.

Buckland (2000) observa que cada teorista encaminha sua teoria a partir de perspectivas ligeiramente diferentes: Casetti emprega a teoria deiética da enunciação, Odin emprega a pragmática, e Colin e Chateau empregam a gramática generativa e ciência cognitiva.

Quadro 8 - a guinada cognitiva na teoria do cinema 2

Teoria Cognitiva do Cinema	Semiótica Cognitiva do Cinema (desenvolvimento da Semiótica do Cinema)		
David Bordwell, Noël Carroll, Edward Branigan, Joseph Anderson, Torben Grodal, Ed Tan, Murray Smith	Novas Teorias de Enunciação	Semio-Pragmática do Cinema	Gramática generativa transformacional e semântica cognitiva do cinema
	Francesco Casetti, Metz of (<i>The Impersonal Enunciation</i>)		Roger Odin

Fonte: BUCKLAND, 2000, p. 3

Ilustração (tradução): CUNHA, 2020.

A contribuição dos cineastas inspirou os diretores de televisão, bem como, os montadores de programas de entretenimento e de notícias, como observa o jornalista e professor Richard Schaefer, da Universidade Novo México (EUA) no estudo *A longitudinal analysis of network news editing strategies* publicado pela Associação para Educação em Jornalismo e Comunicação de Massa AEJMC-EUA, em 2006.

Schaefer estuda o processo de edição da notícia na TV americana por um período de 36 anos, de 1969 a 2005, e destaca que o início da edição da notícia na TV no início dos anos

1970, foi baseado na montagem contínua herdada da montagem fílmica autoral feita desde o princípio da indústria cinematográfica.

2.3. Edição: entre a autoria humanizada e a sintética da máquina

"A ilusão mais perigosa de todas é a de que existe apenas uma realidade. Aquilo que de fato existe são várias perspectivas diferentes da realidade, algumas das quais contraditórias, mas todas resultantes da comunicação e não reflexos de verdades eternas e objetivas."
(WATZLAWICK, 1991, p. 23)

A montagem contínua, típica dos anos 1970, é um estilo de edição que apresenta uma sequência de imagens quase sem cortes ou alterações, justamente porque a técnica de captação e gravação das imagens é contínua e reforça a sensação de realismo com o objetivo de despertar no telespectador um sentimento aproximado ao do acontecimento real.

Os teóricos do cinema 'realistas' argumentam que a técnica da gravação e edição de forma contínua, favorece a sensação de realismo ao permitir que os cineastas comprimam o tempo e retratem de forma, aparentemente natural, as relações dentro do espaço da cena que está sendo gravada; prática esta, por vezes referida como 'edição invisível'. Esta quase invisível edição contínua permite à audiência acompanhar a sequência da narrativa como se estivesse também no mesmo local, ao contrário da insatisfação causada pela edição composta por partes desconectadas, como uma construção sintética (falsa) de camadas (cenas), ou pela representação abstrata da natureza dos temas. (SCHAEFER, 2006, s.p.).

Schaefer (2006) observa que na maioria das vezes os jornalistas que trabalham com edição de notícias na televisão aprenderam a arte por um processo de imersão, construído por tentativas geralmente baseadas nas próprias experiências subjetivas, bem como se valem de algumas convenções desenvolvidas para a produção e montagem dos filmes.

Quadro 9 - análise de variáveis da captação e edição

Captação	duração das sequências (média em segundos)
Edição	tipos de cortes secos (transição simples)
	inserção de efeitos especiais (transição elaborada)
Sincronicidade sonora	áudio primário síncrono que reforça interpretação realista (gravação original)
	áudio assíncrono que é gravado em outro local ¹⁰ (narração ou música) edição artificial simbolicamente complexa
Semiótica (índices e ícones)	continuidade
	montagem

Fonte: SCHAEFER, 2006

Ilustração: CUNHA, 2020.

Schaefer (2006) observa a cronologia do Quadro 10 para destacar as evoluções tecnológicas do processo de captação e edição de imagens nas redes de TV dos Estados Unidos.

Quadro 10 - do analógico ao digital

Ano	Evolução Tecnológica (TV EUA)
1960	redes de TV criam telejornais de meia hora para horário nobre (noite)
1970 – 1980	transição da filmagem e edição de 16 mm para vídeo analógico
1997 - 2005	transição da gravação e edição de vídeo analógico para digital

Fonte: SCHAEFER, 2006

Ilustração: CUNHA, 2020.

Schaefer (2006) observa que os editores de notícias dos telejornais contemporâneos trabalham mais a "montagem sintética", presumivelmente mais acelerada. A edição não linear feita no computador usa cenas mais curtas, mescladas com gráficos e efeitos especiais produzidos por softwares.

O som também ficou mais assíncrono (produzido fora da cena original) tornando as reportagens mais argumentativas. "Quando analisados em conjunto, os resultados das análises

¹⁰ Schaefer (1997) não analisou a edição dos sons de sincronização em segundo plano, apenas o som primário foi incluído na análise.

sugerem que o jornalismo da TV segue evoluindo do simples "registro da câmera" para novas técnicas de edição mais complexas." (SCHAEFER, 2006, p. 1).

A edição da notícia na TV também foi tema de estudos da professora de Jornalismo Televisual e Digital, Keren Esther Henderson, da Universidade de Syracuse (NY, EUA). Henderson entrevistou os editores de notícias das TVs locais de Denver (EUA) que destacaram o processo dicotômico no cotidiano da redação: *hard news* x *soft news* ou *narrative editing* x *eye-candy editing* [MTV], ou seja, fato importante x fato interessante.

Quadro 11 - tipos de edição no jornalismo televisual

Métrica	Identificada pela estrutura rítmica de uma série de imagens relacionadas ou não, que aparecem sequencialmente na tela, em intervalos mais ou menos iguais.
Analítica	Analítica sequenciada: revela a causa e o efeito, por exemplo, um acidente de carro, onde o editor pode colocar um carro avançando por uma rodovia, na sequência um outro carro vindo na contramão, em seguida imagens de carros danificados pela colisão e pessoas sendo atendidas por médicos ao lado de uma ambulância e de um carro de polícia.
	Analítica segmentada: tenta enfatizar um segmento do vídeo para acrescentar uma informação extra. No acidente de carro, por exemplo, o editor pode inserir, entre a cena da sequência de causa e a sequência de efeito, uma terceira sequência mostrando a reação de um dos motoristas para evitar o acidente.
Associativa: "tertium quid" (Zettl, 1999) é a conexão entre duas imagens que não tem nenhuma ligação, mas que juntas formam uma terceira imagem com um novo sentido.	Associação por comparação: ou de corte transversal compara assuntos parecidos a partir de eventos não similares. Por exemplo, respostas parecidas dadas por diferentes pessoas em acontecimentos completamente distintos.
	Associação por colisão: usa a mesma técnica, mas com imagens opostas. Por exemplo, imagens de pessoas muito ricas alternam-se com imagens de pessoas muito pobres.
Transição: é uma técnica utilizada para acrescentar significado a uma sequência de vídeo.	Transição por corte seco: duas imagens são inseridas, uma após a outra;
	Transição por dissolver: efeito de transição gradual de uma imagem para outra;
	Transição por desvanecer/esmaecer: quando a imagem passa gradualmente para o preto, ou quando a imagem aparece a partir de um fundo preto; entre outros efeitos de transição tanto de vídeo quanto de áudio disponíveis nos programas de edição de vídeo.

Fonte: HENDERSON, 2015.

Ilustração: CUNHA, 2020.

Henderson (2015, p. 130) observa que os jornalistas precisam continuar buscando "orientação e educação para melhorar a prática profissional, incluir sentimentos e aplicar estruturas narrativas a uma notícia", e devem "acrescentar uma terceira dimensão aos fatos: a história".

Embora o sistema de investigação acadêmica provoque em determinadas situações a necessidade de apresentar certos dados qualitativos sobre as teorias estudadas no formato de quadros descritivos, considero importante ressaltar o sistema comunicacional é complexo e dinâmico, quase impossível de ser estancado em categorias reducionistas, ou unidades de conhecimento atomísticas. (CUNHA, 2019). Vale dizer que a leitura dos quadros informacionais deve ser feita como quadros inspiracionais para possíveis encontros humanos, diálogos criativos e estudos que resistam às generalizações comparativas e à fragmentação do conhecimento.

Da mesma maneira que o pesquisador acadêmico o jornalista televisual e digital precisa resistir à esquematização de dados estatísticos porque a virtualização de cenários e as imagens sintéticas que servem de fundo para as ilustrações virtuais, entre outras possibilidades tecnológicas produzidas com o auxílio da computação gráfica, podem agilizar o processual da apresentação da notícia em qualquer suporte, entretanto também podem surtir efeito contrário tornando o conteúdo jornalístico genérico como demonstram a maioria dos programas noticiosos na contemporaneidade, onde proliferam quadros estatísticos descontextualizados a ilustrar retóricas vazias dos especialistas de plantão.

2.4. A televisão sob o olhar da ciência

2.4.1. Raymond Williams: *o ato epistêmico da estrutura de sentimento*

O britânico Raymond Henry Williams (31/08/1921 – 26/01/1988) é conhecido internacionalmente pelo estudo que pontua a questão do controle midiático, nos anos 1970. O estudo sobre a "televisão como tecnologia e forma cultural" foi publicado em 1974, mas demandou mais de vinte anos de pesquisas por parte de Williams, através de observações da sociologia da cultura, tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos. O autor detectou que, as grandes corporações de radiodifusão comercial, norte-americanas e britânicas, embora utilizassem a retórica capitalista, não se autodenominavam capitalistas ou comerciais, e sim, descreviam-se como livres e independentes, em alguns casos, destacando contrapor-se ao

monopólio ou ao controle do Estado. No território norte-americano, Williams observou que, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos coordenava a transmissão de "produtos comunicacionais", alguns sem identificação de origem, através da "Agência de Informação" que alcançava diversos países, entre eles o Brasil, através uma rede mundial de radiodifusão (cerca de 40 TVs e 200 rádios). Além do lucro obtido com essa prática, o processo contribuiu para a moldagem / controle de boa parte do formato, do conteúdo e da linguagem televisual da programação na TV aberta do Brasil.

Um das noções mais importantes do legado de Raymond Williams é a que trabalha as "estruturas de sentimento", descritas pelo autor como "experiências sociais em solução" (1977, p.133), um sistema alternativo a emergir como uma estrutura expressa na literatura ou na arte. O conceito contemporâneo de teoria dos afetos tem raízes na teoria das estruturas de sentimento de Williams. Para ilustrar o autor observa Dickens e Bronte, cujos romances são "estruturas de sentimentos" que emergem como uma nova consciência da era vitoriana ao identificar, por exemplo, que os pobres e os nascidos fora do casamento, não são exceções, mas consequências diretas da ordem social. O autor descreve a estrutura do sentimento como um sentimento experimentado por toda a sociedade, um grupo ou cultura durante um período específico de consciência. Afetar é o que energiza os seres humanos a agir, está presente em tudo o que fazemos. Para Williams (ibidem, p. 319) as estruturas de sentimento são "significados e valores que são vividos em obras e relacionamentos e esclarece os processos de desenvolvimento histórico através dos quais essas estruturas se formam e mudam".

2.4.2. Stuart Hall: *a redescoberta imaginativa da identidade cultural*

"Eu tenho tentado teorizar sobre a identidade como constituída,
não fora, mas dentro da representação do cinema,
não como um espelho de segunda ordem que reflete o que já existe,
mas como forma de representação que é capaz de nos constituir
como novos sujeitos e assim, nos permite descobrir lugares de onde falar."
(HALL, 1990, p. 236)

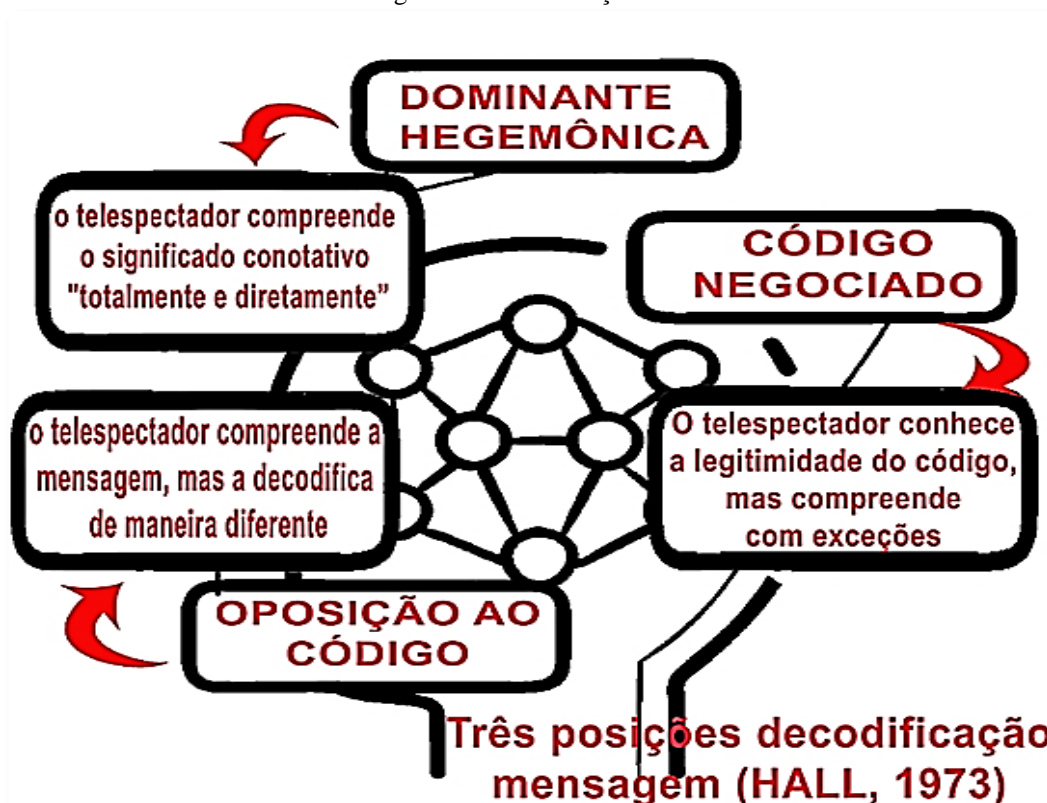
O Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham tornou-se um dos locais mais importantes do Reino Unido e seu maior expoente é o jamaicano / britânico teórico cultural e sociólogo Stuart McPhail Hall (03/02/1932 – 10/02/2014). Hall foi leitor das ideias do húngaro George Gerbner (08/08/1919 – 24/12/2005) desenvolvedor da "teoria

do cultivo". A teoria nasceu dos debates e estudos "Cultural Indicators" (Indicadores Culturais) que estudava os efeitos da violência transmitida pelos programas de TV.

Hall discordava da camuflada perspectiva variante behaviorista de se tentar compreender as mensagens televisuais da mesma maneira que um exame clínico. A complexidade do processo de decodificação das mensagens não se compara com um simples exame em que o médico dá batidinhas rápidas na rótula do joelho do paciente para obter uma resposta/estímulo comportamental. Embora Hall seja quase sempre referenciado pelos estudos sobre recepção ele também estudou a prática de produção das mensagens televisuais, citando em seu estudo a distinção epistemológica feita por Gerbner de que as representações de violência na tela da TV não são a violência, e sim, mensagens sobre violência.

O que sustentaria o processo de comunicação televisual seria a complexa estrutura de dominância que, por sua vez, permite articular outras práticas conectadas. Cada estágio tem relativa autonomia procurando manter o caráter distintivo e específico conforme os preceitos das relações institucionais de poder. Assim, a mensagem televisual pode ser polissêmica, porque permite variadas leituras de uma mesma mensagem, contudo isso não significa pluralismo. A polissemia deriva do conotativo do signo televisual, mais aberto a interpretações subjetivas, enquanto o denotativo é relativamente fixo.

Figura 7 - Decodificação na TV



Fonte: HALL, 1973

Ilustração: CUNHA, 2020

Hall (1973, p. 2) observa que, embora adotasse a perspectiva semiótica, ele também tinha a preocupação em incluir as "relações sociais do processo comunicativo" e, especialmente, com os vários tipos de competências no uso da linguagem televisual, pois embora o circuito processual comunicativo televisual reproduza determinados padrões de poder, não há um ajuste prefixado entre a codificação da mensagem e a decodificação pela audiência, já que essa correspondência é construída durante o processo, provocando leituras desconhecidas e incontroláveis. As relações que os signos estabelecem entre si durante a ocorrência discursiva televisual provoca o contínuo rearranjo e reorganização da prática televisual de maneira sistêmica.

Ao fazer a interpretação das teorias semióticas de Charles Sanders Peirce (10/09/1839 — 19/04/1914), Umberto Eco (05/01/1932 – 19/02/2016) e Roland Gérard Barthes (12/11/1915 – 26/03/1980) o autor se permitiu desviar do "estruturalismo" assinalando a transição da "visão mecanicista" para a "visão organicista" da comunicação televisual. Essa ampliação do paradigma semiótico vislumbrado por Hall nessa estrutura social abriu caminhos para estudos etnográficos, entre outros.

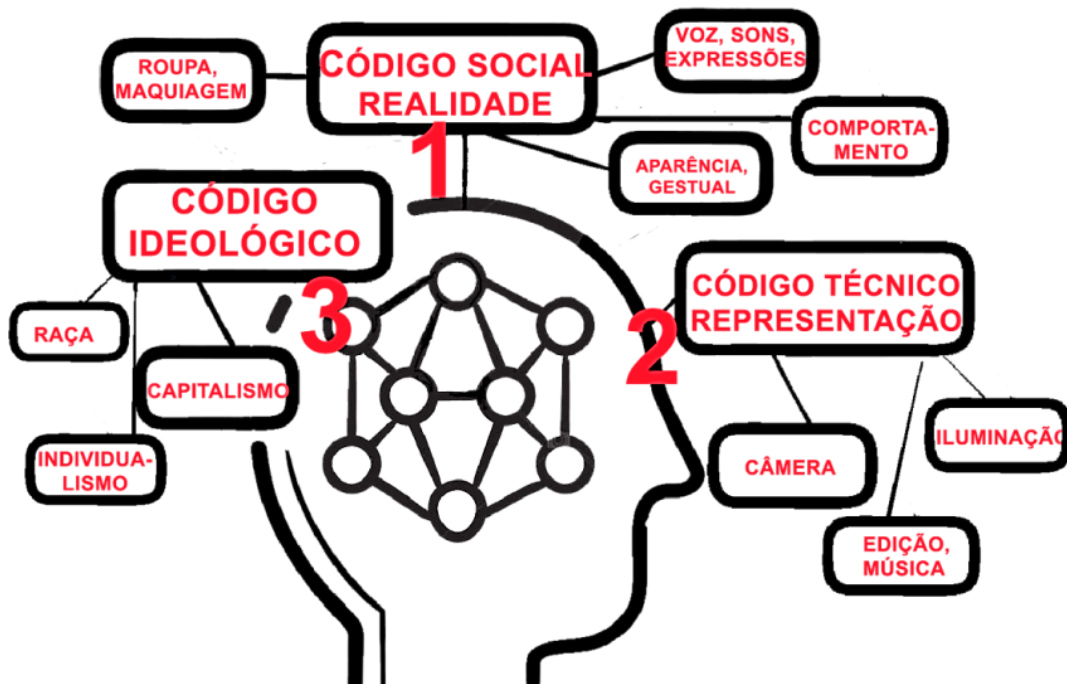
2.4.3. John Fiske: o sistema *sígnico* das representações simbólicas

"Pegue o exército,
mostre sem disfarces o autoritarismo dos chefes,
a disciplina tacanha e injusta,
e nessa tirania estúpida emerge um ser humano comum,
falível mas agradável, o arquétipo do espectador."
(BARTHES, 1991, p. 40)

O filósofo e historiador americano John Fiske (30/03/1842 – 04/07/1901), também se dedicou ao estudo da televisão com o apoio da Semiótica. O autor concentrou os estudos no conteúdo produzido pela televisão britânica (anos 1980), tendo referenciado Peirce, Saussure e Barthes, mesmo que nenhum deles tenha estudado a televisão. Por exemplo, em *Códigos da TV* (1987, p. 4) o autor elabora um conjunto de códigos organizados por um sistema *sígnico* que permite observar a produção de sentidos e circulação de representações simbólicas "cujas regras e convenções são compartilhadas entre os membros de uma cultura".

Figura 8 - Códigos da TV

CÓDIGOS DA TV FISKE (1987)



Fonte: FISKE, 1987

Ilustração: CUNHA, 2020.

Para Fiske (1987, p. 4) a transmissão dos conteúdos pela televisão seguem uma codificação que opera em três níveis:

Realidade onde temos os códigos sociais, produtos de códigos culturais, como comportamento, gestual, expressões, roupas, maquiagem etc., depois de codificados eletronicamente esses códigos são representados;

Representação, os códigos técnicos, que envolvem o processo de edição, iluminação, gravação, sonorização, que transmitem os códigos modelados por meio de representações convencionais, como por exemplo, as narrativas, conflitos, personagens, diálogos, cenários etc. que são organizados de tal maneira que são aceitos socialmente pelo público; e

Ideologia, onde operam os códigos ideológicos, como raça, capitalismo, individualismo, entre outros.

Fiske revela que a obra *Mythologies* de Roland Barthes (12/11/1915 — 26/03/1980) influenciou seus estudos pois considerava os mitos fundamentais para interpretar o conteúdo comunicado pela televisão, justificando que Barthes realiza uma demonstração histórica e

cultural, a partir das especificidades dos mitos nos conteúdos midiáticos e do uso que a classe dominante faz desse processo, que ele reconhece como universal.

2.5. O fenômeno midiático contemporâneo sob a lente triádica

Como observado a crise de paradigmas rompe com o estruturalismo e a semiologia diádica fazendo emergir de maneira transdisciplinar as Ciências Cognitivas, a Semiótica Peirceana, a Complexidade, entre outras teorias que aportam novas metodologias para o estudo das mediações sociais da informação. Assim, este estudo elabora uma aproximação entre as teorias do Discurso (Montgomery), Semiótica (Peirce, Santaella) e Epistemologia do Diálogo Social (Medina) como recurso metodológico com o objetivo de oferecer aos futuros pesquisadores um conhecimento que reúne vertentes da essência teórico-metodológica, ao mesmo tempo, em que oferece ao futuro jornalista elementos para ampliar a compreensão profissional sobre as interações cognitivas que emanam da "linguagem híbrida televisual", uma imbricação entre as matrizes verbal, visual e sonora.

A seguir temos o quadro da *Linguagem Híbrida Televisual* que serviu de base para os apontamentos da leitura cultural das matrizes verbal, visual e das videorreportagens. A partir das quadros que compõem os relatórios de investigação disponíveis nos *Apêndices* desta tese é possível refletir mais atenta e profundamente sobre o processo de escrita, gravação e edição das séries jornalísticas que compõem o *corpus* empírico deste estudo.

Quadro 12 - Linguagem Híbrida Televisual

VÍDEO	ÁUDIO		LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
matriz visual – índice: signo indicial – secundidade linguagem visual é perceptiva vista em presença figurativa, referencial Gerador de Caracteres	matriz sonora – ícone: signo icônico – primaridade linguagem sonora é sugestiva, som não referencia, não representa fora dele associa por similaridade	matriz verbal – símbolo: signo simbólico – terceiridade universo da mediação e das leis a linguagem verbal é conceitual	hibridação das matrizes: visual sonora verbal

Fonte: CUNHA, 2020.

A transcrição das videorreportagens na fase operacional é indutiva e busca organizar os significados que emanam orgânica e sistematicamente do *corpus* investigativo.

A fase de fundamentação interpretativista baseada nas variáveis: complexidade, contextualização, protagonismo e conhecimento especializado busca refletir sobre os caminhos epistêmicos percorridos pelo jornalista-autor na comunicação da reportagem televisual editada, sonorizada e complementada pelos gráficos e legendagem, transmitida em horário nobre, dentro de um telejornal por uma rede de televisão aberta do Brasil.

2.5.1. *Broadcast News Discourse*: o discurso experiencial do jornalismo televisual

"O mediador pleno, autoral, capta dos sujeitos-fonte e dos sujeitos-receptores sentidos interativos, e não sentidos disjuntivos."
(MEDINA, 2006, p. 123)

Para a transcrição do discurso (código verbal) das reportagens seriadas utilizo como referência a obra *The discourse of broadcast news* (Routledge, 2007) do professor Martin Montgomery, da University of Macau (China), porque o autor reflete sobre formas de processamento sensorial e cognitivo que a televisão pode ativar na audiência, bem como, aponta a noção "narrativa experiencial" para a entrevista. O autor observa que, ao entrevistar um político ou uma figura pública o repórter normalmente utiliza a estratégia da "prestação de contas", baseando-se em declarações que foram previamente publicadas pela mídia, tanto frases atribuídas a terceiros quanto mensagens anteriores divulgadas pelo próprio entrevistado. A tensão produtiva nesse caso, faz com que o repórter trabalhe sobre o visível, aquilo que já foi "dito", para fazer emergir o invisível, aquilo que ainda "não foi dito", como se a figura pública tivesse "um propósito ou uma posição pessoal guardada" e que estaria pronta para o jornalista expor para a audiência. Nesse caso, o valor noticioso das entrevistas de "prestação de contas" está no "sentido da revelação, a novidade" (MONTGOMERY, 2010, p. 209), focalizando um deslize ou uma "gafe" a ser cometida pelo entrevistado.

A outra entrevista acontece quando o repórter vivencia um acontecimento a partir da experiência do entrevistado, em geral um protagonista anônimo, ou uma pessoa que não é muito conhecida através da mídia. Montgomery (2010) observa que, durante a "entrevista experiencial", assim nomeada por William Labov, nos anos 1960, o repórter articula com o protagonista um sentimento sensível e solidário de confiança e respeito.

William Labov, aos 92 anos, continua ativo na Universidade da Pensilvânia (EUA), reconhecido mundialmente pela teoria da "sociolinguística" que rompe com o paradigma estruturalista ortodoxo e observa a linguagem a partir da função social. Na contemporaneidade a sociolinguística é um campo considerado interdisciplinar por permitir estudos sobre o discurso a partir de diferentes perspectivas. Contudo, Labov observa que aceitar o termo sociolinguística também pode dar a entender que haja outra bem-sucedida linguística que não seja a social.

A metodologia da "narrativa experiencial" proposta por Labov consistia em ouvir e anotar relatos espontâneos de cidadãos afro-americanos nas ruas de Nova Iorque. Em síntese, o autor argumenta que o discurso (expressão oral) dos participantes da pesquisa não devia ser estigmatizado como "abaixo do padrão", e sim, respeitado como uma variedade da língua com regras próprias. Como contraponto da "narrativa experiencial" vale destacar a metodologia da "observação-experiência" desenvolvida por Medina (2008, p. 95) e praticada pelos pesquisadores que integram o grupo de pesquisa *Epistemologia do Diálogo Social*. A "observação-experiência" transcende a coleta de dados ou a transcrição de relatos porque enriquece o código verbal, ou seja, essa prática permite ao jornalista ouvir e dar voz ao Outro, protagonismo anônimo, durante o encontro presencial no qual os sentimentos emanados do somatossensorial de ambos se conectam, traduzindo esse complexo emaranhado de imagens, sentimentos e ideias para a mente consciente do jornalista ou do pesquisador acadêmico.

A "narrativa experiencial" de Labov (*apud* MONTEIRO, 2008) trata da descrição do código verbal e sua sequência deve seguir as etapas: resumo, orientação, clímax, avaliação, resultado e coda¹¹. Por sua vez, Montgomery (2010) aplica esse modelo de "narrativa experiencial" para estudar as reportagens sobre: a) atentados a bomba em Londres (julho de 2005) e b) Olimpíadas de Pequim (2008).

No caso das Olimpíadas de 2008, a matriz visual videográfica antecipa a visão do telespectador e municia o repórter para a entrevista, com imagens dos atletas vencedores gesticulando com os braços para expressar orgulho e triunfo, ou celebrando a vitória com pulos no ar etc. O repórter oferece o microfone e a câmera ao entrevistado como um espaço discursivo colaborativo para a articulação verbal dos sentimentos e sensações, tarefa nem sempre possível de ser executada pelos atletas vencedores. "Não tenho palavras para descrever como estou feliz." "Não consigo acreditar..." "É maravilhoso." Montgomery (2010)

¹¹ Esse modelo Laboviano quando aplicado às narrativas jornalísticas televisuais suprime a etapa do *resumo / antecipação* na edição da videoreportagem, passando para o âncora / apresentador na bancada do jornal a leitura do texto (cabeça), que introduz o assunto, o repórter e/ou o (s) entrevistado (s).

observou que a narrativa experiencial do entrevistado é contrabalanceada pela necessidade de agradecer aos apoiadores, ao técnico e familiares, bem como para reforçar que vale a pena investir na preparação física.

Nesse tipo de entrevista experiencial não é possível destacar uma postura neutra e objetiva do jornalista, pois no encaminhamento do diálogo é como se o entrevistado, apesar de molhado, suado, ofegante, assumisse o papel de narrador através de um alinhamento direto (em close da câmera) com o telespectador. Inclusive o repórter adapta-se ao papel de telespectador orgulhoso ao parabenizar o atleta pelo desempenho, de um jeito emocionado, sincero e autêntico. A vitória pode evocar "um tipo de economia moral", observa Montgomery (2010, p. 195) "na qual um grande esforço consegue comprar a alegria do sucesso. [...] Nesse instante a televisão constrói a figura pública".

A força do somatossensorial sobre a memória e a capacidade de verbalização parece revelar-se tanto na alegria quanto na tristeza, porque assim como a sensação de felicidade por obter uma vitória pode dificultar a verbalização do sentimento, a dor também pode travar os sentidos e a consciência para organizar o discurso verbal. Os entrevistados sobreviventes do ataque de bombas em Londres (2005) em geral começam a narrar suas experiências a partir de uma contextualização particular do evento, ou seja, a fase de "orientação" que estabelece o cenário rotineiro (tempo, local, pessoas, circunstâncias etc.) que precedeu a tragédia. "Eu estava na estação Kings Cross como sempre." "Eu estava no trem e uma mulher pulou na minha frente." A narrativa experiencial do sobrevivente de uma tragédia geralmente tenta enfatizar a "transição do ordinário para o extraordinário". (ibidem, p. 199).

Ao desenhar mentalmente uma retrospectiva verbal sobre o trágico acontecimento o entrevistado expõe no tempo presente, um sentimento vivenciado no passado, enfatizando a sensação de "ingenuidade e inexperiência" diante de uma ação inesperada e desconhecida. Essa revelação é a fase da "complicação / clímax" da narrativa oral experienciada pelo entrevistado e funciona como um ponto de articulação entre a "contextualização / observação" e a "avaliação". A maioria dos entrevistados revela que a vivência daquela ação extraordinária transformou o cotidiano do mundo da vida em algo sobrenatural. Embora Montgomery considere essa fase essencial para a sequência da narrativa, a maioria dos relatos de sobreviventes de tragédias, como o ataque de Londres (2005), é truncada. "Acho que a explosão foi no vagão da frente." "A fumaça cobriu tudo. Não pude ver nada." "Não podia respirar". Embora as entrevistas com os sobreviventes do ataque terrorista em Londres tenham

sido gravadas no dia seguinte quando já estava confirmado pelas autoridades que as explosões haviam sido causadas por uma série de bombas, nenhum dos entrevistados mencionou isso.

Uma característica comum no final das narrativas experienciais é a tentativa que o entrevistado faz para avaliar a própria experiência, que no dizer de Medina, é a tomada de consciência da noção de "interação social transformadora". Ou seja, ao ensaiar uma "avaliação" (LABOV; WALETSKY, 1967) o entrevistado revela detalhes sobre a própria reação e as reações das outras pessoas, através de verbos cognitivos: lembrar, notar, sentir, perceber. Uma característica comum da "avaliação" sobre o momento mais crítico do evento é a repetição verbal. "Eu pensei, não quero morrer, não quero morrer." "Eu lembro que uma menina gritou: perdi minha perna, perdi minha perna."

Essas entrevistas oferecem uma perspectiva distinta do ato de reportar, porque o telespectador já estava informado sobre os atentados que haviam ocorrido em Londres, mas somente os sobreviventes podiam relatar experiencialmente. A interferência do repórter ocorre no final quando ele sugere ao entrevistado que conte ao mundo como conseguiu se desvencilhar e ficar vivo. A "resolução" portanto, é o ajuste sequencial da entrevista, onde o entrevistado dá detalhes sobre o resgate, a sobrevivência e o retorno ao cotidiano rotineiro em que, conscientemente, vive o presente, e não, o passado narrado. Nessa virada da página do tempo entra a "conclusão / coda" quando o entrevistado afirma ter dito tudo o que sabia sobre o evento. "Quebrei o vidro e apertei o botão de emergência."

É a "interação social criadora" observada por Medina (2016, p. 7) concretizada, "em presença, pela racionalidade ética, a técnica competente e a estética transformadora". O que essas entrevistas revelam é o **descondicionamento do repórter ao transferir o ritual social de criar uma realidade ao protagonista vencedor ou sobrevivente que, por sua vez, assume o papel de narrar a representação simbólica de um acontecimento através do espaço público midiático, ou seja, fora da vida privada.**

Essa subjetividade única exibida em tom pessoal, expressão facial e comportamental, independente da escolha de palavras e ações verbais, consegue alcançar a sensibilidade do telespectador através do **sentimento de empatia próprio do humano solidário**. Ou seja, o oposto do que ocorre nas entrevistas jornalísticas televisuais de "prestação de contas", onde há uma simulação de movimentos e contra movimentos, como em uma competição onde cada participante, quer seja o entrevistado ou o repórter, através de graus variados de habilidades, se movem estrategicamente, tentando alcançar objetivos e metas divergentes. Na pragmática entrevista de "prestação de contas" nada é dado como certo, por outro lado, na "entrevista

experiential" a relação mediada é de aceitação social e cultural, ao deslocar o foco da atenção da figura pública para a figura humana da esfera privada.

2.5.2. Linguagem híbrida televisual: a semiótica que escapa do fetichismo midiático

"O som é airoso, ligeiro, fugaz. Emanando de uma fonte,
o som se propaga no ar por pressões e depressões,
percorrendo trajetórias, sujeitas a deformações,
cujos contornos e formas nunca se fixam.
Vem daí a qualidade primordial do som,
sua evanescência, feita de fluxos e refluxos em crescimento contínuo,
pura evolução temporal que nunca se fixa em um objeto espacial.
O som é omnidirecional, sem bordas, transparente e
capaz de atingir grandes latitudes.
Não tropeçamos no som. Ao contrário, ele nos atravessa."
(SANTAELLA, 2001, p. 201)

A partir da operacionalização do discurso transcrito, a videoreportagem é revisada com o apoio da teoria da Semiótica que habilita o pesquisador para a compreensão reflexiva das matrizes visual, verbal, sonora que formam a linguagem híbrida televisual. Essa visão ampliada oferece ao pesquisador uma alternativa para "escapar de uma visão fetichista, meramente somatória, e atomizada das mídias, visão que costuma dar ampla margem ao tecnicismo e à concepção segmentada e desintegrada dos fenômenos da comunicação" (SANTAELLA, 2001, p. 380).

Alcançar essa visão ampliada com o auxílio da semiótica exige um olhar atento do pesquisador, observou a professora Ruth Teer-Tomaselli da Universidade KwaZulu-Natal (África do Sul), integrante da banca que avaliou a tese de Bernardine Jones (2016). Teer-Tomaselli comparou o método semiótico a uma placa analítica lisa onde o pesquisador precisa pegar ervilhas com pauzinhos. Afinal, a semiótica sempre foi encarada como "uma noz difícil de quebrar" (BERGMAN, 2018), ou de uma abstração terrível. "Tudo é signo". (MATTELART; MATTELART, 2011, p. 34). Contudo, há quem trabalhe incessantemente para iluminar as possibilidades teóricas e metodológicas do legado Peirceano, como, por exemplo, os pesquisadores brasileiros, Lúcia Santaella (PUC-SP) e Vinicius Romanini (PPGCOM ECA-USP).

Um dos princípios da escrita Peirceana era acreditar na transformação a partir do conhecimento, ele próprio exemplo disso, a cada escrita uma nova visão, pois nosso "conhecimento nunca é absoluto", está em contínua transformação, como um nadador que atravessa um mar de incertezas e de indeterminações tentando ultrapassar os próprios limites. O reconhecimento mundial da importância dos escritos de Peirce aconteceu em 1984, quando o prêmio Nobel de química, Ilya Prigogine, declarou-se leitor de Peirce e destacou sua contribuição para os estudos sobre a teoria do caos e da irreversibilidade: "a metafísica de Peirce foi um passo pioneiro para entender o pluralismo envolvido nas leis da física". (*apud* BRENT, 1998, p. 176).

A semiótica contemporânea avança no campo da comunicação combinando informação e ciberespaço para estudos sobre cognição e comunicação (BRIER, 2003), bem como florescem estudos semióticos no campo da mecânica quântica (CHRISTIANSEN, 2003; DOSCH et al. 2005, PRASHANT, 2006). O professor Vern Poythress, da Universidade de Westminster (EUA) observa que, o sistema semiótico é acionado naturalmente pelo humano, assim quando os pesquisadores trabalham em suas investigações estão desenvolvendo observações, e quem "observa são pessoas que, pressupõem e invocam sistemas semióticos enquanto formam teorias e as comunicam" (POYTHRESS, 2015, p. 150, tradução da autora).

Na contemporaneidade, o observador ganhou um papel significativo nos estudos acadêmicos, como observa Poythress (2015, p. 150) sobre "a teoria especial da relatividade, a teoria geral da relatividade e a mecânica quântica". Ao observar a estrutura da física fundamental é possível perceber as afinidades com os elementos-chave da semiótica do espaço, tempo e movimento.

No caso desta tese para desenvolver a leitura interpretativa da linguagem híbrida televisual da semiótica recorro ao formato do roteiro do telejornal, um quadro de representações simbólicas dos acontecimentos do cotidiano da sociedade. O exercício de estudar o jornal veiculado pela tevê, academicamente, exigiu um esforço reflexivo sobre o exercício do fazer jornal pela tevê, profissionalmente. Embora o cinema e a televisão, – a videorreportagem comunicada dentro do telejornal neste conjunto investigativo, – sejam considerados audiovisuais porque processam ao mesmo tempo as linguagens sonora e visual, capitaneadas pelo código linguístico, o telejornal durante a transmissão produz um efeito de acontecimento "ao vivo" a partir da linguagem híbrida derivada das matrizes sonora (sintaxe), visual (formas) e verbal (discurso). Durante a transmissão do telejornal o conhecimento comunicado é fragmentado, apesar da sensação de um fluxo contínuo das reportagens e

informações, o que permite ao telespectador elaborar a própria trilha cognitiva. O roteiro do telejornal materializa esse processo para quem vive os bastidores da notícia através das telas dos computadores da redação, interconectados pelas redes local, nacional, e em alguns casos, mundial. Pode-se imaginar o roteiro do telejornal como um livro, cada página é dedicada a uma reportagem. Do lado esquerdo ficam as informações operacionais que destacam as ações da produção, ligadas à matriz visual, referencial, figurativa e perceptiva, como a indicação do nome de quem vai fazer a leitura (cabeça, nota pé, chamada do *link*, previsão do tempo etc.), enquadramentos de câmeras (close, aberto etc.), gerador de caracteres, efeitos sonoros, ilustração gráfica etc. Do lado direito aparecem as informações das matrizes verbal e sonora, universo da mediação e das leis representado pelo simbólico através do texto (no *teleprompter*, ou no tablete, ou no papel), que é lido pelo apresentador, também consta a deixa do VT para alertar o apresentador na bancada, ou o produtor, entre outras marcações técnicas. Assim, cada membro da equipe acompanha a execução da partitura / roteiro do telejornal e desempenha sua função individualmente, em paralelo com o coletivo. O equilíbrio realizacional dessa ação conjunta é similar ao de uma orquestra em que cada músico lê a partitura individualmente e intui pela sensibilidade ou pela prática o momento em que deve executar seu instrumento, sozinho ou amparado coletivamente, concorrendo para o sucesso do grupo. O maestro, no caso do telejornal, é o editor chefe, que normalmente está posicionado no *switch master* (sala de controle), ao lado do diretor técnico que opera a mesa de controle de transmissão, em comunicação direta através dos pontos eletrônicos com os apresentadores, além da comunicação por voz direta com operadores na sala de controle, ou por fones de ouvido com os operadores de áudio, estúdio, TP, câmeras, repórteres externos, entre outros.

Figura 9 - Semiótica (esq.) Linguagem Híbrida Televisual (dir.)

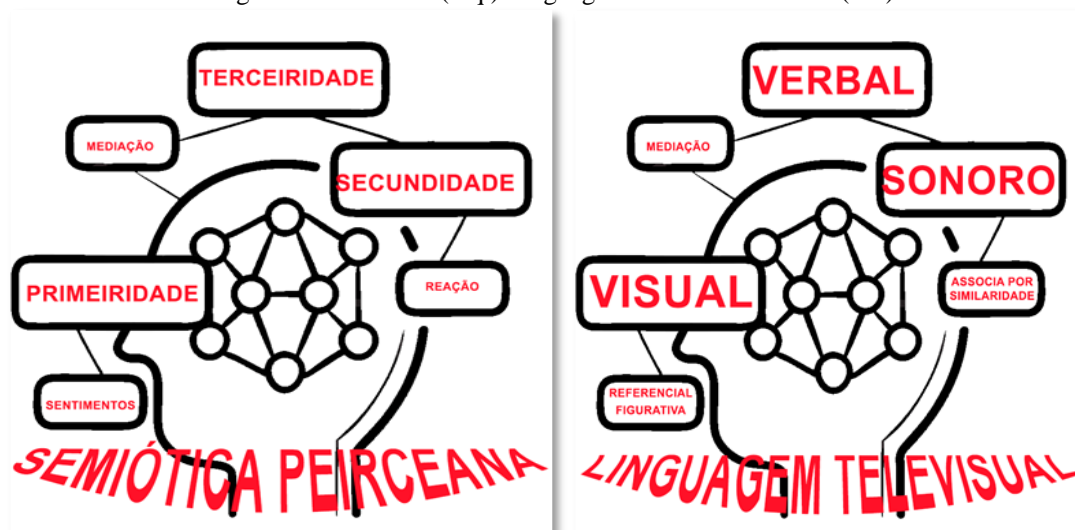


Ilustração: CUNHA, 2020.

Para este estudo considero alguns gráficos e ilustrações como imagens sintéticas (processadas por algoritmos), embora contenham caracteres informacionais processados sobre imagens não sintéticas (fotos, vídeos). Para Santaella (2001) a matriz visual é perceptiva, pois a imagem é referencial, figurativa.

A matriz verbal trata do simbólico, da mediação, do conceitual, da abstração e das leis. Na produção televisual a linguagem verbal hibridiza com a linguagem sonora que, por sua vez, apresenta uma riqueza de variações, incluindo tudo o que é ouvido pelo telespectador, como narração em off, sons naturais, sonoras etc., sendo sugestiva, pois não referencia, associando por similaridade.

A matriz sonora é a representação do signo durante o momento em que ele acontece, porque apresenta diversas modalidades permitindo uma constante hibridização através da interação com os níveis de secundidade do visual e terceiridade com o verbal. A matriz sonora ajuda a construir a materialidade compreensiva da narrativa pela variedade de sons como *bgs* (backgrounds), ambiente, efeitos sonoros (apito, sino, buzina, celular, aplauso etc.), ruídos onomatopeicos, tessitura da voz (embargada, infantil, desesperada, chorosa etc.). No jornalismo televisual destacam-se:

a) as **vozes**, que podem ser:

1. "voz in" (o telespectador vê quem fala, p. ex., apresentador na bancada, repórter, entrevistado etc.);
2. "voz off" (o telespectador pressupõe quem está falando, mas não vê quem fala); e
3. "voz over" (o telespectador não consegue saber quem está falando e não vê quem fala).

b) a **música**, que pode ser:

1. diegética (complementa o sentido da narrativa);
2. não diegética (de fundo); e

c) **ruídos**.

No jornalismo radiofônico temos a hibridização entre o sonoro e o verbal oral permitindo ao ouvinte o registro auditivo de signos diversos como: voz, fala, texto, música, entre outros.

2.5.3. Arte de tecer o presente: lente metodológica para a reflexão epistemológica

Do quantitativo discursivo semiótico transcricional para o qualitativo epistemológico da leitura cultural

A chave epistemológica da "arte de tecer o presente / arte narrar o contemporâneo" oferece o embasamento necessário para uma leitura reflexiva compreensiva dos relatórios das linguagens híbridas televisuais das séries que formam o *corpus* empírico deste estudo. O conjunto de lentes epistemológicas está organizado de maneira a possibilitar a observação dos seguintes pontos: a) o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o factual imediato); b) a humanização do fato jornalístico (tratamento de perfis, histórias de vida ou protagonismo); c) as raízes históricas do acontecimento atual; e d) os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas. (MEDINA, 2003, p. 127).

Vale dizer que a observação reflexiva das videoreportagens pode carregar algum valor político, contudo sabe-se que o conhecimento é uma conexão política e a leitura interpretativa tanto do acadêmico quanto do jornalista pode fazer emergir a consciência que temos acerca das forças e estruturas sociais ocultas. Independente da subjetividade latente expressa nas reflexões emanadas da metodologia aplicada, busco contribuir para o debate acadêmico, em especial o que trata do ensino de jornalismo televisual no momento contemporâneo de convergência midiática e assim contribuir para a formulação de políticas públicas educacionais que trabalhem a literacia midiática videográfica tanto em sala de aula quanto em atividades extracurriculares.

Ao avançar o debate para a inclusão midiática através da educação, como pesquisadora esvaneço a própria subjetividade numa rede de subjetividades formada por um conjunto de sujeitos co-construtores, ou seja, o conhecimento culturalmente derivado e historicamente situado sobre o tema pesquisado e devidamente reconhecido pelos pares, passa a ser compartilhado com outros sujeitos, como observa Morin, "para nós, seres humanos, a característica afetiva da subjetividade será algo permanente. [...] Podemos integrar nossa subjetividade pessoal numa subjetividade mais coletiva: nós." A conexão universal e integrada do novo conhecimento promove o "desenvolvimento superior do sujeito".(MORIN, 1996, 51-3).

A "noção de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade" (MEDINA, 1991, p. 195) está a ser recuperada no jornalismo contemporâneo, bem como na escrita acadêmica dos pesquisadores do grupo *Epistemologia do Diálogo Social*, um árduo processo de reeducação compreensiva epistemológica desenvolvido pedagogicamente por Medina com o importante apoio científico transdisciplinar das referências bibliográficas e da Arte.

As ideias emergentes durante o desenvolvimento da pesquisa revelaram a série jornalística televisual como possibilidade convergente para ampliação da narrativa autoral. A hipótese foi testada em congressos de comunicação iluminando o novo entendimento e a construção desta escrita, a partir de entrevistas abertas e revisão de literatura documental, resultando em um documento diferente da proposta apresentada na qualificação. Mais do que analisar o conteúdo, descrever o verbal, ouvir o sonoro e ler o visual, tive que avançar do conteúdo manifesto, aquilo que aparece na tela da televisão, para o conteúdo latente, processo que exigiu concentração, dedicação e compreensão interpretativa para que o estudo pudesse refletir sobre o processo de cognição epistêmica do jornalista, sujeito da pesquisa.

Essa mudança de paradigma que formula, não o "objeto da pesquisa", e sim, o "sujeito da pesquisa", proposto por Edgar Morin em *A Noção de Sujeito* (Artes Médicas, 1996, p. 45-58) como uma "evidência óbvia", e que tem por objetivo corrigir um desmembramento paradigmático proposto por Descartes que colocava de um lado o conhecimento científico obtido pelos estudos dos "mundo dos objetos" (ciências, técnicas, matemática, entre outros); e do outro, o conhecimento intuitivo e reflexivo do "mundo dos sujeitos" (alma, espírito, comunicação, entre outros). Essa visão reducionista, compartimentada e disciplinária é deixada para trás quando Morin (1996) oferece um novo encadeamento conceitual capaz de trabalhar a **noção de sujeito** através do pensamento complexo.

Vivemos uma estranha disjunção esquizofrênica: na vida cotidiana, sentimo-nos sujeitos e vemos aos outros como sujeitos. [...] Mas se examinarmos essas pessoas e nós mesmos pelo ponto de vista do determinismo, o sujeito novamente se dissolve, desaparece. (MORIN, 1996, p. 45).

A opção epistemológica pelo "mediador-autor" como sujeito do estudo possibilita a fundamentação científica, e não metafísica, porque rompe com o determinismo mecanicista normalmente presente nas pesquisas comunicacionais, apresentando uma reflexão que "corresponde à lógica do próprio ser vivo", (ibidem, p.46), bem como permite que o sujeito pesquisador compartilhe experiencialmente com o sujeito da pesquisa, cada um com sua visão

autônoma. As noções que se seguem são minhas interpretações a partir das observações feitas por Morin com o objetivo de esclarecer o pesquisador para a importância da noção de sujeito.

Noção de Autonomia, não como liberdade, mas no sentido de "dependência energética e informativa e organizativa", conectada com uma "auto-eco-organização". (ibidem, p. 47).

Noção de Indivíduo, como tudo e nada, produto e produtor, no ciclo de vida. "A sociedade é produto de interações entre indivíduos," que "criam uma organização com qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura. Os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos." (ibidem, p. 48).

Noção de Identidade:

Subjetiva: a auto referência passa a ser a "auto-exo-referência, ou seja, para referir-se a si mesmo, é preciso referir-se ao mundo externo", que é o constitutivo da identidade subjetiva, que opera a distinção entre o si / não-si, mim / não-mim, entre o eu e os outros eus". (ibidem, p. 49-50).

O eu realiza a unidade: "o segundo princípio de identidade mantém a invariância do eu sujeito, apesar das modificações corporais, celulares, moleculares. A ocupação desse lugar central do eu que se mantém permanente, através de todas as modificações, estabelece a continuidade da identidade". (ibidem, p. 50).

Princípio de Exclusão: O princípio de exclusão assinala que o eu é único, porque é a única coisa que ninguém pode ser no lugar do outro.

Princípio de Inclusão: O princípio de inclusão permite integrar em nossa subjetividade outros sujeitos diferentes de nós.

Princípio de Intercomunicação: Trata da intercomunicação com o semelhante, contudo, esse é um ponto interessante para uma pesquisa comunicacional, porque o sujeito humano que utiliza a linguagem para a comunicação, pode se destacar pela incomunicabilidade: *se você não falar, não consigo adivinhar*. "Mas, ao menos, temos a possibilidade de comunicar nossa incomunicabilidade, o que efetivamente permite tornar complexo o problema da comunicação." (ibidem, p. 52).

Diante do exposto, como sujeito que pesquisa e busca comunicar o mais claramente possível as interrogantes e as intuições que emanam deste estudo, utilizo como base uma estrutura teórico-metodológica que combina estudos complementares que numa mirada mais profunda revelam a estratégia pedagógica da orientadora desta tese, ou seja, **unir a razão complexa com a sensibilidade solidária para obter uma ação transformadora**.

A observação perceptual e experiencial dos sentimentos que ativam a memória e a cognição epistêmica do sujeito jornalista, mediador social, autor de *Narrativas da Contemporaneidade* opera como uma espinha dorsal concentrando o corpo metodológico. Embora como sujeito que pesquisa esteja impregnada do sentimento de "estar afeta" ao tema, o que pode influenciar as reflexões sobre as videorreportagens, permito-me antecipar uma observação feita por Morin (1996, p.52) de que a afetividade não contraria nem inibe o desenvolvimento da inteligência. "O sistema neuro-cerebral forma tanto o conhecimento quanto o comportamento, enlaçando a ambos".

3. PARTE III

3.1. *A Fome*

Série jornalística em 5 capítulos
de 18 de junho a 22 de junho de 2001
Jornal Nacional – TV Globo
Reportagem, Texto e Edição: Marcelo Canellas
Imagens: Lúcio Alves
Produção: Laura Fernandes
Áudio: Luís Oliveira
Edição de Imagens: Cida Hipólito

Prêmios (2001): Embratel, Vladimir Herzog,
Ayrton Senna de Jornalismo, Barbosa Lima Sobrinho
Prêmio (2003): medalha FAO

O gaúcho Marcelo Pasqualoto Canellas deixou os campos da agronomia para caminhar pelas terras do jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. Seus primeiros escritos publicados no jornal *A Razão* (1934-2017) chamaram a atenção da chefia de reportagem da Rede Brasil Sul de Comunicação, afiliada da Globo no Rio Grande do Sul. A mudança para a EPTV de Ribeirão Preto, afiliada da Globo em São Paulo foi inevitável. A primeira reportagem exibida em rede nacional, no horário nobre, (Jornal Nacional), mostrou seu talento jornalístico ao narrar a partir de um olhar humano e sensível uma situação inusitada: o casamento de um preso, onde o delegado foi o padrinho e agentes policiais, as testemunhas.

Canellas expressa empatia com todos aqueles que convivem e participam do coletivo que permeia a produção jornalística televisual, desde o pessoal da pauta, da produção, os cinegrafistas, até o entrevistado com quem ele busca um diálogo sensível. Certa vez, no Rio de Janeiro, enquanto reportava ao vivo, no meio da multidão, o pedido de *impeachment* de Fernando Collor, o repórter foi surpreendido por um jovem e se deixou pintar de verde e amarelo. Se os jovens "caras pintadas" queriam mudar o Brasil, Canellas queria reportar essa

mudança, e foi trabalhar na TV Globo de Brasília, que se tornou o ponto de partida de muitas viagens jornalísticas em território nacional.

Acompanhar a produção jornalística do repórter Canellas permite observar o seu olhar humanizado para com o entrevistado, o Outro. Olho no olho, nem que seja ajoelhado no chão, no meio da rua, rompendo com o paradigma de "autoridade" e sem a munição ferramental que ostenta o logotipo da Globo na canopla do microfone. Desta forma, através de sua linguagem corporal o repórter expressa uma relação simbólica de se tornar igual, conscientemente ou não.

Para Medina, a "observação-experiência" é o coração da mediação autoral que transcende a entrevista, porque o repórter e o Outro impregnam-se de todos os sentidos, mutuamente. "A observação-experiência é a ferramenta que amplia a técnica burocrática da coleta de informações e dá margem à autoria solidária, rigorosa e criativa." (MEDINA, 2008, p. 95).

Embora o não-verbal nem sempre seja revelado visualmente na tela da televisão, a resposta do entrevistado e participante da "observação-experiência" desenvolvida pelo jornalista e mediador-social transparece nas matrizes sonora e visual da reportagem.

Figura 10 - Bastidores de gravação (Canellas e equipe)



Foto: Memória Globo, TV Globo

Canellas observou e elaborou narrativas contextualizadas que comunicavam ao telespectador as estratégias, nem sempre lícitas, de autoridades e empresários cujos resultados reverberavam o aumento dos problemas da sociedade brasileira, como por exemplo: fraudes

na Previdência Social, massacre dos trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás (Pará), exploração sexual de menores no Acre, trabalho infantil no Nordeste.

No final dos anos 1990, inspirado em Josué de Castro e seu livro *Geografia da Fome* escrito em 1940, Canellas vai para a TV Globo no Rio de Janeiro e apresenta o projeto de reportar um dos principais problemas da humanidade, a fome. Entre as inúmeras questões sociais, culturais e econômicas, que nos anos 1990 demandavam e seguem demandando, um debate transdisciplinar entre jornalistas, especialistas e sociedade está a "erradicação da pobreza e da fome", prioridade para a Organização das Nações Unidas (ONU, 1999). Na virada do milênio, mais de 700 milhões de pessoas eram afetadas pelo problema em todo o mundo. Números que certamente influenciaram a direção de jornalismo da TV Globo a autorizar a viagem de Marcelo Canellas e equipe (Laura Fernandes – produtora, Luís Oliveira – operador de som, Lúcio Alves – repórter cinematográfico) pelas periferias de Salvador (BA), Crato (CE), Floriano (PI), Vale do Jequitinhonha (MG), São Paulo (SP), Recife (PE) e Brasília (DF), em abril de 2001. "Eu fiz várias reportagens ao longo da carreira, mas achava que devia fazer um mergulho mais profundo sobre essa questão da fome. Em 2001, o Jornal Nacional topou e eu viajei durante um mês pelo Brasil e encontrei personagens absolutamente marcantes na minha vida." (CANELLAS, 2018, depoimento em vídeo). As reportagens foram exibidas na semana de 18 a 22 de junho de 2001, no Jornal Nacional da TV Globo (na época pelo sistema de transmissão analógico aberto). A edição de imagens foi de Cida Hipólito.

Figura 11 - Vinheta *A Fome*





Ilustração (captura da tela): CUNHA, 2020.

A "leitura cultural" feita pelo repórter cinematográfico Lúcio Alves oferecem ao telespectador imagens carregadas de nuances marrom-alaranjadas que emanam visualmente da perspectiva mediada pela matriz cultural ao conectar o fundo poeirento do rio seco com a aridez da terra em volta do povoado. Uma visão que busca contextualizar o mundo da escassez de alimentos e chuva, ao mesmo tempo do excesso de Sol e da pobreza.

A direção de jornalismo da TV Globo optou por exibir o primeiro capítulo da série *A Fome*, no Jornal Nacional de 18 de junho de 2001, dia do aniversário do então Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso que naquele momento oferecia um banquete de comemoração no Palácio da Alvorada, em Brasília. "Foi um estrondo. Era um momento pré eleitoral em que se discutia o *Fome Zero* e houve uma grande discussão no Brasil. As pessoas ligando alucinadamente para a TV Globo querendo ajudar, mobilizando caminhões de comida". (CANELLAS, 2018, depoimento em vídeo). Contudo, o pior e mais triste telefonema recebido pela Central de Atendimento Telefônico ao Telespectador da TV Globo, contava que a entrevistada do primeiro capítulo, Maria Rita tinha morrido de fome, alguns dias depois da gravação da entrevista. "Mariarrita" virou sinônimo de "morta de fome".

Quadro 13 - autoritarismo da mídia vs automatismo da audiência

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
Fátima Bernardes na bancada Jornal Nacional Cenário Arte gráfica tons marrom-alaranjado com a palavra FOME	Fátima vivo: Ontem logo após a exibição da primeira reportagem dessa série, o Jornal Nacional recebeu telefonemas de todo o Brasil. A maioria oferecia ajuda, e um trouxe a notícia triste: a lavadeira Maria Rita, encontrada por nossos repórteres no interior mineiro, no fim de abril, está morta.	
Imagens de Maria Rita encostada na parede, deprimida em frente ao fogão de lenha, close do rosto GC: JN ontem	Fátima (em off): Maria Rita Costa Mendes tinha 51 anos. Os moradores de Araçuaí, Minas Gerais, informaram que ela morreu quase duas semanas depois de gravar a entrevista. O atestado de óbito registra parada cardiorrespiratória provocada por pneumonia e desnutrição intensa.	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Maria Rita estava no alto de um morro, encostada na parede de um casebre de barro, em um vilarejo perto do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, quando a equipe passou e decidiu conversar com ela. Assim que desceu do carro da reportagem, Canellas chamou uma

ambulância para atender Maria Rita, que segundo o repórter o fez lembrar da esquelética figura da morte, a representação simbólica da *Consoada* de Manuel Bandeira (1952):

Quando a Indesejada das gentes chegar,
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga: Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta, com cada coisa em seu lugar.

Enquanto aguardava a chegada do médico, a equipe fez a gravação. Depois, Canellas foi a um mercadinho no vilarejo e comprou um pouco de alimento (farinha e carne seca) para Maria Rita.

O desenvolvimento de competências que ajudem o jornalista-autor ou o pesquisador-narrador a mediar a informação coletiva para oferecer uma escrita ensaística criativamente estruturada no espaço-tempo, e não um superficial relato descritivo de ações, é tarefa constante, dentro e fora do ambiente de formação educacional e profissional, por toda a vida. Indecifrável processo mesmo para os neurocientistas, interminável labor mesmo para os incansáveis escritores, um ofício permanente de "leitura cultural da vivência humana" (MEDINA, 1996, p. 33). Mas nada prepara o somatossensorial do humano jornalista para ouvir uma notícia como a que foi lida pela apresentadora do Jornal Nacional, Fátima Bernardes, no final da exibição do segundo capítulo da série (19/06/2001). "Eu estava em casa e levei um choque. É daqueles momentos na vida da gente que a gente repensa até a carreira. O quê adiantou fazer essa reportagem se a Maria Rita morreu?" (CANELAS, 2018, depoimento em vídeo).

Essa questão epistemológica não é só do jornalista, é do pesquisador, é da sociedade, pois percorre o viés da empatia, do entendimento, da compreensão e da identificação social para a sustentação das comunidades locais. Questão que emerge do coletivo social e avança para as instituições da esfera pública e que demandam debates na tentativa de encontrar novas noções ou recuperar velhas noções para essa identificação social, já que as decisões globais e forças mundiais estão distantes geográfica e culturalmente das vidas que formam as comunidades locais.

Canellas (2012, depoimento em vídeo) acredita que a humildade intelectual do jornalista diante das questões sociais possibilita no exercício profissional iluminar o que estiver "obscurecido pela arrogância do poder, ou pela indiferença das pessoas", porque as

possibilidades efetivas, criativas e sensíveis para a solução dos problemas sociais manifesta-se no debate reflexivo entre sociedade, mídia e instituições.

Exercício epistemológico de leitura cultural




Um dobre de sino, representação simbólica sonora-visual do momento solene na narrativa do primeiro dia (18/06/2001). Uma única badalada forte e aguda a reverberar nos rincões mineiros e baianos, marcando a passagem do repórter no espaço geográfico de um tempo de fome e morte. "Bendito, louvado seja, o Santíssimo Sacramento, os anjos, todos os anjos, louvem a Deus para sempre", cantam as mães em frente ao punhado de flores brancas sobre um monte de terra, as mãos postas em oração como a pedir perdão pelo pecado de não ser capaz de produzir leite para amamentar o filho natimorto.

Para a lavradora Maria Cecília Ramos, quando a fome/morte bate na porta não tem jeito. Enterrou nove anjinhos, um deles morreu nos braços dela, dentro da ambulância, a caminho do hospital. Apesar da mórbida rotina marcada pela incerteza do amanhã e do cemitério lotado de criancinhas, ninguém se conforma, pois "a fome é uma coisa criada pelo ser humano, ninguém nasceu pra morrer de fome", observa o médico sanitarista Flávio Valente, que percorre diariamente os povoados baianos de Santa Úrsula e Alagados.

A lavradora Maria Alice dos Reis não fez faculdade, mas não precisa, porque é dotada do saber local que reconhece o direito da humanidade de não morrer de fome. "Toda mãe tem direito de ter o filho vivo crescendo ao lado dela". Direito e desejo que dominam o sofrimento cotidiano de Evangelista, Ana e o bebezinho deles que acabou de nascer. Enquanto conversa com Canellas, Evangelista está com uma enxada nos ombros, demonstrando estar pronto para a labuta diária, mas lamenta não ter uma roça para plantar e alimentar a família. Ana com o filho no colo lamenta pela falta de alimentação, mas mantém viva a esperança de que o repórter tenha a resposta certa para que o recém-nascido ganhe um pouquinho mais de peso e não morra de desnutrição: "o que você acha que é pra eu fazer?".

Ao dar voz ao protagonista do cotidiano da fome, Canellas convida o telespectador a navegar pelas águas turbulentas do rio da vida, tendo "como foco o sutil mergulho nas tramas anônimas do cotidiano" (MEDINA, 2018). As possíveis respostas podem estar na voz dos especialistas que diagnosticam a questão e prognosticam possibilidades.

Quadro 14 - diagnosticar a fome é prognosticar a morte

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
Imagem de um sino antigo tocando de um lado só (quando é sinal sonoro de passagem das horas o badalo vibra dos dois lados)	(badalada de sino, fora de hora, é sinal sonoro de morte)	
O médico apresenta um diagnóstico da fome no Brasil. (<i>microfone com canopla não aparece</i>) Imagens do cenário pobre reforçam o diagnóstico da falta de condições do local. GC: FLÁVIO VALENTE médico sanitarista	Flávio Valente (médico): Cerca de duzentos e oitenta a duzentos e noventa por dia é o que corresponderia de acordo com a UNICEF a dois boeings 737 de crianças mortas por dia.	
Imagens de crianças com um prato vazio Diagnóstico do médico Flávio Valente reflete sobre a falta de ação governamental e da cegueira da sociedade.	Flávio Valente (de frente): E uma enorme acomodação da sociedade, inclusive da classe média, nesse esquema de acreditar que isso é natural. A fome é uma coisa criada pelo ser humano, porque ninguém nasceu pra morrer de fome.	





Elaboração: CUNHA, 2020.

No segundo capítulo da série (19/06/2001) o apresentador do *Jornal Nacional* William Bonner anuncia a fome como a maior de todas as tragédias do Brasil, porque a falta de nutrientes impede o crescimento das crianças e faz com que adultos percam as forças e a razão. Nesse episódio Canellas vai do semiárido nordestino cratense no Ceará até a orla praiana recifense em Pernambuco. Muda a paisagem, mas o cenário da fome permanece.

A desnutrição é um dos principais problemas causados pela fome. Os músculos perdem a força, o cansaço toma conta, a memória desaparece, a depressão aumenta, a perda de peso é visível no corpo, enquanto os órgãos internos sofrem com o enfraquecimento do sistema imunológico, que deixa o corpo mais suscetível às doenças como pneumonia, malária, cólera, diarreia, entre outras. Além do sofrimento físico, a fome pode causar problemas mentais. Se o corpo da criança (ossos, músculos, órgãos etc.) não consegue se desenvolver o cérebro fica minguado. No caso do adulto a desnutrição faz o corpo desabar e levar junto o equilíbrio psicológico. Canellas encontrou um hospital psiquiátrico no Cariri (CE) onde a fome mostra seu lado mais perverso, o da "deficiência mental por desnutrição", segundo o médico psiquiatra José Abagaro, ou seja, "uma vez acometido do surto psicótico, a fome e a

desnutrição agrava o sofrimento físico e mental" da pessoa. Nas crianças, "a falta de ferro e de vitamina A, compromete o desenvolvimento mental", observa Malaquias Batista, médico especialista em nutrição. Como as mães nem sempre conseguem ir até o posto de saúde do município para fazer o controle de pesagem e crescimento dos recém-nascidos, o médico Batista conta com o apoio de estudantes universitárias da Universidade Federal de Pernambuco, que visitam as famílias regularmente, compartilhando informações sobre os primeiros cuidados e reforçando a importância da amamentação. O leite materno contém minerais e nutrientes que ajudam o bebê a crescer, protegendo-o contra as infecções e doenças.




Quadro 15 - verbal duplicado vs visual reforçado

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Imagem de um homem esquelético reforça diagnóstico desnutrição Enfermeiro Francisco diagnostica os problemas mentais causados pela fome. GC: FRANCISCO ALEXANDRE enfermeiro</p>	<p>Marcelo (em off): Delírios e alucinações provocados pelas privações da vida.</p> <p>Francisco (enfermeiro): Grande parte dos pacientes chega nesse estágio. Com fome. Fome mesmo. A doença dele era fome.</p>	
<p>Imagem de criança abatida reforça o diagnóstico desnutrição GC: Deficiência de ferro 47% das crianças</p>	<p>Marcelo (em off): É bater o olho pra saber, a menina pode estar com deficiência de ferro. Um mal que atinge até quarenta e sete por cento das crianças, inclusive em estados ricos, como São Paulo.</p>	
<p>imagem médico registrando altura da criança reforça diagnóstico sobre a baixa estatura do desnutrido GC: 18% das crianças com déficit de estatura</p>	<p>Malaquias (em off): Nessa área aqui nós temos dezoito por cento de crianças com déficit de estatura. [...] esse atraso do crescimento estatural é praticamente irreversível.</p>	
<p>Sequência de imagens que reforçam positivamente a amamentação</p>	<p>Malaquias (médico): É assim que se faz. É assim que se faz. (<i>estímulo verbal duplicado reforçado pela imagem</i>) (sobe som de passarinhos cantando)</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

No terceiro episódio (20/06/2001) Canelas vai e volta de Floriano no Piauí ao Grajaú, na zona Sul paulistana. As imagens dos casebres piauienses ressignificam culturalmente a canção *A Casa* de Vinicius de Moraes, o vazio material da falta de teto e paredes contrasta com a imensa coragem dos moradores que há décadas buscam uma solução para a falta de água. Para a lavradora Maria Paula Alves, a seca impede a sobrevivência humana, animal e vegetal, "se eu tiver uma linda rosa na mão e eu não tiver água para botar nela, ela vai e murcha. E depois que ela murcha, o destino dela é secar e acabar". Seca, sinônimo de rural, de sertão semiárido, mas o migrante nordestino descobriu na pele e no coração que, na urbanidade da cidade grande, a seca é mais impiedosa e voraz, porque chupa até a última gota de esperança. Do Nordeste ao Sudeste há falta d'água, e o mais difícil de enfrentar, a falta de comida. Foi o que descobriu a dona de casa, Angelina dos Santos, que migrou para São Paulo com a família, mas a angústia da panela vazia de todo dia fez com ela deixasse os netos em um abrigo. A sensação de dor pela separação se equilibra com o alívio de saber que eles estão sendo alimentados. "Sei que eles estão bem, comendo, bebendo, dormindo". O Nordeste que vive no Sudeste, fugido da fome, rápido descobre que a migração leva consigo mais do que um coração esperançoso, carrega junto a dificuldade de encontrar trabalho digno e o pior, a "insegurança alimentar", definição elegante que as autoridades encontraram para substituir a feia palavra, fome.

Quadro 16 - contextualização social e cultural



Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
contextualização imagens de um pregão no maior centro financeiro do Brasil, BM&F BOVESPA	Marcelo (em off): O grito dos milhões. (vozerio) Marcelo (em off): O estado mais rico.	
contextualização imagens de pessoas em uma feira livre piauiense	Marcelo (em off): O pregão das migalhas. (vozerio) Marcelo (em off): E o estado mais pobre.	
Passagem / terra prometida a câmera se afasta do casebre no semiárido GC: MARCELO CANELLAS Floriano – PI	Marcelo Canellas (passagem): É só uma esperança vaga e às vezes a única esperança. Ir embora, deixar para trás a fome e o sertão. A fé religiosa num futuro melhor se transforma na decisão de ir para o Sul. Quase sempre a terra prometida toma a direção de São Paulo.	

Elaboração: CUNHA, 2020.

O episódio 4 da série *A Fome* (21/06/2001), revela a capacidade do brasileiro de "se virar" diante das adversidades. É a habilidade humana de desenvolver o "sevirol", estudada e apresentada por Cremilda Medina e Milton Greco na obra *Sobre vivências no mundo do trabalho*, que integra a coletânea *Projeto Plural* (vol. 4, *Novo Pacto da Ciência*, ECA/USP/CNPq, 1995). "Sevirol" designa a experiência individual e coletiva do sujeito que se move por processos que buscam reorganizar o "caos dinâmico através de auto-regulações", ou seja, o "sevirol" das batalhas diárias dos que driblam o desemprego nas grandes cidades, dos que enfrentam as agruras dos escritórios informais nas esquinas das ruas – sem teto e sem licença – da infância até a velhice, e dos esquecidos invisíveis, fantasmas periféricos da oligarquia rural.

O criador do "sevirol baiano do bode-escola" é Noé Carneiro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Retirolândia (BA). O "sevirol coletivo" dos trabalhadores baianos amplia o conhecimento sobre organização familiar, social, política e elimina a dependência com o governo municipal (geralmente em troca de votos nas eleições), bem como promove a parceria humano/natureza através da alimentação saudável e rica em nutrientes, do leite de cabra, carne-de-sol ou carne-seca (bode), além de mel e milho. Em síntese, no "sevirol baiano do bode-escola" cada família recebe um bode e quatro cabras, em troca da garantia que os filhos vão frequentar as aulas, todos os dias. Sevirol inteligente, alimenta o corpo e nutre a mente.

Quadro 17 - estratégias para sobreviver dignamente


Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>prognóstico coletivo organizado participação comunitária renovação mental GC: NOÉ CARNEIRO Sind. Trab. Rurais</p>	<p>Noé Carneiro: A proposta é o bode na roça e a criança na escola. (sobe som do sininho do bode) Mulher não identificada (em off): Quando a pessoa participa, vai mudando a mentalidade. Não dependo de prefeitura, não dependo de ninguém.</p>	
<p>prognóstico de "sevirol" coletivo: imagens de mulher cozinhando, mesa com comida e crianças comendo</p>	<p>(Marcelo em off): Gente pobre, mas de mesa cheia. De boca cheia, plena de dignidade. Um único desejo, que um dia há de se cumprir. Mulher não identificada: Que todo mundo tivesse o que comer. Marcelo: que nem vocês aqui. Mulher: É...(som de pratos e talheres)</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

O sujeito jornalista, ao cruzar as fronteiras entre a pauta conhecida e o cotidiano desconhecido, deve observar as estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos protagonistas que narram as experiências culturais através do coletivo solidário que desenvolve o "sevirol". Ao se permitir, como jornalista, refletir sobre o cotidiano da vida com o auxílio da lente do Outro, o mundo da vida transparece vividamente. A narrativa autoral é um amplo quadro interpretativo que transcende os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal. Como bem observa o escritor Sinval Medina uma narrativa não precisa abarcar tudo sobre um acontecimento, pois outros ângulos podem vir da “liberdade do leitor [ou telespectador] para completar [imaginar] os vazios”. (Sinval MEDINA, 2014b).

No último episódio (22/06/2001) Canellas que percorreu quase dez mil quilômetros do território brasileiro, apresenta um resumo da "tragédia onipresente" e convida o telespectador a contribuir financeiramente para minimizar o sofrimento dos brasileiros famintos que choram envergonhados diante da pergunta do jornalista: "o que você vai comer hoje?...". A falta de alimentos provocada pela falta de condições financeiras esgota as forças porque subjuga o cidadão no que ele tem de mais profundo, a dignidade humana. Na verdade, a própria reportagem revela que desde o primeiro dia em que a série foi ao ar os brasileiros já estavam ligando para doar e ajudar. Solidariedade é o segundo nome do brasileiro, e o empenho da sociedade é importante, mas a erradicação da fome depende de muitos fatores e entre eles, a distribuição de riquezas, como observa Canellas "o Brasil é o vice campeão mundial de concentração de renda. Só perdemos para Serra Leoa, um país africano".

Quadro 18 - da geografia da fome para a cartografia da falta de alimentos

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>contextualização</p> <p>resumida dos locais percorridos pela reportagem</p> <p>imagens dos protagonistas</p>	<p>(Marcelo em off): No Vale do Jequitinhonha, Minas, crianças dividindo grãos. Cidades abandonadas na Bahia. As doenças da escassez em Pernambuco. A população faminta no Piauí. O choro da fome em Salvador, ou na periferia de São Paulo.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

A *Fome* é uma das séries jornalísticas apresentadas na TV Aberta do Brasil, que mais prêmios recebeu. Entre eles, Ayrton Senna de Jornalismo, Barbosa Lima Sobrinho, Imprensa Embratel, Vladimir Herzog e medalha ao mérito da ONU, no ano de 2001, e o prêmio Boerma de Jornalismo da FAO¹², em 2003. A premiação por parte da ONU, em especial da FAO, tem por objetivo incentivar a comunicação midiática dos dados estatísticos sobre a questão, bem como algumas proposições do órgão para solucionar a insegurança alimentar no mundo.

Do discurso conceitual à criação televisual

Como jornalista ou pesquisador ao refazer o percurso geográfico da série *A Fome* qual o cenário que encontraríamos hoje? Embora o trabalho jornalístico de Canelas tenha sido abrangente e voltado para dar voz aos protagonistas sociais é necessário destacar que uma criação autoral jornalística televisual ou acadêmica deve partir do discurso conceitual e observar experiencialmente as proposições que surgem diante das seguintes interrogantes:

Como as políticas públicas alcançam os protagonistas sociais carentes de ações práticas emergenciais?

Como a pesquisa científica da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e de outras áreas disciplinares pode desenvolver práticas preventivas que colaborem para um desenvolvimento do trabalhador rural e da melhoria da qualidade de vida no campo?

Como as ações solidárias da sociedade são observadas pela mídia e apresentadas ao público? (No caso da TV Aberta do Brasil há uma mediação midiática dos recursos financeiros arrecadados direcionada para entidades cadastradas nos distintos grupos comunicacionais).

Como a experiência sócio-cultural local é observada pela produção jornalística televisual? Quais as intuições inventivas do "sevirol" cotidiano, de quem não tem internet, aplicativo ou outra ferramenta cibernética são reveladas para o público? Como o saber local é compartilhado entre os protagonistas do cotidiano?

Escassez de alimentos não é pauta só para jornalistas, é tema para pesquisas acadêmicas internacionais, como a que foi feita pelo professor Paul Howe, do Programa de Alimento para o Mundo na Uganda. Entretanto, os dois lados da moeda são preocupantes,

¹² Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura.

tanto a escassez quanto o excesso de comida, alerta a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) que atualmente desenvolve uma campanha pela internet com o título #fomezero2030. A abordagem do estudo elaborado por Howe (2010) descreve os arquétipos que parecem se repetir em situações de escassez de alimentos, como sistemas que reforçam a si mesmos, já que rapidamente se instalam, sob certas circunstâncias. Entre esses arquétipos destaco o que está relacionado ao jornalismo: "frenesi da mídia". Para Howe (2010) as imagens de crianças mortas pode gerar grande interesse no público. Entretanto, o fluxo midiático é volúvel e muda conforme mudam os acontecimentos, desviando assim, a atenção da audiência para novas pautas. O arquétipo do frenesi da mídia oferece duas lições: 1) a informação midiática não é preventiva, isto é, chega quando a fome já matou, e 2) a doação de alimentos que atende ao chamado midiático está atrasada – não atinge o alvo, porque as pessoas já morreram.

Canellas elaborou uma narrativa autoral que presentifica o protagonismo de cidadãos brasileiros que criativamente inverteram o rumo da própria desgraça, forjando um atalho de esperança e, com esforço e paciência, estão a movimentar a agricultura familiar em nossos sertões. Entretanto, por mais imaginativa que seja a pessoa, se ela vive e sempre viveu em um local onde o abastecimento de alimentos é constante, ela não vai conseguir desenhar perceptualmente um cotidiano "rurbano" (CUNHA, 2017) em que ela planta a própria comida para alimentar a si e seus familiares. "A humanidade se divide em dois grupos: o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem, com medo daqueles que passam fome." (CASTRO, 1980).

Entre as vertentes epistemológicas da arte de narrar o contemporâneo (MEDINA, 2003) observadas no estudo desta série destaco que a criação autoral de Canellas expressa a complexidade dos contextos socioculturais dando voz às identidades locais, bem como praticando a interação social entre ele, sujeito repórter com o sujeito protagonista anônimo, e interpretando compreensivamente as estratégias de sobrevivência (*sevirol*) das comunidades visitadas corroborando a observação de Damásio sobre a homeostase sociocultural, ou seja, a capacidade que o humano possui de através dos movimentos culturais contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

3.2. *Blitz da Educação*

Série jornalística em 6 capítulos
de 16 de maio a 21 de maio de 2011
Jornal Nacional – TV Globo
Cidades visitadas: Novo Hamburgo (RS), Vitória (ES),
Caucaia (CE), Goiânia (GO), Belém (PA)
Reportagem: André Luiz Azevedo
Imagens: Fernando Calixto, Luiz Cláudio Azevedo
Produção: Ana Brasil, Bruna Viana, Juliana Lima,
Luciana Rodolphi, André Junqueira
Edição: Paulo Coutinho, Angela Garambone, José Ferreira
Comentarista: Gustavo Ioschpe

A realização da *Blitz da Educação* só foi possível graças aos recursos técnicos e humanos da rede de 120 emissoras de TV, afiliadas da Rede Globo (NEGÓCIOS GLOBO, 2019), o que representa um alcance de 205.318.781 telespectadores potenciais, em 5.172 municípios brasileiros. O operacional tecnológico dessa série impressiona pela afinação coletiva que permitiu percorrer as cinco regiões do território brasileiro em cinco dias.

No Fantástico de domingo, 15 de maio de 2011, o repórter André Luiz de Azevedo e a equipe da *Blitz da Educação* receberam a informação de que as escolas da primeira reportagem eram de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. O sorteio das cidades que receberiam a equipe de reportagem do *JN no ar* aconteceu de 16 a 20 de maio de 2011, dentro do *Jornal Nacional*.

O esquema da produção previa a chegada do repórter de madrugada no aeroporto da cidade sorteada, onde a emissora afiliada da Globo estava preparada para receber a equipe providenciando a hospedagem, transporte, recursos técnicos e humanos. A sequência do trabalho do repórter e do especialista compreendia: visitar as duas escolas, entrevistar professores e alunos, voltar para a redação da afiliada para a primeira seleção de imagens da edição. Todo o processo de edição de imagens, textos para o *off*, legendagem e gráficos contou com a orientação da editoria do *Jornal Nacional* no Rio de Janeiro. A equipe técnica da afiliada ficou responsável pela montagem do *link* de transmissão no aeroporto da cidade, no final da noite, quando o repórter entra ao vivo no *Jornal Nacional* atendendo ao chamado

do âncora e, finalmente comunica em rede nacional a reportagem do dia. Finalizada a transmissão o repórter e o especialista recebem o nome da próxima cidade a ser visitada, embarcam no avião fretado e repetem o processo. A Globo (MEMÓRIA GLOBO, 2011) informa que cada praça¹³ nomeada para receber a equipe e desempenhar esse complexo operacional recebeu a informação na noite anterior.

Figura 12 - Azevedo e Ioschpe no avião fretado pela Globo



Fonte: MEMÓRIA GLOBO, 2011.

A organização técnica é parte importante do coletivo que realiza uma produção jornalística televisual principalmente para a transmissão de um local fora do estúdio, ou seja, utilizando-se uma antena especial para codificar e enviar os sinais para o transmissor principal da emissora, processo denominado pelos técnicos de *link* "ao vivo".

As habilidades dos profissionais que colaboraram com o repórter para colocar a série *Blitz da Educação* no ar, passa, por exemplo, pela eficiência na escrita do plano de voo por parte do piloto do avião fretado para transportar a equipe, na simpatia do motorista do veículo que foi de madrugada até o aeroporto buscar o repórter e na paciência do técnico de transmissão em passar o dia no aeroporto providenciando o *link* da entrada no *Jornal Nacional*. Esses profissionais sensíveis e eficientes são as engrenagens humanas lubrificadas e bem ajustadas que apoiaram a realização e integram o coletivo funcional das emissoras afiliadas: *RBS TV* (Rio Grande do Sul), *TV Gazeta* (Espírito Santo), *TV Verdes Mares* (Ceará), *TV Anhanguera* (Goiânia) e *TV Liberal* (Pará).

¹³ Em televisão, "praça" é o canal de distribuição, termo utilizado pelo departamento comercial da emissora que analisa a concorrência da região onde está localizada a afiliada da rede de televisão, procura conhecer o perfil dos telespectadores para propor estratégias de publicidade, de acordo com os espaços dos intervalos da programação.

Figura 13 - TV Gazeta (ES) montagem para transmissão ao vivo



Fonte: MEMÓRIA GLOBO, 2011.

Destaco os bastidores de uma produção jornalística televisual porque é o coletivo profissional organizado que oferece o equilíbrio necessário para que o repórter possa fazer uma "leitura cultural" (MEDINA, 2016) do acontecimento a ser representado simbolicamente através da narrativa jornalística, no caso a série de reportagens *Blitz da Educação*.

Blitz da Educação: perspectiva reducionista para uma complexa questão

André Luiz da Costa Ferreira Azevedo é jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhou na TV Globo desde 1981, como repórter, apresentador e correspondente internacional em Portugal (2012 a 2015). Deixou a Globo em 2018 e atualmente atua como mestre de cerimônia e moderador de debates.

Em sua biografia disponível no portal *Memória da Globo*, André Luiz Azevedo destaca os prêmios que recebeu, por exemplo, o "Embratel de Jornalismo" (2001) quando acompanhou o caso de um analfabeto aprovado no vestibular de duas faculdades no Rio de Janeiro, e o "Tim Lopes de Jornalismo" (2006) sobre o SAMU do Rio de Janeiro. Como integrante da equipe do *JN no ar*, o jornalista comandou a *Blitz da Educação*, em 2011, ano em que o *Jornal Nacional* recebeu o "Emmy Internacional" pela cobertura da violência. (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Figura 14 - Prêmio *Emmy* 2011 do *Jornal Nacional*



Foto: L. RIBEIRO, 2011.

O mestre em economia Gustavo Ioschpe foi o comentarista da série *Blitz da Educação* que ele considerou "uma atração bem bolada". Ioschpe foi colunista do jornal Folha de S. Paulo (1996-2000) e autor do livro *A ignorância custa um mundo* (Ed. Francis, 2004) premiado com o *Jabuti* (2005). Ao escrever o prefácio para a edição atualizada da referida obra (Ed. Objetiva, 2016) Ioschpe reafirma seu ponto de vista dicotômico tanto na avaliação das escolas quanto na avaliação da experiência como especialista em educação no *Jornal Nacional*: torturante x fascinante.

Fascinante porque a oportunidade era tremenda e a estrutura da atração, muito bem bolada. Também conheci algumas escolas e diretoras fantásticas, que geravam desempenho de alta performance mesmo em um cenário em que quase tudo joga contra a excelência.

Torturante porque durante uma semana vi dezenas de pais e crianças indo para verdadeiras fábricas de moer gente e sonhos: escolas com IDEB entre 1 e 2, que não conseguiam alfabetizar as crianças depois de muitos anos. (IOSCHPE, 2016, prefácio).

Uma imagem previsível em todos os capítulos é a de Azevedo e Ioschpe sempre juntos nas escolas escolhidas para compor a série *Blitz da Educação*. Em uma das ocasiões eles se sentam nas carteiras dos alunos para comunicar a própria presença durante a chamada de seus nomes pela professora. Quem sabe uma observação participante do acontecimento a ser reportado? Embora o pesquisador Robert Yin (2001) escreva que a metodologia da "observação participante" pode comprometer o resultado de um evento e, entre as possíveis falhas, aponta os desvios provocados pela manipulação do evento pelo observador, meu objetivo ao destacar esse momento da reportagem é mostrar a diferença de qualidade nos

resultados obtidos a partir da "observação-experiência", noção elaborada e desenvolvida nos laboratórios pedagógicos realizados por Cremilda Medina. Não se trata de agir, comportar ou atuar da mesma maneira que o entrevistado, porque enquanto "atua" a mente do jornalista está concentrada em si e não no Outro. A "observação-experiência" transcende a coleta de dados ou a transcrição dos relatos porque enriquece o código verbal, ou seja, essa prática permite ao jornalista ouvir e dar voz ao Outro, protagonista anônimo, durante o encontro presencial no qual os sentimentos emanados do somatossensorial de ambos se conectam, traduzindo esse complexo emaranhado de imagens, sentimentos e ideias para a mente consciente do jornalista.

Esse processo de detectar, sentir e trazer à consciência sensorialmente a presença do Outro é o que o neurocientista António Damásio (2017, p. 112) nomeia de "passo transformador" e sem o qual "as culturas humanas não teriam surgido." Ao escrever sobre o fático cotidiano ou sobre um tema mais abrangente o jornalista deve detectar os sentimentos que ele repórter, o protagonista e o especialista no assunto compartilham e que possibilitam a escrita da reportagem através de uma representação simbólica plena de significados. "Foi este o início formal, nos tecidos vivos, dos sinais e dos símbolos que 'representam' e se 'assemelham' aos objetos e acontecimentos que os canais sensoriais da visão, da audição e do tato conseguem detectar e descrever." (ibidem, p. 113).

"Observação-experiência" é observação com os sentidos

Ao receber a pauta com as sugestões de entrevistas, os dados estatísticos e outras informações sobre um determinado tema o repórter precisa sentir a "curiosidade epistêmica", ativar a "observação-experiência" e praticar a "interação social criadora" concretizada "em presença, pela racionalidade ética, a técnica competente e a estética transformadora." Em síntese, praticar o "Gesto da Arte", que no dizer de Medina significa rever a "herança técnica", propor "interrogantes éticas" e se deixar levar pelas "inspirações estéticas". (MEDINA, 2016, p. 7). Contudo, no caso da série jornalística *Blitz da Educação* o repórter se manteve nos dados estatísticos da pauta e fundamentou a narrativa a partir da **polarização fragmentária** dos opostos, ou seja, em cada capítulo são apresentadas duas escolas, de cada uma das cinco regiões do Brasil, uma com maior índice e a outra com menor índice no IDEB, "as duas escolas deveriam também estar a no máximo uma hora de distância entre si, [...] e a cidade deveria ter população igual ou maior à média de seu estado, a no máximo uma hora de carro

de um aeroporto com capacidade para receber nosso avião." [fretado pela Globo]. (MEMÓRIA GLOBO, 2011).

Evadido... repetente... posso ser só aluno?

Cerca de três meses – o tempo que a produção do *Jornal Nacional* levou para organizar o calendário de realização da série *Blitz da Educação* exibida em maio de 2011 (MEMÓRIA GLOBO, 2011). Entre as variáveis que determinaram a escolha das escolas públicas brasileiras que foram reportadas se destacava a nota do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, que varia de zero a dez, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Acrescento estas observações porque a reportagem não esclarece como os avaliadores do Ministério da Educação (MEC) chegam ao índice do IDEB, embora esse indicador tanto o maior quanto o menor, dentro de um grupo de escolas de um mesmo município, tenha influenciado a decisão dos produtores para a gravação da série. O índice do IDEB de cada escola é resultado da avaliação do fluxo escolar e das médias de desempenho nas avaliações. É fácil compreender que média de desempenho é a média das notas dos alunos nas avaliações anuais, mas fluxo escolar é mais polêmico porque classifica os alunos em três tipos: 1) promovido, 2) repetente e 3) evadido.

Promovido é o aluno que progride nos estudos porque foi aprovado nas avaliações. Se não é aprovado, o aluno é reprovado e fica obrigado a repetir o conteúdo da mesma série que estava cursando, por isso se torna repetente. O evadido é o aluno que deixa de frequentar a escola. Ao repetir de ano ou parar de ir às aulas a relação de correspondência entre a etapa escolar e a idade do aluno fica comprometida. Essa defasagem entre a idade do aluno e a série que ele está cursando é a distorção do fluxo escolar. No ensino fundamental o processo aplicado para correção do fluxo escolar é a aceleração da aprendizagem. Em síntese, critérios que também não dão margem a sutilezas intermediárias às categorias estritas.

Mapa não é território, escola não é só o prédio

Todos os capítulos da série começam com a vinheta do *JN no ar* seguida da imagem dos âncoras na bancada do *Jornal Nacional* a conversar com o repórter André Luiz Azevedo que por sua vez informa o nome da cidade e da região onde está e chama a reportagem do dia.

Os aeroportos de partida e da chegada do avião fretado pela Globo são destacados no início da matéria com a ajuda da imagem sintética do mapa do Brasil numa animação que pontilha o espaço percorrido pela equipe.

A série de reportagens não revela todos os nomes das escolas visitadas. O repórter eventualmente cita o nome de alguma escola reforçando a fragmentação polarizada: "essa é a escola boa" x "essa é a escola ruim", dependendo das condições de violência do bairro e das instalações do prédio onde está localizada a escola. A identificação também acontece na matriz visual quando aparece o nome de algumas escolas nos muros ou placas. Contudo, como as escolas são o eixo principal dessa pauta sobre educação considere importante pesquisar e apresentar estas informações, porque a contextualização acontece a partir da cultura e do meio ambiente onde o protagonista anônimo vivencia o mundo da vida.

Quadro 19 - Escolas da *Blitz da Educação*

Regiões	Estados	Cidades	IDEB maior	IDEB menor
Sul	Rio Grande do Sul	Novo Hamburgo	Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Jacob Kroeff Neto (6,6)	Escola Municipal de Ensino Fundamental Eugênio Nelson Ritzel (3,6)
Sudeste	Espírito Santo	Vitória	Escola Municipal de Ensino Fundamental Eber Louzada Zippinotti (6,5)	Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Ericina Santos (3,4) (extinta)
Nordeste	Ceará	Caucaia	Escola Estadual de Ensino Fundamental Celina Sá Moraes (5,4)	Escola Rural Núcleo de Desenvolvimento Infantil Vovó Raquel ¹⁴ (2,1) (extinta)
Centro-Oeste	Goiás	Goiânia	Escola Estadual Professora Alzira Alves de Queiroz (7,1)	Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Araujo de Freitas (1,2)
Norte	Pará	Belém	Escola de Educação Infantil e Fundamental Major Tenente Rêgo Barros ¹⁵ (6,2)	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cidade de Emaús (1,3)

Elaboração: CUNHA, 2020.

Além do indicador do IDEB, outra fórmula estatística está presente em todos os capítulos da série *Blitz da Educação*, esta, por sua vez, além de polarizar e fragmentar os profissionais entre bons e ruins promove a **objetificação do sujeito professor**. Entre as noções epistemológicas trabalhadas nos laboratórios da educadora Cremilda Medina destaco

¹⁴ Anexo da Escola Estadual Infantil e de Ensino Fundamental Júlio de Castro e Silva.

¹⁵ Esta escola é uma instituição federal da Aeronáutica e exige pagamentos de mensalidades.

as duas primeiras: "1. Da noção de sujeito e objeto, passamos à noção de sujeitos intercondicionantes, num processo de reversibilidade; 2. Da noção de causa e efeito, passamos à noção de intercausalidade, uma rede de forças, que se interagem." (MEDINA, 1991, p. 195).

Além do enquadramento pela matriz verbal na voz do repórter, a matriz visual reforça através da imagem sintética os "dados" sobre salário, experiência e formação. Reconheço que o desenvolvimento tecnológico dos softwares de computação digital agilizam o processo de pós-produção da reportagem televisual permitindo a inserção de ilustrações virtuais que possibilitam reforçar o sentido da matriz visual e em alguns casos, duplicar o sentido da matriz verbal. Contudo, assim como a comunicação, religião e outros campos de estudo, a educação é um sistema complexo e dinâmico, e não, unidade de conhecimento atomística, justamente por isso, suas sutilezas intermediárias se tornam visíveis quando observadas fora do particularismo. As ilustrações virtuais descontextualizadas servem apenas para destacar retóricas vazias do jornalismo genérico na contemporaneidade. Protagonistas anônimos, sujeito professor e sujeito aluno nos inspiram como sujeito jornalista ou sujeito pesquisador acadêmico que somos, a escrever narrativas complexas que possam resistir às generalizações comparativas e à fragmentação do conhecimento. (CUNHA, 2019).

"Ensino-aprendizagem" para e pelo sujeito

Apesar de a Constituição Brasileira (1988) considerar a educação um direito social de todo brasileiro (2015) e determinar que haja garantia do padrão de qualidade (Art. 206, VII), não é isso o que acontece na prática, e em certo sentido parece ter sido o objetivo da pauta, ou seja, despertar o interesse da sociedade e dos políticos para um amplo debate sobre o tema. O nome "blitz" é que preocupa. *Blitz* é uma abreviação do alemão *Blitzkrieg* que significa guerra-relâmpago, ataque repentino, batida policial, ou no sentido figurado sucessão de ataques. Penso que de certa maneira foi isso mesmo o que a série de reportagens sobre educação realizou. "Apresentar as disparidades do ensino público de uma mesma região é um dos objetivos desta nossa jornada." (AZEVEDO, 2011).

Ao elaborar a narrativa da série a partir de uma hipótese dicotômica, parece inevitável que o repórter acabe fazendo comparações e atuando como se fosse o agente ativo, a "autoridade" no assunto e apresente os entrevistados, professores e alunos, como agentes "passivos" de um sistema burocrático e tradicionalista.

Quadro 20 - a visão tradicionalista da educação

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagem de uma pessoa varrendo o chão imagens dos alunos nas salas de aula escrevendo, nos computadores, em salas de jogo de xadrez gigante GC ALFABETIZAÇÃO GC (presumivelmente se referindo a prof. Heide): 24 anos de magistério – pós-graduação salário: R\$ 3.500 imagens de crianças e dos cadernos</p>	<p>André (em off): Limpeza, disciplina. Professora (sem identificação): Como é que a gente diz quando chega alguém? Alunos gritam: Bom dia. André (em off): Organização, cuidado com as crianças, equipamentos modernos sendo usados e atividades extra curriculares também. Mas o nosso grande objetivo é ver a alfabetização. Vamos para a turma do segundo ano, a antiga primeira série. A professora Heidi¹⁶ tem 24 anos de magistério e pós-graduação, salário de R\$3.500,00. Hoje o tema da aula por coincidência era mesmo a importância da escola. Os pequenininhos já escrevem frases simples.</p>	
<p>imagem do caderno de um aluno imagem de um menino lendo imagem do repórter segurando o microfone para gravar a professora perguntando e o menino respondendo</p>	<p>Aluno (em off lendo o que escreveu no caderno): escola é muito importante. Professora Heidi (não identificada): Por que que ela é importante? Aluno: ela é muito animada e muito divertida. Professora Heide (repete acenando que sim com a cabeça): Muito animada e muito divertida e o que mais? Que tu vem fazer na escola? Aluno: estudar? ... Professora Heide (incisivamente): Pra quê? Aluno (com carinha preocupada e interrogativa): Pra aprender...</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Em Caucaia (CE) a equipe de reportagem visitou as escolas *Celina Sá Morais* (5,4 IDEB) na zona urbana do litoral cearense e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil *Vovó Raquel*¹⁷ (2,1 IDEB) na zona rural. As escolas são apresentadas ao telespectador a partir da localização e das instalações, por exemplo, ao se referir a escola da zona urbana o repórter observa que "é a melhor da região e tem quase a mesma média, por exemplo, de um ensino

¹⁶ Professora Heidi Fischborn. Não identificada na reportagem (pesquisa da autora).

¹⁷ Anexo da Escola Estadual de Ensino Fundamental Julio de Castro e Silva. O Núcleo foi extinto.

público de um estado como São Paulo". A comparação reducionista classifica a escola da zona rural como aquela que fica em um local de "buracos e depois terra, água, lama". (AZEVEDO, 2011).

Quadro 21 - ausência da "observação-experiência"

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagens da chegada ao aeroporto de Fortaleza GC imagens LUIZ CLÁUDIO AZEVEDO FERNANDO CALIXTO imagens de estrada cheia de barro imagens de casebre imagens de crianças pobres imagem da van na estrada de terra</p>	<p>André (em off): [...] nossa viagem começou ontem. Decolamos à noite de Vitória, no Espírito Santo, percorremos 1.850 km. em duas horas e vinte minutos e no início da madrugada pousamos em Fortaleza. Hoje cedinho partimos em direção à zona rural de Caucaia. Primeiro asfalto, buracos e depois terra, água, lama. Passamos sem muita dificuldade mas não é o que acontece com a maioria dos alunos. Nesta época do ano o transporte escolar é suspenso por causa do período de chuva e o índice de faltas e atrasos aumenta.</p>	
<p>imagem do corredor da escola com alguns alunos repórter em frente a uma sala de aula GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Caucaia, CE imagem de alunos se ajeitando nas carteiras repórter pergunta para uma criança/aluno o motivo do atraso imagem de uma sala dividida com cortinas</p>	<p>André (em off): Agora estão chegando mais três alunos aqui. André (olhando no relógio ostensivamente para reforçar a ideia da chegada atrasada dos alunos): ...e já são 8:25 da manhã. As aulas começaram às 7 horas então 8:25 da manhã ainda há aluno chegando aqui na escola. (pergunta para um aluno): Por que você chegou atrasado assim? Aluno (menino não identificado): Porque nós veio a pé. André (continua perguntando para a criança): Por que você veio a pé? Aluno: Porque o carro não está passando, a estrada está ruim. André (em off): Oficialmente a escola tem três salas, mas uma é improvisada na entrada e hoje estava vazia. As outras duas salas são ocupadas por várias turmas e alunos de diferentes séries e idades.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

O conjunto das imagens que compõem a matriz visual, como por exemplo, buracos na estrada, vidros quebrados e salas mal iluminadas contribui para reforçar o simbolismo de fracasso duplicado pela matriz verbal. Além disso, as "falas" das crianças também reforçam a precariedade em que vivem e estudam. Apesar da **pobreza** do local as imagens que pesquisei no blogue da escola expressam a **riqueza** cultural dos sujeitos.


Figura 15 - NDI *Vovó Raquel* (Caucaia, CE)



Fonte: @escolajulioasilva Elaboração (captura de tela): CUNHA, 2020.

As imagens da convivência sociocultural dos alunos da *Vovó Raquel* expressam a riqueza do patrimônio cultural imaterial da região.

Quadro 22 - reportagem de serviço sobre educação?

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Bancada do Jornal Nacional. Fátima Bernardes e Márcio Gomes Quando Márcio Gomes chama André Azevedo a tela se divide e do lado esquerdo aparece o repórter e do lado direito a bancada com os apresentadores GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Fortaleza ao vivo</p>	<p>(sobe som da vinheta do <i>JN no ar</i>) Márcio: A cidade sorteada ontem foi Caucaia na região metropolitana de Fortaleza, tem 325 mil moradores, mais da metade é pobre segundo o IBGE. (tela dividida) André Luiz Azevedo, boa noite, como é que foi essa visita ao Ceará? André: Bem nós vimos lições que podem servir de exemplos para todo o país. Primeiro muito boa noite a todos que nos assistem. A reportagem dessa noite da blitz do <i>JN no Ar</i>... André (enche a tela com o repórter): ...é basicamente uma reportagem de serviço sobre dois pontos muito importantes para a educação brasileira. Primeiro, a alfabetização, e segundo, a deficiência do ensino de muitas escolas públicas. Como se pode melhorar a alfabetização, qual a lição da escola de excelência, como se pode melhorar a situação da escola com tantas deficiências? Vamos ter as dicas do nosso especialista Gustavo Ioschpe.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Ao escrever e narrar o *off* ou manifestar visualmente através da passagem em um local do acontecimento reportado com o apoio do código linguístico, o repórter recorre a um conjunto de decisões impregnadas por ideologias que expressadas pelas matrizes verbal e sonora podem concorrer para a reprodução e legitimação de uma posição hegemônica, ou seja, visão estratificada, não permeável a descobertas da "observação-experiência".


As afirmações do repórter e do especialista passam uma suposição que está embasada numa equivocada premissa de que o indicador de escola "boa" do IDEB pode transformar todo aluno em "bom" aluno. Quando isso não ocorre é porque os professores e os pais não estão preocupados. "Tem aqui uma cultura da aceitação do fracasso e de empurrar com a barriga. A gente nota que a escola não tem uma indignação, não está preocupada em resolver esse problema que é crucial da alfabetização na idade certa." (IOSCHPE, 2011).

Alfabetizar na idade certa? Esse paradigma valorizado pelo especialista está vinculado ao índice de uma escola no IDEB e que depende da distorção do fluxo escolar, ou seja, depende da defasagem entre a idade do aluno e a série que ele está cursando e que pode ser corrigido de acordo com o MEC, através da "aceleração da aprendizagem". Mas, como se dá essa acelerada, quantos conseguem "arrancar" e quantos ficam pelo caminho?

Não seria o repetente, o primeiro estágio do evadido? Porque, ao ser reprovado, o jovem sofre por ficar separado dos colegas com os quais conviveu por um ano ou mais, pode sentir-se culpado por não conseguir alcançar com sucesso o objetivo determinado pela professora, também pode sentir-se envergonhado por ter fracassado diante de um obstáculo que outros alunos conseguiram transpor. E então, sem saber como enfrentar essa miríade de sentimentos negativos o aluno pode deixar de frequentar a escola.

Entretanto, vale dizer que aprovar um aluno sem que o aprendizado seja realmente efetivo pode significar empurrar um problema de uma escola para outra, ou de um professor para outro, ao invés de buscar uma solução como por exemplo, a do "ensino-aprendizagem" (MEDINA, 2006).

Quadro 23 - a comparação pode induzir ao erro


Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagem da escola "ruim" com o repórter e o especialista nas carteiras próximas da parede, na primeira fileira está Ezequiel (de azul)</p> <p>imagem da escola "boa", na última fileira aparece Adallos (casaco escuro)</p> <p>a edição repete a comparação</p> <p>imagem de Ezequiel GC 14 anos GC 3,4 IDEB – MEC</p> <p>imagem de Adallos GC 14 anos GC 6,5 IDEB – MEC</p> <p>imagem do especialista</p>	<p>André (em off): Próxima parada Vitória, e a história dos dois meninos da mesma idade chamou a atenção. Aqui conhecemos Ezequiel. Ele tem 14 anos, apesar da idade ele está no terceiro ano.</p> <p>André (incisivo): Você fez a tarefa de casa? Ezequiel (aluno da escola considerada "ruim" fala com um jeitinho humilde, triste e baixinho ligeiramente curvado na carteira): Não.</p> <p>André (incisivo): Por que que vc não fez?</p> <p>Ezequiel: Porque eu estava trabalhando. [...]</p> <p>André (em off): Adallos está cursando já o 8º ano do ensino fundamental na escola com melhor índice medido pelo MEC.</p> <p>Adallos (aluno da escola "boa", em close, de pé na mesma altura que o repórter): Matemática eu tenho um pouquinho de dificuldade mas dá para superar tranquilo.</p> <p>Gustavo Ioschpe: Vontade é importante, mas ela precisa ser complementada pelo preparo.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Ao expor em rede nacional a diferença de aprendizado entre alunos da mesma idade inseridos numa complexa ambiência escolar, cultural e social, embora no mesmo município, a reportagem extrapola. A escola não é uma instituição neutra, assim como a mídia não o é, e ao comparar casos individuais a reportagem sugere uma generalização fora do contexto, que não contribui para um debate esclarecedor sobre um tema tão importante como a educação básica.

Reprovar ou não reprovar o aluno que não absorveu o conteúdo de uma etapa de ensino? Complexa questão que instiga a um bom debate, por ora penso que reprovar pode significar o ato de legitimação daquele que acumula o "capital cultural" e que, em muitos casos, está vinculado ao "capital social". (BOURDIEU, 1998). Como, por exemplo, a escola federal em Belém (PA) onde estudam ("capital cultural") os filhos dos militares e da Aeronáutica que podem pagar ("capital econômico"), além de ser a escola que alguns pais frequentaram e portanto conhecem os professores e a diretoria ("capital social").

Quadro 24 - capital social + capital econômico = privilégios de poucos

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Imagem de uma avenida Imagem de soldado do exército retirando obstáculos Imagens de portão de um prédio grande azul e branco (Escola Major Tenente Rêgo Barros - não identificada) crianças uniformizadas meninas e meninos calça azul marinho e camisa de colarinho e manga curta azul clara lousa com alfabeto imagens de alunos pequeninos em sala de aula</p>	<p>André (em off): Partimos para a instituição com a melhor avaliação da cidade. É um colégio¹⁸ restrito aos filhos de militares e funcionários civis da aeronáutica. Passamos pelos bloqueios e chegamos bem na hora do recreio. Muita festa e brincadeira da criançada. (sobe som vozerio dos alunos). André (em off): Aqui estudam alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental ao último do Ensino Médio. É uma escola federal mas que se assemelha a uma particular porque os alunos pagam mensalidades de 60 a 221 reais. Este é um lugar de disciplina e organização, com boas instalações. A professora Elen Rosa dá aulas para crianças que estão sendo alfabetizadas. É formada em pedagogia e tem salário de R\$ 2.470 reais. Alguns colegas dela chegam a receber sete mil reais por mês. [...]</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Para não ficar repetindo o observado e descrito na metodologia triádica relembro apenas que as narrativas jornalísticas televisuais são formadas pelas matrizes visual, verbal e sonoro. Essa combinação passa pela codificação individual do repórter e coletiva do cinegrafista, editor, entre outros membros da equipe, bem como no caso da série *Blitz da Educação*, passa também pelo especialista que expressa verbalmente e em alguns momentos visualmente uma visão tradicionalista sobre a educação presumivelmente resultado de sua formação político-cultural. As representações simbólicas reveladas no estudo da linguagem híbrida televisual desta série evidenciam a visão pedagógica tradicionalista, ou seja, ultrapassada, da primeira metade do século XX quando a educação estava "centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. [...] No ensino dos conteúdos, o que orienta é a organização lógica das disciplinas, o aprendizado moral, disciplinado e esforçado." (BRASIL, 1997, p. 30-31). Visão reforçada pelas informações virtualizadas em imagens sintéticas da arte gráfica que predomina no encerramento da série de reportagens

¹⁸ A Escola Major Tenente Rêgo Barros (Aeronáutica) é uma instituição federal.

Quadro 25 - da alfabetização deficiente à manualização inconsistente

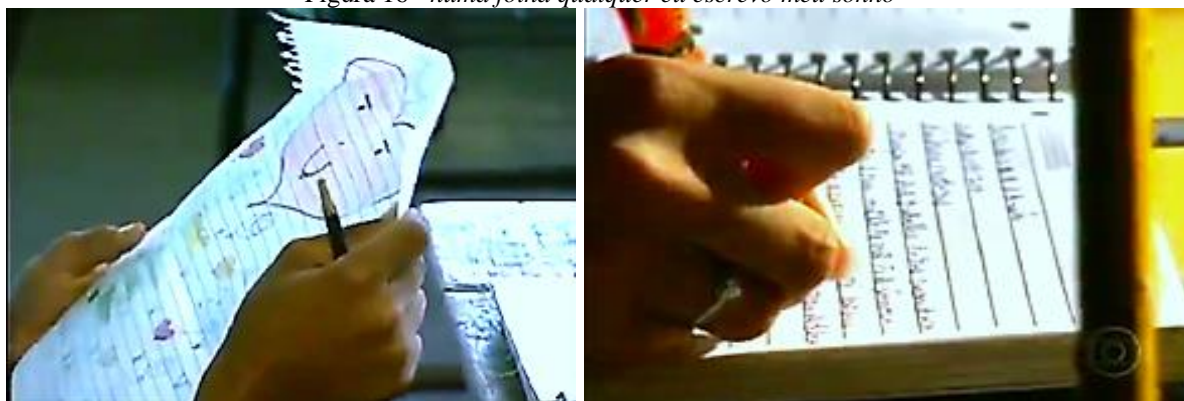
Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagens de alunos no pátio da escola "ruim"</p> <p>imagens dos alunos com o material nas mãos caminhando nos espaços externos da escola</p> <p>imagem do repórter com microfone para a fala do especialista GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação</p>	<p>Ioschpe (em off): Aparentemente o problema de segurança nessa zona é tão sério que faz com que professores provavelmente queiram evitar dar aula nesse local. (em frente a escola com o repórter): Então, quando o problema de violência chega nesse nível de seriedade pode sim, ser um impeditivo muito importante a um aprendizado de qualidade. [...]</p> <p>André (em off): A insegurança na escola e a falta de aulas por causa de greve dos professores. [...]</p> <p>A escola [Cidade de Emaús] era de uma organização não governamental e passou para administração do estado. O ambiente recria a estrutura de uma aldeia de índios. Mesmo sem aula o especialista Gustavo Ioschpe busca informações para saber por que a escola recebeu uma nota tão baixa no IDEB? [...]</p> <p>Gustavo: Pois é, André. A gente chegou aqui preocupado com a questão da violência contra a escola e acabou descobrindo que a violência mais preocupante talvez seja a da escola para com seu próprio aluno. O aluno aqui é um pouco abandonado tem greve todos os anos, tem tanta greve aqui, que a professora me disse que um aluno chega para ela e diz: "a professora vai grevar de novo?" A greve já virou verbo. A diretora da escola é o terceiro diretor em menos de dois anos. Então é uma situação de tanto abandono, de tanta falta de aula, de tanta confusão que é muito difícil realmente os alunos aprenderem dessa maneira.[...]</p>	   
<p>arte do encerramento da série de reportagens apresenta um manual da <i>blitz da educação</i> com dicas do especialista</p>	<p>André: A nosso pedido o especialista em educação Gustavo Ioschpe fez uma lista de dicas para pais e estudantes. Tudo confirmado pela <i>Blitz da Educação do JN no Ar</i>. Portanto preste atenção agora:</p> <p>André (em off): Exemplos de práticas positivas para a educação: passar dever de casa, professor com formação na área em que ensina, imposição de método, rotina e gestão em todas as aulas, comprometimento dos educadores com o sucesso, uso de material didático como apoio, fazer provas com frequência e monitorar o aprendizado, disciplina. Agora exemplos que prejudicam o aprendizado: aluno que trabalha e estuda, distância da escola, indicação política de diretor da escola, falta de professores, indisciplina.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

"Interrogantes éticas"

A série enfoca o tema a partir de uma visão reducionista e dicotômica dando destaque às imagens sintéticas com numerais (indicadores do IDEB, salários e idade de alunos) que identificam virtualmente as escolas e objetificam os sujeitos tanto os alunos como os profissionais da educação, em detrimento das imagens que representam simbolicamente a realidade cotidiana daquelas crianças e jovens, utilizadas apenas para cobrir o *off* do repórter ou do especialista, imagens estas que revelam a essência dos protagonistas anônimos sedentos por obter e compartilhar conhecimentos, quer seja no pedido de atenção através do coração desenhado na folha do caderno, ou na necessidade de transporte do rostinho suado do menino que vai a pé para a escola, ou ainda na força intelectual da menina que apesar da escola fechada por causa da greve escreve uma redação para contar ao mundo que vai ser juíza.

Figura 16 - numa folha qualquer eu escrevo meu sonho



Elaboração (captura de tela): CUNHA, 2020.

Ao burocratizar a dinâmica escolar cotidiana a prática pedagógica tradicionalista sobrecarrega o aluno com um volume de informações muitas vezes incompreensível e destituído de significado. Educação é tema complexo, mas uma das propostas pedagógicas que vem obtendo bons resultados, há décadas, é a da "mediação social dialógica" praticada pela educadora Cremilda Medina na Universidade de São Paulo (USP). Em síntese, Medina observa o conceito de "ensino-aprendizagem" caracterizado pela **ação e não pela verbalização** de conhecimentos.

O professor que interpreta o papel de transmissor se ilude na mesma perspectiva difusionista do jornalista. O *signo da relação* só ocorre na interação criadora em que ambos se transformam: educador-educando

e contexto da educação, comunicador-comunidade emissora e receptora. (MEDINA, 2006, p.161, itálico do original).

Assim, como a narrativa jornalística é uma "teia de possibilidades, nunca um pacote de certezas" (SINVAL MEDINA, 2019, p.163), a docência é feita da complexidade epistêmica dos humanos conectados por sentimentos e sensações conscientes e inconscientes.

Em um cenário participativo o aluno se permite vivenciar o processo de aprendizagem experiencialmente, articulando conhecimentos de forma interdisciplinar, onde o professor não é o centro absoluto, e sim, um educador que se relaciona com o educando. Cremilda Medina nomeia essa estratégia pedagógica de dinâmica laboratorial porque é praticando em laboratório individualmente ou em grupo que o aluno sente a "observação-experiência" para alcançar a "interação social criadora", processo epistemológico em permanente construção e reorganização.

Corroborando essa proposta de quase cinco décadas da educadora Cremilda Medina, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) reconheceram a importância da participação do aluno, de tal maneira que ele "possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento." (BRASIL, 1997, p. 33). Contudo, nem repórter nem especialista da *Blitz da Educação* se referenciam nesta visão do processo educativo que, assim assumido, não cabe em polarizações dicotômicas.

Embora o "ensino-aprendizagem" praticado por Cremilda Medina tenha sido desenvolvido nas últimas cinco décadas na ambiência do espaço universitário, os três eixos fundantes do planejamento didático se encaixam em qualquer grau de escolaridade. São eles:

- a) Atuar perante cada educando como um sujeito particular e não um objeto de resultados programáticos;
- b) Desenvolver a atividade em laboratório em que educador e educando aprendem e se transformam a partir do conhecimento acumulado;
- c) Culminar com o cruzamento fértil do EU e do COLETIVO, passível de ser especulado no contato vivo, presencial, no trânsito externo à academia e à sala de aula. (MEDINA et al, 2019, p. 10).

A educadora-aprendiz como se refere a si mesma, Cremilda Medina observa que a aprendizagem ocorre a partir de uma "mudança ou transformação interior e profunda" do aluno, e aqui acrescento o jornalista e o pesquisador, sendo que "essa mudança se processa em experiências pessoais e diretas com a realidade". (MEDINA, 2006, p. 169). Um bom exemplo

dessa dinâmica da ação pedagógica praticada por Cremilda Medina está na contribuição abaixo que ela me presenteou ao ler minha reflexão sobre a série *Blitz da Educação*:

A escola brasileira e suas vertentes pedagógicas provocam a comunicação social a decifrar, ensaiar e interpretar não só os fatos estatisticamente mensuráveis, mas os desvios fora da curva dos gráficos. O ato de reportar desliza nesses desafios da essência informativa e não está contido na aparência quantificada.

Para fechar volto a destacar o trabalho de bastidores que aconteceu especialmente nesta série, porque sem os recursos técnicos e humanos o desenrolar vivo e contagiante da prática permanece adormecido no projeto, ou seja, é o coletivo profissional harmonizado e habilitado que dá vida ao acontecimento, contudo é o jornalista quem interpreta e narra a representação simbólica com o apoio da mente consciente que filtra os sentimentos através "da interação entre corpo e cérebro e não unicamente do cérebro." (DAMÁSIO, 2017, p. 274).

3.3. *As crianças e a tortura*

Série jornalística em 5 capítulos
de 10 a 14 de junho de 2013
Jornal da Record – TV Record
Reportagem: Luiz Carlos Azenha
Produção: Ana Haertel, Sheila Fernandes
Imagens: Edgar Luchetta, Gilson Dias, João Silva
Edição de Imagens: Márcia Cunha, Yoshio Tanaka
Técnico: André Carvalho, Ronaldo Medeiros
Arte: Aruan Santos

Prêmio Esso de Telejornalismo (2013)

OBS.: A palavra **EXCLUSIVO**
(em maiúsculas, cor amarela)
é mantida em todos os capítulos
sobre o logotipo da Record

Depois da queda das torres gêmeas em Nova Iorque, em 2001, a imagem do arquétipo da tortura se intensificou e se mantém na mídia globalmente, através da representação estilizada de um interrogatório: de um lado, o sujeito do bem, e do outro, o sujeito do mal. O arquétipo da tortura se ancora no alibi de que interrogar é a maneira de realizar, como o único meio capaz de revelar o delito (ATHEY, 2011). A visão diádica de vítima e algoz parece ser herança da retórica iluminista do sofrimento (BOLTANSKI, 1999). Contudo, esse cenário icônico diádico está envolto em um contexto muito mais complicado de intrínsecas dinâmicas de grupos afins.

No Brasil, a tortura esteve no cerne da narrativa jornalística televisual da TV Aberta do Brasil na série *As crianças e a tortura*, apresentada pelo repórter Luiz Carlos Azenha, no Jornal da Record, em junho de 2013. As cinco reportagens da série revivem momentos de um passado recente na vida dos brasileiros, os “anos de chumbo”, período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, do AI-5 em 13 de dezembro de 1968 até o fim do governo Médici, em março de 1974.

Nesta escrita reflexiva sobre a narrativa jornalística televisual *As crianças e a tortura* observo arquétipo como *anthropos* universal, com base na leitura feita por Medina (1978, p. 44), de que os “arquétipos são fatores biogenéticos, elementos sociogenéticos ou mitos que por serem universais entram no coletivo”.

O arquétipo da tortura na série *As crianças e a tortura* revela um microcosmo de tirania política que a democracia liberal mais refuta na sociedade contemporânea. A tortura é o fim deliberado do que conhecemos como civilização, porque inverte o princípio da dignidade nas relações sociais e extermina o paradigma dialógico social entre o Eu e o Outro. “Ao eliminar a capacidade do sujeito de falar por si mesmo, a tortura destrói a linguagem, o eu e o mundo social de uma só vez” (ATHEY, 2011, p. 140). A tortura conta com amplo apoio estrutural, em diversos níveis do Estado e da sociedade, como mostra a cobertura midiática recente, ao reportar o drama de milhares imigrantes ilegais na fronteira dos Estados Unidos, quando bebês, crianças e jovens, alguns com necessidades especiais, foram separados dos pais e levados para as gaiolas do Escritório para Reassentamento de Refugiados – ORR (SANCHEZ et al, 2018). Sob a bandeira do nacionalismo e da tolerância zero o presidente dos EUA, Donald Trump decretou a tortura psicológica em 7.635 crianças, filhos de imigrantes ilegais, que tentavam entrar nos Estados Unidos sem autorização. A separação foi a primeira parte da tortura, porque o sofrimento ainda está longe de chegar a um fim. Mais de 1.475 crianças estão desaparecidas e podem ter sido levadas por traficantes de seres humanos, segundo um levantamento feito pelo Ministério da Saúde dos Estados Unidos (NIXON, 2018; WAGNER, 2018, p. 3). “A questão da tortura nos impele a colocar em jogo outros valores centrais, como a dominação totalitária e a perversidade de criar uma classe de profissionais corruptos cujo trabalho é praticar crueldade e depois escondê-la.” (LUBAN, 2018, s.p.).

Torturar, do latim torcer, mas não por alguém, ou por uma equipe. Torcer o Outro. Espremer como uma fruta para extrair algo, que pode ser a vida do Outro.

O mundo do sujeito da pesquisa é o mesmo mundo do sujeito pesquisador

Considero esta reflexão, a mais difícil de todo o processo de escrita da tese. Desde o primeiro instante dediquei horas observando as falas do vídeo, uma catarse entre a vida que se vive e a vida que se narra. Transcrevi as falas, as imagens e as músicas, tentando manter a necessária distância. Escrevi artigos, apresentei artigos, reescrevi tudo de novo, revi o vídeo várias vezes como se pudesse encontrar uma nova perspectiva para não falar da dor, ou para

tentar amenizar a dor, através da leitura cultural do jornalismo televisual como prática epistêmica. Afinal, o encontro experiencial entre indivíduos que compartilham ideias e descobrem um novo conhecimento é a essência da “comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos” (CARDOSO, 1986, p. 103), porque o mundo do sujeito da pesquisa (jornalista Azenha) é o mesmo mundo (Brasil durante a ditadura militar) em que vive a pesquisadora que escreve.

A cultura que criamos está conosco desde os primórdios da nossa evolução na Terra e nos torna diferentes dos outros animais do mundo, porque é parte da nossa vida como o ar que respiramos permitindo acumular informação e deixá-la como legado para o presente próximo e futuro. Assim, se a cultura é o patrimônio universal de toda a humanidade e é ela quem nutre a instituição social Jornalismo.

Ao conversar com as pessoas que sofreram torturas, o jornalista Luiz Carlos Azenha abriu possibilidades de leituras compreensivas da realidade através da arte e do mito. As crianças, hoje adultos, não fizeram especulações fantasiosas, abstratas ou que negassem a realidade, mas sim, expressaram interpretações reais através do desejo mítico de outra história.

O vídeo completo da série *As crianças e a tortura* está disponível no *player* do portal R7 da TV Record (2017). O capítulos estão assim nomeados: a) Edson Teles: a voz era de minha mãe; o rosto, não parecia; b) Ivan Seixas: temos obrigação de mostrar essa foto; c) Ernestinho: o mais jovem preso político do Brasil; d) Rose Nogueira: logo depois de dar à luz, o abuso do torturador; e e) Igor Grabois: meu nome não é Jorge Freitas.

Cada reportagem (com cerca de nove minutos) ao ser exibida no telejornal ganhou uma vinheta introdutória editada como animação, e formada por ilustrações com fundo preto e destaques de bonecos e objetos recortados em madeira clara, como se fossem brinquedos de criança.

Edson Teles, Ivan Seixas, Ernestinho, Rose Nogueira e Igor Grabois que aparecem nos títulos das reportagens revelam a importância do humano para as narrativas. Junto com mais uma dezenas de pessoas os fios de suas histórias de vida são desfiados por Azenha que contou com a parceria e o apoio de um eficiente coletivo profissional da TV Record. A edição videográfica contou com contribuição intelectual e sensível da arte cinematográfica. O editor de vídeo desperta a visão sensível do telespectador para contemplar a estesia da sétima arte impedindo o efeito, em geral anestésico do suporte televisivo.

Quadro 26 - contextualização do período histórico

Visual	Verbal / Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Contextualização do período histórico imagens de pessoas andando na rua Numa montagem virtual, em preto e branco, presumivelmente para simular uma volta ao passado, Azenha em cores, aparece ao lado de quatro crianças, filhos de presos políticos na época da ditadura militar do Brasil. GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo – SP</p>	<p>Azenha (em off): Meninas e meninos, que mesmo antes de aprender a ler já eram considerados terroristas. E foram expulsos do país. Azenha (passagem): Esta foto dos arquivos da repressão registra a saga do Ernestinho e de outras crianças. Foi tirada no dia em que esses quatro foram mandados embora do Brasil. Uma hora antes do embarque para Argélia.</p>	
<p>vinheta <i>As crianças e a tortura</i></p> <p>Cada reportagem ao ser exibida no telejornal ganhou uma vinheta introdutória editada como um filme de animação formado por ilustrações com fundo preto e destaques de bonecos e objetos como se fossem recortados em madeira clara, representando os instrumentos de tortura, entre eles a cadeira do dragão e o pau-de-arara.</p>	<p>Azenha (em off): As crianças e a tortura. (sobe som trilha musical)</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Os filmes que permeiam a narrativa autoral televisual são: *Brazil, a report on torture* (*Brasil, o relato da tortura*), Dir. Haskel Wexler e Saul Landau, Ano: 1971; *No es hora de*


llorar, Dir. Alberto Sanz e Pedro Chastel, Ano: 1971 e *Batismo de Sangue*, Dir. Helvécio Raton, Ano: 2006. Cada filme tem uma peculiaridade única, mas todos convergem para o mesmo ponto: contar a história de quem lutou pelo fim da ditadura no Brasil. "Esquecer é injusto. Não queremos vingança, mas precisamos acertar as contas com o nosso passado". (Frei BETTO, 2006, em entrevista à FSP).

O documentário brasileiro *Batismo de Sangue* nasceu em 2002, quando Frei Betto, autor do livro com o mesmo nome, deu um exemplar da obra, de presente à Helvécio: "Helvécio, coragem! A realidade extrapola a ficção".

Brazil, a report on torture (Brasil, um relato sobre a tortura) é um documentário filmado no Chile, em 1971, pelos cineastas americanos Wexler e Landau, após a chegada de setenta presos políticos brasileiros. É um dos registros históricos mais importantes daquela época.

Mostrar a realidade e manter a memória histórica também estava no pensamento dos chilenos Sanz e Chaskel quando decidiram gravar depoimentos dos exilados brasileiros no Chile, sobre a luta contra o regime militar no Brasil. A filmagem do curta experimental *No es hora de llorar* aconteceu em 1971, com o apoio do Departamento de Cinema da Universidade do Chile, em Santiago. Resenhas da época destacam a sobriedade e o rigor na narração dos fatos e em que pese ter sido produzido como um documentário político não se converteu em algo panfletário. O filme está arquivado na Cinemateca da Universidade do Chile.

Quadro 27 - tela da verdade



Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Cenas do filme <i>Brasil, o relato da tortura</i> direção: Haskel Wexler e Saul Landau com legendas em inglês imagens do filme mostrando uma pessoa sendo torturada pela prática do "pau-de-estrada", a pessoa fica deitada no chão sendo amarrada entre dois carros com a cabeça de um lado e os pés do outro</p>	<p>(sobe som de filme / narrador: esta tortura se chama pau-de-estrada...) Azenha (em off): Ao chegar ao Chile o grupo denunciou para o mundo a tortura no Brasil. (sobe som filme: Foi usada em São Paulo em uma jovem mulher, jornalista, chamada Norma Freire... os intestinos se rompem, o fígado se rompe e a pessoa por último começa a ter a pele rompida) Azenha (em off): Neste documentário produzido por cineastas norte americanos os ex-presos políticos encenaram como eram torturados nos porões da ditadura. (sobe som do filme)</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Reportar: exercício solidário e paciente

As reportagens percorrem um viés dialógico perceptível para quem assiste a reportagem e observa o repórter a sentir presencialmente a narrativa do Outro, recuperada nas entranhas da memória da dor intermitente, principalmente das crianças, hoje adultos, que vivenciaram na pele e na alma o processo de tortura. A visão da foto de um menino de dois anos, vestido com pijama de florzinhas, com o carimbo de terrorista até hoje emociona Ernesto Carlos Nascimento, o mais jovem preso político do Brasil, levado para a cadeia junto com os pais Jovelina e Manuel. “Aqui ó, é uma expressão do que eu estou sentindo né?”

Quadro 28 - Histórias de vida (protagonistas anônimos)

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Protagonista Perfil de Ernestinho imagem de quatro fotos, tamanho 3x4, em preto e branco, de crianças que foram fichadas como presos políticos durante a ditadura militar no Brasil A câmera fecha em close na foto de Ernestinho imagens de Jovelina, mãe de Ernestinho imagem mostra o DOI-CODI GC ERNESTO CARLOS NASCIMENTO ex-presos político imagens do fichamento de Manoel, pai de Ernestinho</p>	<p>Azenha (em off): A imagem de um menino de pijama de florzinhas carimbada por um órgão da repressão Ernestinho tinha dois anos e três meses de idade. Pela ficha era um terrorista Foi preso com a mãe Jovelina nos anos de chumbo da ditadura militar e levado para o centro de torturas mais temido da época. (som de tilintar de máquinas de escrever como se estivesse datilografando a sigla antigo DOI-COI sobre uma foto em preto e branco) Ernesto: (emocionado com lágrimas nos olhos) Me levam para o banco, meu pai tá no pau-de-arara e me põe na frente do meu pai eu reajo também não não bate no meu pai. Azenha (em off): O pai Manoel preso no mesmo dia já tinha passado por várias sessões de tortura.</p>	
<p>Ernesto aponta para o próprio olhar cabisbaixo na foto da época da prisão dos pais</p>	<p>Ernesto: Aqui ó... É uma expressão do que eu estou sentindo. é uma expressão clara... Se você pegar os depoimentos da minha família... eu era uma criança tão viva, né... uma criança tão viva, tão falante... e vem essa expressão...</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Ernestinho e os primos foram considerados perigosos à segurança nacional, perderam a cidadania brasileira e foram expulsos do País. Antes do exílio em Cuba, Ernestinho foi usado como instrumento de tortura psicológica para obrigar seus pais a falar. “Meu pai tava no pau-de-arara. Eu na frente do meu pai. Não, não bate no meu paizinho.” Ernesto está de volta ao Brasil, mas as marcas da violência continuam presentes no corpo e na alma. “Perdi meus direitos civis. Só em 2012 reconheceram meu diploma de especialista em TI. A gente vive um exílio branco. Se falar que é de Cuba você é reacionário. Vem aquele pessoal e começa a falar de terrorismo. Imagina.” Apesar das feridas abertas, Ernesto quer revelar o que viveu, para manter acesa a chama da democracia no País.

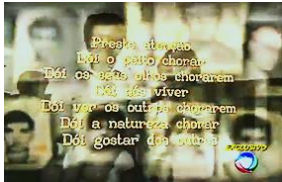
Os bebês Joca e Paulo sentiram dentro do útero materno, as pancadas sofridas pelas mães durante as sessões de tortura. Os dois nasceram no Hospital do Exército em Brasília, e ficaram na cadeia enquanto as parturientes continuaram a ser violentadas. Crimeia de Almeida foi presa aos sete meses de gravidez de Joca. Ela foi levada para o DOI/Codi – Destacamento de Operações Internas de São Paulo, centro de torturas do dr. Tibiriçá, como era conhecido Carlos Alberto Brilhante Ustra (1932-2015). “Ele [Ustra] já chegava gritando palavrão na porta. Apanhei direto por mais de vinte dias. Perdi a consciência. Espancamento na cabeça e no rosto. Choque nos pés e nas mãos”.

Helcídia Fonteles foi presa aos cinco meses de gravidez de Paulo. Ela foi levada para um centro de tortura em Brasília a poucos metros do Palácio do Planalto. Além da tortura física, enfrentou tortura psicológica: simulação de fuzilamento, baratas e ratos no corpo. O parto foi feito sem anestesia. “Filho dessa raça não deve nascer. Não deve nascer. Não deve nascer.” O poema lido por Paulo Fonteles Filho foi escrito pelo pai dele e reproduz o que ele e a mulher Helcídia ouviram na prisão. Paulo lamenta o sofrimento dos pais e dele próprio, mas confessa que tem orgulho da luta que eles enfrentaram, e que a memória da carne tem que sair de dentro dele para ganhar o mundo da vida. “A conclusão que eu chego é a imensa vitalidade da minha mãe de ter me feito nascer na prisão. Penso inclusive que aquela foi a forma dela, presa, de enfrentar a ditadura.”

Dezembro de 1972, numa casa na periferia de São Paulo, Edson e Janaína, ele com cinco e ela com quatro anos de idade, estavam assistindo “Vila Sésamo” na televisão quando a polícia chegou. Ao serem colocados em um camburão cheio de armas, Janaína perguntou o que era aquilo no chão? “O policial me mandou calar a boca e que ele não tinha que dar satisfações para comunista. Como é ser comunista com cinco anos? Ou mesmo meu primo que estava na barriga da minha tia que também foi presa junto? Nada disso faz sentido.” Para

tentar arrancar informações os torturadores usavam os filhos. Ao chegar ao DOI/Codi, Edson ouvi uma voz chamando Edson... Edson... “Eu reconheci na hora a voz, mas quando eu olhei não reconheci a pessoa, porque ela já estava completamente machucada, deformada, roxa. Aquela cena ficou marcada. Como é que este corpo que eu não conheço e não reconheço tem a voz aconchegante e familiar da minha mãe?” Janaína e Edson passavam as noites num casarão nunca identificado. Durante o dia ficavam no pátio do centro de torturas onde os gritos dos torturados sensibilizavam Janaína. “Um policial falou que lá era um hospital e que meus pais estavam doentes. E eu comecei a achar que meus pais estavam doentes mesmo, porque não se mexiam direito, cheios de hematomas e os gritos... aí ficava parecendo que era um manicômio, não um hospital.” A menina Janaína cresceu e hoje é Historiadora, profissão que ela abraçou com pouco mais de oito anos de idade ao escrever um poema: “Dói gostar dos outros”. Mais do que lembrar um período da História brasileira, Janaína sente que as vítimas da tortura nunca se curam porque é uma dor intermitente. “A tortura é uma ferida aberta que atinge diretamente aquelas pessoas que sofreram a ação dos torturadores. Mas, talvez esse sofrimento nosso se estenda para a sociedade o que é mais preocupante ainda.”

Quadro 29 - ferida aberta no corpo da sociedade



Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagens de Amelinha conversando com Azenha</p> <p>imagens de fotos em preto e branco de Amelinha com o marido e as crianças</p> <p>imagem de Janaína conversando com Azenha</p> <p>imagens de passeata da época da ditadura</p> <p>GC edição de imagens</p> <p>YOSHIO TANAKA</p> <p>montagem com fotos das crianças presas durante a ditadura e o poema de Janaína declamado por ela</p>	<p>Amelinha: A tortura não passa, não. A tortura é uma ferida aberta que atinge diretamente aquelas pessoas que sofreram a ação dos torturadores. Mas, talvez esse sofrimento nosso se estenda para a sociedade o que é mais preocupante ainda, né...</p> <p>Azenha (em off): Janaína é historiadora e agora se dedica a explicar o período que deixou traumatizada uma geração de brasileiros. (sobe som música da época)</p> <p>Aos oito anos de idade, sem saber, ela já fazia um registro da história. Escreveu um poema presente para o pai que estava preso, com o título: <i>Dói gostar dos outros</i>.</p> <p>Janaína (em off): <i>Preste atenção/ Dói o peito chorar/Dói os seus olhos chorarem/ Dói nós viver/ Dói ver os outros chorarem/ Dói a natureza chorar/ Dói gostar dos outros.</i></p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Virgílio Gomes da Silva e a irmã Maria Isabel, na época com quatro meses de idade ficaram órfãos um dia antes de serem presos com a mãe Ilda Gomes da Silva, em São Paulo. Ilda foi para o presídio Tiradentes e as crianças foram para o Juizado de Menores. Apesar da ajuda do irmão a menina ficou desidratada e quase morreu. Os documentos oficiais da morte do marido ficaram escondidos nos arquivos da polícia política com uma anotação para que não fossem divulgados. Ilda sabe que o marido foi enterrado como indigente em um cemitério de São Paulo. O corpo nunca foi encontrado. Para Virgílio o vazio foi preenchido pelos ecos da presença do pai. “Para mim ele continua vivo. Continua vivo em toda reviravolta que deu a história. Em tudo que se tornou. Não são tanques na rua. Então nisso ele está vivo, porém dentro de casa falta”.

Ivan Seixas foi preso junto com o pai Joaquim sob acusação de matar o empresário dinamarquês, Henning Boilesen, que financiava o centro de torturas em São Paulo. Ivan ficou preso dos 16 aos 22 anos de idade e o pai Joaquim Seixas foi torturado até a morte. “Aqui era a sala da cadeira do dragão. Tinha uma espécie de divisória aqui (aponta para o centro da pequena sala). A cadeira do dragão ali e aqui era o pau-de-arara. Eu fiquei ali (aponta para o pau-de-arara) e meu pai ficou aqui (aponta para a cadeira do dragão).”

Quadro 30 - cadeira do dragão vs pau-de-arara




Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
arte virtual montagem edição como animação fílmica imagens simulando terem sido recortadas em madeira clara como brinquedo de criança representando a cadeira do dragão	Narração (Celso Freitas em off): Cadeira do dragão uma espécie de cadeira elétrica com assento revestido de zinco. Os presos ficam nus amarrados à cadeira por correias nos pulsos e com as pernas empurradas para trás por uma travessa de madeira. Os fios são distribuídos principalmente pelos dedos dos pés e nas mãos. Quando o aparelho é ligado os choques atingem todo o corpo.	
imagens simulando terem sido recortadas e montadas em madeira clara como brinquedo de criança representando o pau-de-arara GC arte ARUAN SANTOS RAPAHEL CORTELLAZZI	Narração (Celso Freitas em off): Pau- de-arara – uma barra de ferro é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho. O conjunto é colocado entre duas mesas. O corpo do torturado fica pendurado a vinte ou trinta centímetros do chão. O método é utilizado com complementos como eletrochoques, palmatória e afogamento.	

Elaboração: CUNHA, 2020.

A tortura psicológica em Ivan incluiu simulação de fuzilamento e antecipação pela imprensa da morte do próprio pai. “Eles me deram uma coronhada e eu caí no chão e eles começaram a fuzilar em volta do meu corpo, atiraram principalmente em volta da cabeça e depois davam tiros de pistola do lado aqui [aponta para a própria cabeça] é um barulho ensurdecedor no ouvido”.

Na sequência da tortura psicológica, Ivan foi colocado em uma viatura e os policiais foram tomar café em uma padaria ao lado de uma banca de jornais. Foi aí que Ivan viu a manchete “morre terrorista assassino” com a foto do próprio pai. Entretanto, ao retornar ao DOI/Codi, Ivan encontrou o pai ainda com vida na cadeira do dragão. Mas, logo depois os torturadores concretizaram a notícia que haviam antecipado para a imprensa no dia anterior. Ivan apoia a criação de espaços como o “Memorial da Resistência”, que hoje funciona onde era o DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, a polícia política da repressão. “É uma forma de contar aos jovens o que aconteceu nos porões da ditadura militar. É como se fosse aquele território na guerra conquistado do inimigo. Aí você crava a bandeira. Isso aqui é nosso. Isso aqui é da sociedade.”

Quadro 31 - Ivan: *meu pai estava vivo, mas o jornal noticiava sua morte*

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Azenha e Ivan caminham por uma rua de um bairro de São Paulo e param numa esquina para tentar encontrar uma banca de jornais que existia na época da ditadura imagens do jornal da época com a manchete da morte do pai de Ivan imagens de Ivan no antigo centro de torturas DOI-CODI</p>	<p>Azenha: Aqui o Ivan imagina que seja o local onde ele viu a manchete chocante. A manchete dizia o que Ivan? Ivan: Morre terrorista assassino... Azenha: Tinha foto do seu pai? Ivan: Tinha foto do meu pai eu pensei meu pai morreu. Mataram meu pai e o próximo sou eu. Foi a ideia que me passou pela cabeça. Azenha: Mas ao voltar ao centro de torturas DOI-CODI, Ivan encontrou o pai vivo. Ivan: Eu olhei aqui para dentro e meu pai estava com a cabeça pendida assim e eu vi que ele estava aqui. Na cadeira do dragão, já tinham noticiado a morte dele e ele ainda estava vivo ainda. Só iam torturar até quando quisessem. Ai matariam e foi no final do dia mataram.</p>	<p>FOLHA DA TARDE MORTO O ASSASSINO DO INDUSTRIAL BOILESEN</p>  <p>antigo DOPS-SP</p>  

Elaboração: CUNHA, 2020.

O livro *Brasil Nunca Mais* (ARNS, Ed.Vozes, 1985) relata cerca de duas mil denúncias oficiais de pessoas que sofreram violência nos porões da ditadura. Foram descritas mais de trezentas formas de tortura. Desde apertar partes do corpo com alicate, a enterrar vivo, ou fazer ameaças com ratazanas. As denúncias mais comuns foram de choque elétricos.

Quadro 32 - arquivo vivo da memória somatossensorial

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>Narração do repórter sobre foto da época em que os pais de Janaína e Édson foram presos</p> <p>Contextualização Histórica</p> <p>imagens do interior do antigo DOI-CODI</p> <p>a edição é rápida com inserções dos rosto de Édson, de Janaína e de Amelinha que narram a memória dos acontecimentos a transição utilizada é de efeito de página trocada rapidamente</p> <p>GC imagens EDGAR LUCHETTA GILSON DIAS</p> <p>GC imagens JOÃO PAULO PEREIRA SILVA</p>	<p>Azenha (em off): Os pais acusados de dar apoio à guerrilha tinham sido presos no dia anterior. As crianças foram levadas para o centro de tortura com a tia, grávida de sete meses, também presa. No DOI-CODI as crianças foram levadas para ver os pais dilacerados, após longas sessões de tortura.</p> <p>Amelinha: Isso eu nunca vou esquecer, porque isso me doeu muito. Porque eles chegaram ali no meio daquele suor, sangue, fezes, urina, vômito... [...]</p> <p>Édson: ... aí eu ouvi a voz da minha mãe me chamando Édson, Édson... eu reconheci na hora a voz, e quando eu olhei para trás eu não reconheci a pessoa, porque ela já estava completamente machucada, deformada, roxa...</p> <p>Amelinha: Um deles falou: mãe, porque é que você ficou roxa, e o pai ficou ... não, você ficou azul e o pai ficou verde, porque meu marido entrou em estado de coma.</p> <p>Janaína: E aí eu pulei no colo dela, no colo do meu pai, porque a gente eu acho que eu nunca tinha dormido sem minha mãe, assim...</p> <p>Amelinha: Eles queriam me abraçar, mas eu não tinha nem como abraçar porque eu estava amarrada e muito suja...</p> <p>Édson: Então aquela cena ficou marcada. Como é que este corpo que eu não conheço e não reconheço tem a voz aconchegante e familiar da minha mãe?</p>	   

Elaboração: CUNHA, 2020.

Durante a entrevista Camila Sipahi, com apenas cinco anos quando seus pais foram presos, revela que conseguiu superar a depressão escrevendo um conto de fadas sobre o reino da tristeza, onde relembra as visitas aos pais na prisão. As ilustrações revelam a destruição humana provocada pela tortura. Camila também criou as bonecas sob tortura. Ernesto de Carvalho tinha três anos de idade quando o pai foi preso, torturado e morto. A mãe ficou presa durante trinta dias e depois ele e a mãe foram exilados. A ligação com o Brasil foram as músicas da época que hoje, o cantor Ernesto canta para viver e celebrar a vida. “A música teve um significado para todas as pessoas que sofreram violência nessa época. Apesar de você, amanhã há de ser outro dia...”.

Quadro 33 - a cura pela arte

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>foto em preto e branco de uma mãe ladeada por um casal de filhos pequenos imagens de bonequinhas que mostram como era a tortura no pau-de-arara e na cadeira do dragão imagem de Camila trabalhando no computador rodeada por bonequinhas que ela desenha e vende</p> <p>Protagonista/Perfil história de vida GC CAMILA SIPAHI filha de ex-presos políticos</p> <p>imagem de foto em preto e branco do pai de Camila vídeo e áudio do discurso de Médici, na Casa Branca, em Washington, no primeiro encontro com Nixon (EUA) em 7 de dezembro de 1971</p>	<p>Azenha (em off): Aos cinco anos de idade Camila e o irmão viram os pais serem levados embora de casa pela polícia política. Eles foram torturados na cadeira do dragão e no pau de arara. A bonequinha sob tortura é uma criação de Camila para lidar com as memórias de infância. Camila: Eu fazia bonecos para festas de aniversário, fazia boneco para porta de maternidade. E um dia eu me dei conta de que aquilo não era minha história. Era bonito de ver, mas não era o que eu tinha para recordar do meu passado.</p> <p>Azenha (em off): Depois dos interrogatórios e da tortura no DOI-CODI os pais de Camila ficaram presos. Ele um ano e meio, ela um ano, no presídio Tiradentes em São Paulo. Uma das lembranças da infância é de quando via em casa o ditador do período em discursos na tevê. (sobe som do discurso de Médici "seja este primeiro momento, um momento de fé e de confiança...") Camila: Eu me agachava do lado da televisão e falava presidente, presidente, solta meu pai, solta meu pai, solta minha mãe, solta minha mãe... (sobe som Médici: "...e confiança comum na causa da justiça, do progresso e da paz.")</p>	 <p>The right column contains three images. The top image shows a doll on a torture rack with the word 'EXCLUSIVO' and a logo. The middle image shows a doll on a chair with the word 'EXCLUSIVO' and a logo. The bottom image is a cartoon illustration of a child sitting on the floor watching a television set that displays a portrait of a man in a suit, with the word 'EXCLUSIVO' and a logo.</p>

Elaboração: CUNHA, 2020.

A arte musical também cura as dores emocionais da jovem Carmem Nakasu que era uma bebezinha quando foi presa com os pais numa estação de trem de São Paulo. “A grande tortura que meus pais sofreram foi saber que eu estava lá dentro e constantemente ameaçada de ser deportada. Eles sabiam que tinha uma família na Argentina querendo me adotar.” Carmem canta ópera e no enredo há uma nova história de liberdade, de respeito e de amor ao próximo. “Parece que através da música eu consigo acessar um conteúdo que só através da arte é que se alcança. Um conteúdo de muuuuuuita dor...”.

As crianças Camila, Ernesto e Carmem se tornaram, através da expressão artística, adultos capazes de encantar a vida dos Outros, apesar das agruras da infância. A arte, mais que terapia, tem sido uma verdadeira cura para a imensa dor espiritual das crianças torturadas durante a ditadura brasileira.

Jornalismo televisual como prática epistêmica pela perspectiva cultural

Ao lado das crianças, hoje adultos, consideradas terroristas e torturadas, Azenha caminhou pelas ruas da cidade de São Paulo, vasculhou as casas/esconderijos para os torturadores – lares/acolhedores para as famílias das vítimas, e enfrentou o medo individual e coletivo dos espaços marcados pela morte. Juntos: narrador e autor / repórter e o Outro levaram o telespectador a quebrar tabus invisíveis e organizar a desbotada escrita datilografada dos processos escondidos/arquivados. A estesia do belo da vida comunicado pelo sentimento ativo do jornalista sacode a possível anestesia do telespectador passivo.

Lado a lado, Azenha, as crianças, os jovens e os adultos, revelaram uma visão de mundo, falar para mudar, como na representação mítica de viver um mundo melhor. “A fundura da dor que impulsiona a criação humana se cava na solidariedade com os desassossegados.” (MEDINA, 2003, p.76). Distante do pingue-pongue habitual das entrevistas superficiais Azenha pratica um exercício solidário e paciente, sintonizando as próprias ondas somatossensoriais com os revoltos sentimentos de quem nem sabe traduzir em palavras a dor persistente que a memória da alma guarda.

Ao entrar no campo do Outro, Azenha exercita o conflito e expõe a complexidade humana em seu campo de saber, o jornalismo. É na riqueza do diálogo com as crianças (hoje adultos) torturadas durante o regime ditatorial no Brasil, que o jornalista interpreta o contexto da violência contra os direitos humanos e elabora uma narrativa autoral que transcende os limites do acontecimento para um estar acontecendo atemporal. “O diálogo possível traz

retorno ao investimento empresarial, inquieta o poder político e traz consequências positivas para a sociedade.” (MEDINA e MEDINA, 2008, p. 129)

Acrescente-se o reconhecimento profissional, pois a produção simbólica jornalística *As crianças e a tortura* conquistou o Prêmio Esso de Telejornalismo de 2013, entre oito concorrentes, tendo no júri: prof. Antonio Brasil (UFSC), profa. Denise Lilienbaum (FACHA) e profa. Flávia Rua (PUC-RJ). A curiosidade epistêmica de Luiz Carlos Azenha é companheira constante em suas andanças jornalísticas, há mais de quatro décadas, como repórter nacional e/ou correspondente internacional. A capacidade compreensiva de Azenha transcende o suporte midiático. O jornalista compartilha o sentimento pelo Outro através de narrativas autorais na televisão (Rede Manchete/Brasil, Rede SBT/Brasil, Rede Globo/Brasil, CNN/EUA, CBC/Canadá); na rádio (Jovem Pan/Brasil); no jornal impresso (FSP); no livro (Livro das Grandes Reportagens, Ed. Globo, 2006) em parceria com William Waack, José Hamilton Ribeiro, Joel Silveira, Edney Silvestre, Fernando Molica, André Luiz Azevedo e Geneton Moraes Neto; e na internet (*Vi o Mundo – O Que Você Não Vê na Mídia*), blogue definido como “contraponto à mídia tradicional”, com dimensão para carregar uma tevê, uma rádio e um livro (Ed. Blogbooks, 2009) com o mesmo nome.

A partir da perspectiva culturalista da prática epistêmica as reportagens assinadas por Azenha revelam que o fato, a tortura de crianças no Brasil, foi apresentado de maneira humanizada, com histórias de vida, de maneira a permitir a pluralidade de vozes, tanto atuais quanto aquelas que foram recuperadas pela memória viva dos que sofreram a tortura, e que se tornaram narradores protagonistas ao exercer o papel de cidadão para utilizar o espaço da comunicação social dentro de um contexto cultural e social da esfera pública. Perspectiva autoral bem diferente da recente cobertura da mídia hegemônica, em que o arquétipo da tortura aparece como tendência que reforça o discurso governamental e jurídico na contemporaneidade (ATHEY, 2011), em especial o da razão cínica dos Estados Unidos, que domina o Ocidente, colocando a tortura como uma necessidade na luta contra o terrorismo. “Caracterizar a tortura como um arquétipo legal permite pensar a proibição da tortura não apenas como uma regra entre outras, mas como uma disposição emblemática do nosso compromisso com a não brutalidade no sistema legal.” (WALDRON, 2005, p. 1681) A ritualística do interrogatório violento como troca arquetípica entre torturador e vítima (SCARRY, 1987) faz com que a voz do torturador silencie a da vítima.

Em nome da chamada emergência nacional, a tortura foi e ainda é utilizada por muitos governos democráticos. A técnica evoluiu para uma “tortura limpa” que não deixa marcas

visíveis no físico: privação de sono, humilhação sexual, choque elétrico, simulação de fuzilamento ou afogamento, e torturar os filhos. No Brasil, as crianças eram levadas para ver os pais sendo torturados; nos Estados Unidos, as crianças são levadas para longe dos pais e, em alguns casos, para serem escravizadas. Quando se trata de desigualdade e perda do valor humano, tortura e escravidão parecem andar de mãos dadas desde o início da humanidade e isso precisa ser conhecido e debatido. A seguir transcrevo uma contribuição enriquecedora para este estudo sobre a série *As crianças e a tortura* e que se adequa perfeitamente para a observação de outras *narrativas da contemporaneidade*. O texto é da orientadora Cremilda Medina (2020): "a) virtude dramática da série: a tragicidade da descoberta – criança e tortura; e b) quando a reportagem dispensa a tribuna de opinião".

A narrativa jornalística televisual *As crianças e a tortura* reflete compreensivamente sobre a necessidade de tornar público o conhecimento desse acontecimento, porque não é possível deixar no esquecimento a prática da tortura com a justificativa de que foi apenas naquela situação, ou naquele momento da História do Brasil. Não há excepcionalidade cultural, legal ou religiosa que justifique a tortura. Neste sentido, a atualidade e a instantaneidade do Jornalismo se alargam para as Narrativas da Contemporaneidade (Medina). O tempo mecânico, tecnológico é preenchido por **tempos** histórico-culturais da memória coletiva.

3.4. Veículos Elétricos

Série jornalística em 5 capítulos
de 24 a 28 de julho de 2018
Jornal Nacional – TV Globo
Reportagem Brasil: André Trigueiro
Reportagem EUA: Tiago Eltz
Reportagem França: Rodrigo Alvarez
Reportagem Japão: Márcio Gomes
Produção e Edição: Helton Setta
Edição: Michelle Dominguez, Flávio Lordello,
José Henrique, Rogério Lima

Grande Prêmio CNT¹⁹ 2018 R\$ 60 mil

Descarbonização? Mobilidade compartilhada? Carro híbrido? Estes termos podem soar estranhos a princípio, mas em cerca de uma década poderão estar inseridos no vocabulário cotidiano dos moradores das capitais brasileiras, assim como a uberização, novos modais de transporte, ou carbono *free* estão hoje assimilados na conversação, principalmente, entre os jovens. A substantivação ou a transformação morfológica de certas palavras é menos preocupante para a mobilidade das pessoas nos grandes centros urbanos do que o combustível que alimenta e move a indústria veicular.

Ao mesmo tempo em que é preciso reduzir o aquecimento global é preciso manter um reservatório de energia para ser utilizado pelos moradores em suas residências. Sai o fóssil e entra a energia limpa, porque para continuar existindo a humanidade precisa de uma energia renovável e sustentável. Quem sabe uma energia gerada pelo próprio homem? Afinal, "o corpo humano tem a potência de uma lâmpada (100W)", observa o físico e ex-reitor da USP, José Goldemberg (2007, p. 7). Ou ainda, aproveitar o biogás do lixo para gerar energia elétrica, liquidando dois problemas: o saneamento e o energético. Tarefa em execução pelas 35 usinas brasileiras que produziram cerca de 135 megawatts, em energia elétrica, a partir do biogás de aterros sanitários, volume suficiente para abastecer uma cidade com cerca de 470 mil habitantes, em 2017 (ABIOGÁS, 2017).

¹⁹ Confederação Nacional do Transporte.

Até pouco tempo acreditei que a internet seria disponibilizada pelo cabo de energia elétrica, enfiar na tomada e pronto, como em alguns locais dos Estados Unidos, mas o carro elétrico chega na frente e, pelo jeito, para valer. É o que mostra a série de reportagens *Veículos Elétricos* (VE) apresentada no Jornal Nacional, da TV Globo, em julho de 2018. Foram nove meses de pesquisas, entrevistas e gravações para o jornalista André Trigueiro, professor de Geopolítica Ambiental na COPPE/UFRJ, e de Jornalismo Ambiental na PUC-Rio, que contou com a produção e edição do jornalista Helton Setta. Os capítulos da série estão disponíveis online no portal G1 do Jornal Nacional.

Apesar da dificuldade em encontrar protagonistas para contar suas histórias, afinal em todo o Brasil até o momento da reportagem tinham sido vendidos apenas cerca de 300 carros exclusivamente elétricos, Trigueiro e os outros repórteres internacionais, conseguem mostrar ao telespectador um pouco dessa dinâmica. Importante conhecimento tanto para o empresário de transporte de cargas que pensa em renovar a frota para reduzir os custos quanto para o trabalhador que utiliza diariamente o transporte público e sonha com uma melhor qualidade de vida na ida e vinda de casa ao trabalho. Contudo, as reportagens se concentram principalmente, nos comentários de fontes oficiais, como fabricantes de VEs, representantes de entidades do setor e especialistas desenvolvedores de projetos na área. Embora a pauta jornalística sobre VEs seja recente, o tema da bioenergia e outras fontes naturais está em debate desde o início do século XXI pelos pesquisadores do *Projeto Plural* coordenado por Cremilda Medina. O volume 10 do *Novo Pacto da Ciência* trata da *Energia, meio ambiente e comunicação social* (Ed. UFP; FCL, 2009) onde o cientista brasileiro José Goldemberg observa "que qualquer forma de energia, por mais natural que seja, tem um determinado custo ambiental". (MEDINA, 2009, p. 361). Qual seria o custo do VE para o meio ambiente brasileiro?

Carro elétrico: mesmo recauchutado é super moderno

Apesar de ganhar visibilidade midiática recentemente, ao desfilar no casamento do ex-príncipe Harry e Meghan (Reino Unido), o carro elétrico (no caso um modelo 1968, com motor adaptado para eletricidade), ou a tecnologia dele, data do tempo dos motores a combustão.

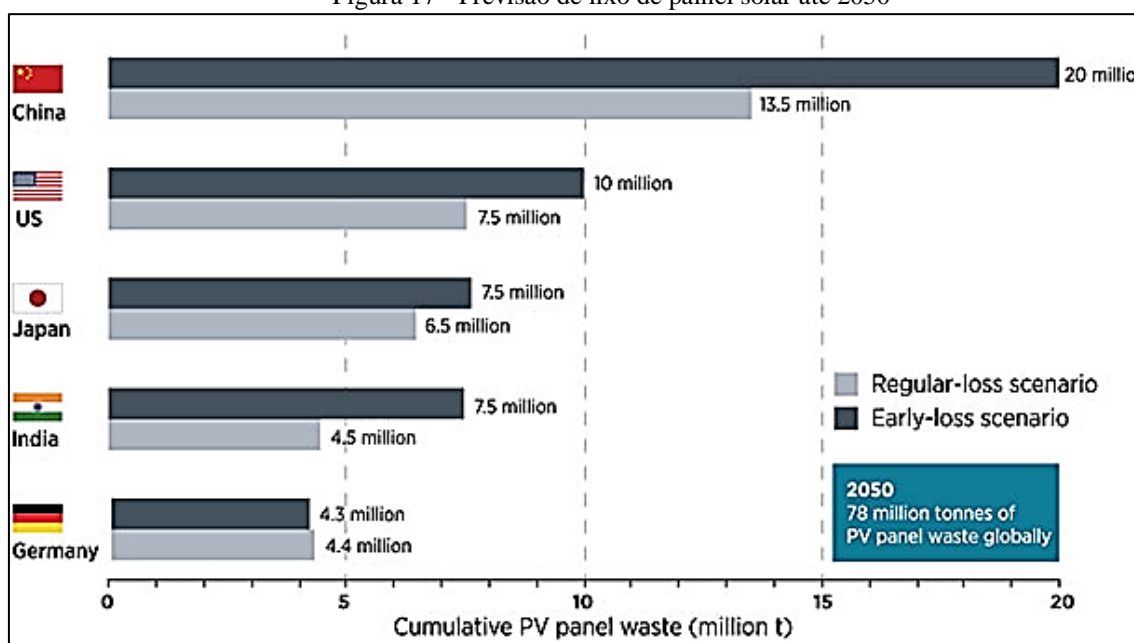
Quadro 34 - repórter-ator vs repórter-autor

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>André Trigueiro passagem de dentro de uma loja de carros (corpo inteiro) entra em um veículo elétrico (VE) e sai dirigindo imagens do VE circulando em um pátio Arte GC velocidade 80 km/h autonomia 100 km GC técnicos JOILSON SANTANA VINICIUS BANDEIRA GC imagens JOSÉ HENRIQUE ROGÉRIO LIMA Especialista volta a falar sobre a nova tecnologia</p>	<p>Trigueiro (passagem): Quando assunto é carro elétrico, tamanho não é documento, e a prova tá aqui ó... (abre os braços ao lado de um carro). Olha o tamanho desse carrinho. (abre a porta e entra no carro) Ele mede 1/3 do tamanho dos veículos convencionais e pesa menos de meia tonelada. Esse carrinho já está sendo testado em vários lugares do Brasil, para múltiplos usos e hoje quem vai ter essa experiência sou eu. (sai dirigindo o carro, sobe som) (em off): Ele chega a 80 km por hora. Tem autonomia de 100 km. (dentro do carro): Ele otimiza o uso do espaço no perímetro urbano. No trânsito, no engarrafamento, no estacionamento. (em off): E ele é ideal para quem dirige sozinho. O que a gente mais vê em engarrafamento são carros grandes, ou carros de tamanho convencional com uma pessoa apenas dentro. Felipe: Para nós é indiscutível que essa tecnologia é uma tecnologia disruptiva que ela vai fazer parte da vida das famílias, não só no mundo, como no Brasil, também.</p>	
<p>imagens do casamento real do Príncipe Harry e Meghan Markle na igreja e depois indo para o carro e em movimento</p>	<p>Trigueiro (em off): A mudança é real. Após o mais badalado casamento do ano, os noivos seguiram para festa num carro conversível de 1968, transformado em elétrico.</p>	
<p>carros de fórmula elétrica dando partida, imagens da corrida no Qatar em 2018</p>	<p>(sobe som Fórmula E, zumbido mais leve, mais assobiado) Trigueiro (em off): Os novos tempos chegam na velocidade desses carros de corrida. Parece Fórmula 1, mas é Fórmula E, de elétrico. Os campeonatos mundiais vem acontecendo desde 2014, com a benção da poderosa Federação Internacional de Automobilismo.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

O tanque de combustível e o crescimento da oferta de petróleo colocam o carro a combustão no pódio dessa corrida civilizatória, sem concorrente até o momento, e que polui cada vez mais o mundo. A dificuldade do carro elétrico está na pequena capacidade de armazenamento da bateria, inclusive o repórter Márcio Gomes durante a gravação da reportagem no Japão, teve que empurrar o carro elétrico, ou seja, o calcanhar de Aquiles do veículo elétrico é a bateria. Portanto, é preciso desenvolver uma bateria que tenha autonomia para percorrer grandes distâncias, que não demore uma eternidade para recarregar, e cujo descarte não agrida o meio ambiente e nossa saúde, como é o caso dos celulares, pilhas, e até dos painéis solares. A Agência Internacional de Energia Renovável (IRENA, 2016) destaca que das atuais 250 mil toneladas, o mundo vai produzir cerca de 78 milhões de toneladas de resíduos de painéis solares, até 2050.

Figura 17 - Previsão de lixo de painel solar até 2050



Fonte: IRENA, 2016.

O Brasil ainda não fabrica baterias para VEs e vencer esse desafio é prioridade para os engenheiros da Usina Hidrelétrica de Itaipu (BR), referência internacional em pesquisas sobre VEs desde 1996, e para isso eles testam uma bateria de sal, reciclável. Como consumidora fico com algumas dúvidas que poderiam ser apontadas pela reportagem, por exemplo, como vai ser a recarga da bateria na garagem de casa ou do prédio? Recentemente, o brasileiro teve que modificar as tomadas elétricas de dois para três pinos e a tomada da bateria do carro como será? E quem mora em condomínio, todos vão pagar a conta se o morador utilizar a tomada na

garagem? Enfim, é preciso que a sociedade, governo, universidade, indústria e a mídia ampliem o debate de forma consciente, inteligente e irrestrita, porque o futuro energético já pode ser considerado um passado, diante do acelerado presente nosso de cada dia.

A luz da energia renovável no fim do túnel ecológico

As reportagens da série *Veículos Elétricos* (VE) foram exibidas na última semana de julho de 2018, de terça-feira, dia 24 ao sábado, dia 28, dentro do Jornal Nacional, exibido em horário nobre pela TV Globo, canal aberto.

Trigueiro utiliza uma linguagem informal, faz perguntas como se fosse o telespectador, quer descobrir os problemas que o carro elétrico pode ter, busca as vantagens, mas também, destaca o alto preço para se alcançar essas vantagens. Pesquisei nos sites e junto aos entrevistados os modelos mostrados pelas reportagens. Os entrevistados, normalmente especialistas da indústria automobilística, ou representantes de entidades ligadas ao setor de desenvolvimento elétrico, são identificados pelos caracteres, assim que iniciam as falas. A edição é bem feita, com algumas imagens sintéticas bem estruturadas, os gráficos e títulos apresentam movimentos sincronizados e buscam destacar as imagens que representam a realidade do consumidor/telespectador. A gravação de áudio e vídeo, no interior dos automóveis apresenta boa resolução de imagem e a captação sonora é clara permitindo confirmar que o carro elétrico não produz ruído, ou produz ruído de baixo nível se comparado com o motor de um carro movido a gasolina. As imagens externas podem ter sido feitas com drones, e revelam a habilidade do cinegrafista, tanto com a câmera no solo quanto com o *joy stick* para comandar a câmera no ar.

Na primeira reportagem da série, André Trigueiro apresenta o que ele chama de "trilha sonora da civilização" desde o início da Revolução Industrial, em resumo, os sons da vida urbana em uma cidade grande, buzinas de carros, caminhões e ônibus, trânsito congestionado, sirenes de polícia, ambulância, fumaça e muita poluição. Contudo esse cenário estressante tem data para acabar, garante Trigueiro, pelo menos, na Noruega – 2025, Reino Unido – 2040, França – 2040, e Índia – 2030. Uma das vantagens do carro elétrico, segundo Trigueiro está no conjunto da máquina e em seu baixo custo de manutenção, porque para rodar um elétrico bastam 50 peças, enquanto o motor a combustão necessita de cerca de 500 peças, mais componentes como bielas, válvulas, pistões, cilindros. A arte gráfica da sequência de imagens sintéticas que ilustram a explicação do repórter durante a passagem é bem editada.

Quadro 35 - marketing ativista vs capitalismo ecologista

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagem de carro elétrico trafegando por uma rua GC arte com dados mencionados pelo repórter imagens de painéis de carros elétricos, tomadas e postes para abastecer GC arte ANDRÉ GATTO ALEX PAIVA</p>	<p>Trigueiro (em off): Já existem aproximadamente 2 milhões de carros elétricos no mundo, sem contar os modelos híbridos. A Agência Internacional de Energia calcula que em 2030 o número de veículos que podem ser abastecidos na tomada pode chegar a 125 milhões. A confiança na nova tecnologia é tanta que vários países definiram até o prazo final para que as montadoras deixem de vender carros com motores convencionais. (sobe som).</p>	
<p>arte sobre fim do carro a combustão: Noruega – 2025, Reino Unido – 2040, França – 2040, Índia - 2030</p>	<p>Trigueiro (em off): É o caso da Noruega, Reino Unido, França e Índia que já deram aviso prévio para os motores a combustão. (sobe som) A China que é o maior mercado automotivo do mundo se prepara para fazer o mesmo mas não anunciou prazos</p>	
<p>Trigueiro passagem em uma oficina de carros (corpo inteiro) a arte trabalha sobre os carros destacando as partes que são faladas pelo repórter Arte sobre motor: BIELAS, VÁLVULAS, PISTÕES, CILINDROS</p>	<p>Trigueiro (passagem): Para a gente entender o alcance das mudanças que estão acontecendo na indústria automobilística do mundo, vale comparar um motor a combustão, com motor 100% elétrico. A diferença é impressionante. (Arte computadorizado do motor de um carro a combustão, em vermelho, com palavras indicativas das peças) Enquanto motor convencional reúne aproximadamente 500 peças e componentes como bielas, válvulas, pistões e cilindros, a versão elétrica dependendo do modelo tem apenas 50. Além de mais compacto e simples esse motor ainda tem a manutenção mais barata.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Durante o teste com um carro elétrico *Renault Twizy* (FGV Energia/Itaipu), Trigueiro destaca a autonomia de 100 km e o pouco espaço ocupado pelo carro no perímetro urbano, ou seja, sugere que seria o carro perfeito para quem trafega sozinho nas avenidas das grandes

cidades, embora o sonho de consumo de muitos motoristas parece ser a Ferrari elétrica que perdeu o característico ronco do motor, marca registrada nos campeonatos de Fórmula 1. Mas, mesmo sem fazer barulho, os novos carros de corrida elétricos parecem ter conquistado o público árabe de maior poder aquisitivo durante a nova *Fórmula E* no Qatar, em 2018. Aprovados nos testes das pistas, cerca de 125 milhões de novos VEs devem invadir as ruas das grandes cidades do mundo em uma década, segundo projeção da Agência Internacional de Energia.

Na segunda reportagem da série Trigueiro relembra o caos que o brasileiro enfrentou em maio de 2018, por causa da greve dos caminhoneiros. "Um país movido a diesel. A greve bloqueou estradas, causou desabastecimento e prejuízos em vários setores." Como solução, Trigueiro apresenta o primeiro caminhão elétrico, que será produzido a partir de 2020 no Brasil, *e-Delivery*, da Volkswagen, com capacidade até 11 toneladas, e autonomia de até 200 km. As opções de recarga externa são: rápida – 15 minutos (30% da carga) e lenta – 3 horas. Para transporte pesado o motor elétrico também parece ser um diferencial importante por causa do menor peso.

Figura 18 - motor VE (esq.) vs motor combustão (dir.)



Foto (captura de tela do Google): CUNHA, 2020.

A reportagem não revela, mas nos salões de automóveis do mundo, a americana Tesla e a alemã Mercedes-Benz garantem que também estão prontas para enfrentar o mercado brasileiro.

Figura 19 - caminhões elétricos



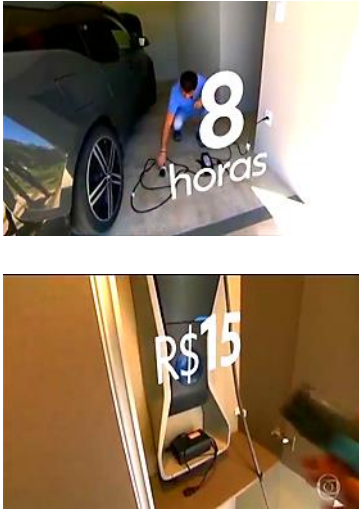

Foto: Fuso eCANTER Daimler/Mercedes-Benz

Trigueiro destaca que a prefeitura da capital paulista sancionou uma lei (jan./2018) que tem por objetivo reduzir a emissão de carbono a zero, em 20 anos, principalmente, nos ônibus e nos caminhões de lixo. Investir em benefícios que produzam a melhoria do ar e da qualidade de vida do cidadão, pode fazer com que o paulistano "ganhe até um ano e meio de vida" a mais, garante o patologista Paulo Saldiva, diretor do IEA da USP.

Na terceira reportagem da série Trigueiro dirige um carro elétrico pela Rodovia dos Bandeirantes, que tem a primeira rede intermunicipal de recarga elétrica do Brasil, com dez eletropostos, ainda sem cobrança porque a Companhia Paulista de Força e Luz – CPFL, distribuidora de energia da região, ainda está em fase de testes.

Na época da reportagem, a única opção de automóvel elétrico era o *BMW i3*, mas desde o segundo semestre de 2019 o mercado de automóveis oferece os modelos elétricos, *Chevrolet Bolt*, *Nissan Leaf*, *Renault Zoe*, *JAC IEV 40* e o *Jaguar I-Pace*. Para a gravação, Trigueiro dirigiu o *BMW i3*, do administrador Leonardo Celli Coelho, que pagou R\$180 mil reais pelo carro, em 2016. Coelho mora em Jaguariúna, no interior de São Paulo, e investiu mais R\$ 25 mil reais para cobrir a casa com um telhado feito de placas solares de células fotovoltaicas que captam energia solar, e mais R\$10 mil reais em um carregador semirrápido, que baixou o tempo da recarga de oito para três horas.

Quadro 36 - o cotidiano do motorista do carro elétrico

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>protagonista imagens do recarregamento da bateria de um carro elétrico tomada de 220 V dentro de uma casa</p> <p>GC LEONARDO CELI COELHO empresário</p>	<p>Trigueiro (em off): Recarregar o carro na tomada leva até oito horas. O custo é de quinze reais.</p> <p>Leonardo: Considerando um carro que faça dez quilômetros por litro na gasolina, a gente está falando já de um custo de aproximadamente, hoje, quarenta centavos por quilômetro rodado. E num carro elétrico você teria um custo de aproximadamente, doze, treze, centavos, por quilômetro rodado.</p> <p>Trigueiro (em off): A autonomia é de 150 km. Uma vez por semana o Leonardo precisa ir até São Paulo a trabalho, mas hoje quem vai guiando sou eu. (sobe som)</p>	
<p>Trigueiro entra no carro e dirige por uma estrada uma animação mostra como funciona o carro elétrico a autorrecarga do veículo quando o motorista está na descida ou tira o pé do acelerador</p>	<p>Trigueiro (passagem dentro do carro elétrico): Eu já percebi que quando você coloca o pé no acelerador ele sai mais rápido. É isso?</p> <p>Leonardo: Sim. Isso deve ser o famoso torque, né? O torque de um veículo elétrico ele é imediato. Mas se você pisar agora aí, afundar o pé, você vai colar no banco até a velocidade máxima do veículo.</p> <p>Trigueiro: Eu tenho acelerador e tenho um freio. Não tenho embreagem.</p> <p>Leonardo: Não tem embreagem, igual ao carro automático.</p> <p>Trigueiro (em off): Quando o motorista pisa no freio do carro elétrico, ou simplesmente tira o pé do acelerador, o motor para de consumir energia e passa a funcionar como um gerador, transformando o movimento em energia elétrica que vai para bateria. O sistema também funciona em descidas, é uma autorrecarga.</p> <p>Leonardo: Aí se você quiser tirar um pouquinho o pé do acelerador.</p> <p>Trigueiro: Ok, vou esperar a descida. Pronto, tirei.</p> <p>Leonardo: Aqui ele já começou a carregar.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Entre as facilidades observadas por Trigueiro estão, o torque rápido e imediato do carro; a ausência de embreagem, como num carro automático; a auto recarga quando o motorista tira o pé do acelerador, ou nas descidas; e o baixo custo. Por exemplo, com R\$ 30 reais, um carro a gasolina consegue percorrer 77 km, enquanto um carro movido à eletricidade percorre 300 km. O problema é o tempo da espera: uma hora para dar carga total. Outro problema diagnosticado pelos especialistas do IPT e da UFRJ entrevistados pela reportagem é a capacidade de geração de eletricidade em nosso país, que seja capaz de atender a demanda dos motoristas de carros elétricos, pois **o consumidor de algumas regiões do país já está pagando a bandeira vermelha**. Seria necessário investir em transformadores capazes de suportar a sobrecarga do abastecimento de uma frota de carros elétricos. Segundo os especialistas, esse é um ponto negativo e positivo, ao mesmo tempo, porque no Brasil, a maior parte da energia vem das **usinas hidrelétricas**, ou seja, é **limpa e renovável**, enquanto, os motoristas de carros elétricos dos Estados Unidos, Alemanha e China continuam poluindo a atmosfera, porque nesses países o **combustível fóssil** ainda é a principal fonte de energia.

No Paraná, a Companhia Paranaense de Energia – COPEL e a Usina Hidrelétrica de Itaipu – ITAIPU BINACIONAL trabalham no projeto da BR 277, uma eletrovia paranaense, que disponibilizará eletropostos para os veículos elétricos nas cidades de Foz do Iguaçu, Medianeira, Cascavel, Laranjeiras do sul, Garapuava, Irati, Curitiba e Paranaguá.

Figura 20 - eletrovia Copel/Itaipu



Foto: Gov. PR

As informações complementares sobre a Eletrovia Paranaense BR 277 foram obtidas pela autora e não constam da série.

O coordenador do programa de Veículo Elétrico da Itaipu, Celso Novais, garante que a energia elétrica a ser consumida por um carro elétrico pode ser comparada com a quantidade de energia utilizada por um ar condicionado de 12 mil BTUs. Falar de veículo elétrico no Brasil é falar de Itaipu, a maior usina hidrelétrica do mundo em produção de energia e que desenvolve projetos tecnológicos para a mobilidade elétrica desde a década de 1990. Para reduzir os preços dos carros elétricos no país, é preciso que as baterias sejam fabricadas aqui, e para isso, os engenheiros da Itaipu testam uma bateria a base de sódio, níquel e cádmio, com o apoio do FINEP-MCT.

Figura 21 - VEs e o avião que estão sendo testados pela Itaipu Brasil



Foto: F.Wurmeister (pesquisa da autora)

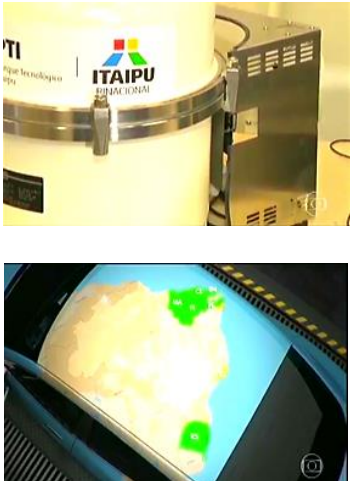
Ao ampliar a pesquisa sobre o tema encontrei informações que essas baterias de sódio estão sendo testadas pelo Exército brasileiro, na região Amazônica, dentro do Sistema Inteligente de Armazenamento de Energia – IESS que viabiliza o fornecimento de energia elétrica para comunidades isoladas, através da captação de fontes limpas, gratuitas e abundantes do país. Pioneira nos testes com automóveis, ônibus, caminhões, e até um avião tripulado, o *Sora-e* (primeiro voo em junho de 2015), a Itaipu Binacional criou o *Mob-i* um Sistema de Compartilhamento Inteligente – SCI entre os colaboradores do projeto para os deslocamentos dentro do lado brasileiro da usina. São dez carros *Renault Twizy* com quatro estações para retirar e devolver os veículos.

Da realização da reportagem até o momento da minha pesquisa para a escrita da tese o cidadão brasileiro que mora em São Paulo e comprou um carro elétrico está liberado do rodízio municipal de veículos e tem desconto de 50% no Imposto sobre Propriedades de Veículos Automotores (IPVA). No Paraná, a isenção é total e na hora da compra do VE o paranaense também não paga ICMS. Em São Paulo, também está em operação um serviço de

compartilhamento de VE, pelo *beepbeep*, com 100 carros modelo *Renault Zoe*, que podem ser retirados e devolvidos em vagas exclusivas espalhadas nas zonas Sul e Oeste da cidade.

Na quarta reportagem da série Trigueiro aponta algumas dificuldades que os brasileiros terão que enfrentar para poder dirigir um carro elétrico, mas não apresenta os contrapontos.

Quadro 37 - Trigueiro: *Brasil está na contramão dos VEs*

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
<p>imagens da bateria de sal desenvolvida na Itaipu Binacional imagens de engenheiros da Itaipu imagens de VEs imagens de computadores e engenheiros trabalhando em Itaipu bateria de um VE imagens de VE entrando em um posto arte mostra os Estados brasileiros que isentam os VEs do IPVA</p>	<p>Celso: Nós identificamos uma tecnologia que era pouco explorada no mundo. Ela é 100% reciclável. E ela é reciclável a baixo custo, apenas 1% do valor da bateria é necessário para você reciclar a bateria. Então isso é um ponto forte. Trigueiro (em off): Mas o laboratório da usina de Itaipu quer ir mais longe. Celso: Uma bateria de sódio <i>flat</i>. Uma coisa nova que permite reduzir o preço da produção da bateria em 1/3, e isso facilita muito mais uma entrada no mercado. Trigueiro (em off): Falando em mercado o Brasil segue na contramão dos carros elétricos. Ainda não há fábricas por aqui, e quem decide comprar paga muito caro por isso. A partir de 190 mil reais. A carga tributária é alta. Carros 100% elétricos não pagam imposto de importação, mas pagam IPI de 25%. O governo anunciou esse mês uma redução que começa a valer em novembro [de 2018]. A alíquota vai variar de 7 a 20%, dependendo do modelo. Só seis estados brasileiros dão isenção de IPVA e 3 tem uma alíquota menor. O número de carros elétricos no país ainda é pequeno. Pouco mais de 300, sem contar os modelos híbridos, segundo a Agência Internacional de Energia Elétrica.</p>	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Ao desenhar as possibilidades de aumento de produção dos VEs no horizonte da indústria de autopeças e combustíveis a vice-presidente da Associação Brasileiro do Veículo Elétrico, Iêda Oliveira (2011) afirma para o repórter que a transição deve acontecer naturalmente, porque o dono do VE pode deixar "de trocar o óleo do motor, mas, por outro

lado, vai precisar do inversor, que é o que controla o motor elétrico. Então, toda essa cadeia produtiva que está por trás dessa tecnologia ela vai continuar, ela vai crescer bastante, e vai gerar empregos em outras áreas".

Na última reportagem da série Trigueiro cede espaço para os repórteres internacionais Tiago Eltz (Estados Unidos), Rodrigo Alvarez (França) e Márcio Gomes (Japão). A edição de imagens feita nessa reportagem trabalha processos de transição muito bem realizados a partir da utilização de imagens sintéticas sobre imagens de representação do real.


Tiago Eltz, correspondente nos Estados Unidos, contextualiza e abre espaço para revelar a experiência pessoal de um proprietário de VE, numa conversa bem encaminhada com Guilherme Rossi, brasileiro, residente na Califórnia, dono de uma empresa de aluguel de carros de luxo, proprietário de dois VEs e de uma casa com painéis solares no telhado. Cerca de 1/3 do valor dos carros foi subsidiado pelo governo da Califórnia e 60% dos custos com os painéis foram abatidos do IR. Eltz destaca que o carro é um *Tesla*, diferentemente da narrativa feita por Trigueiro, no Brasil. Por cerca de trinta segundos Eltz discorre sobre a importância da empresa automobilística Tesla para o desenvolvimento da mobilidade elétrica nos Estados Unidos, em especial, na Califórnia, o que se fosse um anúncio comercial dentro do Jornal Nacional, valores de 2019, corresponderia a cerca de um milhão de reais.

O correspondente Rodrigo Alvarez está em Paris (FR) e visita a fábrica da Renault. O foco da narrativa recai sobre a palavra dos especialistas, tanto do setor de VE da Renault quanto da Associação de Mobilidade Elétrica da França. Durante a passagem na fábrica, Alvarez destaca o peso da bateria, 300 quilos, o que permite ao VE autonomia de pelo menos 300 km, "sem precisar de recarga". Além da autonomia a nova bateria também conta possibilita acelerar o tempo da recarga total, para cerca de "vinte minutos". Para incentivar a corrida dos franceses para a compra de um VE, o governo oferece um subsídio de até dez mil euros. Alvarez acredita que apesar da ajuda, o preço do VE precisa baixar mais, para conquistar o consumidor.

O correspondente Márcio Gomes está no Japão e destaca os dados impressionantes da China, meio milhão de pessoas compraram VEs, em 2017, o que representa metade do total das vendas no mundo todo. Outro dado interessante é que "no Japão existem mais pontos de recarga para VE, do que postos de gasolina", embora a meta dos japoneses seja o carro movido a hidrogênio. Alvarez percorre as ruas de Fujisawa, um bairro a 50 quilômetros de Tóquio, onde painéis solares cobrem os telhados e ajudam a abastecer a energia elétrica das casas e dos VEs, que ficam estacionados numa pracinha pronto para serem compartilhados.

Um filão de negócios que está sendo explorado pela empresa do sr. Omura, principalmente nas cidades onde o morador tem poucas opções de transporte público. O pacote oferece um mini VE e junto o motorista leva os painéis solares. Embora, os engenheiros do Sr. Omura garantam que a bateria tem autonomia de 50 km, durante o teste para gravação da reportagem acabou a energia do VE, e Márcio Gomes teve que empurrar o carro para o acostamento.

Quadro 38 - haja energia humana para suprir a falta de energia do VE

Visual	Verbal/Sonoro	Linguagem Híbrida Televisual
imagens de um VE Omura circulando pelas ruas do Japão imagens de Márcio fazendo um <i>test drive</i> em um VE Omura	Márcio (passagem dirigindo um carro elétrico): Mas a autonomia de 50 km comigo foi bem menor. (rindo) A bateria acabou... (empurra o carro para o acostamento e ri)	

Elaboração: CUNHA, 2020.

Um jeito inusitado de mostrar as falhas de uma nova tecnologia, ou quem sabe, uma maneira inteligente de narrar comparativamente, que a pesquisa científica no Brasil está avançada e que, podemos aprender e melhorar bastante, ao observar compreensivamente as dificuldades encontradas durante o uso de uma nova invenção na prática, em outras localidades do mundo da vida.

Após ler a reflexão que escrevi sobre a série *Veículos elétricos* a orientadora Cremilda Medina (2020) acrescentou que a série destaca a "superfície da seta do tempo → progressismo"; bem como a narrativa revela as "virtudes do carro elétrico" ao mesmo tempo em que põe a nu a "insuficiência da complexidade interpretativa do repórter-ator conduzindo a ação"; e finalmente, a reportagem não apresenta "ângulos questionáveis" como por exemplo, meio ambiente/lixo, custos/acesso e debate dos investimentos.

INSPIRAÇÕES DIALÓGICAS PARA FUTUROS DEBATES

"Através da interpretação psíquica do real, o homem construiu gradualmente um universo simbólico composto de formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos e ritos religiosos pelos quais a maior parte de sua comunicação é transmitida."
(LOHISSE, 1973, p. 62)

"Os sentimentos são as expressões mentais da homeostasia, [...] que estabelece a ligação funcional entre as primeiras formas de vida e a extraordinária colaboração que se veio a estabelecer entre corpos e sistemas nervosos."
(DAMÁSIO, 2017, p. 17)

O que não compreendemos pode ser assustador, mas, quando alguém está perturbado pela realidade deste mundo, pode ser reconfortante considerar outras possibilidades mesmo que essas possibilidades nos perturbem mais ainda, tamanho é o desejo de escapar da tirania da consciência e das fronteiras estreitas de nossas percepções para abrir as prisões mentais em que nos encarceramos. Tudo na esperança de que um mundo melhor ou uma versão melhor de nós mesmos, talvez possa estar do outro lado. "A maioria dos sentimentos provocados resulta da ativação de emoções relacionadas não só com o indivíduo isolado, mas também com o *indivíduo no contexto dos outros*." (DAMÁSIO, 2017, p. 238, itálico no original).

Quando o jornalista ou o pesquisador acadêmico socializa suas ideias e seus sentimentos de maneira inteligente no sentido de buscar uma resposta cultural que resulte em benefício dos outros esse ato epistêmico contribui para a melhora homeostática da vida em sociedade, ou seja, a ação ativa a "homeostase sociocultural", capacidade dos organismos humanos observada pelo neurocientista António Damásio.

A homeostase para a biologia é a capacidade natural dos organismos vivos em manter o equilíbrio fisiológico interno visando a preservação da saúde, como, por exemplo, quando sentimos muito calor o corpo regula a temperatura interna produzindo suor. A homeostase sociocultural é coletiva porque sua ativação acontece a partir da ação dos movimentos

culturais produzidos pelas mentes humanas e ajudam no desenvolvimento da sociedade, bem como cooperam para a ocorrência de "modificações no genoma humano, pois a biologia e a cultura são completamente interativas". (DAMÁSIO, 2010, p. 440). Entretanto, a História da humanidade revela que infelizmente a expansão cultural também contribuiu para aumentar a violência humana, ou seja, é uma condição inerente à civilização desde a Antiguidade depois do nomadismo, antes do capitalismo, quando o humano passou a acumular recursos através da agricultura, aprendeu a domesticar os animais e lutar agressivamente para ter e manter poder. "Uma das tarefas das culturas tem sido domar o monstro [violência] que permanece vivo e presente como recordação das nossas origens." (DAMÁSIO, 2017, p. 240).

Para reduzir os ataques violentos, aumentar as possibilidades de socialização positiva e criar uma ambiência favorável para a homeostase sociocultural é importante diminuir a retórica da agressão e do "olho por olho e dente por dente" em qualquer suporte midiático, entre jornalistas, políticos e sociedade, porque a melhora homeostática cultural, orgânica e natural reverbera a partir dos *insights* positivos que brotam das reações emotivas aliviadoras do sofrimento alheio. Embora Damásio não se refira ao jornalismo, interpreto suas palavras para ressaltar os resultados negativos da avalanche noticiosa da barbárie. Não se trata de ignorar o que acontece no mundo, mas de sentir antes de agir permitindo que a memória tenha tempo para registrar possibilidades combinatórias de cooperatividade solidária a partir de sentimentos afetivos. Re-conectar laços emocionais, re-programar persistentes reações vingativas e re-organizar a memória. Ao ressaltar o prefixo **re** busco destacar a necessidade de avaliar a importância qualitativa de determinados registros internos, porque inconscientemente a memória pode estar presa em uma imagem que permanece fixa na recordação fazendo com que uma sensação sensorial se repita, indo e vindo sem parar, mantendo um sentimento sobre alguém ou alguma coisa, e pode dar origem ao preconceito.

O jornalista e o pesquisador acadêmico precisam se abastecer de novas emoções e sentimentos a cada nova pauta, em síntese, iniciar a viagem pela corrente mental com a mente aberta para absorver socioculturalmente as possibilidades de novas "observações-experiência". O enriquecimento mental é proporcionado pela "curiosidade epistêmica" com apoio das memórias. Nossa mente não é um ajuntamento celular organizado em forma de órgão humano. "A unidade básica para a criação da mente é a imagem, seja ela a imagem de uma coisa, do que uma coisa faz ou do que a coisa nos leva a sentir; [...] ou as imagens das palavras que traduzem cada uma dessas possibilidades ou o seu conjunto." (ibidem, p. 134). Se o jornalista ou o pesquisador acadêmico sente que a lógica está a endurecer, padronizar e

estruturar a rotina pelo dogmatismo, procrastinação ou preconceito, é preciso deixar-se levar pelo fluxo contínuo da intuição para que ocorra uma ampliação sensível dos sentimentos, de tal forma que se possa flexibilizar a mente para voltar a ter foco e concentrar-se na curiosidade epistêmica prefigurada pela homeostase sociocultural. "Na viagem pelo mundo vivo, os cinco sentidos se articulam para despertar a intuição criativa, decidem o caminho solidário e enriquecem o juízo de valor". (MEDINA, 2007, p.18). Embora a prática jornalística favoreça a cobertura de temas de interesse prático, a curiosidade epistêmica busca o conhecimento a partir de novas visões de mundo, porque dinâmica e homeostaticamente, permite ao sujeito ultrapassar as fronteiras dos interesses individuais e, progressivamente, praticar a mediação social e cultural com o Outro.

Assim, na confluência intelecto-afetiva do diálogo orientativo com Cremilda Medina e das leituras reflexivas dos estudos do neurocientista António Damásio, referência sempre presente nos encontros do grupo *Epistemologia do Diálogo Social* realizo interessantes descobertas que vão do código verbal ao digital e do genético ao cultural num exótico voo acadêmico. Com Medina, experiencio a observação do Outro, sujeito jornalista que emerge na contemporaneidade produzindo uma narrativa jornalística seriada que extrapola o tempo cronometrado da televisão. Com Damásio extrapolo o devir temporal entre o "eu autobiográfico" e o sujeito Outro em nós para ver emergir a curiosidade epistêmica de um conhecimento em aquisição. "A estimulação da curiosidade epistêmica pode ampliar o discernimento informativo e com o apoio da memória sensível elaborar o mapa imagético da narrativa verbal de segunda ordem – base da narrativa autoral." (CUNHA e MEDINA, 2017, p. 1). A narrativa autoral é sentida e decodificada ininterruptamente pelo "eu nuclear" a partir dos sinais somatossensoriais, imagens do interior e do exterior corpóreo. Damásio observa que o "eu nuclear" está relacionado com um "eu material", enquanto o "eu autobiográfico" é mais social e está relacionado com um "eu social" e um "eu espiritual". "Podemos observar estes aspectos do eu na nossa própria mente ou estudar os seus efeitos no comportamento dos outros." (DAMÁSIO, 2012, p. 23). O "eu autobiográfico" dá vida à consciência autobiográfica ao identificar o próprio corpo, perceber e revelar a própria identidade, lembrar momentos vividos no passado e ser capaz de imaginar e projetar a vida no futuro. Acrescento ao exercício de consciência do "eu autobiográfico" do sujeito jornalista como mediador social, a habilidade sensível e solidária para ouvir as vozes dos protagonistas sociais, bem como contextualizar histórica e culturalmente o acontecimento, substanciando assim, de maneira complexa e criativa, a escrita jornalística ou acadêmica. Acrescentaria que

a cada transformação do formato (techne) o "eu autobiográfico" adapta a codificação da linguagem que expressa a matriz cultural (episteme) para a nova mediação. Damásio (2017, p. 44) questiona a possibilidade de que as invenções intelectuais, como por exemplo, os sistemas de governação política, a arte e a tecnologia, entre outras, podem ter sido concebidas pelos sentimentos, que "como colaboradores da homeostasia, são os catalisadores das respostas que deram origem às culturas humanas". A curiosidade epistêmica aguça a mente do sujeito jornalista para atravessar os limites estruturais dados pela angulação (componente de organização textual), ampliar o enquadramento (componente epistemológica) e refletir sobre o que é essencial e vale a pena enfatizar sobre determinado evento, pessoas, fenômenos, enfim.

Apresentar a interpretação teórica e as noções epistemológicas é metade do caminho de um estudo acadêmico, porque a criação autoral acadêmica deve partir do discurso conceitual e observar experiencialmente as proposições que surgem diante das interrogantes, que no dizer de Cremilda Medina significa rever a "herança técnica", propor "interrogantes éticas" e se deixar levar pelas "inspirações estéticas". (MEDINA, 2016, p. 7), ou seja, apresentar um exercício empírico que ilumine o processo teórico através da prática social midiática. Assim, apresento quatro estudos de caso correspondentes a quatro séries jornalísticas televisuais comunicadas em telejornais do horário nobre pela TV Aberta do Brasil.

A série jornalística televisual na TV Aberta

No jornalismo televisual diário, a série como prática social midiática deriva dos programas jornalísticos semanais, onde os documentários e as reportagens investigativas mais longas têm espaço garantido, por exemplo, na TV Aberta do Brasil, *Globo Repórter*, *Câmera Record*; e na TV internacional, *Watchdog* (BBC, UK), *Sixty Minutes* (CBS, EUA), *Dateline* (NBC, EUA), entre outros.

A escolha da série jornalística televisual justifica-se por sua característica inovadora ao romper com o paradigma do imediatismo, lendária chave do jornalismo televisual diário, bem como, revela um sentimento coparticipativo do coletivo profissional predisposto a desenvolver um tema de maneira mais complexa em contraste com a produção acelerada e superficial dos relatos fatuais. São elas: a) *A fome* (2001) de Marcelo Canellas, Jornal Nacional, TV Globo; b) *Blitz da educação* (2011) de André Azevedo, Jornal Nacional, TV Globo; c) *As crianças e a tortura* (2013) de Luiz Azenha, Jornal da Record, TV Record; e d)

Veículos elétricos (2018) de André Trigueiro, Jornal Nacional, TV Globo. Os temas destas reportagens remetem aos direitos sociais como alimentação, educação, segurança e trabalho, assegurados pela Constituição do Brasil de 1988, o que influenciou na escolha do conjunto empírico.

A pauta para a produção de uma série jornalística televisual pode ganhar fermentação a partir do enquadramento de um problema, mas deve se abrir para a contextualização do tema, cultural e historicamente, bem como ouvir protagonistas que possam revelar experiências humanas e arrematar com uma fundamentação embasada em diagnósticos e prognósticos dos especialistas no assunto. A narrativa autoral em cada reportagem / capítulo, deve crescer de maneira complexa, sólida, a partir da fortalecida estrutura embasada em uma ampla visão oferecendo ao telespectador conhecimento que ele não encontraria na reportagem comum.

O que o sujeito jornalista deve buscar ao desenvolver uma grande reportagem é apresentar um jornalismo que contribua para o exercício democrático da cidadania. A pesquisa revela que, apesar da sucessão de capítulos diários, a serialidade jornalística televisual não pressupõe continuidade, pois em geral, o sintagma televisual revela uma edição descontinuada e fragmentada. O tema principal perpassa a estrutura das reportagens (capítulos) permitindo que o repórter apresente novos protagonistas ou contextualize o evento a partir de outras localidades tanto do Brasil quanto do exterior.

Este estudo observou que alguns jornalistas têm se esforçado para assumir uma posição epistemológica plena da pluralidade interpretativa e assim, sutilmente vislumbrar novos horizontes para a prática comunicacional através da série jornalística televisual.

O conjunto de lentes epistemológicas da arte narrar o contemporâneo (MEDINA, 2003) possibilitou a leitura reflexiva dos relatórios das linguagens híbridas televisuais das séries conforme apresento a seguir.

Leitura reflexiva das narrativas televisuais da contemporaneidade

A Fome (2001) de Marcelo Canellas, *Jornal Nacional*, TV Globo

No final dos anos 1990, inspirado na obra *Geografia da Fome* (Josué de Castro, 1940) o jornalista Marcelo Canellas apresenta o projeto de reportar um dos principais problemas da humanidade, a fome. Entre as inúmeras questões sociais, culturais e econômicas, que nos anos 1990 demandavam e seguem demandando, um debate transdisciplinar entre jornalistas, especialistas e sociedade está a "erradicação da pobreza e da fome", prioridade para a Organização das Nações Unidas (ONU, 1999). Na virada do milênio, mais de 700 milhões de pessoas eram afetadas pelo problema em todo o mundo. Números que certamente influenciaram a direção de jornalismo da TV Globo a autorizar a viagem de Marcelo Canellas.

Em *A Fome* (2001) Canellas desenvolve uma narrativa autoral que presentifica o protagonismo de cidadãos brasileiros que criativamente invertem o rumo da própria desgraça, forjando um atalho de esperança e, com esforço e paciência, estão a movimentar a agricultura familiar no sertão do semi-árido, com o objetivo de amenizar o problema da falta de alimentos.

Entre as vertentes epistemológicas da arte de narrar o contemporâneo (MEDINA, 2003) observadas no estudo desta série destaco que a criação autoral de Canellas expressa a complexidade dos contextos socioculturais dando voz às identidades locais, bem como praticando a interação social entre ele, sujeito repórter com o sujeito protagonista anônimo, e interpretando compreensivamente as estratégias de sobrevivência (*sevirol*²⁰) das comunidades visitadas corroborando a observação de Damásio sobre a homeostase sociocultural, ou seja, a capacidade que o humano possui de através dos movimentos culturais contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

²⁰ **Sevirol**: habilidade humana estudada e apresentada por Cremilda Medina e Milton Greco na obra *Sobre vivências no mundo do trabalho*, vol. 4 da coletânea *Projeto Plural* (ECA/USP/CNPq, 1995). "Sevirol" designa a experiência individual e coletiva do sujeito que se move por processos que buscam reorganizar o "caos dinâmico através de auto-regulações", ou seja, o "sevirol" das batalhas diárias dos que driblam o desemprego nas grandes cidades, dos que enfrentam as agruras dos escritórios informais nas esquinas das ruas – sem teto e sem licença – da infância até a velhice, e dos esquecidos invisíveis, fantasmas periféricos da oligarquia rural.

Blitz da Educação (2011) de André Azevedo, Jornal Nacional, TV Globo

A realização da *Blitz da Educação* (2011) do repórter André Azevedo acompanhado do especialista Gustavo Ioschpe só foi possível graças aos recursos técnicos e humanos da rede de 120 emissoras de TV, afiliadas da Rede Globo (GLOBO, 2020), o que representa um alcance de 205.318.781 telespectadores potenciais, em 5.172 municípios brasileiros. O operacional tecnológico dessa série impressiona pela afinação coletiva que permitiu percorrer as cinco regiões do território brasileiro em cinco dias. A sequência do trabalho do repórter e do especialista compreendia: visitar as duas escolas, entrevistar professores e alunos, voltar para a redação da afiliada para a primeira seleção de imagens da edição. A equipe técnica da afiliada ficou responsável pela montagem do *link* de transmissão no aeroporto da cidade, no final da noite, quando o repórter entrou ao vivo no *Jornal Nacional* atendendo ao chamado do âncora e, finalmente em rede nacional é comunicada a reportagem do dia.

Destaco o trabalho de bastidores desta série porque sem os recursos técnicos e humanos o desenrolar vivo e contagiante da prática permanece adormecido no projeto, ou seja, é o coletivo profissional harmonizado e habilitado que dá vida ao acontecimento, contudo é o jornalista quem interpreta e narra a representação simbólica com o apoio da mente consciente que filtra os sentimentos através "da interação entre corpo e cérebro e não unicamente do cérebro." (DAMÁSIO, 2017, p. 274). Mas, o resultado apresentado nesta série frustra a expectativa. O repórter se manteve nos dados estatísticos da pauta e fundamentou a narrativa a partir da polarização fragmentária dos opostos, ou seja, em cada capítulo são apresentadas duas escolas, de cada uma das cinco regiões do Brasil, uma com maior índice (boa) e a outra com menor (ruim) índice no IDEB. Além do indicador do IDEB, outra fórmula estatística está presente em todos os capítulos da série *Blitz da Educação*, esta, por sua vez, além de polarizar e fragmentar os profissionais entre bons e ruins promove a objetificação do professor.

Além do enquadramento pela matriz verbal na voz do repórter, a matriz visual reforça através da imagem sintética os dados sobre salário, experiência e formação. Reconheço que o desenvolvimento tecnológico dos softwares de computação digital agilizam o processo de pós-produção da reportagem televisual permitindo a inserção de ilustrações virtuais que reforçam o sentido da matriz visual e em alguns casos, duplicam a matriz verbal. Mas, o jornalista deve ter em mente que a educação é um sistema complexo e dinâmico, e não, uma unidade de conhecimento atomística, justamente por isso suas sutilezas intermediárias se

tornam visíveis quando observadas fora do particularismo. (CUNHA, 2019). As ilustrações virtuais descontextualizadas servem apenas para destacar retóricas vazias do jornalismo genérico da contemporaneidade. Protagonistas anônimos, sujeito professor e sujeito aluno nos inspiram como sujeito jornalista ou sujeito pesquisador acadêmico que somos, a escrever narrativas complexas que possam resistir às generalizações comparativas e à fragmentação do conhecimento. Após ler a reflexão que escrevi sobre a série *Blitz da Educação* a orientadora Cremilda Medina (2020) acrescentou a seguinte observação:

A escola brasileira e suas vertentes pedagógicas provocam a comunicação social a decifrar, ensaiar e interpretar não só os fatos estatisticamente mensuráveis, mas os desvios fora da curva dos gráficos. O ato de reportar desliza nesses desafios da essência informativa e não está contido na aparência quantificada.

Em síntese, a série enfoca o tema a partir de uma visão reducionista e dicotômica dando destaque às imagens sintéticas com numerais (indicadores do IDEB, salários e idade de alunos) que identificam virtualmente as escolas e objetificam os sujeitos tanto os alunos como os profissionais da educação, em detrimento das imagens que representam simbolicamente a realidade cotidiana daquelas crianças e jovens, utilizadas apenas para cobrir o *off* do repórter ou do especialista, imagens estas que revelam a essência dos protagonistas anônimos sedentos por obter e compartilhar conhecimentos, quer seja no pedido de atenção através do coração desenhado na folha do caderno (captado pelo olhar cultural do cinegrafista), na necessidade de transporte do rostinho suado do menino que vai a pé para a escola, ou ainda na força intelectual da menina que apesar da escola fechada por causa da greve escreve uma redação para contar ao mundo que vai ser juíza.

***As crianças e a tortura* (2013) de Luiz Azenha, Jornal da Record, TV Record**

A tortura está no cerne da série *As crianças e a tortura* (2013) de Luiz Carlos Azenha que foi dividida em cinco capítulos: a) Edson Teles: a voz era de minha mãe; o rosto, não parecia; b) Ivan Seixas: temos obrigação de mostrar essa foto; c) Ernestinho: o mais jovem preso político do Brasil; d) Rose Nogueira: logo depois de dar à luz, o abuso do torturador; e e) Igor Grabois: meu nome não é Jorge Freitas. Protagonistas anônimos que revivem momentos de um passado recente na vida dos brasileiros, os “anos de chumbo”, período mais repressivo da ditadura militar no Brasil, do AI-5 em 13 de dezembro de 1968 até o fim do governo Médici, em março de 1974.

Nesta escrita reflexiva sobre a narrativa jornalística televisual *As crianças e a tortura* observo arquétipo como *anthropos* universal, com base na leitura feita por Medina (1978, p. 44), de que os “arquétipos são fatores biogenéticos, elementos sociogenéticos ou mitos que por serem universais entram no coletivo”. O arquétipo da tortura na série *As crianças e a tortura* revela um microcosmo de tirania política que a democracia liberal mais refuta na sociedade contemporânea. A tortura é o fim deliberado do que conhecemos como civilização, porque inverte o princípio da dignidade nas relações sociais e extermina o paradigma dialógico social entre o Eu e o Outro.

Ao lado das crianças: Edson Teles, Ivan Seixas, Ernestinho, Rose Nogueira e Igor Grabois, hoje adultos, consideradas terroristas e torturadas, Azenha caminhou pelas ruas da cidade de São Paulo, vasculhou as casas-esconderijos para os torturadores / lares-acolhedores para as famílias das vítimas, e enfrentou o medo individual e coletivo dos espaços marcados pela morte. Juntos: narrador e autor / repórter e o Outro levaram o telespectador a quebrar tabus invisíveis e organizar a desbotada escrita datilografada dos processos escondidos/arquivados. A estesia do belo da vida comunicado pelo sentimento ativo do jornalista sacode a possível anestesia do telespectador passivo. Lado a lado, Azenha, as crianças, os jovens e os adultos, revelaram uma visão de mundo, falar para mudar, como na representação mítica de viver um mundo melhor. “A fundura da dor que impulsiona a criação humana se cava na solidariedade com os desassossegados.” (MEDINA, 2003, p.76).

A partir da perspectiva culturalista da prática epistêmica as reportagens revelam que o fato, a tortura de crianças no Brasil foi apresentado de maneira humanizada, com histórias de vida, de maneira a permitir a pluralidade de vozes tanto atuais quanto aquelas que foram recuperadas pela memória viva dos que sofreram a tortura e que se tornaram narradores

protagonistas ao exercer o papel de cidadão para utilizar o espaço da comunicação social dentro de um contexto cultural e social da esfera pública. Perspectiva autoral bem diferente da recente cobertura da mídia hegemônica, em que o arquétipo da tortura aparece como tendência que reforça o discurso governamental e jurídico na contemporaneidade, em especial o da razão cínica dos Estados Unidos que domina o Ocidente colocando a tortura como uma necessidade na luta contra o terrorismo. A seguir transcrevo uma contribuição enriquecedora para este estudo sobre a série *As crianças e a tortura* e que se adequa perfeitamente para a observação de outras *narrativas da contemporaneidade*. O texto é da orientadora Cremilda Medina (2020): "a) virtude dramática da série: a tragicidade da descoberta – criança e tortura; e b) quando a reportagem dispensa a tribuna de opinião".

A narrativa jornalística televisual *As crianças e a tortura* reflete compreensivamente sobre a necessidade de tornar público o conhecimento desse acontecimento, porque não é possível deixar no esquecimento a prática da tortura com a justificativa de que foi apenas naquela situação, ou naquele momento da História do Brasil. Não há excepcionalidade cultural, legal ou religiosa que justifique a tortura. Neste sentido, a atualidade e a instantaneidade do Jornalismo se alargam para as Narrativas da Contemporaneidade (Medina). O tempo mecânico, tecnológico é preenchido por **tempos** histórico-culturais da memória coletiva.

Veículos elétricos (2018) de André Trigueiro, Jornal Nacional, TV Globo

Até pouco tempo sonhava que a internet seria disponibilizada pela tomada de energia elétrica como em alguns locais dos Estados Unidos, mas o carro elétrico chega na frente. Pelo menos é o que mostra a série de reportagens *Veículos Elétricos (VE) 2018*. Foram nove meses de pesquisas, entrevistas e gravações para o jornalista André Trigueiro, professor de Geopolítica Ambiental na COPPE/UFRJ e de Jornalismo Ambiental na PUC-Rio. Os cinco capítulos da série estão disponíveis online no portal G1 do Jornal Nacional e canal da MR Solar Engenharia (BSB).

Apesar da dificuldade em encontrar protagonistas para contar suas histórias, afinal em todo o Brasil até o momento da reportagem tinham sido vendidos apenas cerca de 300 carros exclusivamente elétricos, Trigueiro e os outros repórteres internacionais, conseguem mostrar ao telespectador um pouco dessa dinâmica. Importante conhecimento tanto para o empresário de transporte de cargas que pensa em renovar a frota para reduzir os custos quanto para o trabalhador que utiliza diariamente o transporte público e sonha com uma melhor qualidade de vida na ida e vinda de casa ao trabalho.

Entretanto, as reportagens se concentram principalmente, nos comentários de fontes oficiais, como fabricantes de VEs, representantes de entidades do setor e especialistas desenvolvedores de projetos na área. Vale destacar que embora a pauta jornalística sobre VEs seja recente, o tema da bioenergia e outras fontes naturais está em debate desde o início do século XXI pelos pesquisadores do *Projeto Plural* coordenado por Cremilda Medina. O volume 10 do *Novo Pacto da Ciência* trata da *Energia, meio ambiente e comunicação social* (Ed. UFP; FCL, 2009) onde o cientista brasileiro José Goldemberg observa "que qualquer forma de energia, por mais natural que seja, tem um determinado custo ambiental". (MEDINA, 2009, p. 361). Qual seria o custo do VE para o meio ambiente brasileiro? Embora mencione o alto custo da reexportação da bateria para reciclagem no exterior, a reportagem não avança nessa linha, mas compara o gasto entre o motor a combustão e o elétrico, ou seja, com R\$ 30,00 (trinta reais) o motorista do VE percorre 300 km, enquanto o motorista do carro a gasolina avança por 77 km. O problema é o tempo da espera: em média uma hora para dar carga total na bateria.

Outro problema diagnosticado pelos especialistas do IPT e da UFRJ entrevistados pela reportagem é a capacidade de geração de eletricidade em nosso país que seja capaz de atender a demanda dos motoristas de carros elétricos, pois o consumidor de algumas regiões

brasileiras já está pagando a bandeira vermelha. Seria necessário investir em transformadores capazes de suportar a sobrecarga do abastecimento de uma frota de carros elétricos.

A reportagem revela que o Brasil investe em pesquisas para produzir uma bateria a base de sódio o que reduziria os custos para a indústria. Ao ampliar a pesquisa sobre o tema encontrei a informação que essas baterias de sódio estão sendo testadas pelo Exército brasileiro, na região Amazônica, dentro do Sistema Inteligente de Armazenamento de Energia (IESS) que viabiliza o fornecimento de energia elétrica para comunidades isoladas, através da captação de fontes limpas, gratuitas e abundantes do país. Pioneira nos testes com automóveis, ônibus, caminhões, e até um avião tripulado, o *Sora-e* (primeiro voo em junho de 2015), a Itaipu Binacional criou o *Mob-i* um Sistema de Compartilhamento Inteligente – SCI entre os colaboradores do projeto para os deslocamentos dentro do lado brasileiro da usina. São dez carros *Renault Twizy* com quatro estações para retirar e devolver os veículos. Na época da reportagem, Trigueiro observa que a única opção de automóvel elétrico era o *BMW i3*, mas ao pesquisar o assunto descobri que desde o segundo semestre de 2019 o mercado brasileiro de automóveis oferece os modelos elétricos *Chevrolet Bolt*, *Nissan Leaf*, *Renault Zoe*, *JAC IEV 40* e o *Jaguar I-Pace*.

Na última reportagem da série Trigueiro cede espaço para os repórteres internacionais Tiago Eltz (Estados Unidos), Rodrigo Alvarez (França) e Márcio Gomes (Japão). A edição de imagens feita nesse capítulo se destaca pelos processos de transição de um repórter para outro simulando representação do real a partir da utilização de imagens sintéticas. Nos outros capítulos da série também fica visível o cuidado com a elaboração dos gráficos e títulos inseridos sobre as imagens sintéticas sincronizando a dinâmica da matriz verbal.

Uma imagem previsível em todos os capítulos é a do repórter no volante de um carro. Vale dizer que a gravação de áudio e vídeo no interior dos automóveis apresenta boa resolução de imagem e a captação sonora é clara permitindo confirmar que o carro elétrico não produz ruído, ou produz ruído de baixo nível se comparado com o motor de um carro movido a gasolina. Entretanto, essa dinâmica do repórter-ator pode comprometer a complexidade interpretativa do repórter-autor, porque enquanto atua a mente do sujeito jornalista está concentrada em si e não no Outro. Assim, a representação simbólica do acontecimento pelo jornalista ou pelo pesquisador acadêmico pode ficar comprometida como observa o professor de comunicação Fernando Luiz Santoro da Universidade de São Paulo (USP): "Por que o repórter está se tornando um pouco mais ator?" Esse tipo de jornalismo é descritivo e provoca risos. (SANTORO, 1987, p.151).

Após ler a reflexão que escrevi sobre a série *Veículos elétricos* a orientadora Cremilda Medina (2020) acrescentou que a série destaca a "superfície da seta do tempo → progressismo"; bem como a narrativa revela as "virtudes do carro elétrico" ao mesmo tempo em que põe a nu a "insuficiência da complexidade interpretativa do repórter-ator conduzindo a ação"; e finalmente, a reportagem não apresenta "ângulos questionáveis" como por exemplo, meio ambiente/lixo, custos/acesso e debate dos investimentos.

Leitura cultural da vivência humana

As reflexões apresentadas nesta tese destacam a importância da "observação-experiência" (MEDINA, 2008, p. 95) tanto para a escrita jornalística quanto para a escrita acadêmica porque é uma prática que enriquece o código verbal, transcendendo a simples coleta de dados ou a transcrição dos relatos. A observação tensa e densa capta significados não ditos (conflitivos, contraditórios) que alimentam novas interrogantes, outros caminhos para a possível decifração pelo sujeito jornalista. (MEDINA, 2020).

O desenvolvimento de competências que ajudem o jornalista-autor ou o pesquisador-narrador a mediar a informação coletiva para oferecer uma escrita ensaística criativamente estruturada no espaço-tempo, e não um superficial relato descritivo de ações, é tarefa constante, dentro e fora do ambiente de formação educacional e profissional, por toda a vida. Indecifrável processo mesmo para os neurocientistas, interminável labor mesmo para os incansáveis escritores, um ofício permanente de "leitura cultural da vivência humana" (MEDINA, 1996, p. 33).

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. **Eletrovia Copel completa um ano com mais de 300 recargas**. Disponível em: <https://bit.ly/2VpvsvQ> Acesso em: 8 set 2019.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **ANATEL Biblioteca**. Legislação. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/biblioteca> Acesso em: 2 maio 2018.

AMARAL, Fernanda. **Olhar de Neblina**. Espetáculo de Dança. Apresentado no Teatro Sérgio Cardoso, Sala Paschoal Carlos Magno, 21-22 jan., 2016.

ARCHIVOS HISTORIA. **Edison-kinetoscope**. Ilustração. Disponível em: <https://archivoshistoria.com/edison-kinetoscope/> Acesso em: 20 dez. 2019. (Figura 2, p. 23)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BIOGÁS E BIOMETANO (ABIOGAS). **Evolução do setor de biogás**. Disponível em: <http://abiogas.org.br> Acesso em: 5 maio 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação: Referências**. Rio de Janeiro, 2002.

ATHEY, S. Chapter 5. The Torture Device. Debate and Archetype. In: BISWAS, S.; ZALLOUA, Z. (Eds). **Torture: Power, Democracy, and the Human Body Global Re-Visions**. Washington: University of Washington Press, 2011. (p. 129-157).

AUGER, C. P. **Use of Reports Literature**. London: Butterworths, 1975.

AUSLANDER, Philip. Against Ontology: Making Distinctions Between the Live and the Mediatized. In: **Performance Research** 2,3 (Autumn), 1997. (p. 50-55).

BANDEIRA, Manuel. Consoada. In: _____. Livro XXX. **Opus 10**. São Paulo: Editora Hipocampo, 1952.

BARTHES, R. **Mythologies**. New York: The Noonday Press, New York Farrar, Straus & Giroux, 1991.

BAVCAR, Evgen. **Memória do Brasil** Organização e textos: Elida Tessler e João Bandeira. São Paulo: Editora: Cosac & Naify, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis , RJ: Vozes, 2002.

BERGER, Arthur Asa. **Media Analysis Techniques**. London: SAGE Publ., 2013.

BERGMAN, M. K. A Foundational Mindset: Firstness, Secondness, Thirdness. Unlocking Some Insights into Charles Sanders Peirce's Writings. In: _____. **A Knowledge**

Representation Practionary: Guidelines Based on Charles Sanders Peirce. New York, Springer Int. Publ, 2018. (p. 108-115).

BERLYNE, Daniel E. A theory of human curiosity. In: **British Journal of Psychology**, 45:3, Aug. 1954. (p. 180–191).

BLONDHEIM, M. News over the Wires: The Telegraph and the Flow of Public Information. In: **America, 1844–1897.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

BOLTANSKI, L. **Distant Suffering: Media, Morality, and Politics.** New York: Cambridge University Press, 1999.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1977.

_____. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, Adauto [et al]. **O Olhar.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988. (p. 65-87).

BOURDIEU, P. **Language and Symbolic Power.** Cambridge, UK: Polity Press, 1991.

_____. **Escritos de Educação. Os três estados do capital cultural.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BRADBERRY, Travis. How Complaining Rewires Your Brain for Negativity. In: **Entrepreneur**, 9 set., 2016.

BRAGA, José Luiz. Análise Performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação.** Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei Geral de Telecomunicações 9.472/1997** Dispõe sobre a organização dos serviços de telecomunicações, a criação e funcionamento de um órgão regulador e outros aspectos institucionais, 1997.

BRENT, J. **Charles Sanders Peirce: a life.** Indiana: Indiana University Press, 1998.

BRIER, S. The Cybersemiotic Model of Communication: An Evolutionary View on the Threshold between Semiosis and Informational Exchange. In: **Triple C**, v. 1(1), 2003. (p. 71-94).

BUCKLAND, Warren. **The Cognitive Semiotics of Film.** Liverpool John Moores University. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000.

CANELLAS, M. Depoimento gravado em vídeo. 2018.

CARDOSO, Ruth C.L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.) **Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa**. SP: Paz e Terra, 1986.

CASTRO, J. O. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10ª Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé; 1980.

CHRISTENSEN, J. Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores. In: HARFORD, T. **Folha de S. Paulo**, Mundo, 10 mar., 2017. (traduzido do jornal *Financial Times* de 9 mar., 2017)

CHRISTIANSEN, P. V. The semiotic flora of elementary particles. In: **SEED** 3(2), 2003. (p. 47–68).

CUNHA, Sonia Regina S.; MEDINA, Cremilda. A Curiosidade Epistêmica Jornalística e a Narrativa Autoral. In: Anais 40º **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, Intercom, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3b1Uo1T> Acesso em: 18 dez. 2019.

CUNHA, S.R.S. Hortas Rurbanas: agente folkcomunicação que atua no campo contribui para melhoria do meio ambiente nas grandes cidades. In: **Anais Folkcom**, XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Recife-PE, 2 a 5 de maio de 2017 –UFRPE/FACIPE, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2TnAshU> Acesso em: 3 jun. 2018.

_____. Por um jornalismo capaz de abarcar a essência dos acontecimentos e os interesses da sociedade. In: Anais 11º **Encontro Nacional de História da Mídia**, Mackenzie, SP, Rede ALCAR 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Gz0cRq> Acesso em: 12 ago. 2017.

_____. Open TV newscast in Brazil: Episteme in Motion? In: **2018 Spring School Schedule. PERUGIA Università**. Disponível em: <https://bit.ly/2w2w9AH> Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. A narrativa jornalística seriada da TV Aberta no Brasil. In: **Anais Conexão Pós: solidariedade na pesquisa e perspectivas de docência do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 5-6 dez. 2018.

_____. O mapa das religiosidades. In: MEDINA, C. **Reproposta para todas as idades**. São Paulo: Ed. ECA-USP, 2019. (p. 93-97).

DAMÁSIO, A. **Descartes'error: emotion, reason, and the human brain**. NY: Avon Books, 1995.

_____. **O mistério da consciência** : do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Y el cerebro creó al hombre**. Trad. Ferran Orti. Barcelona: Ediciones Destino, 2010. Col. Imago Mundi, vol. 182.

_____. **Self comes to mind**. Constructing the conscious brain. London: Vintage Books, 2012.

_____. **A estranha ordem das coisas**. A vida, os sentimentos e as culturas humanas. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2017.

De BURGH, Hugo. **Investigative Journalism**. Context and Practice. London & New York: Routledge, 2000.

DOSCH, H.G.; MÜLLER, V.F.; SIEROKA, N. Quantum field theory, its concepts viewed from a semiotic perspective. In: **Archive University of Pittsburgh**, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2PoXTGw> Acesso em 28 abr. 2017.

EMERY, M. [et al]. **The Press and America: An Interpretive History of the Mass Media**. Boston, MA: Allyn & Bacon, 1997.

FANTEL, Hans. 100 years ago: the beginning of stereo. In: **The New York Times**, Journal, Ed. Section B, January 4, 1981. (p. 227).

FISKE, J. **Television culture: popular pleasures and politics**. New York; London: Taylor & Francis, 1987.

FOERSTER, Heinz von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (p. 59-74).

FRECHETTE, Casey. 9 key elements that can help journalists be better video storytellers. In: **Poynter Institute**. 27 fev. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2TdQU4p> Acesso em: 9 fev. 2017.

FROMM, Erich. **The Sane Society**. New York: Rinehart, 1955.

FUNARO, Vânia M. B. O. [et al] (coord.) **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte I (ABNT) / Sistema Integrado de Bibliotecas da USP; 3.ed. rev. ampl. mod.** São Paulo: SIBiUSP, 2016.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. Essai de méthode. 1972.

GOLDEMBERG, J.; LUCON, O. Energias renováveis: um futuro sustentável. In: **Revista USP**, (72), 2007. (p. 6-15). Disponível em: <https://bit.ly/2w6q3PY> Acesso em: 3 mar. 2016.

GÓMEZ Y MÉNDEZ, J. M.; MÉNDEZ-MUROS, S. El Neuroperiodismo, nuevo horizonte para la información local en su servicio ciudadano. In: RODRÍGUEZ, J. M. (coord.). **Retroperiodismo**, o el retorno a los principios de la profesión periodística. Madrid: Sociedad Española de Periodística; Zaragoza: Ediciones Universidad San Jorge, 2016. (p. 249-262).

GRAJEW, O. Universidade para quê? In: **Folha de S.Paulo**, 7 jan., 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2SYvuJB> Acesso em: 12 jan. 2016.

GRIZIOTTI, G. **Neurocapitalism**. Technological Mediation and Vanishing Lines. Colchester, New York, Port Watson: Minor Compositions, 2019.

GRUNWALD, Ebbe; RUPAR, Verica. Journalism curiosity and story-telling frame. A comparative study of Australian and Danish newspapers. **In: Journalism Practice**, Routledge, Issue 4, Vol. 3, dec. 2009. (p. 392-403).

HALL, Stuart. **Encoding and decoding in the Television discourse**. Paper for the Council Of Europe Colloquy on Training In The Critical Reading of Televisual Language. Organized by the Council & the Centre for Mass Communication Research, University of Leicester, September, 1973.

_____. Cultural Identity and Diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. (ed.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990. (p. 222-237).

HENDERSON, K. **Compromising the craft: a mixed-methodological analysis of the products and processes of storytelling in local television and digital news**. Thesis. Doctor of Philosophy in The Manship School of Mass Communication. May 2015.

HESTER, T. Interview. In: HUTSON, M. Scientists imbue robots with curiosity. **Sciencemag.org**, 31 May 2017. Disponível em: <https://www.sciencemag.org> Acesso em: 12 maio 2018.

HILDEBRAND, David. From Neutral to Pragmatic Objectivity: Practical Lessons about Inquiry From Journalism. In: **Pragmatism & Objectivity Workshop**, Helsinki, May 23, 2013.

HOWE, Paul. Archetypes of famine and response. In: **Disasters**, Blackwell Publishing, 34(1), 2010. (p. 30–54).

HUTSON, M. Scientists imbue robots with curiosity. **Sciencemag.org**. Disponível em: <https://www.sciencemag.org> Acesso em: 31 maio 2017.

INTERVOZES. **Políticos donos da mídia**: levantamento do Intervozes em 10 estados denuncia prática ilegal de candidatos que são proprietários de canais de Rádio e TV. 3 out., 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2wWPQKV> Acesso em: 13 out 2019.

ITAIPU BINACIONAL. **Veículos Elétricos**. Disponível em: <https://www.itaipu.gov.br/tecnologia/veiculos-eletricos> Acesso em: 4 jan. 2018.

IOSCHPE, G. **A ignorância custa um mundo**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2016.

IRENA. **End-of-life management: Solar Photovoltaic Panels**. IRENA, June, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/32vDQLR> Acesso em: 13 dez 2017.

JONES, B. Television news and the digital environment: A triadic multimodal approach for analysing moving image media. In: **African Journalism Studies**, 37:2, 2016. (p. 116-137).

KELLNER, D.; SHARE, J. Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education. In: MACEDO, D.; STEINBERG, S.R. (eds.). **Media literacy: A reader**. New York: Peter Lang Publishing, 2007. (p. 3-23).

KONIDARIS, G. Scientists imbue robots with curiosity. In: HUTSON, M. **Science Mag.org**, 31 May 2017.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: **Journal of Narrative and Life History**, vol. 7, nº 1-4. Originally published in *Essays on the Verbal and Visual Arts*, University of Washington Press, @ 1967. (p. 3-38).

LESSING, Gotthold Ephraim. **Laocoön**. An Essay on the Limits of Painting and Poetry. [1766]. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1962.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New York: Macmillan, 1922.

LOHISSE, Jean. **Anonymous Communication**. Mass-media in the Modern World. Translated from the French (1969) by Stephen Corrin. London: George Allen & Urwin Ltd., 1973.

_____. **La Communication. De la transmission à la relation**. Bruxelles: De Boeck Supérieur, 2009.

LUBAN, D. Pain and Powerlessness: Understanding the Evil of Torture. In: **ABC Religion and Ethics**, online, Opinion, 1 Jun 2018. Disponível em: <https://ab.co/2mlqa1Y> Acesso em junho de 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Los ejercicios del ver**. Hegemonia audiovisual e ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. (p. 51-79).

MATTELART, A.; MATTELART, M. Charles S. Peirce, fundador do pragmatismo e da semiótica. In: _____. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MCCHESENEY, Robert W. The Problem of Journalism: a Political Economic Contribution to an Explanation of the Crisis in Contemporary US Journalism. In: **Journalism Studies** 4 (3), 2003. (p. 299–329).

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Média, 1973.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

_____. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. RJ: Ed.Forense-Univ., 1982.

- _____. **Povo e personagem**. Canoas: Ed. ULBRA, 1996. Série Mundo Mídia, vol. 4.
- _____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- _____. Caderno de anotações didáticas. In: **O signo da relação, comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006. (p. 169).
- _____. Jornalismo e signo da relação: a magia do cinema na roda do tempo. In: **Rev. Líbero**, ano X, nº 19, Jun 2007. (p.17-25).
- _____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. Novas manifestações, velhos paradigmas. In: **MATRIZES**, Ano 7, nº 2, jul./dez. 2013. (p.37-47).
- _____. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- _____. Nem imparciais, nem objetivos, mas cúmplices. In: BATISTA, R. **Entrevista O Povo** online. 31 ago 2015.
- _____. **Ato Presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Aldeia, 2016.
- _____. O invisível à luz da experiência e da compreensão. In: KUNSCH, D. **Comunicação e estudo e práticas de compreensão**. São Paulo: UNI, 2016.
- _____. **Autoria nas Narrativas (não relatos) da Ciência e do acontecer contemporâneo**. (Texto distribuído em sala de aula para os alunos/pesquisadores do Grupo de Pesquisa Epistemologia do Diálogo Social.) São Paulo: PPGCOM/USP, 2017.
- _____. **Reproposta para todas as idades**. São Paulo: Ed. ECA-USP, 2019.
- _____. [et al]. Cremilda Medina e o Ensino De Jornalismo: das Narrativas da Contemporaneidade à Cultura e Diversidade. GT 5. Ciência, Comunicação, Informação e Artes. In: **Anais 1º Congresso de Ensino em Comunicações, Informação e Artes**, 16 a 18/10/2019 na ECA-USP, 2019.
- _____. **Fios da meada**. Prefácios e ensaios. São Paulo: Casa da Serra; Portal Edições, 2019.
- _____. Apontamentos e reflexões em sala de aula da ECA-USP, 2020. (não publicado).

Série Novo Pacto da Ciência

- _____. (org.). **A Crise de Paradigmas** (anais). Primeiro Seminário Transdisciplinar. Novo Pacto da Ciência. v.1. São Paulo: ECA, 1991.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.) **Do Hemisfério Sol: O Discurso Fragmentalista da Ciência**. Novo Pacto da Ciência. v. 2. São Paulo: ECA/USP, CNPq, 1993.

_____. **Saber Plural: O Discurso Fragmentalista e a Crise de Paradigmas**. Novo Pacto da Ciência. v. 3. São Paulo: ECA/USP, CNPq, 1994.

_____. **Sobre vivências No Mundo do Trabalho**. Novo Pacto da Ciência. v. 4. São Paulo: ECA/USP, CNPq, 1995.

_____. **Agonia do Leviatã: A crise do Estado moderno**. Novo Pacto da Ciência. v. 5. São Paulo: ECA/USP, CNPq, 1996.

_____. **Planeta Inquieto: Direito ao Século XXI**. Novo Pacto da Ciência. v. 6. São Paulo: ECA/USP, CNPq, 1998.

_____. **Caminhos do Saber Plural: Dez anos de Trajetória**. Novo Pacto da Ciência. v. 7. São Paulo, ECA/USP, CNPq, 1999.

MEDINA, Cremilda (org.). **Ciência e sociedade, mediações jornalísticas**. Novo Pacto da Ciência. v. 8. São Paulo: Estação Ciência: CCS/USP, 2005.

MEDINA, Cremilda; MEDINA, Sinval (orgs.). **Diálogo Portugal-Brasil**. Século XXI. Novas realidades, novos paradigmas. Novo Pacto da Ciência. vol. 9. Porto, Portugal: Ed. Univ. Fernando Pessoa, 2008.

_____. **Energia, meio ambiente e comunicação social**. Novo Pacto da Ciência. vol. 10. Apoio Acadêmico: Univ. Fernando Pessoa (Portugal), Faculdade Cásper Líbero (Brasil). São Paulo: Mega Brasil, 2009.

MEDINA, Cremilda (org.). **Liberdade de expressão**, direito à informação nas sociedades latino-americanas. Novo Pacto da Ciência. vol. 11. São Paulo: Fundação Memorial da América latina, 2010.

MEDINA, Sinval. Prefácio. Travessia para o futuro. In: MEDINA, Cremilda. **Atravessagem. Reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Tratado da Altura das Estrelas**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2014.

_____. **Colcha de retalhos**. Coletânea de incertezas. São Paulo: Casa da Serra; Portal Edições, 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Memória Globo**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com> Acesso em: 12 ago. 2018.

MILL, John Stuart. **A System of Logic, Ratiocinative And Inductive**. New York: Harper & Brothers Publishers, Franklin Square, 1882.

MOM. Brazil-MOM. **A falta de transparência sobre a propriedade da mídia no Brasil**, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2PtYh6w> Acesso em: 19 fev. 2019.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3ª. ed. Petropolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

MONTGOMERY, Martin. **The discourse of broadcast news**. New York: Routledge, 2007.

_____. Rituals of personal experience in television news interviews. In: **Discourse & Communication**, 4(2), SAGE Pub., 2010. (p. 185–211).

MORIN, Edgar. A Noção de Sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (p. 45-58).

_____. A falsa racionalidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. In: SILVA, Juremir M. da; MARTINS, F. M. **Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. Vol. 1, Coleção Comunicação. Porto Alegre: Ed. EDIPUCRS, 1999.

_____. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEGÓCIOS REDE GLOBO. **Brasil Cobertura**. Disponível em: <https://bit.ly/2TjGQXs> Acesso em: 12 set. 2019.

NIXON, R. Federal Agencies Lost Track of Nearly 1,500 Migrant Children Placed With Sponsors. In: **The New York Times**, Politics, 26 abril, 2018. Disponível em: <https://nyti.ms/2HWDah7> Acesso em: maio 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU comemora Dia Mundial da Televisão**. In: ONU News de 21 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2HR4QMj> Acesso em: 14 nov. 2019.

_____. **Banco de dados dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Disponível em: <http://mdgs.un.org/unsd/mdg/Data.aspx> Acesso em: 3 maio 2018.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Electronic Edition**. Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935, Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958.

PEURCE, T. De relationibus novellis. Univ. Leipzig/Alemanha, 1690. In: **Est. Jornal. Mídia**, v.1,2, 2004. (Tradução de P.R. Dias)

PICCININ, F.; PUHL, P. Telejornalismo, novas tecnologias e convergência: um estudo sobre o ensino no RS. In: **Anais SBPJor**, BSB: UnB, 2013.

PIUS PP. XII POPE. **Lettre Apostolique Proclamant Ste Claire Patronne Céleste de la télévision**. Le Saint-Siège. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1957.

POYTHRESS, Vern S. Semiotic analysis of the observer in relativity, quantum mechanics, and a possible theory of everything. In: **Semiotica**, De Gruyter Mouton, 205, 2015. (p. 149–167). Disponível em: <https://bit.ly/2VrrKlq> Acesso em: 12 fev. 2018.

PRASHANT, S. Quantum semiotics: A sign language for quantum mechanics. In: **Cm University Library**, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3a8POh7> Acesso em 30 maio 2019.

PRIGOGINE, Ilya. O fim da ciência? In: SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (p. 25-44).

_____. Dos relógios às nuvens. In: SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (p. 257-273).

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

ROSEN, Jay. Para além da objetividade. In: Revista de Comunicação e Linguagens: Jornalismo. Trad. Victor Flores. Lisboa, 2000. (p. 139-150).

SALAZAR BONDY, Sebastián: En torno al Desarraigo. In: **La Prensa**, 13 de julio, 1954. (p. 8).

SANCHEZ, Ray; JONES, Sheena; ALSUP, Dave; ALLEN, Keith. The chill of detention: Migrants describe their experiences in US custody. In: **CNN, FOX 40 WICZ TV**, 7/7/2018.

SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora, visual, verbal. Aplicações na hipermídia. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2001.

SCARRY, Elaine. **The Body in Pain**. The Making and Unmaking of the World. New York: Oxford University Press, 1987.

SCHAEFER, Richard J. A time series analysis of network news editing strategies from 1969 through 2005. In: **Proceedings AEJMC 2006** Radio Television Journalism Division, San Francisco, August 4, 2006.

SCHEFFEL, Michael; WEIXLER, Antonius; WERNER, Lukas. Time, Paragraph 1. In: Hühn, Peter et al. (eds.). **The living handbook of narratology**. Hamburg: Hamburg University. Disponível em: <http://www.lhn.uni-hamburg.de/article/time> Acesso em: 12 Feb 2019.

SCHMITT, Frederick; LAHROODI, Reza. The epistemic value of Curiosity. In: **Educational Theory**, Board of Trustees, University of Illinois, EUA: Balckwell Pub. Ltd., Vol. 58, N. 2, 2008. (p.125-148).

SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCOLARI, C. A. A construção de mundos possíveis se tornou um processo coletivo. In: **MATRIZES**, Entrevistado por Maria Cristina Mungoli, São Paulo, ano 4, nº 2 jan.-jun. 2011. (p. 127-136).

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

SOMMERVILLE, C.J. **The News Revolution in England**: Cultural Dynamics of Daily Information. London: Oxford University Press, 1996.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Regimento de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo**. Resolução nº 7493, de 27 mar. 2018. D.O.E.: 29/03/2018.

USHER, N. Breaking news production processes in US metropolitan newspapers: Immediacy and journalistic authority. In: **Journalism**, SAGE Publ., vol. 19(1), 2018. (p. 21–36).

VARGAS, Raúl Osorio. **O lugar da fala na pesquisa da reportagem: O homem das areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura**. Tese. Orientação da profa. Dra. Cremilda Medina (PPGCOM ECA-USP), 2003.

WAGNER, Stevens. **Statement of Steven Wagner**. Acting Assistant Secretary Administration for Children and Families, U.S. Department of Health and Human Services, before the United States Senate. April 26, 2018.

WALDRON, Jeremy. Torture and Positive Law: Jurisprudence for the White House. In: **Columbia Law Review**, v. 105, n. 6, 2005. (p. 1681-1750).

WARD, Stephen J.A. **The Invention of Journalism Ethics**: The Path to Objectivity and Beyond. Canada: McGill-Queen's University Press, 2005.

WATZLAWICK, Paul. **A realidade é real?** Trad. Maria Vasconcelos Moreira. Lisboa: Relógio D'Água Editora, 1991.

WILLIAMS, Raymond. 9. Structures of Feeling. In: _____. **Marxism and literature**. Reading, Berkshire: Cox & Wyman Ltd., 1977. (p. 128-135).

_____. **Televisão; tecnologia e forma cultural**. Trad. Márcio Serelle; Mário Viggiano. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUCMinas, 2016.

WILSON M. R.; GAINES, J.; HILL, R. P. Neuromarketing and Consumer Free Will. In: **The Journal of Consumer Affairs**, Wiley Publ., vol. 42, nº 3, Fall, 2008. (p. 389-410)

WINSTON, Brian. How are media born? In: DOWNING, John. MOHAMMADI, Ali. SREBERNY-MOHAMMADI, Annabelle. **Questioning the media: a critical introduction**. California, London, New Delhi: SAGE, 1990.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.

Referências audiovisuais

A FOME. **Jornal Nacional**. TV Globo. 2001. Equipe de reportagem: Marcelo Canellas, Lúcio Alves, Laura Fernandes, Luís Oliveira, Cida Hipólito.

AS CRIANÇAS E A TORTURA. **Jornal da Record**. TV Record. 2013. Luiz Carlos Azenha, Márcia Cunha, Ana Haertel, Sheila Fernandes, Edgard Luchetta, André Carvalho, Yoshio

Tanaka, Aruan Santos, Igor Arroyo, Elias Rodrigues, Francisco Gomes e Gilson Dias. Disponível em: <https://bit.ly/3c4ZevP> Acesso em 23 mar. 2018.

BATISMO DE SANGUE. Ano: 2006. Dir. Helvécio Ratton. Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/8XDZoSRFhwM> Acesso em: junho 2018.

BLITZ DA EDUCAÇÃO. Jornal Nacional. TV Globo. 2011. Equipe de reportagem: André Luiz Azevedo, Fernando Calixto, Luiz Azevedo, Ana Brasil, Bruna Viana, Juliana Lima, Luciana Rodolphi, André Junqueira, Paulo Coutinho, Angela Garambone, José Ferreira. Especialista: Gustavo Ioschpe.

BRAZIL: A REPORT ON TORTURE. Ano: 1971. Dir. Haskell Wexler e Saul Landau. Filmado no Chile. A estreia do filme aconteceu em Nova Iorque (EUA) em 21/10/1971 no Whitney Museum. Disponível em: <https://youtu.be/6aUu-zGGg08> Acesso em: maio 2018.

NO ES HORA DE LLORAR. Ano: 1971. Dir.: Pedro Chaskel e Luís Alberto Sanz. Depto. Cinema Experimental da Universidade do Chile. Santiago, CL. Dur.: 37 min Disponível em: <http://www.cinetecavirtual.cl/> Acesso em: junho 2018.

VEÍCULOS ELÉTRICOS. Jornal Nacional. TV Globo. 2018. André Trigueiro, Tiago Eltz, Rodrigo Alvarez, Márcio Gomes, Helton Setta, Michelle Dominguez, Flávio Lordello, José Henrique, Rogério Lima. Disponível em: <https://glo.bo/380YnZX> Acesso em 30 abr. 2019 <https://glo.bo/2HXHDbh>

Referência fonográfica

A CASA. Composição: Sergio Bardotti e Vinícius de Moraes, 1980.

APÊNDICES

Os **Apêndices** a seguir apresentam os quadros que formam os relatórios qualitativos da linguagem híbrida televisual elaborados na fase operacional da investigação a partir da leitura cultural feita pela autora ao assistir as reportagens que formam o conjunto empírico. As imagens utilizadas para representar simbolicamente a linguagem híbrida televisual são capturas de tela dos vídeos feitas pela autora.


Quadro Linguagem Híbrida Televisual

VÍDEO	ÁUDIO		LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>matriz visual – índice: signo indicial – secundidade linguagem visual é perceptiva vista em presença figurativa, referencial Gerador de Caracteres</p>	<p>matriz sonora – ícone: signo icônico – primaridade linguagem sonora é sugestiva, som não referencia, não representa fora dele associa por similaridade</p>	<p>matriz verbal – símbolo: signo simbólico – terceiridade universo da mediação e das leis a linguagem verbal é conceitual</p>	<p>hibridação das matrizes: visual sonora verbal</p>

APÊNDICE A – Relatório da série *A Fome*



Série²¹ jornalística em 5 capítulos
de 18 de junho a 22 de junho de 2001
Jornal Nacional – TV Globo
Reportagem, Texto e Edição: Marcelo Canellas
Imagens: Lúcio Alves
Produção: Laura Fernandes
Áudio: Luís Oliveira
Edição de Imagens: Cida Hipólito
Prêmios (2001): Embratel, Vladimir Herzog,
Ayrton Senna de Jornalismo, Barbosa Lima Sobrinho
Prêmio (2003): medalha FAO



Dia 18 de junho de 2001 Capítulo 1



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
Fátima Bernardes apresentadora do Jornal Nacional leitura da cabeça da reportagem Cenário – bancada do telejornal Arte FOME título da série de reportagens	Fátima Bernardes: O direito humano mais elementar e mais básico de todos, fora do alcance de uma população de brasileiros maior do que a de muitos países da África. O Jornal Nacional vai mostrar a partir de hoje, o Brasil que sofre com a fome. Um país que mantém parte dos seus cidadãos longe da prosperidade. Os repórteres Marcelo Canellas e Lúcio Alves percorreram seis estados e o Distrito Federal. Encontraram cidades tão desoladas pela escassez de comida que os moradores fugiram para não morrer.	 A photograph of Fátima Bernardes, a news anchor, sitting at a desk. She is wearing a yellow-green blazer. Behind her is a graphic with the word 'FOME' in large, bold, black letters on a yellow background.



²¹ Alguns municípios, cidades e estados anotados neste relatório não constam do vídeo original, são dados coletados pela pesquisadora para contextualizar social e culturalmente as histórias de vida.



BG = background, som ambiente ou trilha musical, inserido durante o processo de edição.

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>vinheta de abertura da série Fome edição de imagens de crianças e adultos em situação precária, no final em letras garrafais a palavra FOME</p>	<p>trilha musical da vinheta dramática</p>	
<p><i>Araçuaí - MG</i> mulher não identificada assoprando a brasa em um fogão à lenha mulher de lado mexendo numa panela</p>	<p>voz de mulher não identificada (em off): A gente tão desesperado de fome. Não tem amor a nada, não tem resistência pra fazer coisa nenhuma, acredita?</p>	
<p>utensílios de cozinha pendurados na parede de um casebre</p>	<p>voz de mulher não identificada (em off): A gente não consegue explicar o que é a fome em si, né. Só mesmo quando as pessoas passa por ela que é pra poder sentir.</p>	
<p>homem com criança no colo mostra o caldo de feijão na panela de pressão homem cortando fumo sentado em frente a um casebre</p>	<p>homem não identificado: Quando meu filho pediu um pãozinho, uma rosquinha que é dez centavos, que eu não tenho dinheiro, vixe aí que meu coração dói. Vixe, oh, meu corpo chega a arrepiar.</p>	
<p>casebre de barro isolado no sertão imagem enquadra o repórter dentro da casa (microfone de lapela) GC: MARCELO CANELLAS Araçuaí – MG o enquadramento da passagem mostra uma angulação de baixo para cima tipo "terra de gigantes", uma prática bastante utilizada em várias tomadas da reportagem pessoas caminhando no céu um sol forte a brilhar</p>	<p>Marcelo Canellas (passagem): Uma tragédia a conta gotas. Dispersa e silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto. E aí a fome vira só número, estatística, como se o número não trouxesse junto com ele dramas, histórias, nomes. povo rezando a oração do Pai Nosso</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>povo caminhando no cemitério rostro de mulher não identificada no GC mulher com os braços abertos rezando não identificada no GC pedaço da cruz de madeira, pessoas cantam "Os Anjos" em um cemitério, rostos de mulheres homem rezando homem com as mãos unidas em prece homem não identificado</p>	<p>voz da Antonieta: Meu nome é Antonieta Luiz Alcantara Rodrigues. Eu perdi uma criança com nove dias de nascida. Eu fiquei muito horrorizada. (bg povo rezando Pai Nosso) voz de Maria: Meu nome é Maria Teresa Santos. Eu perdi uma criança com sete dias de nascida. (povo rezando Pai Nosso) povo cantando música religiosa que fala sobre anjos Marcelo (em off): É a credence dos grotões, bebê que morre vira querubim. (bg voz do povo cantando música dos anjos) homem não identificado: Anjo não tem pecado né. Quem tem pecado é nós adulto. (bg voz do povo cantando música dos anjos)</p>	
<p>povo de costas cantando povo com céu, sol e a cruz Close de rosto de mulher Close da Maria GC: MARIA ALICE DOS REIS lavradora</p>	<p>Marcelo (em off): Cemitério só deles. Cemitério de anjos. Do norte de Minas ao sertão do Nordeste existem centenas. Ainda assim ninguém se conforma. Maria: Se passa bem ou se passa mal, comendo ou sem come, mas acho que todas as mães queria o seu filho ao lado delas. uma badalada forte do sino</p>	
<p>imagem de meninos imagem mostra flores sobre a cova meninos conversam com o repórter homem fecha o pequeno portão do cemitério céu está escurecendo Arte a cada 5 minutos morre uma criança <i>Bahia (Povoado de Sta. Úrsula e Alagados)</i> médico fala com repórter, ao fundo um lixão onde pessoas se movimentam GC: FLÁVIO VALENTE médico sanitaria Arte: 36 milhões criança passa empurrando um carrinho com uma criança dentro</p>	<p>Marcelo (em off): Na inversão do ciclo da vida proeza é criança viva. Bebê recém enterrado é acontecimento banal. Marcelo: Vocês viram? ... Tinha um caixãozinho? menino não identificado: Não, uma caixa de papelão. Marcelo (em off): No Brasil a cada cinco minutos morre uma criança. A maioria de doenças da fome. Flávio: Cerca de duzentos e oitenta a duzentos e noventa por dia é o que corresponderia de acordo com a UNICEF a dois boeings 737 de crianças mortas por dia. Marcelo (em off): Médico, voluntário em campanhas contra a desnutrição, e obcecado pelos números, Flávio Valente pesquisou dados oficiais. Existem pelo menos trinta e seis milhões de brasileiros que nunca sabem quando terão a próxima refeição. Nossa maior contradição.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem acompanha lateralmente Marcelo e Flávio que caminham por uma rua de terra em um vilarejo do sertão, cruzam com moradores e com uma carroça conduzida por mulher imagem de Flávio dando depoimento</p>	<p>Flávio (de costas): Nós temos aqui todas as condições técnicas para garantir a erradicação da fome. Flávio (de frente): E uma enorme acomodação da sociedade, inclusive da classe média, nesse esquema de acreditar que isso é natural. A fome é uma coisa criada pelo ser humano, porque ninguém nasceu pra morrer de fome.</p>	
<p>Marcelo de costas caminha ao encontro de três mulheres que estão sentadas na calçada GC: MARIA BAIÃO dona de casa <i>O local da reportagem é identificado como sertão da Bahia pela voz em off do repórter</i> casebres no sertão vistos de longe mulher de costas no casebre sem móveis</p>	<p>Marcelo (em off): O povoado de Santa Úrsula no sertão da Bahia. Tem um bocado de casa vazia aqui né? Maria: Tem. Marcelo: Abandonada? Maria: Abandonado porque aqui é muito pobre, não tem trabalho, o povo larga as casas e vai embora. Maria: Aqui já teve muita gente, mas por causa de tanta seca e fome, se arrancaram. Quase tudo. Marcelo (em off): Santa Úrsula virou cidade fantasma, Maria só ficou porque recebe pensão.</p>	
<p>homem arruma uma balança dentro de uma casa com as paredes descascadas bebê esperneando em um balanço de pano agente de saúde identificado (<i>apenas no off</i>) como Sirene fala sobre o peso do bebê planilha de medição de peso mulher de costas com bebê no colo</p>	<p>Marcelo (em off): Sirene também ficou. Apesar do salário atrasado. (sobe som do choro de um bebê). Ele tem um compromisso moral. Sirene: Devia tá uns dois quilos... e tá sendo difícil pra eles aqui. Marcelo (em off): Agente de saúde, ele tenta sozinho conter a mortalidade provocada pela fome.</p>	
<p>Ana com filho no colo GC: ANA CLÁUDIA DOS SANTOS dona de casa rosto de homem com uma enxada nos ombros GC: EVANGELISTA DOS SANTOS lavrador Evangelista está dentro de um casebre ao lado de Ana e do agente sanitário que pesou o bebê</p>	<p>Ana dos Santos: Meus menino é tudo fraco, sabe? E esse aqui foi dos que nasceu mais fortinho, foi ele. Marcelo: Mas ela tem que ganhar um pouquinho mais de peso né? Evangelista: Verdade, tem sim. Marcelo: E você sabe como vai fazer pra ela ganhar um pouquinho mais de peso? Evangelista: Sei não... Marcelo: hum... hum... Evangelista: Mas o que você acha que é pra eu fazer?... Marcelo (em off): O que mais poderia fazer Evangelista? Sem roça? E sem emprego? Ana: O pai se esforça. O salário que ele tem é os braços... Evangelista complementa: E as madeira. Pra ver se consigo vender, pra poder comprar... pra gente comer.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p><i>Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha)</i> A cena mostra o interior de uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, identificada apenas pela voz do repórter em off enquanto caminha de costas por uma rua de terra GC: produção LAURA FERNANDES pessoas de costas caminham na estrada duas crianças comendo sentadas no chão imagem mostra os feijões no prato de alumínio ("favas contadas" no dizer do repórter) mulher com bofe de bode na mão</p>	<p>Marcelo (em off): Oitocentos quilômetros ao sul mais um povoado pobre no Vale do Jequitinhonha, Minas. Aqui onde as crianças compartilham favas contadas, adultos comem bofe de bode. Maria Rita mal se segura em pé...</p>	
<p>mulher identificada como Maria Rita fala encostada na parede demonstrando fraqueza GC: MARIA RITA COSTA lavradora Maria Rita de perfil conversa com Marcelo (que está fora do quadro)</p>	<p>Maria Rita: Eu tô sentindo... é anemia... é, acho que é profunda. Marcelo: O médico disse que a senhora tem que se alimentar bem, é isso? Maria Rita: É. Marcelo: E a senhora disse o quê pra ele? Maria Rita: Eu falei pra ele: onde é que eu acho?...</p>	
<p>Maria Rita olhando para o chão encostada na parede ao lado do filho Gilmar GC: GILMAR COSTA cortador de cana Maria Rita encostada na parede ao lado do filho Gilmar e Marcelo de costas</p>	<p>Marcelo (em off): O filho não consegue ajudar. Gilmar: Pra falar a verdade eu não ganhei nem um real aqui assim trabalhando desde outubro... Marcelo: De outubro pra cá, você não ganhou nada? Gilmar: Não. Maria Rita: Nada. Marcelo (em off): Vai tentar a vida em alguma cidade grande? Gilmar: Ah, sair pra lá e deixar ela doente aqui, eu num sei nem como. Ah... como dá, pode acontecer?</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p><i>Bahia (Alagados de Salvador – BA)</i> pés de duas crianças andando sobre um corredor feito de madeira palafitas silhuetas de pessoas e das palafitas ao fundo o sol no horizonte refletindo na água rostos de uma mulher e de uma menina com olhar triste, menino desvia o olhar e chora mulher identificada como Marinalva, com os olhos mareados conversa com Marcelo GC: MARINALVA SILVA desempregada mulher identificada como Maria Senhora mexe o pirão em uma panela no fogão menina em pé com a mãozinha no fogão Maria Senhora conversa com Marcelo GC: MARIA SENHORA DE OLIVEIRA dona de casa close de uma menina comendo o pirão GC: imagens LÚCIO ALVES silhueta de homem no sertão ao fundo o sol silhueta de mãe e bebê jovem chora porque não tem almoço GC: operador de áudio LUIZ OLIVEIRA cruz e portão do cemitério GC: edição de imagens CIDA HIPÓLITO imagem percorre o meio círculo de um arco-íris no céu indo do verde das árvores para o amarelo do casebre de barro</p>	<p>Marcelo (em off): A vida na cidade grande seria melhor? Nos alagados de Salvador uma pergunta provoca comoção. Marcelo: O que vai ter hoje no almoço? (jovem não identificada: sorri constrangida e desvia o olhar) Marcelo (em off): Comoção e constrangimento. Vergonha de dizer, que simplesmente, não haverá almoço. Marinalva: É triste, muito triste. Dá medo de você não ter... (respira fundo, enxuga os olhos com as mãos e suspira) ... Deixa pra lá. Marcelo (em off): A vizinha tem almoço. Marcelo: A senhora acha que esse pirão alimenta? Maria Senhora: Alimenta e é nutritivo. Marcelo: É nutritivo? Maria Senhora: É sim. Marcelo: Mas só tem farinha e água, né?... Maria Senhora: Não importa. Marcelo (em off): Pelo menos ela come, embora não esteja livre da doença. Desde o início dessa reportagem já se passaram cinco minutos e meio. A contagem regressiva da fome, mais luto mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso óbvio tesouro esquecido em lugarejos e favelas. (uma badalada do sino fecha o áudio da reportagem)</p>	 
<p>Fátima Bernardes apresentadora cenário da bancada do Jornal Nacional Arte: JN</p>	<p>Fátima: Amanhã na segunda reportagem da série sobre a Fome você vai conhecer as doenças provocadas pela escassez. A falta de comida que leva brasileiros ao desespero e a loucura.</p>	

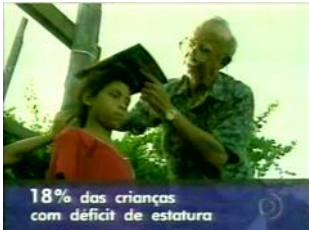


Dia 19 de junho de 2001 Capítulo 2


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>William Bonner apresentador do Jornal Nacional leitura da cabeça da reportagem Cenário – bancada do telejornal Arte FOME título da série de reportagens</p>	<p>William: O Jornal Nacional está exibindo nesta semana uma série especial de reportagens sobre a maior de todas as tragédias nacionais. A fome que aflige milhões de cidadão. Hoje você vai ver consequências da falta de nutrientes. Você vai conhecer brasileiros que não estão crescendo por falta de comida, que estão perdendo as forças e a razão.</p>	
<p>vinheta de abertura da série Fome edição de imagens de crianças e adultos em situação precária, no final em letras garrafais a palavra FOME</p>	<p>trilha musical da vinheta da série Fome</p>	
<p><i>Crato - Ceará (Juazeiro do Norte)</i> quatro crianças cantando, ao fundo estátua do Padre Cícero cactos sombreados pela luz do sol que se põe no horizonte perfil rosto de homem que olha uma paisagem árida com construções em ruínas, ao fundo no alto a estátua de Padre Cícero close de Sérgio, ao fundo pessoas em fila GC: SÉRGIO DA SILVA lavrador duas mulheres com baldes na cabeça caminham por uma estrada, ao fundo vilarejo de casas simples frente da Casa de Saúde Santana</p>	<p>(vozes de crianças cantando) Marcelo (em off): Esse ano nem Padre Cícero deu jeito. Sérgio da Silva: Não tenho milho, não tenho feijão, não tenho coisa nenhuma, né. Tá tudo durinho Marcelo (em off): Na terra do padroeiro informal do sertão, o lado mais perverso da fome.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Marcelo narra enquanto caminha em direção a entrada do hospital, um homem abre a porta e o repórter entra</p> <p>GC: MARCELO CANELLAS Crato – Ceará</p> <p>homem tocando violão e cantando silhueta de uma pessoa agitando os braços, ao fundo algumas pessoas sentadas</p> <p>homem identificado como enfermeiro Francisco dá depoimento</p> <p>GC: FRANCISCO JOSÉ ALEXANDRE enfermeiro</p> <p>enfermeiro em pé próximo a um paciente bem magro, sem camisa, com aparência de desnutrido</p> <p>detalhe do antebraço fininho do paciente</p> <p>homem identificado como psiquiatra José Abagaro dá depoimento</p> <p>GC: JOSÉ ABAGARO FILHO</p> <p>psiquiatra</p> <p>médico e pacientes caminham pelo corredor do hospital em direção a um pátio</p> <p>silhueta de um homem olhando a paisagem através de uma janela (imagem zoom in)</p> <p>silhuetas dos pacientes</p> <p>uma mão acena adeus enquanto a porta do hospital vai fechando devagar</p>	<p>Marcelo Canellas (passagem): Mais do que humilhação, mais ainda do que a dor provocadas pelas chamadas doenças tradicionais. Esse hospital psiquiátrico, o único da região do Cariri, no Sul do Ceará, é a prova de que a fome pode ir além do mero sofrimento físico. (homem não identificado toca violão e canta uma canção)</p> <p>Marcelo (em off): Delírios e alucinações provocados pelas privações da vida.</p> <p>Francisco (enfermeiro): Grande parte dos pacientes chega nesse estágio.</p> <p>Com fome.</p> <p>Fome mesmo.</p> <p>A doença dele era fome.</p> <p>Francisco (em off): Você pegava aqui era só osso.</p> <p>José Abagaro (psiquiatra): Hoje no Brasil vê, isso acontece é incontestável, né. A deficiência mental por desnutrição.</p> <p>Marcelo (em off): Um psiquiatra da fome. O doutor Abagaro se especializou em combater alguns tipos de distúrbios provocados pela deficiência de nutrientes.</p> <p>José Abagaro (em off): Uma vez ele acometido no surto psicótico. Surta, né. A fome, a desnutrição, agrava.</p>	 


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p><i>Recife - PE</i> mulher ao lado do berço olha o bebê chorando mães ao lado de vários bercinhos com bebês mulher em uma cadeira com bebê no colo mulher identificada como Maria Cecília sentada com bebê no colo conversa com repórter GC: MARIA CECÍLIA RAMOS lavradora rosto de criança com chupeta na boca criança bem pequena andando com uma bola na mão médica identificada como Ana dá o depoimento GC: ANA CLEIDE MONTARROYOS médica mulher com o bebê no colo bebê magrinho dormindo no colo da mãe imagem percorre os berços do hospital mulher com filho bem magrinho no colo GC: MALAQUIAS BATISTA FILHO médico médico caminha por uma rua de terra em uma vila de casas simples crianças o observam médico acena para as crianças médico de costas caminhando ao lado de uma criança médico dentro do casebre examina o braço de uma mulher que está segurando um bebê no colo</p>	<p>Marcelo (em off): Doenças que podem começar cedo. (sobe som choro de criança) No instituto materno infantil do Recife, mulheres com histórias comuns. Marcelo: A senhora tem quantos filhos? Maria Cecília: Treze. Marcelo: Treze? Maria Cecília: (acenando com a cabeça) treze filhos. Marcelo: Quantos morreram? Maria Cecília: Morreu nove. (olha para o lado) Quando eu vou, corro pra ir pro hospital, já não tem mais jeito. Já morre no caminho, dentro da ambulância. Um mesmo morreu nos meus braços. Marcelo (em off): De fato as crianças chegam tão fraquinhas que podem morrer das causas mais absurdas. Ana (médica): Hipotermia, temperatura baixa... Marcelo: Quer dizer que ela pode morrer de frio? Ana (médica): É, pode morrer por temperatura baixa. Marcelo (em off): Sobreviver já é vitória, mas o que pode acontecer com um bebê de pouco mais de três quilos? ... Peso de um recém nascido?... Ana (em off): De alguns dias. Marcelo (em off): E ela já está com cinco meses... Ana (em off): Já tá com cinco meses e toda essa desnutrição tem uma repercussão no bem estar do organismo. Malaquias (médico): Formas discretas de deficiência de ferro já pode levar a um comprometimento do desenvolvimento mental. Marcelo (em off): Médico com nome de profeta. O doutor Malaquias teme pelo que pode acontecer amanhã. Malaquias (em off): Nós estamos praticamente diante de um aviso prévio da morte, quando encontramos determinadas formas de desnutrição.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>médico examinando uma paciente no casebre criança chorando médico retirando sangue do braço de uma mulher e colocando em um tubo de ensaio ao lado outras crianças observam em uma janela de dentro da casa a mãe observa a cena e sorri close da menina com um olhar tristonho enquanto o médico passa a mão nos cabelos dela</p> <p>Arte: Deficiência de ferro 47% das crianças</p> <p>médico Malaquias dá o depoimento em uma rua na favela imagem mostra o médico Malaquias no interior escuro de um casebre é possível perceber que ele examina um bebê</p> <p>médico medindo a circunferência da cabeça de um bebê no colo da mãe as mãos do médico ajustam a fita métrica na testa do bebê mães com os filhos crianças e mães olham para o médico que dá o depoimento e aponta para uma menina imagem de crianças</p>	<p>Marcelo (em off): Pesquisador de renome, especialista em nutrição. Mais de trinta anos investigando as deficiências na alimentação do brasileiro. (sobe som bebê chorando) Malaquias (médico): Nós temos deficiência de iodo, deficiência de zinco, a deficiência de ácido fólico. Malaquias (médico): Por que você tá tão quietinha? Tão paradinha? Te botaram de castigo, foi? (pergunta para uma menininha não identificada que permanece em silêncio)</p> <p>Marcelo (em off): É bater o olho pra saber, a menina pode estar com deficiência de ferro. Um mal que atinge até quarenta e sete por cento das crianças, inclusive em estados ricos, como São Paulo. Malaquias (médico): A meu modo de ver deveria se tornar obrigatória ao invés de ser simplesmente facultativa a adição de ferro aos alimentos. Marcelo (em off): Antes fosse nosso único problema Malaquias (em off): Opa... deixa vê aí... se a cabeça tá crescendo pra ser inteligente. Marcelo (em off): A deficiência de vitamina A estaciona o crescimento de família inteiras. Malaquias (em off): Essa estatura dela é muito baixa. Provavelmente não chega a um metro e cinquenta e cinco.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>rosto de um bebê chorando mãos do médico examinam um bebê sem roupa pés de uma criança (Pan) rosto da criança magrinha médico marca a altura da criança em um poste de madeira onde ela está encostada em seguida a imagem mostra um menininho que sorri</p> <p>Arte: 18% das crianças com deficit de estatura</p> <p>médico Malaquias dá o depoimento próximo a algumas árvores três mulheres de camiseta branca caminham por uma rua de um bairro pobre, encontram uma mulher grávida com uma criança bebê deitado sendo medido duas mulheres de camiseta branca pesam um bebê mulher amamentando o filho no peito GC: imagens LÚCIO ALVES duas crianças paradas na porta de um casebre médico Malaquias caminha pela rua e para ao lado de uma mãe com um bebê no colo médico sorri e acaricia as costinhas do bebê cumprimentando a mãe por ter amamentado o filho no peito imagem vai do rosto de uma jovem mãe até o rostinho do bebê que mama em seu peito</p>	<p>Malaquias (em off): Nessa área aqui nós temos cerca de qualquer coisa, como dezoito por cento de crianças com deficit de estatura. Quando tem um atraso... esse atraso do crescimento estatural é praticamente irreversível. Malaquias (médico): Então, a estatura praticamente conta toda história nutricional da criança. Marcelo (em off): Equipes da Universidade Federal de Pernambuco tentam mudar o curso dessa história. Medindo, pesando, ensinando a amamentar. A recompensa é rápida, capaz de reanimar um velho médico em sua luta contra a fome. Malaquias (médico): É assim que se faz. (sorri). É assim que se faz. (sobe som de passarinhos cantando)</p>	  


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
Fátima Bernardes bancada do Jornal Nacional no cenário a arte da série com a palavra FOME	Fátima: Ontem logo após a exibição da primeira reportagem dessa série, o Jornal Nacional recebeu telefonemas de todo o Brasil. A maioria oferecia ajuda, e um trouxe a notícia triste: a lavadeira Maria Rita, encontrada por nossos repórteres no interior mineiro, no fim de abril, está morta.	
Maria Rita abatida GC: JN ontem imagens da Maria Rita exibidas no dia anterior (ela encostada na parede, ela segurando o bofe de bode, ela em frente ao fogão e encostada na parede)	Fátima (em off): Maria Rita Costa Mendes tinha 51 anos. Os moradores de Araçuaí, Minas Gerais, informaram que ela morreu quase duas semanas depois de gravar a entrevista. O atestado de óbito registra parada cardiorrespiratória provocada por pneumonia e desnutrição intensa.	
Fátima Bernardes Bancada do telejornal No cenário uma arte com JN	Fátima Bernardes: Amanhã, na terceira reportagem da série você vai ver a decepção dos brasileiros que tentaram fugir da fome migrando para a cidade grande. E a triste semelhança entre o estado mais rico e o estado mais pobre do Brasil.	

Dia 20 de junho de 2001 Capítulo 3

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
William Bonner apresentador do Jornal Nacional Cenário – bancada do telejornal Arte FOME título da série de reportagens	William Bonner: O que pode aproximar dois estados com economias tão desiguais, como São Paulo e Piauí? Hoje na terceira reportagem da série sobre a maior tragédia brasileira você vai ver o destino dos migrantes, brasileiros no interior que foram para cidades grandes para fugir da miséria e reencontraram a fome.	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
vinheta de abertura da série Fome edição de imagens de crianças e adultos em situação precária, no final em letras garrafais a palavra FOME	trilha musical da vinheta da série Fome	
zoom out na placa Av. Paulista com prédios altos, torres de tevê	Marcelo (em off): Onde circula o dinheiro.	
mulher caminhando de costas, com bebê no colo, ao lado de uma criança pequena, em uma rua sem asfalto	Marcelo (em off): Onde corre a penúria.	
rosto de um homem de perfil cantando, enquanto pessoas passam	homem não identificado cantando: Uma esmola para o pobre cego, que vive na escuridão.	
cenário de um pregão na Bolsa de Valores de São Paulo com a movimentação típica de um dia de trabalho	Marcelo (em off): O grito dos milhões. (vozerio)	
homem de costas numa feira ao ar livre ao fundo muitas pessoas circulando feirante com repolho na mão oferece close semáforo vermelho gira para centralizar a avenida Paulista com edifícios e automóveis placa de um edifício "Theresina" pessoas caminhando pela Av. Paulista <i>efeito de transição como quem olha pela janela do trem e vê o mundo correndo lá fora</i>	Marcelo (em off): O pregão das migalhas. (vozerio) homem não identificado: 50 um, 50 outro. Olha um real aqui. Marcelo (em off): O estado mais rico. Marcelo (em off): E o estado mais pobre.	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<i>Floriano - PI</i> pessoas caminhando em uma feira (Teresina) mulher caminhando de costas no meio do semiárido nordestino, ao fundo um casebre de barro	Marcelo (em off): Diferentes em tudo, São Paulo e Piauí podem ser mais iguais do que se pensa.	
mulher identificada como Maria Paula caminhando dá o depoimento GC: MARIA PAULA ALVES lavradora	Maria Paula: Esse terreno rico veio pra nós aqui agora... Mas cadê a condição do povo?	
imagem de dentro do casebre feito de bambus, mulher ao fundo, menina deitada numa rede e outra menininha sentada em um banquinho improvisado de plástico GC: imagens LÚCIO ALVES ContraMaria Paula colocando uma lata/panela para esquentar em uma fogueira no chão	Marcelo (em off): O que acontece com povo pobre em terra fértil? Camponesa no Piauí, Maria compara gente e planta.	
Maria Paula dá o depoimento	Maria Paula: Se eu tiver uma linda rosa na mão e eu não tiver água para botar nela, ela vai e murcha. E depois que ela murcha, o destino dela é seca e acaba. Né, não?	
duas crianças na porta fechada até a metade em um casebre de bambu e papelão	Marcelo (em off): É a decisão [ficar] da vizinha, das Graças.	
mulher identificada como Maria das Graças GC: MARIA DAS GRAÇAS SOUZA lavradora	Maria das Graças: Mesmo com todo sofrimento, eu não quero sair do Piauí.	
Maria das Graças ao lado dos netos rosto des duas crianças	Marcelo (em off): A avó que assumiu os netos porque a mãe deles viajou em busca de emprego. O que fazer quando a fome vem?	
ContraMaria das Graças lendo a Bíblia	Maria das Graças: Pego a Bíblia. Eu... vou ler... E (voz embargada) aquilo passa...	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>a imagem vai do rosto de Maria das Graças que dá o depoimento, até os rostinhos dos netinhos que estão ao seu lado</p>	<p>Maria das Graças: Nunca tive problema pra criar meus filhos, o quanto eu vejo meus netos... sofrido. Então, essa é minha maior tristeza que eu carrego na vida. Marcelo (em off): Será que a vida seria melhor longe daqui?</p>	
<p>Marcelo narra a passagem, ao fundo um casebre no sertão árido (zoom out) <i>(enquanto a imagem se afasta sobe um som de rodas)</i> GC: MARCELO CANELLAS Floriano – PI</p>	<p>Marcelo Canellas (passagem): É só uma esperança vaga e às vezes a única esperança. Ir embora, deixar para trás a fome e o sertão. A fé religiosa num futuro melhor se transforma na decisão de ir para o Sul. Quase sempre a terra prometida toma a direção de São Paulo. (sobe som)</p>	
<p><i>Grajaú - SP</i> menino no chão brica com ônibus em pé uma mulher e criança</p>	<p>(voz de uma mulher não identificada): Ah, eu achava que aqui era melhor para viver, né. (barulho de criança brincando)</p>	
<p>mulher identificada em off como Rosa vai por caminho de terra em direção ao varal de roupas Rosa recolhendo as roupas do varal</p>	<p>Marcelo (em off): Parque do Grajaú, periferia de São Paulo. Rosa chegou há quarenta anos, mas é como se estivesse no Piauí.</p>	
<p>Rosa e uma menina com um bebê no colo mulher identificada pelo off como Rosa mexendo uma panela no fogão ao lado crianças observam Rosa fala emocionada e chora Marcelo e mulher não identificada conversam dentro de um casebre rosto da mulher entristecido, com os olhos cheios de lágrimas GC: MARIA ANGELINA DOS SANTOS dona de casa</p>	<p>Marcelo (em off): A vó que assumiu os netos porque a mãe deles viajou em busca de emprego. (voz de Rosa): a maior tristeza do mundo é a gente vê um filho ou um neto com fome e não tê o quê pra dá, né. Quando não tem fica sem, faz uma sopa. Rosa: Já vendi bujão de gás meu, pra poder criar meus filhos. Então é duro pra uma mãe vê, agora eu vejo meus netos na mesma caminhada, né. Fácil não, né. (fala com os olhos cheios de lágrimas) Marcelo (em off): Decisão extremada tomou Dona Angelina. De tanto ver os netos com fome os levou para o juiz de menores... Marcelo: A senhora tá separada deles? Maria Angelina: Tô, mas tô feliz, porque sei que eles tão bem, tá comendo, tá bebendo, tão dormindo. Tudo direitinho que a gente sempre vai lá e vê o carinho dum filho.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem acompanha as três crianças correndo de costas em direção a dois adultos, no encontro se abraçam mulher não identificada ao lado de duas meninas e uma delas chora mulher chora</p>	<p>Marcelo (em off): Os netos de Angelina estão num abrigo, mas não há vagas para todas as crianças do bairro. voz de mulher não identificada: Foi dia inteiro sem comer. E olhar pra cara dessas meninas e não tê o que dá. voz de mulher não identificada: Eu quero sair correndo, eu quero sair correndo.</p>	
<p>imagens religiosas no alto da parede da casa entre elas, Santo Expedito e São Judas (dois santos que atendem os necessitados) a imagem vai dos santos para uma mulher (Marli) que canta e dança dentro da sala</p>	<p>Marli (identificada apenas no off do repórter): Aí eu ligo meu som, fico ouvindo música, daí eu, sabe. (sobe som de rádio ligado)</p>	
<p>Marli dançando na sala no Grajaú Das Graças no casebre no Piauí Marli chorando abraçada aos filhos</p>	<p>Marcelo (em off): A paulista Marli e a piauiense das Graças nem se conhecem... Em comum, a extrema pobreza e uma força tirada do afeto, inesperada e surpreendente.</p>	
<p>rosto de Das Graças do Piauí dando o depoimento rostinho de um menininho</p>	<p>Maria das Graças: A alegria da vida mesmo é os obstáculos que a gente encontra no dia a dia e vai superando.</p>	
<p>rosto de Marli chorando ao dar o depoimento menininha olhando para imagem agarrada na cintura da mãe</p>	<p>Marli: Eu posso não tê nada, mas eu quero essas duas aqui ó, que eu amo, que eu quero lutar ainda por elas.</p>	
<p>Fátima Bernardes Apresentadora do Jornal Nacional Bancada do Jornal Nacional cenário com arte do JN</p>	<p>Fátima Bernardes: Amanhã você vai conhecer brasileiros que estão combatendo a fome. Cidadãos que se uniram para garantir o direito básico de se alimentar.</p>	


Dia 21 de junho de 2001 Capítulo 4


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>William Bonner apresentador do JN Cenário – bancada do telejornal Arte FOME (título da série de reportagens) vinheta de abertura da série Fome</p>	<p>William Bonner: Nesta semana o Jornal Nacional tem mostrado o desespero de milhões de brasileiros que passam fome. Hoje você vai ver o trabalho contra essa tragédia e não é ação de governo nenhum. trilha musical da vinheta da série Fome</p>	
<p><i>Fortaleza – CE</i> criança sendo pesada numa balança enquanto outras crianças aguardam numa fila imagem crianças através das grades de uma janela rostinho de menino que está sendo examinado detalhe da balança</p>	<p>Marcelo (em off): Uma constatação irrefutável, medida e checada. voz de mulher não identificada: Nessa creche nós já detectamos 60 % de crianças desnutridas. Marcelo (em off): Uma premissa inquestionável, líquida e certa.</p>	
<p>nutricionista identificada como Suziane dá o depoimento, ao fundo uma mulher pesando uma criança GC: SUZIANE MARTINS nutricionista</p>	<p>Suziane (nutricionista): Os estudos científicos mostram, né. Criança pobre tem que se alimentar do mesmo jeito que criança rica.</p>	
<p>rostinho de um menino jogando beijinho e batendo palmas</p>	<p>Marcelo (em off): Dois argumentos e uma disposição muito firme.</p>	
<p>imagem de homem identificado como Sebastião GC: SEBASTIÃO DE ARAUJO pedreiro</p>	<p>Sebastião: A gente não tem condições de dar, tem que correr atrás de quem dê e ajude a gente pra poder fazer.</p>	
<p>crianças fazendo a refeição em um refeitório da creche rostinho de uma criança comendo detalhe de um prato de macarrão criança comendo macarrão dentro de um casebre mulher sentada com bebê no colo enquanto uma mulher faz anotações numa prancheta</p>	<p>Marcelo (em off): Os moradores de um bairro pobre de Fortaleza pressionaram o governo. Conseguiram mais dinheiro para reforçar a merenda e de casa em casa acompanharam os meninos mais desnutridos.</p>	




VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>rosto de mulher identificada como Fátima dá o depoimento GC: FÁTIMA PEREIRA agente de nutrição</p>	<p>Fátima: No final a gente conseguiu recuperar doze crianças. Quer dizer, foi uma vitória muito grande e eu me senti muito bem com isso.</p>	
<p>GC: produção LAURA FERNANDES rostinho de crianças comendo</p>	<p>Marcelo (em off): Assim nasceu o Projeto Vida. Apenas uma das muitas iniciativas de combate à fome no Brasil.</p>	
<p><i>Brasília – DF</i> Marcelo em uma rua de terra GC: MARCELO CANELLAS Brasília – DF</p>	<p>Marcelo Canellas (passagem): Primeiro, pés no chão. Caridade ajuda, mas não resolve. Depois um sentimento de urgência. O Estado é lento e a fome não espera. Aí vem o resultado, o engenho e a criatividade de brasileiros que arregaçam as mangas para vencer o desamparo.</p>	
<p><i>Bahia (Retirolândia, Campo Alegre, Serrinha)</i> mulher tirando água com um balde mulher de costas caminha com balde na cabeça mulher identificada como Evaldina dá o depoimento tendo ao fundo uma cisterna e o casebre GC: EVALDINA DOS SANTOS lavradora três meninas caminham com baldes na cabeça crianças na porta de casa</p>	<p>Marcelo (em off): Evaldina ainda lembra: água do sertão tinha dono, só podia apanhar em troca de voto. Evaldina: Tinha gente que não pegava. Alguns pegavam, outros não pegavam. Marcelo: Por quê, eles não deixavam? Evaldina: Porque eles não queriam aceitar a gente pegar... É muito dominante a guarda que é a favor do político. Então, as pessoas que dominam.</p>	
<p>homem com enxada caminha em uma horta cisterna de tijolos sendo construída ao lado de uma casa de tijolos cisterna pronta cheia de água balde puxando a água de dentro da cisterna passarinho bebendo água mulher carregando o balde para dentro de casa mulher despejando água numa panela no fogão</p>	<p>Marcelo (em off): Até que os pequenos agricultores de Campo Alegre no interior da Bahia decidiram: água que cai do céu não tem dono. Duas mil e oitocentas cisternas foram construídas. O projeto com dinheiro da Holanda. Água para os bichos. Água para casa. (voz de mulher não identificada): Eu fico emocionada em saber como é que acontece uma coisa assim. De vir uma sorte assim pra gente. De ter vindo assim um jeito dessa água ter chegado.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>uma luz forte ilumina um fio de água que cai fazendo um barulhinho um bode comendo na mão de uma pessoa Noé em plano médio ao fundo um pedaço do semiárido nordestino e uma mulher cuidando dos animais GC: NOÉ CARNEIRO Sind. Trabalhadores Rurais</p> <p>mulher identificada como Heloísa apenas no off assobiando para uma cabra Heloísa jogando ração para os bodes duas meninas saem de casa e vão para a escola Heloísa sorrindo, ao fundo a paisagem do sertão GC: RETIROLÂNDIA – BA Heloísa acenando para as filhas que vão para a escola detalhe de uma vaca sendo ordenhada detalhe do mel escorrendo em um pote</p>	<p>Marcelo (em off): Depois da água a comida. (sobe som do sininho do bode) Noé: A proposta é o bode na roça e a criança na escola. (som sininho do bode) Marcelo (em off): O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Retirolândia veio com a ideia. Noé Carneiro: Nós daria quatro cabras e um bode e as mães colocavam os filhos na escola. (sobe som de assobio) Marcelo (em off): Nasceu o bode-escola. De uma só vez comida e estudo. Dona Heloísa ri à toa. (risada de Heloísa) Heloísa (em off): Eu fiquei muito alegre, né. Que eles não tinham essa oportunidade. E hoje eles têm, a oportunidade, né. Marcelo (em off): Onde havia fome, jorra o leite, jorra o mel.</p>	
<p>homem identificado como Salvador dá o depoimento GC: SALVADOR JOSÉ DA ROCHA apicultor pessoas com macacões brancos e proteção na cabeça retirando as caixas de abelhas GC: operador de áudio LUÍS OLIVEIRA roda de pessoas conversando à sombra de uma árvore</p>	<p>Salvador: Me sinto muito orgulhoso em ser apicultor hoje no sertão nordestino. (zumbido de abelhas) Marcelo (em off): Agricultores se juntam em associações. (zumbido de abelhas) voz de mulher não identificada: Quando a pessoa participa, ele vai mudando a mentalidade.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>mulher de costas caminha, abre uma porta e entra em uma casa GC: SERRINHA – BA sementes de milho caindo em um cesto GC: imagens LÚCIO ALVES</p>	<p>Marcelo (em off): No município de Serrinha, um banco comunitário de sementes para nunca mais precisar de favor. voz de mulher não identificada: Não dependo de prefeitura, não dependo de ninguém.</p>	
<p>mulher cozinhando mesa com comida, crianças comendo GC: edição de imagens CIDA HIPÓLITO Contraadultos e crianças sentados e comendo uma refeição mulher com um bebê no colo</p>	<p>Marcelo (em off): Gente pobre, mas de mesa cheia. De boca cheia, plena de dignidade. Um único desejo, que um dia há de se cumprir.</p>	
<p>rosto de mulher não identificada dá o depoimento detalhe de um prato de macarronada com tomate criança comendo o macarrão</p>	<p>mulher não identificada: Que todo mundo tivesse o que comer. Marcelo: que nem vocês aqui. mulher não identificada: É... (som de pessoas de pratos e talheres durante uma refeição)</p>	
<p>Fátima Bernardes Apresentadora do Jornal Nacional Bancada do Jornal Nacional cenário com arte do JN</p>	<p>Fátima Bernardes: Amanhã você vai saber como ajudar os brasileiros que não tem comida. O combate à fome começa bem perto de cada um de nós.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>William Bonner apresentador Jornal Nacional Cenário – bancada do telejornal Arte FOME (vinheta de abertura da série Fome)</p>	<p>Bonner: O Jornal Nacional exibiu nesta semana imagens tristes de um país que tem fome. Milhões de brasileiros perdendo as forças e a razão por falta de comida. Hoje você vai ver que não é difícil combater a miséria. Em todo o Brasil há muitas instituições sérias e confiáveis trabalhando para acabar com essa tragédia nacional.</p>	
<p>peças caminham de costas por uma estrada de terra carregando fardos de cana de açúcar na cabeça duas crianças sentadas no chão comendo feijão em pratos de metal grãos de feijão no prato de metal Casebre de barro no sertão semiárido hospital, berço e mulher com bebê mulher e duas crianças na janela menina chora, ao fundo uma mulher mulher e duas crianças chorando crianças pessoa não identificada fala ao telefone</p>	<p>Marcelo (em off): No Vale do Jequitinhonha, Minas, crianças dividindo grãos. Cidades abandonadas na Bahia. As doenças da escassez em Pernambuco. A população faminta no Piauí. O choro da fome em Salvador, ou na periferia de São Paulo. A tragédia onipresente tocou o País. Centenas de telespectadores ligaram para tentar ajudar.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
perfil de uma atendente de telefone com fones de ouvido	voz de homem não identificado (por telefone): a agonia de você ver uma pessoa chorando e você não ter um pedacinho de pão ou alguma coisa para dar para aquela pessoa comer...	
rosto de uma mulher atendendo o telefone	voz de mulher não identificada (por telefone): eu sou uma formiguinha nesse universo todo. Mas, eu acho que se nós unirmos forças, a gente pode tá ajudando esse pessoal, como não?	
pessoa de costas com telefone no ouvido imagens de Maria Rita que faleceu de desnutrição	voz de mulher não identificada (por telefone): Desde essa hora eu botei na minha cabeça que eu tenho que fazer para ajudar porque senão eu não vou me sentir bem nunca mais. Marcelo (em off): Cada pessoa com uma razão. Uma imagem que despertou o desejo de ajudar.	
imagem de Maria Rita sorrindo rosto da digitadora Teresinha que começa falando em off, sobre a imagem de Maria Rita sorrindo e depois complementa emocionada com os olhos cheios de lágrima GC: TERESINHA DA CRUZ digitadora silhueta de Maria Rita contra a luz Teresinha caminha na cozinha Teresinha caminha com panela na mão Teresinha na cozinha dá o depoimento Teresinha no portão de sua casa Marcelo faz a passagem em uma rua de Brasília GC: MARCELO CANELLAS Brasília – DF crianças nas palafitas pessoas na beira do rio	Teresinha (começa em off): Aquele sorriso triste dela [Maria Rita], porque foi um sorriso triste, me deixou com vergonha de mim mesma. Teresinha: Aquilo ali foi de desolação. Foi como se ... um tufão tivesse devastado a minha alma. Marcelo (em off): Maria Rita. Teresinha guardou o nome da mulher que viu na TV. Queria ampará-la, no dia seguinte ficou sabendo: Maria Rita morreu. Teresinha: O que eu mais penso é, (fica parada em silêncio), foi muito tarde. Teresinha (em off): Como por aqui tem muita gente passando necessidades, aqui mesmo pertinho. Só você virar o rosto você vê que tem alguém necessitando. Eu vou procurar fazer isso aqui mesmo. Marcelo Canellas (passagem): O Brasil tem centenas de entidades de combate a fome de todo o tipo. Desde programa de geração de renda até a adoção de família pobres através do pagamento de uma mesada. Uma rede invisível de solidariedade a espera de adesões. Marcelo (em off): Mas por que será que as pessoas não têm o costume de ajudar quem mora perto de casa?	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>representante da ação da Cidadania, Francisco dá o depoimento GC: FRANCISCO MENEZES Ação da Cidadania</p>	<p>Francisco: Em muitos casos seja porque é... não se está assumindo que o problema também está na nossa porta.</p>	
<p>mulher cozinhando num fogão à lenha homem com bebê no colo Arte Foto prato de comida TELEFONE PARA AJUDA AÇÃO DA CIDADANIA 0800-20-2000 www.acaodacidadania.com.br</p>	<p>Marcelo (em off): Não é preciso ir muito longe. Só a Ação da Cidadania contra a Fome tem mais de mil comitês espalhados pelo país. Além do endereço na internet você pode ligar para o telefone zero, oitocentos, vinte, dois mil.</p>	
<p>representante da UNICEF, Reiko em um escritório trabalhando representante da UNICEF, Reiko dá o depoimento GC: REIKO NIMI representante UNICEF Arte (prato de comida) TELEFONES PARA AJUDA UNICEF 0800-61-8407 www.unicef.org.br</p>	<p>Marcelo (em off): O fundo das Nações Unidas para a Infância, o UNICEF, tem uma lista de entidades que precisam de ajuda permanente. Reiko (UNICEF): Isso deve ser canalizado de uma maneira não só apagar o incêndio do momento. Porque senão vai ter um outro incêndio amanhã. Marcelo (em off): Além do endereço na internet você pode ligar para o telefone do UNICEF no Brasil: zero oitocentos, meia um, oito, quatro, zero, sete.</p>	
<p>imagens de crianças comendo imagem de Zilda Arns conversando com crianças que estão reunidas em uma mesa rostinho de uma criança pequena comendo crianças tomando sopa depoimento da coordenadora da Pastoral da Criança, Zilda, ao fundo crianças comendo GC: ZILDA ARNS Coord. Pastoral da Criança</p>	<p>Marcelo (em off): A Pastoral da Criança é coordenada por Zilda Arns. Uma brasileira indicada para o Prêmio Nobel da Paz. Marcelo (em off): A Pastoral já funciona em mais de 30 mil comunidades salvando crianças da desnutrição. Zilda Arns: O Brasileiro é extremamente solidário, haja visto a Pastoral da Criança que conseguiu uma solidariedade humana, uma rede de cento e cinquenta mil voluntários.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Arte (Prato de comida) TELEFONES PARA AJUDA PASTORAL DA CRIANÇA 0 XX 41-336-0250 www.rebidia.org.br-pastoral</p>	<p>Marcelo (em off): Além do endereço na internet, você pode ligar para o telefone da sede nacional da Pastoral da Criança em Curitiba. O código da operadora quatro um, três, três, meia, zero dois, cinco zero.</p>	
<p>mesa do escritório onde José Tubino representante da FAO está trabalhando no computador Tubino digitando no teclado detalhe: mãos e rosto de Tubino José Tubino dá depoimento GC: JOSÉ TUBINO representante da FAO</p>	<p>Marcelo (em off): A FAO, braço das Nações Unidas para agricultura e alimentação diz que o empenho da sociedade é fundamental, mas erradicar a fome, só se melhorarmos a distribuição de riquezas. O Brasil é o vice campeão mundial de concentração de renda. Só perdemos para Serra Leoa, um país africano. José Tubino: O Estado tem que criar as condições necessárias, para a gente ser capaz de se alimentar.</p>	
<p>presidente do IPEA, Roberto Martins de costas, trabalhando no computador Roberto de frente Roberto de frente dá o depoimento GC: ROBERTO MARTINS presidente IPEA médico Flávio Valente dá depoimento GC: FLÁVIO VALENTE médico</p>	<p>Marcelo (em off): O governo concorda, causa principal da desigualdade é a concentração de renda, mas o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas ligadas ao Ministério do Planejamento diz que mesmo assim, há menos famintos. Roberto: Apesar de toda dramaticidade verdadeira que tá retratada nas matérias. A situação da pobreza no Brasil, ela está melhorando. Embora isso parece números frios, a mortalidade infantil no país está se reduzindo... está se reduzindo, está se reduzindo. E num ritmo bastante satisfatório. Flávio (Médico): Se a gente falar em gente, ainda são um milhão e meio de crianças menores de cinco anos que sofrem de desnutrição no Brasil. Eu não acho que isso seja um número que a gente possa dizer que é pequeno.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>o médico Flávio caminha por uma rua de terra médico Flávio dá depoimento imagens de crianças rosto da jovem que chora porque não sabe o que vai ter para almoçar criança com boquinha suja de comida bebê em uma balança de pano mulher com bebê no colo criança mandando beijinho e batendo palminhas bebê</p>	<p>Marcelo (em off): O médico Flávio Valente coordena 87 entidades que lutam contra a fome e se dedicam a superar o comportamento comum. Flávio (médico): A aceitação que existe por parte da sociedade de que crianças ainda morram de fome no nosso país e de que isso seja considerado natural ou coisa de Deus. Flávio (em off): Todos nós somos responsáveis para mudar essa situação. Porque somente no momento em que a gente não aceitar mais isso é que a gente vai ter a coragem de tomar as decisões políticas que são necessárias para tomar, para resolver o problema, que é fácil de resolver. Não é tão difícil assim de resolver.</p>	


Fim APÊNDICE A – Série A *Fome*



APÊNDICE B – Relatório da série *Blitz da Educação*


Série jornalística em 6 capítulos
de 16 de maio a 21 de maio de 2011
Jornal Nacional – TV Globo
Cidades visitadas: Novo Hamburgo (RS), Vitória (ES),
Caucaia (CE), Goiânia (GO), Belém (PA)
Reportagem: André Luiz Azevedo
Imagens: Fernando Calixto, Luiz Cláudio Azevedo
Produção: Ana Brasil, Bruna Viana, Juliana Lima,
Luciana Rodolphi, André Junqueira
Edição: Paulo Coutinho, Angela Garambone, José Ferreira
Comentarista: Gustavo Ioschpe


Dia 16 de maio de 2011

Capítulo 1 – Novo Hamburgo (RS)

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>vinheta JN no ar sequência de imagens de um avião prefixo PR – W5M com logotipo do JN no ar enche a tela simulando um vôo, no final uma pequena imagem de um avião aparece dentro do N de <i>JN no ar Blitz Educação</i> pisca rapidamente antes de aparecer a imagem da bancada com os apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes Fátima Bernardes e William Bonner estão na bancada do Jornal Nacional</p>	<p>(som de motor de avião) Fátima: A primeira cidade visitada pela Blitz da Educação foi sorteada ontem à noite no Fantástico, fica na região Sul, tem 239 mil habitantes e é conhecida como a capital do calçado. André Luiz Azevedo boa noite. O que foi que vocês encontraram nas escolas de Novo Hamburgo, aí no Rio Grande do Sul?</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Na tela dividida do lado esquerdo aparece o repórter André Azevedo posicionado em um aeroporto tendo ao fundo o avião fretado pela Globo adesivado com logo do JN</p> <p>A cena revela que é noite e o repórter André Azevedo no exterior e os apresentadores no estúdio</p> <p>GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Porto Alegre ao vivo</p>	<p>André: Foi um grande contraste Fátima. Boa noite a todos. Foi um grande contraste entre duas escolas tão próximas geograficamente, estamos falando em escolas que estão na mesma cidade, não são regiões, estados, sequer cidades diferentes. Duas escolas na mesma poderosa Novo Hamburgo, uma cidade industrial, rica do Rio Grande do Sul, uma escola onde tem um índice de educação melhor do que a média nacional, onde crianças aos sete anos são praticamente alfabetizadas e a outra escola numa realidade tão diferente e tão próxima geograficamente, onde encontramos jovens de 13 anos na sala de aula, infelizmente jovens ainda analfabetos. Por que isso está acontecendo? É que nós vamos agora na reportagem que nós fizemos com o apoio da nossa afiliada aqui no Rio Grande do Sul, a RBS TV. Vamos ver a reportagem.</p>	
<p>Imagens do cidade vista do alto imagens de dentro do avião Imagens do pouso. GC imagens FERNANDO CALIXTO LUIZ CLÁUDIO AZEVEDO Imagens de uma van sobreposta por um mapa que mostra o trajeto de Porto alegre a Novo Hamburgo, cidades do RSSul</p>	<p>André (em off):..Decolamos debaixo de chuva. E uma hora e quarenta minutos depois pousamos em Porto Alegre com toda a equipe do JN no Ar. Ainda estava escuro quando saímos em direção a Novo Hamburgo, a cerca de 35 quilometros da capital gaúcha, a primeira cidade sorteada neste novo projeto do JN no Ar.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>repórter caminha ao lado do especialista Gustavo Ioschpe GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Novo Hamburgo, RS imagens da frente da escola imagem de criança descendo de uma van escolar e correndo para entrar pelo portão da escola imagem da placa / imagem do especialista explicando para o repórter sobre a nota do MEC imagem em close da diretora da escola imagem de crianças em fila no corredor da escola diretora conversa com o repórter GC MARIA VALFRIED WEBER diretora da escola</p>	<p>André (passagem): Nós estamos chegando aqui na escola municipal de ensino fundamental que é apontada como melhor dessa região aqui de Novo Hamburgo. Estamos acompanhados do especialista em educação Gustavo Ioschpe que vai participar de toda essa missão de educação do <i>JN no Ar</i>. Essa escola recebeu a nota do Ministério da Educação de 6,6 e o Gustavo vai nos explicar o que significa essa nota. É uma escola bem classificada? Gustavo (em off): É uma escola muito bem classificada, exatamente é um caso de sucesso dessa região. Gustavo: A meta que o Brasil tem para 2021, para daqui a dez anos é de nota 6, então essa escola hoje já superou essa meta. André (em off): A diretora vem nos receber atenciosa e vamos descobrindo juntos o que faz a diferença nessa escola. Ela quer ampliar as aulas em mais duas horas. Maria: O desafio é em busca de mais qualificação e mais tempo para as crianças estudar.</p>	
<p>imagem de uma pessoa varrendo o chão imagem dos alunos numa roda GC produção ANA PAULA BRASIL BRUNA VIANA imagens dos alunos nas salas de aula, nos computadores, em salas de jogo de xadrez gigante imagem de crianças escrevendo GC ALFABETIZAÇÃO GC 24 anos de magistério – pós-graduação salário: R\$ 3.500 imagens de crianças e dos cadernos</p>	<p>André (em off): Limpeza, disciplina Professora (sem identificação): Como é que a gente diz quando chega alguém? Alunos gritam: Bom dia. André (em off): Organização, cuidado com as crianças, equipamentos modernos sendo usados e atividades extra curriculares também. Mas o nosso grande objetivo é ver a alfabetização. Vamos para a turma do segundo ano, a antiga primeira série. A professora Haidy tem 24 anos de magistério e pós-graduação, salário de R\$3.500,00. Hoje o tema da aula por coincidência era mesmo a importância da escola. Os pequenininhos já escrevem frases simples.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem do caderno de um aluno imagem de um menino lendo imagem do repórter segurando o microfone para gravar a professora perguntando e o menino respondendo</p>	<p>Aluno (em off lendo o que escreveu no caderno): escola é muito importante. Professora: Por que que ela é importante? Aluno: ela é muito animada e muito divertida. Professora (repete acenando que sim com a cabeça): Muito animada e muito divertida e o que mais? Que tu vem fazer na escola? Aluno: estudar. Professora (incisivamente): Pra quê? Aluno (com carinha preocupada e interrogativa): Pra aprender...</p>	
<p>imagem do especialista sentado em uma carteira no fundo da sala de aula placa de informática na porta de uma sala imagem do especialista conversando com a diretora</p>	<p>André (em off): o especialista Gustavo Ioschpe assistiu a aula lá na última carteira para uma avaliação depois foi ver outras instalações, conversar com professores e a diretora.</p>	
<p>imagem do repórter conversando com o especialista GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação imagem da sala de aula imagem de roda de alunos ouvindo uma professora imagens dos alunos levantando o braço imagem de alunos sentados no chão ouvindo uma história imagem de menino pegando livro numa estante</p>	<p>André (passagem): Para quem chega numa escola pública como essa é claro que chama a atenção a limpeza, o capricho, tudo arrumado. Mas para o especialista em educação, Gustavo qual foi o destaque que você viu nessa escola tão bem classificada? Gustavo: Algumas coisas importantes, envolvimento da família, a escola puxa a família, a escola faz com que a família venha. Eles faziam reuniões antes às 7 horas da noite, muitos pais não conseguiam vir porque era muito cedo, então eles mudaram o horário para acomodar os pais. Outra coisa é acreditar e cobrar do aluno e não admitir o insucesso. Então o aluno que não está aprendendo eles têm aulas de reforço no turno da tarde o aluno vem aprende. Dever de casa, outra coisa que é absolutamente fundamental para o aprendizado. Todos os dias as professoras passam dever de casa e corrigem dever de casa. São pequenas diferenças que fazem um resultado bom.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>repórter caminha numa rua ao lado do especialista repórter entra numa escola GC 3,6 IDEB – MEC repórter e especialista sobem algumas escadas e entram em uma escola GC produção JULIANA LIMA LUCIANA RODOLPHI imagens dos alunos brincando num pátio de terra imagem do corredor da escola com vidros quebrados imagem de comida na mesa da professora imagem de uma criança comendo na carteira</p>	<p>André (passagem): Dentro do mesmo município uma outra realidade. Uma escola que enfrenta mais dificuldades que tem uma nota mais baixa do Ministério da Educação, a nota de 3,6. Nós vamos conhecer então a realidade dessa outra escola na mesma região aqui de Novo Hamburgo. (em off): essa é uma escola da periferia da cidade, grande, são mil e cem alunos. As instalações estão mal cuidadas e mesmo depredadas, vidros quebrados, luzes queimadas. Como não há refeitório o almoço é servido na sala de aula. Os professores dizem que enfrentam a situação como podem:</p>	
<p>protagonista imagem da professora conversando com repórter GC NEUZA BEATRIZ BEOHS professora imagem da diretora caminhando ao lado do repórter e do especialista</p>	<p>Neuza: Não vou te dizer que realmente, os vidros quebrados não fazem uma diferença, porque fazem. Mas é muito gostoso vir todos os dias trabalhar nessa escola, porque eu realmente gosto muito. André (em off): a diretora lamenta as condições, reclama da falta de professores e também da pouca participação das famílias.</p>	
<p>imagem da diretora conversando com o repórter GC CATHERINE THUME diretora da escola imagem de criança escrevendo no caderno imagem professora escrevendo na lousa GC 8 anos de magistério salário: R\$ 3.000 imagem crianças estudando</p>	<p>Catherine: Não há mais aquela estrutura tradicional, da família né, com o pai e a mãe presente, os avós que ainda podiam fazer aquele cuidado com as crianças, né, acho que é o que mais influencia na dificuldade deles. André (em off): Mas vamos ver o que acontece na sala de alfabetização. A professora Carla tem 8 anos de magistério, o salário é de R\$3.000,00, praticamente igual ao da professora da melhor escola pública da cidade. Na mesma sala há crianças pequenas e mais velhas.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>professora conversa com o repórter GC CARLA LIZIANE DE OLIVEIRA professora imagens de crianças brincando imagem do especialista GC edição PAULO COUTINHO ANGELA GARAMBONE GC REAÇÃO imagens dos alunos em sala de aula</p>	<p>Carla: Tem crianças de 13 anos ainda que não estão totalmente alfabetizadas. André: A senhora consegue entender por quê? Carla: Na verdade, vem assim de, posso te dizer, de anos anteriores, né, de falta de apoio dos pais, da família com relação à escola. André: As crianças são um pouco levadas? Carla: É. A maior dificuldade é em relação ao comportamento. André (em off): Para Gustavo Ioschpe a escola tem muitos problemas. Mas a direção, os professores, as famílias e os alunos precisam reagir porque o prejuízo é de todos.</p>	
<p>imagem do especialista imagens de alunos nos corredores da escola imagens de alunos na sala de aula imagem de um caderno repórter entrevista um aluno sobre o que ele escreveu</p>	<p>Gustavo: Todo professor, todo diretor precisa tá convicto de que todos os alunos naquela escola, naquela sala de aula podem e devem aprender. A gente vê aqui um pouco uma aceitação, até pelo fato de serem famílias um pouco mais pobres, de que alguns alunos não aprendam. Isso não pode acontecer. (em off): A escola não pode nunca desistir do aluno tem que sempre insistir para que aquele aluno aprenda e domine totalmente a matéria do seu ano. André (em off): Estudar pode ser bom, divertido. Você já escreveu sua frase? Aluno: Já.. André: Lê para mim. Aluno: Eu gosto da escola para estudar. André: Isso é verdade? Aluno (balança a cabeça afirmativamente e sorri): Sim.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens da vinheta JN no ar Bancada do Jornal Nacional com William Bonner e Fátima Bernardes Bonner introduz a série e chama o repórter na tela dividida está do lado esquerdo o repórter na externa e do lado direito os apresentadores no estúdio depois a imagem do repórter enche a tela GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Vitória ao vivo</p>	<p>(vinheta JN no Ar) Bonner: A cidade sorteada ontem aqui no JN foi a capital do Espírito Santo, Vitória que tem quase 328 mil habitantes. André Luiz Azevedo, boa noite, quais foram as impressões que as escolas daí deixaram para vocês?</p> <p>André: Bonner muitos pontos chamaram a nossa atenção. Primeiro é claro, muito boa noite a todos que nos assistem. Na escola de excelência a reafirmação da importância da participação da família e mais do que isso, da pressão dos pais, da cobrança por um ensino de qualidade. Isto funciona e nós comprovamos. Mas, o que mais me chamou a atenção mesmo foi na escola que enfrenta dificuldades aí é uma lição para todo o Brasil.</p> <p>Mesmo nesse ambiente tão complicado nós vimos que um professor de qualidade com boa formação, com dedicação, competência, com material pode fazer a diferença e dar um ambiente de qualidade para os alunos, trazer um pouco de esperança para os alunos.</p> <p>Então temos aí dois pontos fundamentais, a participação da família e a importância do professor.</p> <p>É isso que nós vamos ver nessa reportagem que eu fiz aqui com a participação da nossa afiliada local a TV Gazeta. Vamos ver a reportagem.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de aluno em sala de aula GC imagens LUIZ CLÁUDIO AZEVEDO FERNANDO CALIXTO imagem aluno em sala de aula imagem da frente da escola EMEF Eber Louzada Zippinotti (escola boa) imagens da cidade imagens do mapa ligando Porto Alegre a Vitória imagens de aviões GC reportagem ANDRÉ LUIZ AZEVEDO imagens do repórter e do especialista entrando na escola com menor nota GC 3,4 IDEB - MEC</p>	<p>André (em off): Dois alunos de escolas do Espírito Santo. Duas histórias bem diferentes pautadas pela educação. apresentar as disparidades do ensino público de uma mesma região é um dos objetivos desta nossa jornada. Ontem, à noite saímos de Porto Alegre, e duas horas depois, pousamos no aeroporto de Vitória a cidade sorteada para ser a representante do sudeste na Blitz do <i>JN no Ar</i>. Cedinho já estávamos na rua, eu e o especialista em educação Gustavo Ioschpe fomos primeiro para a sala de alfabetização da escola que tem a menor nota do Ministério da Educação da cidade. Professora: André Azevedo. André: presente. Professora: Gustavo. Gustavo: presente.</p>	
<p>imagens da sala com o especialista Gustavo e o repórter André fingindo serem alunos sentados aguardando a chamada que é feita pela professora. imagens dos alunos em sala de aula GC produção ANA BRASIL/JULIANA LIMA GC EZEQUIEL OLIVEIRA estudante imagem em close no rosto do estudante Ezequiel que segundo o repórter enfatiza para o telespectador "não fez a tarefa de casa" imagem da sala de aula imagem de uma folha de caderno com uma carinha desenhada num coração GC formada em Pedagogia, pós-graduação salário R\$ 1.730,00</p>	<p>André (em off): É uma escola estadual. Aqui conhecemos Ezequiel. Ele tem 14 anos. Apesar da idade ainda está no terceiro ano. André (entrevistando Ezequiel com microfone): Você é bom de português? Ezequiel (responde timidamente): Mais ou menos... André (incisivo): Você fez a tarefa de casa? Ezequiel (com vozinha sumindo): Não... André (questionador): Por que é que você não fez? Ezequiel: Porque eu estava trabalhando. André (em off): Outros estudantes daqui vivem em situações semelhantes. São alunos da professora Rosalba Sarmento, formada em Pedagogia, com pós-graduação e salário de R\$1.730,00.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem da professora entrevistada GC ROSALBA SARMENTO professora imagem da frente da escola Louzada, considerada boa pelo repórter imagem do aluno Adallos GC 14 anos imagem da sala de aula GC 65,5 IDEB – MEC</p>	<p>André: A senhora consegue entender o por que eles estão com essa dificuldade? Rosalba: Eles acabam evadindo, aí voltam depois, é isso aí que prejudica, né. A maioria das vezes é isso aí. André (em off): Só vinte minutos de carro separam uma escola da outra. Adallos estuda aqui e tem a mesma idade de Ezequiel e está cursando já, o 8º ano do ensino fundamental na escola com melhor índice de desenvolvimento medido pelo MEC. Chegamos na hora da aula de matemática.</p>	
<p>professor de matemática escreve na lousa Adalos vai até a frente resolver o problema GC ADALLOS SILVA estudante repórter entrevista o aluno e faz uma pergunta GC produção ANDRÉ JUNQUEIRA/BRUNA VIANA imagens das salas de aulas das duas escolas imagem da professora Viviane GC VIVIANE GONZAGA professora imagem da pedagoga Lea GC LEA VIEIRA DA SILVA pedagoga da escola imagem do repórter entrevistando uma avó de aluno no visor da imagem zoom para mostrar o repórter carregando a imagem GC LÚCIA DE FÁTIMA avó de aluno imagem do especialista / imagem de aluno imagem de pai de aluno com o filho no colo</p>	<p>Professor: Olha estou passando uma equação aqui e vou pedir para o Adalos resolver. André (em off): E ele consegue resolver facilmente uma equação de segundo grau. Adallos: Matemática eu tenho um pouquinho de dificuldade mas dá para superar tranquilo. Matemática é importante para tudo que se faz na vida agora. André: Você está pensando em ser o quê? Adallos: Eu? Técnico, informática, alguma coisa assim. André (em off): Vamos tentar entender o que separa estes dois garotos. Por que eles têm oportunidades tão diversas? Começamos com a escola do jovem que ainda está sendo alfabetizado. No horário do início das aulas poucos alunos, poucos pais. Viviane: Quando precisa de alguma participação da família a família não aparece, quando tem reunião não aparece também na reunião, poucos pais participam. Lea: Família não pode participar muito. André: Por que? Lea: Todos trabalham. André: hummm. Lea: Não pode estar acompanhando os filhos na escola. André (em off): Conversando com os responsáveis, inclusive avós, perguntamos por que escolheram esta escola? Lúcia: Foi o único. A escola que nós conseguimos vaga para ele devido o problema que ele tem foi essa que aceitou ele. André (em off): O pesquisador Gustavo Ioschpe quer saber se as famílias conhecem a avaliação do Ministério da Educação, o IDEB, o Índice de Desenvolvimento Escolar. André: o senhor sabe se a escola é boa ou ruim ainda? Pai de aluno com o filho no colo: Não pude avaliar ainda...</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem do especialista GC GUSTAVO IOSCHPE imagem do especialista em educação imagem da sala de aula vazia imagem da diretora GC ISIE FONTANARI diretora da escola repórter questionando a diretora sobre a nota da escola no IDEB GC IDEB 2007 – 2,7 2009 – 3,4</p>	<p>Gustavo: Felizmente agora a gente tem o IDEB que é uma nota de zero a dez que cada escola tem. Assim como o filho tem uma nota no seu aprendizado na escola, a própria escola tem uma nota que é bem simples de entender. E então com esse instrumento os pais podem saber direitinho como é que está a performance da escola do seu filho e se está uma performance muito baixa, tem uma nota três, quatro, uma nota abaixo de cinco, assim como ele reclamaria se o filho tivesse uma nota dessa na escola ele tem reclamar se a escola também tiver essa nota média. Então se a média da escola é baixa a culpa não é do filho, significa que é um problema da escola. André (em off): Encontramos muitas salas vazias, ou quase. A diretora diz que a vizinhança não gosta de botar os filhos aqui. Isie: Nós temos só dois alunos da comunidade os outros alunos eles são os formiguinhas. Vem dos morros ao redor, né, as comunidades ao redor. André: Você sabe o que é o IDEB, né? Isie: Sei .. em 2007 nós estávamos com 2,7 em 2009 nós fomos para 3.4. André: Uma nota baixa, mas a senhora está melhorando. Isie: Baixa... mas nós estamos procurando melhorar cada dia mais.</p>	
<p>imagem da sala de aula onde Adallos estuda (ELZ) imagem do professor Paulo GC formado em matemática salário R\$ 1.800,00 imagem de Paulo sendo entrevistado GC PAULO RODRIGUES professor imagem do especialista sentado em uma carteira fazendo anotações imagem do especialista GC PRESSÃO DOS PAIS</p>	<p>André (em off): Na outra escola, a de Adallos, os pais disputam as vagas. Paulo é professor daqui. Ele é formado em matemática, e faz mestrado, salário de R\$1.800,00. Paulo: Tanto a matemática quanto as outras disciplinas elas não dependem só do professor. Elas dependem também da motivação, do interesse, né, que eles têm para aprender. André (em off): Ioschpe assistiu as aulas de matemática e de inglês, conversou com professores e com o diretor. Acha que descobriu um dos segredos do sucesso no ensino. Gustavo: O que a gente realmente vê e acho que faz uma diferença significativa pro aprendizado e pro desempenho dessa escola é a pressão e a expectativa dos pais da comunidade. Uma das pedagogas nos disse "os pais aqui querem que o filho aprenda como se ele estivesse numa escola particular". E isso é fantástico.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de aluno escrevendo GC VONTADE DE APRENDER imagem da aluna Quécia estudando e lendo repórter entrevistando a menina imagem da professora Alexsandra GC formada em Pedagogia, pós-graduação salário R\$ 1.800,00 imagem da professora conversando com os alunos em sala de aula GC edição PAULO COUTINHO JOSÉ CARLOS FERREIRA imagem do especialista</p>	<p>André (em off): Nas duas escolas vimos alunos cheios de vontade aprender. O baixo índice de avaliação do MEC não abalou o ânimo de Quécia de 8 anos, ela já está lendo. Quantos livros você já leu? Quécia: Nossa foram tantos que não dá nem para saber. André: Gostou? Quécia balança a cabeça afirmativamente. André: O que é que você quer ser quando crescer? Quécia: Veterinária. André (em off): A professora dela tem formação especializada, universitária em alfabetização, com pós-graduação e recebe um salário de R\$1.800,00. Gustavo (em off): Essa é uma professora que faz tudo certo. Ela ensina com material didático, ela é formada na área em que ela ensina ela formada em alfabetização, ela dá atenção especial para cada aluno e muito importante, ela tem expectativa de que todo aluno esteja alfabetizado já no fim do ano. E agora nós estamos vendo já, no terceiro mês de aula... Gustavo: ... e os alunos já estão lendo e escrevendo bastante bem para esse período. Então, vejo que mesmo numa escola ruim eu tenho certeza de que os alunos da professora Alexsandra no futuro vão ter um desempenho escolar bem melhor do que os seus colegas mais velhos.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Bancada do JN. Márcio Gomes chama André Azevedo a tela se divide GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Fortaleza imagem de uma professora gravando os alunos e a presença da Globo com um celular imagens de alunos nos corredores da escola imagens dos alunos em sala de aula GC 5,4 IDEB – MEC imagens avenidas / imagens ruas de terra imagem escola na estrada de terra GC 2,1 IDEB – MEC imagens aeroporto à noite Fortaleza GC imagens LUIZ CLÁUDIO AZEVEDO FERNANDO CALIXTO imagens de estrada cheia de barro imagens de casebre GC produção SUSY COSTA / EULÁLIA CAMURÇA imagens de crianças pobres GC técnicos EDUARDO BARBOSA ALEXANDRE DA SILVA imagem de van na estrada de terra</p>	<p>(sobe som da vinheta do <i>JN no ar</i>) Márcio: A cidade sorteada ontem foi Caucaia na região metropolitana de Fortaleza, tem 325 mil moradores, mais da metade é pobre segundo o IBGE. (tela dividida) André Luiz Azevedo, boa noite, como é que foi essa visita ao Ceará? André: Bem nós vimos lições que podem servir de exemplos para todo o país. Primeiro muito boa noite a todos que nos assistem. A reportagem dessa noite da blitz do <i>JN no Ar...</i> André (enche a tela com o repórter): ...é basicamente uma reportagem de serviço sobre dois pontos muito importantes para a educação brasileira. Primeiro, a alfabetização, e segundo, a deficiência do ensino de muitas escolas públicas. Como se pode melhorar a alfabetização, qual a lição da escola de excelência, como se pode melhorar a situação da escola com tantas deficiências? Vamos ter as dicas do nosso especialista Gustavo Ioschpe. Vamos ver então a reportagem que fizemos com o apoio da nossa afiliada cearense, a TV Verdes Mares. Vamos à reportagem. (voz da professora não identificada): Vamos aparecer aonde? Alunos gritam: Na Gloooooobo. Professora: Escola nota? Alunos: Deeeiiiiizzzz. André (em off): Nota dez em alegria e simpatia. Eles frequentam uma escola que conseguiu nota 5,4 no índice de avaliação do Ministério da Educação. É a melhor da região e tem quase a mesma média, por exemplo, de um ensino público, de um estado como São Paulo. Para chegar a outra escola percorremos vinte quilômetros da cidade até a zona rural. É a instituição de menor nota que visitamos até agora, 2,1 no IDEB. Mas, nossa viagem começou ontem. Decolamos à noite de Vitória, no Espírito Santo, percorremos 1.850 km. em duas horas e vinte minutos e no início da madrugada pousamos em Fortaleza. Hoje cedinho partimos em direção à zona rural de Caucaia. Primeiro asfalto, buracos e depois terra, água, lama. Passamos sem muita dificuldade mas não é o que acontece com a maioria dos alunos. Nesta época do ano o transporte escolar é suspenso por causa do período de chuva e o índice de faltas e atrasos aumenta.</p>	





VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>repórter entrevista uma mulher não identificada imagem do corredor da escola com alguns alunos repórter em frente a uma sala de aula GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Caucaia, CE imagem de alunos se ajeitando nas carteiras repórter pergunta para um aluno o motivo do atraso imagem de uma sala dividida com cortinas GC produção ANA PAULA BRASIL JULIANA LIMA</p>	<p>Sonora (presumivelmente professora, mas não está identificada): É difícil o acesso. É muita lama, sabe. André (em off): Agora estão chegando mais três alunos aqui André (olhando no relógio): ...e já são 8:25 da manhã. As aulas começaram às 7 horas então 8:25 da manhã ainda há aluno chegando aqui na escola. André (pergunta para um aluno): Por que você chegou atrasado assim? Aluno: Porque nós veio a pé. André (segue perguntando para a criança): Por que você veio a pé? Aluno: Porque o carro não está passando, a estrada está ruim. André (em off): Oficialmente a escola tem três salas, mas uma é improvisada na entrada e hoje estava vazia. As outras duas salas são ocupadas por várias turmas e alunos de diferentes séries e idades. Professora (não identificada): Leiam aqui a quarta questão.</p>	
<p>imagem da sala de aula cheia de alunos a professora Maria Ivonei está escrevendo na lousa GC formada em Pedagogia salário R\$ 1.700,00 imagens dos alunos GC 7 aos 13 anos imagem de uma aluna apagando no caderno imagem do especialista na frente da sala conversando com a professora imagens dos alunos especialista perguntando para a professora GC MARIA IVONEI professora imagens dos alunos</p>	<p>André (em off): Vamos acompanhar a aula da professora Maria Ivonei. Ela é formada em pedagogia e recebe R\$ 1.700,00 por mês. Tem alunos dos 7 aos 13 anos. Todos ainda na fase de alfabetização. O especialista Gustavo Ioschpe quer entender como é a rotina da aula. Quantas horas de aprendizagem de verdade. Gustavo pergunta para Ivonei: A senhora chega aqui normalmente pelas 7:15 horas? Ivonei: 7:15. Gustavo: E os alunos chegam normalmente que horário? Ivonei: Como você viu né, tem alguns alunos que chegam 8 horas, 8 e meia, né. André: E a aula termina que horário? Ivonei: Termina 11 horas. André: Então na prática fica mais menos umas duas horas de aula. Ivonei: Isso.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens da escola boa segundo IDEB imagens do especialista, repórter e Josefa Josefa na sala de aula com os alunos GC formada em Pedagogia, pós-graduação salário R\$ 2.000,00 especialista folheia uma cartilha da Coleção Caminho repórter entrevista o especialista na frente da sala de aula ao lado de Josefa GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação GC organização e método imagens de crianças escrevendo imagens das crianças GC edição PAULO COUTINHO/ANGELA GARAMBONE imagens de crianças em sala de aula imagem do especialista e do repórter entrando na escola que recebeu o baixo índice do MEC imagens de teclados e computadores cobertos com plásticos repórter e especialista na sala onde os computadores estão cobertos com plástico GC ENTUSIASMO imagens dos alunos na sala de aula da escola que teve nota baixa especialista fala no microfone que está na mão do repórter</p>	<p>André (em off): Na escola pública que recebeu a melhor avaliação o interesse maior é pelo projeto de reforço na alfabetização. Por isso vamos direto para a sala da professora Josefa do Nascimento formada em pedagogia, com pós-graduação em administração escolar e salário de R\$2 mil. André: Gustavo eu estou vendo que você está curioso para saber a rotina de uma aula dessa de alfabetização né? Por que? Gustavo: É muito importante quando uma aula tem um processo, tem uma disciplina, tem um ordenamento. Os alunos sabem aquilo que tem que fazer, tem o material e que tem uma agenda do dia de atividades que fica clara para todos. André: O importante é ter uma agenda das atividades escolares com objetivos diários. A organização e método são fundamentais para esta fase tão importante. Gustavo: A alfabetização é basilar. É fundação para todo o resto do processo educacional do aluno. (em off): É muito importante que a escola tenha uma organização, que tenha procedimento, que o professor saiba o que ele tem que fazer, tenha o material de apoio e o aluno também saiba aquilo que vai ser feito. Quando as coisas são deixadas muito ao léu, e que cada professor, cada diretor tem que reinventar a roda e recriar cada turma a cada semestre, ou a cada ano, os resultados costumam sofrer. André (em off): A comparação com a escola rural é inevitável. São as contradições do Brasil que assustam ainda mais na educação. André (ao lado Gustavo): Uma sala de informática que a gente percebe cheia de computadores, mas todos cobertos e sem uso. Enquanto isso, na sala de aula, falta professor, os alunos de várias séries todos juntos. Gustavo pelo que você observou aqui dá para entender por que essa escola tem uma nota tão baixa? Gustavo (em off): Mas mesmo assim André é importante ressaltar que mesmo em escolas com essas condições de dificuldades...há coisas que podem ser feitas para melhorar. Por exemplo, a gente vê turmas aqui, aulas em que a professora coloca muita matéria no quadro e os alunos passam muito tempo copiando aquela matéria ou respondendo perguntas de um livro. Isso é coisa que poderia ser feita em casa, como dever de casa.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem da sala de aula da escola que teve nota baixa no MEC GC rformada em Pedagogia c/especialização salário R\$ 1.730,00 imagens de crianças GC entusiasmo professora fala com repórter sentada em uma mesa com as crianças/alunos em volta fala com convicção GC SANDRA REGINA professora</p>	<p>André (em off): A professora Sandra Regina formada em pedagogia, e com especialização em educação infantil, salário de R\$1.730,00, conta com poucos recursos para alfabetizar brasileirinhos mas não perde o entusiasmo. Sandra: Eu vou conseguir alfabetizar essas crianças, né. Com certeza. Até o final do ano se Deus quiser.</p>	

Dia 19 de maio de 2011 Capítulo 4 – Goiânia (GO)

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Bancada do JN com William Bonner e Fátima Bernardes Tela dividida do lado esquerdo o repórter em frente ao avião do JN no ar e do lado direito a bancada com os apresentadores imagem do repórter na tela cheia GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Goiânia ao vivo</p>	<p>(sobe som da vinheta <i>JN no ar</i>) Fátima: A cidade sorteada para representar o centro oeste brasileiro foi Goiânia que tem 1.300.000 habitantes. (tela dividida): André Luiz Azevedo boa noite, como foi a blitz por aí? André: Bem, Fátima. A blitz do <i>JN no Ar</i> desta noite vai trazer muitas surpresas. Primeiro é claro, uma boa noite para todos. Como em todas as cidades, aqui em Goiânia também fomos na melhor e na pior escola da região. (tela cheia): Mas quando chegamos nas escolas fomos surpreendidos. Você vai saber por que? E quais as lições que tiramos dessas surpresas, quais os tabus que foram quebrados, quais os ensinamentos dessas surpresas, vamos saber por que agora na reportagem que fizemos com o apoio da nossa afiliada aqui em Goiânia, a TV Anhanguera. Vamos à reportagem.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem do repórter no meio da criançada GC imagens FERNANDO CALIXTO/LUIZ AZEVEDO crianças brincando de pula corda imagem de um professor escrevendo na lousa imagem da sala de aula imagem de um aluno com o caderno no rosto imagem de sala com computadores e os alunos estudando GC 7,1 IDEB - MEC imagem de uma escola simples imagem da sala de aula com alunos imagem de avião arte mapa do Brasil mostrando movimento do Ceará até Goiânia imagem da escola com menor nota imagem do repórter e do especialista entrando na Escola Municipal Maria Araujo de Freitas GC reportagem ANDRÉ LUIZ AZEVEDO imagem do repórter e especialista andando de costas no pátio da escola imagens de salas de aulas imagens do repórter e do especialista caminhando ao lado da diretora imagens de alunos sentados estudando diretora sendo entrevistada pelo repórter GC SUZY GONZAGA diretora da escola</p>	<p>(sobe som crianças entusiasmadas e André está no meio delas) André (em off): A hora é do recreio. Mas até aqui tem organização e disciplina com fila e controle. (sobe som de um professor explicando uma equação de matemática) Na outra escola a aula deveria ser de matemática, mas o professor diz que a bagunça da turma do fundo impede que os outros prestem atenção. Uma tem melhores instalações a outra é mais simples, fica num bairro pobre. Mas é aí que caem por terra todos os preconceitos. Foi a escola do bairro pobre que obteve a maior média entre todas as escolas visitadas por nós até agora: 7,1. Para contar essa história incrível para os padrões brasileiros percorremos 1.820 km de Fortaleza até Goiânia. Foram duas horas e vinte e cinco minutos de viagem. André (em off): O dia clareava quando chegamos à escola que tem a menor nota da capital de Goiás e entre todas as visitadas pela blitz do JN no Ar – 1,2. Para nossa surpresa é uma escola com boa aparência, instalações amplas André (narrando de costas para imagem): Aparentemente é um ambiente que não diferencia de outras escolas até de qualidade, não é Gustavo? Um ambiente que a gente repara está limpo, salas de aula, instalações aparentemente de qualidade, né ? André (em off): O que acontece aqui? A diretora tem uma explicação. Ela recebe alunos de outras escolas. Suzy: Supostamente eu teria que pegar essas crianças já mais ou menos alfabetizadas, reconhecendo as letras, reconhecendo palavras, mas não é isso que acontece, na verdade.</p>	   

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de crianças estudando GC produção BRENDA FREITAS/LOURDES MALAQUIAS imagens da professora Gisele GC formada em Pedagogia salário R\$ 1.600,00 GC GISELE JACQUES professora</p>	<p>André (em off): Para essas crianças a escola programou um período extra de reforço. É o que está acontecendo agora na sala da professora Gisele Jacques, formada em pedagogia, e com salário de R\$1.600,00. Gisele: Uma criança que já está no quarto ano, com nove anos de idade, chega para gente infelizmente não alfabetizado, a gente tem fazer aquele preparo todinho de alfabetização e tentar colocá-lo no seu agrupamento ideal para um aluno de quarto ano.</p>	
<p>imagem do especialista imagens de alunos estudando imagem de uma roda de alunos sentados no chão com o repórter e o especialista imagem do especialista GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação</p>	<p>André (em off): O especialista em educação Gustavo Ioschpe quer entender como é o reforço. Fizemos uma rodinha para ouvir os alunos. Ele pergunta sobre tempo de aula, dever de casa. Gustavo (em off): Tem aqui uma cultura da aceitação do fracasso e de empurrar com a barriga. Gustavo (na frente da escola): A gente nota que a escola não tem uma indignação, não está preocupada em resolver esse problema que é crucial da alfabetização na idade certa. Isso acaba gerando o quê? A indisciplina.</p>	
<p>imagem da sala de aula imagem do professor Jefferson GC Licenciatura em Matemática salário R\$ 1.600,00 imagens dos alunos imagem do professor sendo entrevistado GC JEFFERSON DOS SANTOS professor imagem do repórter perguntando para alguns alunos GC disciplina imagem de sala de aula GC 7,1 IDEB – MEC diretora sendo entrevistada pelo repórter GC MARIA DE FÁTIMA SILVA diretora da escola</p>	<p>André (em off): A bagunça está prejudicando a aula do professor Jefferson. Ele tem licenciatura em matemática, e recebe R\$1.600. Nem na hora da entrevista a turma se acalma. Qual a dificuldade de manter a disciplina numa sala como essa por exemplo? Jefferson: Eu acho que é quantidade de alunos, e o desinteresse de alguns e falta compromisso com os pais em casa mesmo que não tem esse compromisso com a educação então os filhos vem mesmo só para bagunçar. André: Você leva dever para casa, você faz o dever de casa? O professor disse que você não faz o dever de casa. Aluno: Eu faço mesmo não. André: E por que você não faz? Aluno: Eu tenho muita coisa para fazer lá em casa. André (em off): Se o assunto é disciplina vamos ouvir a diretora que tem a melhor nota da região: 7,1 IDEB MEC, uma media igual a de boas escolas de países desenvolvidos. Fátima: Para trabalhar o aluno tem que ter disciplina. Se não tiver disciplina como é que a gente trabalha com a criança. A criança tem que saber, tem que aprender, portanto eu dou sim.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de sala de aula GC gestão imagens dos alunos imagem da diretora conversando com uma professora imagem dos alunos sentados numa grande roda no pátio imagens dos alunos nos corredores GC edição PAULO COUTINHO ANGELA GARAMBONE imagem da professora Marisa GC formada em Pedagogia salário R\$ 1.100,00 GC concentração e entusiasmo imagens da professora Marisa explicando aos alunos aluno fazendo uma conta na lousa imagem dos alunos GC comprometimento imagens dos alunos GC produção ROGÉRIO NERY DAGOBERTO SOUTO MAIOR imagens dos alunos em sala de aula e no pátio brincando</p>	<p>André (em off): Um caso típico de boa gestão. A diretora assumiu há 8 anos num momento crítico. A prefeitura pensava até em fechar a unidade porque tinha poucos alunos e um resultado sofrível. Como ela virou o jogo? Vamos ver na prática o que acontece aqui. As instalações são boas, mas nada excepcional. Nas aulas a razão do sucesso, Marisa é formada em pedagogia, com salário de R\$1.100,00. Mistura concentração com entusiasmo e o resultado: crianças de 9 anos com leitura fluente. (sobe som crianças lendo uma frase em voz alta). André (em off): Na hora de ir ao quadro negro fazer contas de três dígitos todo mundo quer. (sobe som da criançada e aplausos) André (em off): Gustavo eu percebi que você ficou até emocionado com o exemplo dessa escola, esse exemplo é tão bom assim? Gustavo: Esse é um exemplo fantástico André, a gente tem aqui uma diretora que eu acho uma heroína da educação brasileira. Uma profissional que assumiu essa escola há oito anos quando ela tava quase fechando, com 67 alunos, e desde então vem batalhando para fazer essa escola uma escola de nível de primeiro mundo que é o que ela conseguiu hoje. André (em off): Qual o segredo dessa mudança na escola? Gustavo (em off): Comprometimento, a palavra que a diretora usa é comprometimento. Todos os profissionais que estão nessa escola estão comprometidos a fazer com que todos os alunos aprendam. E ela diz: "nós não temos tempo para esperar que o aluno aprenda nós temos que ensinar para todos os alunos". E os alunos que chegam aqui saem com possibilidades de vida muito maior do que inclusive eles sonhavam. Essa escola é realmente fantástica. É um exemplo para todo o Brasil.</p>	
<p>repórter entrevistando uma criança imagem da aluna escrevendo na lousa</p>	<p>André: Que matéria você gosta mais? Aluna: Matemática. André: Por que? Aluna: Porque quando a gente tiver dinheiro para comprar alguma coisa a gente sabe quanto que é.</p>	

Dia 20 de maio de 2011


Capítulo 5 – Belém (PA)

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Bancada do JN com William Bonner e Fátima Bernardes repórter fala em frente ao avião GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Belém ao vivo</p>	<p>(sobe som da vinheta <i>JN no ar</i>) Bonner: A última parada da Blitz da Educação foi em Belém que tem quase 1 milhão e 400 mil habitantes. Nós vamos ver como foram as visitas de hoje com André Luiz Azevedo. Boa noite, André. André (na tela dividida): Muito boa noite a todos que nos assistem. A reportagem da blitz do JN no Ar desta noite vai falar de uma realidade que infelizmente muitos estudantes brasileiros já conhecem. A insegurança na escola e a falta de aulas por causa de greve dos professores. Qual a consequência de tudo isso? O resultado do IDEB diz: é uma consequência triste. Mas, vamos ver como foi a reportagem que eu fiz com o apoio da nossa afiliada local aqui de Belém do Pará, a TV Liberal. Vamos a reportagem.</p>	
<p>imagens da cabine de um avião imagem de crianças indo para escola imagem de casal numa moto com duas crianças GC 1,3 IDEB – MEC imagens de pais levando a criança numa cadeirinha na bicicleta GC 6,2 IDEB – MEC imagens do nascer do sol imagens de motos e bicicletas GC imagens LUIZ CLÁUDIO AZEVEDO FERNANDO CALIXTO</p>	<p>André (em off): Saímos ontem à noite de Goiânia em direção ao norte. Foram mais 1.734 km em duas horas e dezoito minutos até Belém no Pará. No nosso roteiro aqui estão duas escolas. A primeira com nota 1,4 e a outra com 6,2 na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Avaliação Básica (IDEB) do Ministério da Educação (MEC). Uma delas está em greve. Com o sol nascendo vamos em direção à periferia. As crianças seguem a rotina diária. Entramos por um bairro com problema de violência. A polícia faz rondas. André (ao lado de Gustavo): Nós estamos chegando à escola da cidade Mauz junto com alguns estudantes ainda no comecinho do dia. Essa é uma escola, Gustavo, de nota 1,4. É uma região que a gente percebe pelo policiamento e pelo que as pessoas dizem com problemas de segurança. Qual a influência da segurança no resultado da escola? Gustavo (em off): Aparentemente o problema de segurança nessa zona é tão sério que faz com que professores provavelmente queiram evitar dar aula nesse local, talvez até os pais, de virem à reuniões com as suas crianças.</p>	




VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem do repórter com microfone caminhando ao lado do especialista portão de entrada da escola GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Belém imagem de guarda na rua e na entrada da escola com cadeado no portão repórter entrevistando o especialista GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação imagem do repórter no portão da escola imagem do repórter e do especialista na frente da sala da diretoria imagem da diretora porta com grades imagem da diretora cumprimentando o repórter GC produção ANA PAULA BRASIL JULIANA LIMA GC MARLUCE MATOS diretora da escola imagens dos alunos parados com o material nas mãos mãe de aluno sendo entrevistada pelo repórter GC produção CHRISTIAN EMANOEL LARISSA RIBEIRO imagem da escola e dos alunos imagem do especialista sendo entrevistado pelo repórter imagens dos alunos com o material nas mãos caminhando nos espaços externos da escola</p>	<p>Gustavo (em frente a escola com o repórter) Então, quando o problema de violência chega nesse nível de seriedade pode sim, ser um impeditivo muito importante a um aprendizado de qualidade. André (no portão da escola fala para o segurança): Bom dia amigo, tudo bem? Podemos entrar falar com o diretor? Onde é que a gente caminha aqui? André (em off): Encontramos a diretora. Hoje ela enfrenta um problema diferente. André: As aulas começam que horas? Marluce: Sete e meia. André: São vinte para as oito e os professores não chegaram. Marluce: Até agora não chegaram, acredito que eles não vão vir. André (em off): Os alunos não sabiam da paralisação e vieram muitas mães também. Mãe de aluno: Eles falaram que iam fazer ação hoje, mas não tinham certeza. André (em off): As crianças ficam ser ter o que fazer. A escola era de uma organização não governamental e passou para administração do estado. O ambiente recria a estrutura de uma aldeia de índios. Mesmo sem aula o especialista Gustavo Ioschpe busca informações para saber por que a escola recebeu uma nota tão baixa no IDEB? Marluce: Praticamente as crianças do primeiro grau menor estão trocando de professores a cada três meses. Gustavo: Pois é, André. A gente chegou aqui preocupado com a questão da violência contra a escola e acabou descobrindo que a violência mais preocupante talvez seja a da escola para com seu próprio aluno. O aluno aqui é um pouco abandonado tem greve todos os anos, tem tanta greve aqui, que a professora me disse que um aluno chega para ela e diz: "a professora vai grevar de novo?" A greve já virou verbo. A diretora da escola é o terceiro diretor em menos de dois anos. Então é uma situação de tanto abandono, de tanta falta de aula, de tanta confusão que é muito difícil realmente os alunos aprenderem dessa maneira.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de um auditório cheio de professores detalhes dos professores no auditório GC salário base R\$1.090,00 imagem de professora no palco falando com o público no auditório</p>	<p>André (em off): Os professores da rede municipal e estadual de educação de Belém pararam hoje. Muitos estão aqui nesta assembleia que discutiu uma proposta de aumento salarial para a categoria. Nós tentamos conversar com os professores da escola que visitamos há pouco. Professora (não identificada no palco faz a pergunta para os professores que estão no auditório): tem algum professor aqui da escola Cidade de Emaús? (Ninguém levanta a mão ou se apresenta.)</p>	
<p>Imagem de uma avenida imagem de soldado do exército retirando obstáculos do portão de um prédio grande crianças uniformizadas meninas e meninos calça azul marinho e camisa de colarinho imagens de alunos pequeninos em sala de aula GC mensalidades de R\$ 60,00 a R\$ 221,00 imagens dos alunos GC disciplina e organização imagem da professora Elen em sala de aula GC formada em Pedagogia, salário R\$ 2.470,00 GC DEUSÉLIA NOGUEIRA diretora</p>	<p>André (em off): Sem sucesso, partimos para a instituição com a melhor avaliação da cidade. É um colégio restrito aos filhos de militares e funcionários civis da aeronáutica. Passamos pelos bloqueios e chegamos bem na hora do recreio. Muita festa e brincadeira da criançada. (sobe som vozerio dos alunos). André (em off): Aqui estudam alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental ao último do Ensino Médio. É uma escola federal mas que se assemelha a uma particular porque os alunos pagam mensalidades de 60 a 221 reais. Este é um lugar de disciplina e organização, com boas instalações. A professora Elen Rosa dá aulas para crianças que estão sendo alfabetizadas. É formada em pedagogia e tem salário de R\$ 2.470 reais. Alguns colegas dela chegam a receber sete mil reais por mês. Deusélia: Você tem uma faixa salarial alta. Você vai ter as pessoas bem mais qualificadas procurando esse salário.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de grades do portão da escola ruim imagem de uma menina sentada no chão de terra com lápis e caderno na mão imagem da aluna Luane em pé sendo entrevistada pelo repórter GC produção CRISTIANA SOUSA CRUZ GC LUANE CRISTINA SILVA 11 anos GC edição PAULO COUTINHO/ANGELA GARAMBONE</p> <p>imagem do repórter encostado na parede segurando o microfone para a leitura de Luane imagem do especialista com microfone de lapela imagem do sol a pino</p>	<p>André (em off): Lá na escola de pior nota, fechada. Luane sonha com um ensino melhor, um futuro melhor. André: Luane você quer ser o que quando crescer, já pensou? Luane: Juíza. André: Tem que estudar muito. Luane: Eu sei disso. André (em off): Num colégio fraco e com pouco suporte em casa ela tem uma luta grande pela frente. Luane (contando para o repórter): ...minha mãe... tu não vai conseguir ser isso... Mas eu falei assim mesmo para minha mãe... Luane (identificada): mãe, nunca há tempo... eu falei sempre tem tempo para a gente ser alguma coisa na vida.</p> <p>André (em off): Luane merece uma escola digna. Como tantos brasileiros ela só quer aprender e crescer. Mesmo sem aula e sem ninguém pedir, Luane faz uma redação para a gente.</p> <p>Luane (lê em voz alta): Escola Cidade de Emaús, data 20 do cinco de 2011. Disciplina Português. Eu tenho uma coisa para falar para as crianças. Que sempre eu passo, eu vejo algumas crianças trabalhando nas ruas, isso é triste, então não trabalhem na rua gente, porque muitas coisas podem acontecer. Criança não pode trabalhar porque suando a camisa com o martelo na mão pode se machucar...</p> <p>Gustavo: Se a gente puder deixar um recado para o pai para a mãe que está nos ouvindo é: "sempre apoie o seu filho". Porque algumas escolas infelizmente desistem de seus alunos e se os pais também desistirem e chamar o filho de burro, de preguiçoso. Aí é que esse filho está perdido. O pai e a mãe sempre tem que achar que o seu filho pode ser o primeiro brasileiro a ganhar um prêmio Nobel.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Na bancada do JN estão os apresentadores Renata Vasconcelos e Chico Pinheiro.</p>	<p>Chico Pinheiro: O JN fez esta semana uma <i>Blitz da Educação</i>. Foram 5 cidades sorteadas, uma de cada região brasileira que receberam a visita do JN no Ar. Renata: Hoje você vai ver um balanço. O que pode ser feito para melhorar o nível de aprendizado nas salas de aula. (sobe som da vinheta <i>JN no ar</i>)</p>	
<p>imagem do repórter e do especialista no avião imagem interior do avião GC 8.529 km imagens do avião pousando GC imagens LUIZ AZEVEDO FERNANDO CALIXTO takes do repórter e do especialista GC produção BRUNA VIANA / JULIANA LIMA GC produção ANA PAULA BRASIL imagens da escola de Novo Hamburgo GC arte ACCACIO FERNANDES BRUNA VIEIRA MOREIRA imagem de uma van de transporte escolar GC 6,6 IDEB – MEC imagens das crianças de Novo Hamburgo imagens das janelas com vidros quebrados GC 3,6 IDEB – MEC GC GUSTAVO IOSCHPE especialista em educação</p>	<p>André (em off): Uma semana de viagem. 8.529 km percorridos cortando o país de norte a sul, leste a oeste, cinco paradas e muitas lições sobre educação aprendidas. O especialista Gustavo Ioschpe nos acompanhou em todas as visitas. Conversou com professores, diretores, estudantes, anotou tudo. Tirou lições, confirmou estudos, tudo visto de perto. Vamos refazer rapidamente nosso roteiro. Em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, uma escola com limpeza, disciplina, organização, cuidado com as crianças. Dá para entender porque tirou essa nota boa. A diretora veio nos receber atenciosa e vamos descobrindo juntos o que faz a diferença nessa escola. Ela quer ampliar as aulas, em mais duas horas.</p> <p>Sonora Maria (diretora não identificada): O desafio é em busca de mais qualificação. André (em off): Na outra escola uma situação constrangedora de descaso.</p> <p>Sonora Neuza (diretora não identificada): Não vou te dizer que os vidros quebrados não fazem diferença, porque fazem.</p> <p>Gustavo: Mesma cidade, mesma rede e números tão diferentes. Uma escola que não tolera o fracasso, e outra que parece não acreditar no sucesso. Uma escola que faz de tudo para atrair a família, e outra que só se lembra da família quando é para culpá-la pelos seus próprios problemas.</p>	

²² <https://globoplay.globo.com/v/1515528/> A edição desse capítulo está disponível no site da Globo. Não consegui baixar. A edição na verdade é uma reedição de tudo o que foi apresentado durante a semana, não são acrescentados novos dados ou prognósticos que ajudem a visualizar o futuro da educação nos próximos anos, a edição apenas se limita a utilizar as partes já editadas e exibidas nos capítulos anteriores, seguidas de uma avaliação do especialista.

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens do mapa do Brasil apontando o percurso percorrido pelo repórter</p> <p>a edição repete uma comparação que o repórter faz entre esses dois adolescentes</p> <p>imagem da escola "ruim" com o repórter e o especialista nas carteiras próximas da parede, na primeira fileira está Ezequiel (de azul)</p> <p>imagem da escola "boa", na última fileira aparece Adallos (casaco escuro)</p> <p>imagem de Ezequiel</p> <p>GC 14 anos</p> <p>GC 3,4 IDEB – MEC</p> <p>imagem de Adallos</p> <p>GC 14 anos</p> <p>GC 6,5 IDEB – MEC</p> <p>imagem do especialista comentando</p> <p>imagem da arte sobre o mapa do Brasil conectando Espírito Santo ao Ceará</p> <p>imagem da escola rural de Caucaia</p> <p>imagem da criança que estuda na escola rural</p> <p>imagem do repórter segurando o microfone para a professora Josefa que conversa com o especialista</p> <p>imagem do especialista comentando sobre as escolas de Caucaia no Ceará</p>	<p>André (em off): Próxima parada Vitória, e a história dos dois meninos da mesma idade chamou a atenção. Aqui conhecemos Ezequiel. Ele tem 14 anos, apesar da idade ele está no terceiro ano.</p> <p>André (incisivo): Você fez a tarefa de casa?</p> <p>Ezequiel (humilde e triste fala baixinho): Não.</p> <p>André (incisivo): Por que que vc não fez?</p> <p>Ezequiel: Porque eu estava trabalhando.</p> <p>André (em off): Adallos está cursando já o 8º ano do ensino fundamental na escola com melhor índice medido pelo MEC.</p> <p>Adallos: Matemática eu tenho um pouquinho de dificuldade mas dá para superar tranquilo.</p> <p>Gustavo: Vontade é importante mas ela precisa ser complementada pelo preparo. André (em off): Em Caucaia no Ceará o primeiro encontro com uma escola rural. Oficialmente a escola tem três salas, mas uma é improvisada na entrada e hoje estava vazia. As outras duas salas são ocupadas por várias turmas e alunos de diferentes séries e idades. André pergunta para aluno: Por que que você chegou atrasado assim? Aluno: Porque nós veio a pé. André: Por que você veio a pé? Aluno: Porque o carro não está passando, a estrada está ruim. André (em off): E na cidade uma escola com boa estrutura. sonora Josefa (professora não identificada): Como uns já escrevem e outros não, eu faço a produção coletiva oral, e depois eles copiam.</p> <p>Gustavo: Sem organização fica difícil. Em Caucaia a gente viu o contraste de uma escola em que o aluno não consegue nem chegar e outra em que os alunos têm uma agenda das atividades do dia e material didático na própria mão.</p>	  

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem do mapa com a arte que aponta o percurso do Ceará a Goiânia imagem da escola imagem das crianças crianças brincando no pátio da escola repetição das imagens mostradas na edição que também repete o mesmo off imagens da sala de computadores imagens dos alunos na sala de aula GC 7,1 IDEB MEC) sonora da diretora Fátima sonora do especialista</p>	<p>André (em off): O vôo seguinte do JN no Ar foi em direção à região centro oeste, Goiânia. E um velho ditado mostra que vale também para a educação. As aparências enganam. A hora é do recreio, mas até aqui tem organização e disciplina. Com fila e controle. Na outra escola a aula deveria ser de matemática, mas o professor diz que a bagunça da turma do fundo impede que os outros prestem atenção. Uma tem melhores instalações, a outra é mais simples. Fica num bairro pobre. Mas, é aí que caem por terra todos os preconceitos. Foi a escola do bairro pobre que obteve a maior média entre todas as escolas visitadas por nós até agora: 7,1. Sonora Fátima (diretora não identificada): para trabalhar o aluno tem que ter disciplina. se não tiver disciplina como é que a gente trabalha com a criança? Gustavo: Em Goiânia nós vimos que a gestão é definitiva. Uma escola foi usada pela sua antiga diretora para alavancar uma carreira política. Na outra escola, uma diretora comprometida e guerreira pegou uma escola à beira de ser fechada e transformou ela numa escola de primeiro mundo.</p>	
<p>imagem do mapa do Brasil mostrando o percurso de Goiânia ao Pará imagens de Belém urbana e rural repete as mesmas imagens do capítulo em Belém imagem do especialista avaliando a escola</p>	<p>André (em off): No último destino da Blitz de Educação do JN no Ar, infelizmente uma realidade diária de muitos estudantes no Brasil. A convivência com a violência e a falta de aula por greve dos professores. André: São 20 para 8 e os professores não chegaram ainda. Marluce (diretora não identificada): Até agora não chegaram eu acredito que eles não vão vir. Gustavo: Um novo verbo grevar, em Belém tem tanta greve que a aula começa em abril e em maio já tem outra paralisação e os alunos não são nem avisados. A gente vê que a escola sofre violência, mas a escola também comete violência e torna seu aluno vítima.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>repórter faz uma passagem em frente ao avião GC ANDRÉ LUIZ AZEVEDO Belém Arte mapa do Brasil arte do encerramento da série de reportagens apresenta um manual da blitz da educação com dicas do especialista GC edição de imagens JOSÉ CARLOS FERREIRA imagens de crianças</p>	<p>André: A nosso pedido o especialista em educação Gustavo Ioschpe fez uma lista de dicas para pais e estudantes. O que funciona, ajuda no aprendizado. O que atrapalha. Tudo confirmado pela <i>Blitz da Educação</i> do JN no Ar. Portanto preste atenção agora.</p> <p>André (em off): Exemplos de práticas positivas para a educação: passar dever de casa, professor com formação na área em que ensina, imposição de método, rotina e gestão em todas as aulas, comprometimento dos educadores com o sucesso, uso de material didático como apoio, fazer provas com frequência e monitorar o aprendizado, disciplina.</p> <p>Agora exemplos que prejudicam o aprendizado: aluno que trabalha e estuda, distância da escola, indicação política de diretor da escola, falta de professores, indisciplina.</p> <p>Gustavo: Essa diferença entre as escolas só reforça a ideia de que a relação entre a família e a escola não termina quando o filho é matriculado na escola pelo contrário é só o começo. O pai tem que ver se a escola do filho está efetivamente ensinando, tem que ajudar, tem que cobrar, tem que fiscalizar. Porque educação de qualidade não é um favor que o Estado, que os governantes fazem para os pais e para os alunos. É um direito que todo cidadão brasileiro tem.</p>	

Fim do Apêndice B – série *Blitz da Educação*


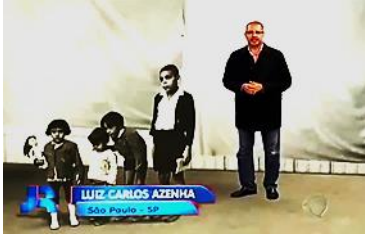

APÊNDICE C – Relatório da série: *As crianças e a tortura*

Série jornalística em 5 capítulos
de 10 a 14 de junho de 2013
Jornal da Record – TV Record
Reportagem: Luiz Carlos Azenha
Produção: Ana Haertel, Sheila Fernandes
Imagens: Edgar Luchetta, Gilson Dias, João Silva
Edição de Imagens: Márcia Cunha, Yoshio Tanaka
Técnico: André Carvalho, Ronaldo Medeiros
Arte: Aruan Santos


Prêmio Esso de Telejornalismo (2013)




OBS.: A palavra **EXCLUSIVO** (em maiúsculas, cor amarela)
sobre o logo da Record é mantida em todos os capítulos


Dia 8 de junho de 2013 Chamada da série no Jornal da Record²³




VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Celso Freitas e Carla Cecato na bancada do Jornal da Record</p>	<p>Celso Freitas: Crianças afastadas dos pais. Presas junto com eles. Usadas como ameaça nas sessões de tortura. Muitas vezes obrigadas a assistir as agressões. Carla Cecato: Foi o que experimentaram os filhos de militantes que lutavam contra a ditadura militar no Brasil.</p>	
<p>imagens de pessoas andando na rua imagem de Ernestinho considerado o preso político mais jovem do Brasil. montagem virtual, em preto e branco, simula volta ao passado, Azenha ao lado de crianças, filhos de presos políticos GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo</p>	<p>Azenha (em off): Meninas e meninos, que mesmo antes de aprender a ler já eram considerados terroristas. E foram expulsos do país. Azenha (passagem): Esta foto dos arquivos da repressão registra a saga do Ernestinho e de outras crianças. Foi tirada no dia em que esses quatro foram mandados embora do Brasil. Uma hora antes do embarque para Argélia.</p>	
<p>Ernestinho (adulto) aponta numa fotografia a imagem do próprio rosto cabisbaixo, quando ele foi preso com dois anos de idade Foto em preto e branco de uma família de ex-presos políticos cenas de torturas Édson Teles, filho de ex-presos políticos Helcídia Fonteles ex-presa política Imagens de crianças sem mostrar rostos nas ruas segurando as mãos dos pais Carmem Nakasu, filha de ex-presos políticos</p>	<p>Ernestinho: Aqui ó, é uma expressão... do que eu estou sentindo né? Azenha (em off): Crianças de quatro, cinco anos colocadas, frente a frente com os pais, barbaramente torturados. (sobe som de gritos) Édson: Ela já estava completamente machucada, deformada, roxa. Azenha (em off): Nem as grávidas foram poupadas. Helcídia: Quando tiro o capuz seis homens, soldados deste tamanho me apontando o fuzil, fuzilamento simulado.</p>	




²³ <https://youtu.be/pilNOeEWYLs>



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>foto publicada no jornal do rosto do pai de Ivan Seixas, deformado pela tortura, Sonora de Ivan Seixas, filho de ex-presos políticos (não identificado)</p>	<p>Azenha (em off): As ameaças de separar pais e filhos, para sempre. Carmem: Que eles iam me mandar pra Argentina. Que tinha uma família na Argentina querendo adotar... Azenha (em off): O adolescente que viu o pai morrer sob tortura. Ivan: Torturavam até quando quisessem. Aí matariam. No final do dia mataram.</p>	
<p>vinheta <i>As crianças e a tortura</i></p> <p>Cada reportagem ao ser exibida no telejornal ganhou uma vinheta introdutória editada como animação e formada por ilustrações com fundo preto e destaques de bonecos e objetos como se fossem recortados em madeira clara, simulando brinquedos de criança.</p>	<p>Azenha (em off): As crianças e a tortura. A partir de segunda-feira no Jornal da Record. (sobe som trilha musical da vinheta)</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Cenas em preto e branco do filme <i>Batismo de Sangue</i> um homem grita na cadeira do dragão GC cenas do filme "BATISMO DE SANGUE" direção: HELVÉCIO RATTON</p>	<p>(sobe som de gritos de uma cena de um filme sobre a tortura) Azenha (em off): As cenas são de ficção. Foram interpretadas por atores e reproduzidas em estúdio de cinema a partir de relatos como este.</p>	
<p>protagonista/perfil Maria Amélia Teles, ex-presa política da ditadura militar do Brasil dá depoimento GC MARIA AMÉLIA TELES ex-presa política Azenha e Amelinha estão em um escritório enquanto ela narra os momentos que viveu sob tortura durante a ditadura militar GC produção ANA HELENA HAERTEL SHEILA FERNANDES</p> <p>cenas de gravações de vídeos em preto e branco do período da ditadura militar brasileira policiais a cavalo perseguindo manifestantes montagem de fotos de presos políticos que desapareceram ou morreram</p>	<p>Amelinha: Você está despida, em geral eles até te molham pra você sentir mais choque. Você leva choque no ânus, na vagina, nos seios, no umbigo, nos ouvidos, na boca. Eu só acho que não levei choque nos olhos e no nariz. (sobe som cenas do filme um homem sendo chacoalhado numa cadeira) Azenha (em off): É a cadeira do dragão Amelinha: Eles batem também com palmatórias aqui nas suas costas, quando eles podem. Aqui e nos ombros. Azenha (em off): Amelinha Teles viveu esse horror nos fundos de uma delegacia num bairro residencial de São Paulo. O órgão de inteligência do exército conhecido como DOI-CODI era o maior centro de torturas da ditadura militar. Amelinha: Você vomita, você urina, você evacua. (sobe som cenas de gravações em preto e branco da polícia brasileira a cavalo perseguindo manifestantes nas ruas) Azenha (em off): Como Amelinha milhares de brasileiros foram torturados entre 1964 e 1985, durante a ditadura que derrubou um presidente, prendeu, exilou, censurou e sumiu com adversários políticos. Pelo menos 437 militantes morreram ou estão desaparecidos.</p>	 



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>O repórter faz uma passagem entre as estantes do arquivo do DEOPS em São Paulo GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo – SP DEOPS – DOSSIÊS SECRETO (placa da sala)</p>	<p>Azenha (passagem): Os registros que sobreviveram, como estes, no Arquivo Público do Estado de São Paulo contam a história oficial. São documentos, fotos e depoimentos. Muitos deles obtidos sob tortura. Mas o Brasil ainda sabe muito pouco da outra história, a relatada pelas vítimas, e é um pouquinho dela que vamos contar, mas a partir do olhar de crianças, que desde muito cedo, foram vítimas inocentes da ditadura militar.</p>	
<p>Protagonista/Perfil GC arte ARUAN SANTOS A narração do repórter começa sobre a imagem de uma foto do menino Édson, filho de Amelinha GC ÉDSON TELES filho de Amelinha foto antiga de Édson criança Janaína Teles, filha de Amelinha conversa com Azenha GC JANAÍNA TELES filha de Amelinha imagens em preto e branco com GC 28 de dezembro de 1972</p>	<p>Azenha (em off): Édson tinha cinco anos de idade. Édson: Minhas primeiras lembranças... quero dizer, minhas lembranças mais antigas são do momento da prisão. Azenha (em off): Foi preso junto com a irmã Janaína de quatro. Janaína: Bateram lá na minha porta, na minha casa e eu atendi o portão. Azenha (em off): Voltamos ao 28 de dezembro de 1972. Édson: Eu estava assistindo <i>Vila Sésamo</i> em casa na hora em que chegou a polícia lá e o camburão onde nós fomos colocados, e eles erraram de camburão e colocaram a gente num camburão que tava o armamento deles. Janaína: Tinha armas no chão. Eu pisei no chão e perguntei para o policial o que é que era aquilo. Ele me mandou calar a boca e que ele não tinha que dar satisfações para comunista. Alguma coisa assim que ele falou. Como é ser comunista com cinco anos? Ou mesmo meu primo que estava na barriga da minha tia? Quero dizer, nada disso faz sentido.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Narração do repórter sobre foto da época em que os pais de Janaína e Édson foram presos</p> <p>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</p> <p>imagens do interior do DOI-CODI</p> <p>a edição é rápida com inserções dos rostos de Édson, de Janaína e de Amelinha que narram a memória dos acontecimentos</p> <p>a transição utilizada é de efeito de página trocada rapidamente</p> <p>GC imagens EDGAR LUCHETTA GILSON DIAS</p> <p>GC imagens JOÃO PAULO PEREIRA SILVA</p>	<p>Azenha (em off): Os pais acusados de dar apoio à guerrilha tinham sido presos no dia anterior. As crianças foram levadas para o centro de tortura com a tia, grávida de sete meses, também presa. No DOI-CODI as crianças foram levadas para ver os pais dilacerados, após longas sessões de tortura.</p> <p>Amelinha: Isso eu nunca vou esquecer, porque isso me doeu muito. Porque eles chegaram ali no meio daquele suor, sangue, fezes, urina, vômito...</p> <p>Édson: Eles queriam arrancar informações e nós fomos usados pra isso. Tanto é que nós eramos levados lá, diariamente.</p> <p>Amelinha: Ó, eles estão vivos, não estão torturados. Então, aproveite a oportunidade, digamos assim, é a última chamada para você falar.</p> <p>Azenha (em off): A memória desse momento trágico é feita de fragmentos. (sobe som de filme)</p> <p>Édson: ... aí eu ouvi a voz da minha mãe me chamando Édson, Édson... eu reconheci na hora a voz, e quando eu olhei para trás eu não reconheci a pessoa, porque ela já estava completamente machucada, deformada, roxa...</p> <p>Amelinha: Um deles falou: mãe, porque é que você ficou roxa, e o pai ficou ... não, você ficou azul e o pai ficou verde, porque meu marido entrou em estado de coma.</p> <p>Janaína: E aí eu pulei no colo dela, no colo do meu pai, porque a gente eu acho que eu nunca tinha dormido sem minha mãe, assim...</p> <p>Amelinha: Eles queriam me abraçar, mas eu não tinha nem como abraçar porque eu estava amarrada e muito suja...</p> <p>Édson: Então aquela cena ficou marcada. Como é que este corpo que eu não conheço e não reconheço tem a voz aconchegante e familiar da minha mãe?</p>	  


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de Janaína e Édson quando crianças GC auxiliar técnico FABIANO FERREIRA ANDRÉ CARVALHO GC auxiliar técnico RONALDO MEDEIROS segue narração de Édson contando sobre a vida com os pais presos intercalando com imagens do estacionamento do DOI-CODI</p>	<p>Azenha (em off): Janaína e Édson passavam as noites num casarão nunca identificado. Durante o dia ficavam no pátio do centro de torturas. Édson: Eu gostava muito de jogar bola né, então inventava alguma coisa para chutar e aqueles carros com barulho de sirene, tudo aquilo era espaço, um lugar de brincadeira... Janaína: Um policial falou que lá era um hospital e que meus pais estavam doentes. E eu comecei a achar que meus pais estavam doentes mesmo porque não se mexiam direito, cheios de hematomas. E os gritos aí ficava parecendo que era um manicômio, não um hospital.</p>	
<p>imagens do estacionamento do DOI-CODI, um prédio de dois andares, mostrando o pátio com os carros estacionados e as janelas tipo vitrôs foto em preto e branco de uma mãe ladeada por um casal de filhos pequenos imagens de bonequinhas que mostram como era a tortura no pau-de-arara e na cadeira do dragão imagem de Camila trabalhando no computador rodeado por bonequinhas que ela desenha e vende Protagonista/Perfil GC CAMILA SIPAHI filha de ex-presos políticos</p>	<p>Azenha (em off): Os gritos que Janaína ouvia eram de torturados. (sobe som de gritos) Azenha (em off): Aos cinco anos de idade Camila e o irmão viram os pais serem levados embora de casa pela polícia política. Eles foram torturados na cadeira do dragão e no pau de arara. A bonequinha sob tortura é uma criação de Camila para lidar com as memórias de criança. Camila: Eu fazia bonecos para festas de aniversário, fazia boneco para porta de maternidade. E um dia eu me dei conta de que aquilo não era minha história. Era bonito de ver, mas não era o que eu tinha para recordar do meu passado.</p>	 


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem foto em preto e branco do pai de Camila vídeo e áudio do discurso de Médici, na Casa Branca, em Washington, no primeiro encontro com Richard Nixon (EUA) em 7 de dezembro de 1971</p> <p>imagens do livro e das bonequinhas feitas por Camila</p>	<p>Azenha (em off): Depois dos interrogatórios e da tortura no DOI-CODI os pais de Camila ficaram presos. Ele um ano e meio, ela um ano, no presídio Tiradentes em São Paulo. Uma das lembranças da infância é de quando via em casa o ditador do período em discursos na tevê. (sobe som do discurso de Médici "seja este primeiro momento, um momento de fé e de confiança...") Camila: Eu me agachava do lado da televisão e falava presidente, presidente, solta meu pai, solta meu pai, solta minha mãe, solta minha mãe...(sobe som da televisão "e confiança comum na causa da justiça, do progresso e da paz.") Azenha (em off): Hoje Camila recria o pesadelo em linguagem de contos de fadas. Está escrevendo um livro com as memórias de quando visitava os pais no presídio. É o reino onde ninguém sorri. Camila: Todas as imagens de tortura ou de prisão na verdade eu tento mostrar a tristeza e como a pessoa desabava com a tortura. Eles eram destruídos.</p>	
<p>Protagonista/Perfil Carmem Nakasu filha de ex-presos políticos imagens da Estação da Luz imagens do DOI-CODI GC CARMEM NAKASU filha de ex-presos políticos foto de Carmem criança GC pós-produção ELIAS RODRIGUES IGOR ARROYO imagens Carmem dando o depoimento intercala com imagens do DOI-CODI GC pós-produção FRANCISCO GOMES imagens de Carmem cantando</p>	<p>(sobe som Carmem cantando ópera) Azenha (em off): Carmem também encontrou na arte uma forma de lidar com memórias trágicas. Quando era bebê foi presa com os pais numa estação de trem de São Paulo. Seguiu de camburão para o centro de torturas. Carmem: A grande tortura que eles sofreram foi saber que eu estava lá dentro e constantemente assim com ameaças de que eu ia ser deportada, sabe que eles iam me mandar para Argentina, que tinha uma família na Argentina querendo adotar. Azenha (em off): Não há testemunhos sobre o que aconteceu com ela enquanto estava presa. Carmem: O que eu tenho são flashes de memória de uma cena muito trágica, de um momento de muito pânico, gritaria, e... só ... é um momento muito, muito difícil... Azenha (em off): Mas alguma coisa ficou registrada no subconsciente de Carmem. Carmem: de ser muito tímida, de ter baixa estima, de estar sempre com a sensação de que eu ia perder meus pais. Azenha (em off): Para Carmem a música é uma forma de desabafo. (Carmem cantando) Carmem: Parece que através da música eu consigo acessar um conteúdo que só através da arte é que se alcança. Um conteúdo de muuuuuuuta dor...</p>	




VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de Amelinha conversando com Azenha imagens de fotos de Amelinha com o filho bebê imagem de Janaína conversando com Azenha imagens de passeata da época da ditadura GC edição de imagens YOSHIO TANAKA foto em preto e branco de Amelinha com o marido e as crianças</p>	<p>Amelinha: A tortura não passa, não. A tortura é uma ferida aberta que atinge diretamente aquelas pessoas que sofreram a ação dos torturadores. Mas, talvez esse sofrimento nosso se estenda para a sociedade o que é mais preocupante ainda, né...</p> <p>Azenha (em off): Janaína é historiadora e agora se dedica a explicar o período que deixou traumatizada uma geração de brasileiros. (sobe som música da época) Aos oito anos de idade, sem saber, ela já fazia um registro da história. Escreveu um poema presente para o pai que estava preso, com o título: <i>Dói gostar dos outros</i>.</p>	
	<p>Janaína: Preste atenção/ Dói o peito chorar/Dói os seus olhos chorarem/ Dói nós viver/ Dói ver os outros chorarem/ Dói a natureza chorar/ Dói gostar dos outros.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Imagens de fichas e foto de Joaquim Seixas e do filho Ivan na época com 16 anos, 3x4, em preto e branco. imagem de Ivan Seixas adulto sendo entrevistado por Azenha imagem de Joaquim Seixas morto depois de ser torturado GC IVAN SEIXAS ex-presos político</p>	<p>Azenha (em off): Joaquim Seixas foi torturado até a morte. Ele e o filho Ivan foram presos juntos. Ivan tinha 16 anos de idade. Ivan: Machuca ver essa foto. Mas, acho que é um dever nosso, meu, de mostrar essa foto. Você olha e você vê. Essa pessoa foi muito torturada. Um olho fechado, com hematoma, cabeça tá muito inchada. Então ali você vê o que é tortura. Não adianta você dizer que talvez tenha sido torturado, ele foi torturado.</p>	
<p>imagens da chegada de Ivan Seixas e Azenha ao DOI-CODI no estacionamento Ivan começa a descrever os acontecimentos daquela época GC produção ANA HAERTEL SHEILA FERNANDES</p>	<p>Azenha (em off): Voltamos ao centro de torturas para onde Ivan, o pai, a mãe e as irmãs foram levados. Ivan: Vieram com os carros e pararam aqui. Azenha: Aqui? Ivan: É. Nesse pátio. Eles... na hora em que nos tiraram do carro começaram o espancamento. Azenha (em off): A adolescência marcada pela tortura. Azenha (olha para Ivan no estacionamento do DOI-CODI): Onde é que morreu seu pai? Ivan: Meu pai morreu ali. (aponta para uma janela) Aquela salinha ali, aquele vidro. Azenha: Primeiro ou segundo andar? Ivan: No segundo andar.</p>	
<p>Ivan e Azenha sobem as escadas do interior do edifício imagens de grades com cadeados imagens de Ivan e Azenha caminhando por um corredor e subindo escadas Ivan abre uma porta</p>	<p>Ivan (subindo a escada e lembrando os momentos de tortura que viveu): Esta escada é uma escada que marca a cabeça de todo mundo que passou por tortura aqui na OBAN [Operação Bandeirante]. Então você subia e lá no segundo andar era torturado. No primeiro andar era depois da fase de interrogatório em que as pessoas eram perguntadas, perguntadas, perguntadas... se tivesse alguma contradição ia imediatamente para o pau-de-arara. (sobe som ambiente de Ivan caminhando e subindo escadas) Aqui era a sala da cadeira do dragão.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens simulando terem sido montadas em madeira clara como brinquedo de criança representando a cadeira do dragão</p>	<p>Narração (Celso Freitas em off): Cadeira do dragão uma espécie de cadeira elétrica com assento revestido de zinco. Os presos ficam nus amarrados à cadeira por correias nos pulsos e com as pernas empurradas para trás por uma travessa de madeira. Os fios são distribuídos principalmente pelos dedos dos pés e nas mãos. Quando o aparelho é ligado os choques atingem todo o corpo.</p>	
<p>Protagonista contextualiza a situação de tortura que vivenciou com o pai com semblante triste e emocionado entra na sala da tortura</p>	<p>Azenha: Aqui é que você viu seu pai? Ivan: (com semblante triste e emocionado acena a cabeça afirmativamente e entra na sala). Tinha uma espécie de divisória aqui (aponta para o centro da pequena sala). A cadeira do dragão ali e aqui era o pau-de-arara. Eu fiquei ali (aponta para o pau-de-arara) e meu pai ficou aqui (aponta para a cadeira do dragão).</p>	
<p>imagens de Ivan lembrando o que viveu na sala de torturas imagens em madeira clara como brinquedo de criança representando o pau-de-arara GC arte ARUAN SANTOS RAPAHEL CORTELLAZZI</p>	<p>Azenha (em off): Ivan passou todo o primeiro dia de prisão pendurado no pau-de-arara. Narração (Celso Freitas em off): Pau-de-arara – uma barra de ferro é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho. O conjunto é colocado entre duas mesas. O corpo do torturado fica pendurado a vinte ou trinta centímetros do chão. O método é utilizado com complementos como eletrochoques, palmatória e afogamento.</p>	
<p>imagens de Ivan contando o que sofreu imagens em preto e branco da época imagens do filme <i>Cidadão Boilesen</i> GC cenas do filme "CIDADÃO BOILESEN" direção: Chaim Lifewski imagens de um carro chegando a um parque</p>	<p>Ivan: O choque ele provoca, ele pega o sistema nervoso central você fica muito incomodado você berra, grita, grita, grita, porque você se desconcerta totalmente. Azenha (em off): Na véspera da prisão de Ivan e do pai o grupo ao qual eles eram ligados havia executado Reining Albert Boilesen, um empresário dinamarques que dirigia uma empresa que tinha contratos lucrativos com a ditadura e ajudava a financiar o centro de torturas onde a família Seixas ficou presa. A morte de Boilesen acirrou o ódio dos torturadores. Depois de entregar um ponto de encontro de guerrilheiros que era falso Ivan foi levado pelos policiais para um parque.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Azenha e Ivan caminham por uma rua da periferia de São Paulo GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo – SP imagens de uma placa de trânsito Sta. Mercedes imagens de Ivan e Azenha conversando sobre a simulação de fuzilamento</p>	<p>Azenha: Quando chegou nessa região de São paulo o Ivan estava certo de que ia morrer. Não é Ivan? Ivan: Com certeza eles estavam dizendo que iam me fuzilar. Azenha: Mas eles chegaram a simular, como é que foi? Ivan: Eles me deram uma coronhada e eu caí no chão e eles começaram a fuzilar em volta do meu corpo, atiraram principalmente em volta da cabeça e depois davam tiros de pistola do lado... (som de tiros bg) Azenha: da sua cabeça? Ivan: do lado aqui assim né (mostra a cabeça) é um barulho ensurdecido no ouvido ...</p>	
<p>GC imagens EDGARD LUCHETTA GILSON DIAS Azenha e Ivan param numa esquina para tentar encontrar uma banca de jornais da época imagens do jornal da época com a manchete da morte do pai de Ivan</p>	<p>Azenha: Depois da simulação de fuzilamento os policiais colocaram Ivan na viatura e pararam numa padaria para tomar café. Quarenta anos depois tentamos localizar a esquina onde ficava uma banca de jornais. Ivan: Algo assim... pode até ser essa daqui Azenha: Aqui o Ivan imagina que seja o local onde ele viu a manchete chocante. A manchete dizia o que Ivan? Ivan: Morre terrorista assassino Azenha: Tinha foto do seu pai? Ivan: Tinha foto do meu pai eu pensei meu pai morreu. Mataram meu pai e o próximo sou eu. Foi a ideia que me passou pela cabeça.</p>	
<p>imagens de Ivan no centro de torturas GC auxiliar técnico ANDRÉ CARVALHO RONALDO MEDEIROS</p>	<p>Azenha: Mas ao voltar ao centro de torturas DOI-CODI, Ivan encontrou o pai vivo. Ivan: Eu olhei aqui para dentro e meu pai estava com a cabeça pendida assim e eu vi que ele estava aqui. Azenha Na cadeira do dragão? Ivan: Na cadeira do dragão, já tinham noticiado a morte dele e ele ainda estava vivo ainda. Só iam torturar até quando quisessem. Ai matariam e foi no final do dia mataram. Azenha: Foi a última vez que você o viu? Ivan: Sim, foi a última vez que eu vi meu pai.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens do DOPS na Estação da Luz (SP) imagens de Sérgio Fleury GC pós-produção ELIAS RODRIGUES IGOR ARROYO imagens de Ivan conversando com Azenha imagens da luz amarela sobre uma porta GC pós-produção FRANCISCO GOMES</p>	<p>Azenha: Depois do DOI-CODI Ivan ficou sete meses no DOPS, outro centro de tortura que funcionava em São Paulo chefiado pelo delegado Sergio Paranhos Fleury. O que é que tinha na porta da sala do Fleury? Ivan: Tinha uma luzinha amarela que era: não entre tem gente sendo torturado. Azenha: Ele torturava as pessoas na sala dele? Ivan: Torturava na sala dele... a tortura aqui não era escondida no DOI-CODI. Aqui então, quando torturavam lá em cima todo mundo ouvia.</p>	
<p>imagens das páginas do livro <i>Brasil nunca mais</i> imagens da ficha e fotos de Ivan durante o período em que ficou preso imagens do museu "Memorial da Resistência" Ivan caminhando pelas salas do memorial GC edição de imagens YOSHIO TANAKA RAUL PESSOA GC edição MÁRCIA CUNHA</p>	<p>Azenha: Segundo o livro <i>Brasil nunca mais</i> quase duas mil pessoas denunciaram oficialmente que sofreram abusos nos porões da ditadura. Elas relataram trezentas e dez (310) formas de tortura: de apertar partes do corpo com alicate, a enterrar vivo ou fazer ameaças com ratazanas. As denúncias mais comuns foram de choque elétricos. Azenha: Ivan ficou preso dos 16 aos 22 anos de idade. Ivan: Eu não me sinto prejudicado na minha adolescência e tal. Porque eu escolhi a militância a luta armada eu acho que eu fiz o que tinha que fazer. Azenha: Para Ivan mais que denunciar a tortura é preciso criar espaços como o "Memorial da Resistência" que funciona onde era o DOPS a polícia política. (sobe som) Uma forma de contar aos jovens o que aconteceu nos porões da ditadura militar . Ivan: É como se fosse aquele território na guerra conquista do inimigo aí você crava a bandeira. Isso aqui é nosso. Isso aqui é da sociedade, não é deles. Eles é que nos usurparam isso aqui num lugar de tortura, de assassinato. Eles é que nos usurparam e transformaram isso aqui e transformaram numa casa de horrores.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Celso Freitas e Adriana Araújo na bancada do Jornal da Record vinheta As crianças e a tortura</p>	<p>Adriana: A terceira reportagem da série <i>As crianças e a tortura</i> mostra a história do preso político mais jovem da ditadura brasileira. Celso: Ele era um menino de pouco mais de dois anos quando foi preso, exposto à tortura, separado dos pais e depois mandado embora do Brasil. Veja agora na reportagem de Luiz Carlos Azenha. (sobe som vinheta)</p>	
<p>Protagonista Perfil de Ernestinho imagem de quatro fotos, tamanho 3x4, em preto e branco, de crianças que foram fichadas como presos políticos durante a ditadura militar no Brasil A imagem fecha em close na foto de Ernestinho imagens de Jovelina, mãe de Ernestinho imagem mostra o DOI-CODI GC ERNESTO CARLOS NASCIMENTO ex-presos político imagens do fichamento de Manoel, pai de Ernestinho (preto e branco) Jovelina emocionada dá depoimento GC JOVELINA DO NASCIMENTO mãe de Ernesto GC produção ANA HAERTEL NATÁLIA VALLE</p>	<p>Azenha (em off): A imagem de um menino de pijama de florzinhas carimbada por um órgão da repressão Ernestinho tinha dois anos e três meses de idade. Pela ficha era um terrorista Foi preso com a mãe Jovelina nos anos de chumbo da ditadura militar e levado para o centro de torturas mais temido da época. (som de tilintar de máquinas de escrever como se estivesse datilografando a sigla antigo DOI-COI sobre uma foto em preto e branco) Ernesto: (emocionado com lágrimas nos olhos) Me levam para o banco, meu pai tá no pau-de-arara e me põe na frente do meu pai eu reajo também não não bate no meu pai. Azenha (em off): O pai Manoel preso no mesmo dia já tinha passado por várias sessões de tortura. Jovelina: Manuel veio com as mãos amarradas. Ele já não ficava mais de pé ele veio se arrastando... (emociona-se e respira) Aí ele pulou do meu colo e passou a mão no rosto assim e falava não bata no meu paizinho, não bata no meu paizinho. Azenha: Falava para o torturador? Jovelina: (acena a cabeça afirmativamente). Jovelina: Daí levaram o Manoel, dali a pouco levaram ele também.</p>	 

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=2Uo2mJCEyMk> Canal de vídeos de Ernesto Nascimento Cubano, que se auto identifica como: "filho de Manoel Dias do Nascimento, um líder operário organizador das greves de Osasco, em 1968". Destaco o link para esse vídeo contudo ao ver esse vídeo percebi que foram cortadas algumas falas de Ernesto. O texto aqui transcrito mantém a versão disponibilizada pelo portal R7.

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
imagens de Manoel em preto e branco da época em que esteve preso	Azenha (em off): Manoel tinha 23 anos de idade e diz que Ernestinho foi usado muitas vezes para pressioná-lo a entregar os companheiros.	
sonora de Manoel falando sobre a época em que esteve preso GC MANOEL DIAS DO NASCIMENTO pai de Ernesto	Manoel: Eu via o Ernesto assim aproximadamente um metro dois metros simulavam muito o espancamento. Aí depois sumiram com o Ernestinho.	
passagem Azenha caminha e para ao lado da foto de quatro crianças em preto e branco, entre elas está Ernestinho cabisbaixo GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo - SP	Azenha: Esta foto dos arquivos da repressão registra a saga do Ernestinho e de outras crianças. Foi tirada no dia em que esses quatro foram mandados embora do Brasil, uma hora antes do embarque para a Argélia. Este aqui é o Samuel, de oito anos de idade, irmão do Luiz Carlos de seis, primo do menorzinho que é o Ernesto, irmão da Zuleide de quatro anos, esta que está com a boneca. Azenha (plano americano fechado): O Ato Institucional número treze permitiu que eles fossem banidos, ou seja, que perdessem a cidadania brasileira com o argumento de que eram inconvenientes, nocivos ou perigosos à segurança nacional. Azenha (novamente ao lado das quatro crianças na montagem da foto da época): O Ernestinho estava então com apenas dois anos e três meses de idade.	
Ernesto aponta para o próprio olhar cabisbaixo na foto da época da prisão dos pais zoom no rosto da menina da foto imagem da Zuleide hoje com cenho franzido lembrando memórias daquela época GC ZULEIDE NASCIMENTO ex-presa política	Ernesto: Aqui ó... É uma expressão do que eu estou sentindo. é uma expressão clara... Se você pegar os depoimentos da minha família... eu era uma criança tão viva, né... uma criança tão viva, tão falante... e vem essa expressão... Zuleide: Eu acho assim um absurdo, um absurdo... desumano, com certeza. Criança? Terrorista? A gente nem sabia o que é que estava acontecendo direito.	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens das fotos zoom na foto da avó das crianças imagens da ficha de Tercina GC acervo ARQUIVO NACIONAL – BSB sobe som imagens de soldados empunhando armas seguindo atrás de manifestantes numa passeata takes de fuzis nas mãos dos soldados soldados marchando com fuzis close do jornal O Estado de S.Paulo, capa com notícia <i>Embaixador alemão sequestrado; 1 morto</i> imagens do grupo libertado imagens das crianças sendo libertadas</p>	<p>Azenha: As crianças estavam com a avó, Tercina Dias de Oliveira, militante da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, pessoa de confiança do principal líder da organização, Carlos Lamarca. (sobe som) Era o auge do regime de terror. (sobe som) A guerrilha sequestrou o embaixador alemão von Holleben em junho de 1970. O diplomata foi trocado por quarenta presos políticos, entre eles, Tercina que exigiu sair do Brasil com os netos que estavam presos e com Ernestinho.</p>	
<p>Ernesto mostra uma foto com o grupo sendo libertado e as crianças e aponta seu olhar entristecido GC arte ARUAN SANTOS RAPHAEL CORTELAZZI Azenha e Jovelina estão sentados vendo a foto do grupo libertado e apontam as diferenças das crianças GC imagens EDGAR LUCHETTA ROBSON WALNERES</p>	<p>(sobe som música triste) (passos de pessoa andando na rua) Ernesto: Essa criança que você me vê aqui... se você pegar foto minha em Cuba, muitos anos eu fiquei assim. (olhar entristecido) Azenha: Entre a prisão e o embarque se passaram trinta dias. Até hoje ninguém sabe onde ele ficou nesse período. Jovelina: Já veio... de onde ele veio? Ele veio com outra roupa. Cabelo todo cortadinho... A Zuleide também veio... A Zuleide tinha o cabelo comprido todo cacheado. Azenha: Veio cortado?.. Jovelina: Veio cortado.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem da foto de Zuleide criança com os cabelos cortados imagem de Zuleide adulta revivendo memórias imagem da foto de Zuleide criança com os cabelos cortados imagem de uma menina de costas brincando num playground com os cabelos longos trançados</p>	<p>Zuleide: Eu lembro de uma mulher fazendo uma trança no meu cabelo. Lembro de outra parada assim, do lado, em pé e falando assim, você me dá essa trança que eu quero fazer uma peruca. Minha vó falou que eu fiquei doente fiquei doente, com febre, entendeu? Por causa dos meus cabelos... Isso para uma criança é uma tortura. (sobe som)</p>	
<p>imagens de Jovelina e Azenha conversando GC imagens JOÃO PAULO PEREIRA SILVA imagens da foto de Ernestinho fichado GC auxiliar técnico ANDRÉ CARVALHO FERNANDO GOMES imagem foto quatro ex-presos GC auxiliar técnico FABIANO FERREIRA imagem da capa do jornal O Estado de S.Paulo com notícia do sequestro do embaixador suíço imagem dos presos sem roupa (com tarjas pretas), fotos da Jovelina presa e nua (com tarjas pretas)</p>	<p>Azenha: Os pais contam que no centro de torturas foram pressionados a entregar Ernestinho para a adoção. Jovelina: Aí um desses torturadores que eu também não me lembro o nome dele levou a gente para uma sala, e sentou nós dois num sofá e falou se a gente queria dar o Ernesto para ele adotar porque ele não tinha filho e que jamais na vida ele pensou que terrorista teria um filho tão bonito como era o menino. Azenha: Seis meses depois que Ernesto foi embora, foi a vez de Manoel e Jovelina saírem do Brasil. Eles foram libertados em troca da vida de outro diplomata sequestrado pela guerrilha, o embaixador suíço Giovane Buscher. Antes de embarcar os presos passaram por mais uma humilhação. As fotos deles nus foram tiradas na sede da polícia política. Jovelina: Eles queriam tirar minha foto nua... meu marido, o Manoel, não deixou. Aí no outro dia eles me levaram, sozinha.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>cenas do filme com legendas em inglês imagens do filme mostrando uma pessoa sendo torturada, deitada no chão sendo amarrada entre dois carros com a cabeça de um lado e os pés do outro GC Cenas do filme <i>Brasil, o relato da tortura</i> direção: Haskel Wexler e Saul Landau em outra cena do filme aparece um jovem sendo torturado no pau de arara</p>	<p>(sobe som de filme ... narrador: esta tortura se chama pau de estrada...) Azenha (em off): Ao chegar ao Chile o grupo denunciou para o mundo a tortura no Brasil. (sobe som filme: Foi usada em São Paulo em uma jovem mulher, jornalista, chamada Norma Freire... os intestinos se rompem, o fígado se rompe e a pessoa por último começa a ter a pele rompida...) Azenha (em off): Neste documentário produzido por cineastas norte americanos os ex-presos políticos encenaram como eram torturados nos porões da ditadura. (sobe som do filme)</p>	
<p>no filme Manoel e Jovelina relatam sobre a experiência de tortura no Brasil Jovelina sentada na sala de sua casa relembra o acontecido</p>	<p>Azenha: Manoel e Jovelina denunciaram o uso do filho Ernestinho como instrumento de coação. (sobe som do filme Manoel: ... este filho assistiu parte da tortura...o garoto ficou em estado revoltoso contra a polícia...) (sobe som do filme Jovelina ... eu fui torturada, meu filho foi torturado... (se emociona ao tentar falar sobre o filho) (repórter do documentário: Por que?) (sobe som do filme Manoel responde no lugar de Jovelina: Ela fica emocionada porque a criança passou muito mal.) Azenha: Mais de quarenta anos se passaram e Jovelina continua com dificuldades para falar do assunto. Jovelina: Você sabe que a tortura é dura. Vou gritar e espernear. Mas nossos filhos não ... (some a voz) Falar das crianças é duro para mim... (abaixa o rosto com tristeza)</p>	
<p>imagens de Geny Piola com as três filhas cenas do filme em preto e branco <i>No es hora de llorar</i> direção: Luiz Sanz e Pedro Chastel imagem avião da Varig e Geny e as filhas desembarcando no Chile. grupo de pessoas reunidas em pé com punhos para o alto</p>	<p>Azenha: Os arquivos ainda guardam imagens de outras crianças que caíram nos porões da ditadura. Tatiana tinha oito anos de idade, Kátia quatro e Bruna três. Foram presas com a mãe, Geny Cecília Piola. (sobe som do filme <i>No es hora de llorar</i>) Azenha: Este outro documentário feito por chilenos registra o desembarque de Geny e das filhas no país. A família vive até hoje fora do Brasil. (sobe som da canção “vem vamos embora que esperar não é saber quem sabe faz a hora não espera acontecer”)</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem da foto de Ernestinho fichado GC pós-produção ELIAS RODRIGUES IGOR ARROYO imagens de Ernestinho em Cuba GC pós-produção FRANCISCO GOMES</p>	<p>(continua o GC da canção ... vem vamos embora) Azenha: Ernesto passou toda a adolescência e a infância em Cuba. Nos primeiros anos de exílio Ernestinho era uma criança diferente. (sobe som da canção) Azenha: Primeira memória? Ernesto: É a mais difícil (chorando) Ver meus pais entrando no cárcere. Machucados. Eu com medo me enfiava... sempre que entrava gente em casa, eu corria e me enfiava embaixo da cama.</p>	
<p>imagem de Ernesto hoje conversando com Azenha sobre aquela época Foto dos boletins escolares de Ernestinho foto de Ernestinho fichado imagens de Ernesto conversando com uma mulher num escritório Ernesto caminha em um escritório cheio de computadores Ernesto cumprimenta algumas pessoas num escritório Ernesto conversando com Azenha Ernesto caminhando na rua Ernesto com Azenha Foto da partida dos ex-presos políticos libertados GC apoio à edição DEBORAH CARVALHAL take de Azenha segurando a foto dos ex-presos libertados em frente ao sofá onde está Ernesto</p>	<p>Azenha (em off): Além de rejeitar os pais ele quase não falava. Ernesto: Eu fui levado no pediatra pra dizer, pra ver se eu era autista o que é que era? Azenha: Até isso? Ernesto: Sim, meus pais fazem isso, mas eu tinha uma inteligência normal como você estava vendo minhas notas. Azenha (em off lendo o boletim de Ernestinho): Nove, dez, dez, dez... Azenha: Ernesto, o mais jovem subversivo fichado no país hoje é especialista em Tecnologia da Informação mas teve dificuldade em voltar a ser cidadão brasileiro. Ernesto: Perdi todos meus direitos civis. Perdi o direito de estudar minha língua. Perdi o direito de frequentar a escola. Quer dizer além de eu não poder estudar aqui, também não me dá o direito de reconhecer meu diploma. O conhecimento que eu aprendi em Cuba não vale. Azenha: Foi só ano passado? Ernesto: Só no ano passado que reconheceram meu diploma. Azenha: Além disso, Ernesto enfrentou o preconceito. Ernesto: A gente vive um exílio branco. Você tem que se coibir. Não pode falar. Se falar que eu sou de Cuba você é reacionário. E começa a discussão. Aí vem aquele pessoal e começa a falar que é terrorista. Você imagina. Azenha: Apesar do sofrimento ele se orgulha de ter contribuído com a resistência. Ernesto: Essa conjuntura que a gente vive hoje no País graças a esses jovens corajosos e aí eu tenho que me incluir.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Jovelina com Azenha GC edição de imagens YOSHIO TANAKA RAUL PESSOA</p> <p>imagens do filme chileno imagens do poster de procura-se Carlos Lamarca</p> <p>GC edição MÁRCIA CUNHA</p>	<p>Azenha (em off): A mãe lembra que num cerco policial o bebê Ernestinho foi decisivo para convencer os guardas que no carro viajava apenas uma família, mas no automóvel estava Carlos Lamarca, um dos guerrilheiros mais perseguidos do País.</p> <p>Jovelina: Lamarca pegou Ernesto. (faz o gesto com os braços como se elevasse a criança nos altos) Você não deixa esse menino sofrer nunca na vida. Ele salvou minha vida. Ele salvou nossa vida. Esse menino foi que nos salvou. E as lágrimas corriam. Isso me marcou muito. O que eu pude fazer para não deixar ele não sofrer eu fiz, mas o mundo taí. (sobe som)</p>	




Dia 13 de junho de 2013


Capítulo 4 – Rose Nogueira: logo depois de dar à luz, o abuso do torturador...


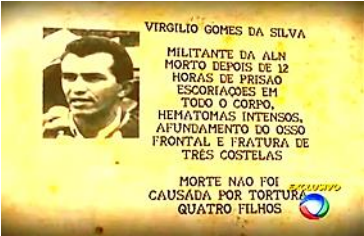
VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de Rose emocionada e bastante revoltando ao lembrar a época difícil da ditadura militar no Brasil GC ROSE NOGUEIRA Jornalista imagem de uma sala onde Azenha está sentado em um sofá conversando com Rose sentada em uma cama</p>	<p>Rose: Eles são tão covardes, tão covardes... tão assassinos... (prende a respiração e junta as mãos numa prece) Azenha (em off): A emoção ainda forte, quarenta anos depois. Lembrança do que aconteceu nas celas do antigo DOPS, a polícia política de São Paulo. Rose: (sentada numa cama) Eles me debruçavam na mesa ... Eu nunca tive penetração... direto, mas com as mãos e depois ainda apanhava muito. Azenha (em off): De cama por causa de uma fratura, Rose Nogueira relembra o confronto que teve com o temido delegado Fleury que queria prendê-la junto com o filho recém-nascido.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>GC produção ANA HAERTEL SHEILA FERNANDES</p>	<p>Rose: Falei não vou com meu filho. Vocês não vão por a mão no meu filho. Aí ele falou: posso usar a violência. E eu, pode, pode, mas eu não vou. É o máximo que você pode fazer. Tão forte a maternidade que uma hora ele baixou os olhos. Azenha (em off): Cacá o filho de Rose ficou com um parente e salvou a mãe da pior das torturas.</p>	
<p>passagem do repórter no DOPS narrando o que os presos políticos enfrentavam naquele período de ditadura militar</p> <p>GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo – SP</p> <p>imagens da foto do filho de Rose imagens de Rose conversando com Azenha</p> <p>GC arte ARUAN SANTOS RAPHAEL CORTELAZZI</p> <p>imagens de João Carlos Trali</p>	<p>Azenha: O barulho dos trincos podia marcar o início de mais um encontro com o delegado Sérgio Paranhos Fleury, um dos maiores torturadores da ditadura militar. Quem estava nessas celas podia ouvir os gritos dos que eram torturados em outro andar do prédio, mas o maior temor de quem estava aqui era o encontro com os próprios filhos na prisão. Azenha (em off): Poupada dessa tortura Rose enfrentou outras... Rose: Tinha um tarado chamado Trali e esse todo dia quando ele começou a me chamar ele tirava minha roupa... Ele queria me ver nua. Ele tirava minha roupa... começou primeiro a blusa e aí eu tinha leite e ele me batia dava bofetada porque eu tinha leite eu cheirava azedo e aí eu apanhava porque eu estava fedida porque cheirava azedo. Azenha (em off): Era João Carlos Trali, um dos homens da equipe do delegado Fleury. Rose: Esse Trali um dia ele me beliscou inteira aqui do lado esquerdo. Ele beliscava, eu gritava, ele beliscava e outro me segurava. Azenha (em off): Cacá é filho único. Rose: Nunca mais tive filhos. Eu fiquei estéril nesse período que eu fiquei imunda lá. Segundo meu médico eu tive uma infecção pueriperal que me esterilizou. Azenha (em off): O filho de Rose não gosta de falar sobre o assunto. Rose: É muito complicado para ele. A gente não consegue conversar tanto. É muito complicado e toda vez a gente conversa um pouquinho. Vai acrescentando um pouquinho ao longo da vida. (sobe som música)</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Protagonista/Perfil de Crimeia ex-presa política imagens Crimeia caminhando na multidão imagens interior da prisão onde ela ficou GC imagens EDGAR LUCHETTA GÍLSON DIAS GC auxiliar técnico ANDRÉ CARVALHO RONALDO MEDEIROS imagens Crimeia conversando com Azenha intercaladas com imagens do filho de Crimeia quando criança imagem da escada do DOPS</p>	<p>Azenha (em off): Crimeia foi presa aos sete meses de gravidez. O barulho das chaves que o carcereiro agitava quando vinha retirar a mãe da cela deixava o bebê nervoso. Crimeia: Quando isso acontecia meu filho tinha soluço dentro da minha barriga. Meu filho tem soluço até hoje. Se ele fica tenso dá soluço. Azenha (em off): Este é Joca que estava na barriga de Crimeia quando ela caiu nas mãos do comandante do DOI CODI, o centro de torturas do então major Carlos Alberto Brilhante Ulstra. Crimeia: Ele já chegou gritando palavrão na porta. Azenha: O que ele dizia? Crimeia: Ele dizia assim: hoje essa p... vai ver comigo. E aí ele foi entrando na minha cela e puxando os cabelos e espancando a cara alí naquela escadinha eu perdi a consciência. (som de tapas bg) Azenha (em off): Ela apanhou por mais de vinte dias.</p>	
<p>GC CRIMÉIA DE ALMEIDA ex-presa política imagens da frente do Hospital do Exército de Brasília imagens de reportagem publicada em jornal sobre Joca, filho de Crimeia e de Crimeia segurando o bebê no dia em que foram separados</p>	<p>Crimeia: Espancamento na cabeça e no rosto. Choque nos pés e nas mãos e a tortura psicológica. Azenha (em off): Joca nasceu no Hospital do Exército em Brasília e ficou quase dois meses na cadeia. A foto foi tirada no dia em que mãe e filho foram separados. Até os três anos de idade Joca fez acompanhamento neurológico. Tinha convulsões. Crimeia: Ele ficava completamente transtornado. Ele acordava aos gritos e não reconhecia as pessoas. Levava tempo para se acalmar.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de bebê chorando voz de Paulo Fonteles Filho, filho de Paulo Fonteles ex-presos político imagem de Paulo Fonteles conversando com Azenha</p> <p>GC produção VANESSA LIBÓRIO imagem de Helcídia imagens do exército em preto e branco imagens de soldados armados marchando</p>	<p>(sobe som de choro de bebê) Paulo (em off): filho dessa raça não deve nascer, não deve nascer, não deve nascer. Azenha (em off): O poema lido por Paulo Fonteles Filho foi escrito pelo pai dele, na cadeia... Paulo: (sobe som instrumental durante a fala do poema) filho dessa raça, não deve nascer, não deve nascer, não deve nascer... Azenha (em off): ...e reproduz o que a mãe ouviu ao ser presa em Brasília, grávida de cinco meses. Helcídia: Significava raça comunista, comunista, subversivo. Azenha: Os abusos começaram numa instalação do exército a poucos metros do Palácio do Planalto. (sobe som de soldados marchando)</p>	
<p>Protagonista/Perfil Helcídia conversa com Azenha</p> <p>GC HELCÍDIA FONTELES ex-presos política imagens do exército imagens de passeatas GC pós-produção ELIAS RODRIGUES IGOR ARROYO GC pós-produção FRANCISCO GOMES</p>	<p>Helcídia: Fiquei de domingo até sexta-feira sem me permitirem dormir, debaixo dos refletores, ouvindo depoimento, ouvindo aquelas coisas, aquelas músicas <i>Brasil ame ou deixe</i> (sobe som... "eu te amo, meu Brasil, eu te amo... meu coração é verde amarelo, azul anil, eu te amo, meu Brasil, eu te amo... ninguém segura a juventude do Brasil...") Azenha: Aos oito meses de gravidez ela enfrentou uma simulação de fuzilamento. Helcídia: Quando eu tiro o capuz, uns seis homens... soldados me apontando um fuzil. Fuzilamento simulado, pensei puxa vou morrer assim, vinte e quatro anos de idade, vou morrer assim... Nesse subsolo sem testemunho nenhum... Azenha (em off): Depois vieram as baratas.</p>	 


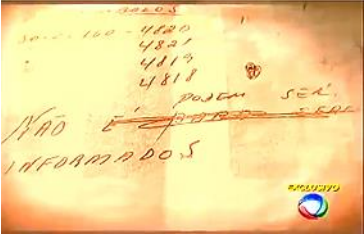


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de baratas imagens do filho de Helcídia, Paulo bebê</p> <p>GC apoio à edição DEBORAH CARVALHAL</p> <p>imagens de Helcídia (jovem) e do filho Paulo (criança)</p> <p>imagens de Paulo conversando com Azenha imagens de Paulo bebê GC PAULO FONTELES FILHO filho de ex-presos políticos imagens de Helcídia conversando com Azenha intercalando com fotos de Paulo e outros filhos de ex-presos políticos quando criança GC edição de imagens YOSHIO TANAKA RAUL PESSOA GC edição MÁRCIA CUNHA</p> <p>Bancada do Jornal da Record apresentador Celso Freitas lê uma nota pé</p>	<p>Helcídia: Me levaram para uma cela cheia de baratas que começaram a me roer. Aí que que eu fiz? Eu me preocupei com os ouvidos, né, e com a boca. Uma hora eu consegui tirar o sutiã e amarrar aqui e fiquei lá agachada sem conseguir me levantar.</p> <p>Azenha (em off): Paulo, o filho de Helcídia também nasceu no Hospital do Exército em Brasília.</p> <p>Helcídia: Fizeram um corte deram pontos, sem anestesia. Eu não disse um ai. Eu pensei que eles fossem dizer: poxa se essa moça chegou no estado em que chegou ela deve ter sofrido muito.</p> <p>Paulo: E a conclusão que eu chego é primeiro, a imensa vitalidade da minha mãe de ter me feito nascer na prisão. Penso inclusive que aquela foi a forma dela presa, de enfrentar a ditadura...</p> <p>Azenha (em off): Com um mês o bebê foi entregue a avó.</p> <p>Paulo: Eles atrasaram por horas a minha entrega a família. E a justificativa era a seguinte: que eles não tinham encontrado algemas para os meus pulsos.</p> <p>Helcídia: Queriam botar algema no Paulo... (debochando da ideia) Algeminha no Paulo com um mês de vida? Tão pequenino tão magrinho.</p> <p>Azenha (em off): Os bebês nascidos na prisão ou separados à força das mães não tinham consciência do que se passava, mas não ficaram imunes ao terror da ditadura militar.</p> <p>Paulo: Existe uma memória da carne. Existe uma memória que eu não sei de onde vem, mas ela está dentro de mim. Em que pese o sofrimento, em que pese a memória da carne, mas nos temos um orgulho imenso dessa resistência.</p> <p>Celso Freitas: Procurado pela reportagem o coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ulstra não quis dar entrevista.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
Contextualização através de depoimento do protagonista imagens de menino foto preto e branco imagens de Igor Grabois conversando com Azenha	(sobe som instrumental) Azenha (em off): De repente o sumiço. Igor: A última vez que eu vi meu pai foi em abril de 1971. Eu tinha quatro para cinco anos. Simplesmente foi uma figura que sumiu. Literalmente. Ele some da minha vida e aí a conversa que passava era cadê meu pai, cadê meu avô? Estão trabalhando. Só que esse trabalho não permitia o retorno. Então passa dois anos, estão trabalhando, três anos, estão trabalhando, cinco anos estão trabalhando...	
imagens da ficha de Gilberto Olímpio Maria	Narração (Celso Freitas em off): Gilberto Olímpio Maria. Desaparecido. Integrante da guerrilha do Araguaia. Visto pela última vez em Xambioá, no Pará. Provavelmente morto no massacre do Natal de 1973. Deixou um filho.	 <p>GILBERTO OLÍMPIO MARIA DESAPARECIDO GUERRILHA DO ARAGUAIA VISTO EM XAMBIOÁ, NO PARÁ MASSACRE DO NATAL DE 1973 UM FILHO</p>
Contextualização através de depoimento do protagonista / imagens de Virgílio conversando com Azenha	Azenha (em off): O desaparecimento do pai também causa angústia em Virgílio. Virgílio: Vivemos a infância inteira esperando ele chegar um dia.	
imagens da ficha de Virgílio Gomes da Silva	Narração (Celso Freitas em off): Virgílio Gomes da Silva. Militante da Aliança Libertadora Nacional. Morto depois de doze horas de prisão. Pelo laudo oficial teve escoriações em todo o corpo, hematomas intensos, afundamento do osso frontal e fratura de três costelas. Segundo os legistas a morte não foi causada por tortura. Deixou quatro filhos.	 <p>VIrgílio GOMES DA SILVA MILITANTE DA ALN MORTO DEPOIS DE 12 HORAS DE PRISÃO ESCORIAÇÕES EM TODO O CORPO, HEMATOMAS INTENSOS, AFUNDAMENTO DO OSSO FRONTAL E FRATURA DE TRÊS COSTELAS MORTE NÃO FOI CAUSADA POR TORTURA QUATRO FILHOS</p>

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
Contextualização através de depoimento do protagonista / imagens de documentos de Ernesto quando criança intercaladas com imagens de Ernesto adulto	Azenha (em off): O pai de Ernesto foi morto quando ele tinha três anos de idade. Ernesto: A única mágoa que eu tenho é a ausência do meu pai.	
imagens da ficha de Devanir José de Carvalho	Narração (Celso Freitas em off): Devanir José de Carvalho. Dirigente do Movimento Revolucionário Tiradentes. Pelo laudo oficial levou seis tiros num confronto. A comissão da Anistia concluiu que o suposto tiroteio não aconteceu. Um preso político afirma que Devanir foi morto sob tortura pelo delegado Sérgio Fleury. Deixou dois filhos.	 <p>DEVANIR JOSÉ DE CARVALHO. DIRIGENTE DO MRT. SEIS TIROS EM CONFRONTO. SUPOSTO TIROTEIO NÃO ACONTECEU. MORTO SOB TORTURA. DOIS FILHOS. #BRASIL</p>
<p>imagens de Ernesto criança imagens de Ernesto adulto cantando imagens de Ernesto como vocalista de um conjunto musical imagens de Ernesto conversando com Azenha GC produção ANA HAERTEL SHEILA FERNANDES GC ERNESTO DE CARVALHO filho de ex-presos políticos imagens das crianças pequenas: Ernesto e os irmãos imagens de Ernesto adulto imagens de Ernesto cantando</p>	<p>(sobe som de Ernesto cantando... "perdoe a cara amarrada..." Azenha (em off): Hoje Ernesto canta as músicas daquele período. (sobe som de Ernesto cantando... "a falta de abraço...")</p> <p>Ernesto: Após a morte do meu pai a organização arrumou um aparelho para a gente ficar escondido e depois de uns dez, quinze dias eles descobriram. Aí saiu um tiroteio. Morreu mais gente. Acabou todo mundo indo para o DOPS. Minha mãe ficou por trinta dias lá... Azenha: A memória é vaga. Ernesto: A minha memória às vezes é um pouco confusa, porque tem muita coisa que eu ouvi da minha mãe. Às vezes, eu não sei se me lembro ou se me lembro que ela contou essa história. É uma história muito carregada. Azenha: Mas um sinal de que algo grave tinha acontecido ele percebeu... Ernesto: A gente chegou na Operação Bandeirantes. Tinha um policial vestindo a jaqueta do meu pai... Então, isso é um...</p> <p>Azenha (em off): Ernesto, o irmão e a mãe viveram oito anos no exílio. Ernesto: A música ela teve um significado pra todas as pessoas que sofreram a violência do Estado nessa época, e talvez mais, as que ficaram exiladas, longe do país. A gente, o que nos ligava ao Brasil, era a música. (sobe som do Ernesto cantando... "apesar de você amanhã há de ser outro dia...")</p>	 <p>EXCLUSIVO</p>

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Contextualização / Protagonista caminha pelas ruas do bairro onde viveu quando era criança imagens da casa e da janela do quarto que era a base clandestina do PCdoB</p> <p>GC IGOR GRABOIS filho de ex-presos políticos</p>	<p>Azenha (em off): Quarenta anos depois Igor volta ao sobrado onde passou a infância em São Paulo. Igor: O quartinho ainda existe, ela deu uma mexida mas está lá. Azenha (em off): O menino não sabia, mas era uma base clandestina do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB. Os coleguinhas de escola não podiam subir para o segundo andar onde ficava o arquivo secreto do partido. Igor: Eu achava muito estranho porque é que não podia. Até subia quando eu podia. Ah! vamos lá em cima. Aí quando eu era descoberto com algum amigo lá em cima eu era devidamente repreendido. Azenha (em off): A grande surpresa veio aos treze anos de idade. Lendo uma revista descobriu a verdadeira identidade de um homem que visitava o sobrado e que Igor chamava de Tio José.</p>	
<p>imagens de Igor conversando com Azenha imagens em preto e branco da época imagens de filme sobre a guerrilha do Araguaia</p>	<p>Igor: Este aqui é o meu tio José que era como o João Amazonas me era apresentado. Azenha: Você o viu e falou esse é meu tio? O que ele está fazendo como dirigente do PCdoB? Igor: É, aí eu chamo Vitória, minha mãe. E aí vamos ter uma conversa... Azenha (em off): Na conversa o menino ficou sabendo que o pai e o avô tinham morrido na guerrilha do Araguaia. Descobriu também sua verdadeira identidade. Igor: E aí um belo dia... Olha seu nome é Jorge, Igor é seu apelido, porque é bonitinho, não sei o quê... Azenha: E seu nome era qual? Igor: Jorge Freitas.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de Hilda intercaladas com imagens de fotos de crianças GC arte ARUAN SANTOS RAPHAEL CORTELAZZI GC ILDA GOMES DA SILVA ex-presença política imagens de Virgílio conversando com Azenha intercaladas com imagens das fotos das crianças</p>	<p>Azenha (em off): Os filhos de Ilda ficaram órfãos um dia antes de serem presos com ela. Ilda: A ida ... quando eu cai presa, caiu eu e as crianças e o Cirilo. Levaram a gente pro DOPS. Azenha (em off): Virgílio e o irmão foram levados para o Juizado de Menores junto com Maria Isabel, a menorzinha de apenas quatro meses de idade. Ilda: Eles davam a mamadeira para ela, jogava lá e pronto. Quatro meses, ela não segurava a mamadeira ainda, e não era acostumada com mamadeira. Virgílio: Íamos debaixo do berço dela e deitava. De tempo em tempo ele acordava para pegar a mamadeira para dar a mamadeira para ela. Azenha (em off): Apesar da ajuda dos irmãos a menina ficou desidratada e quase morreu. Ilda: Ficou um mês no hospital. Azenha (em off): A família só conseguiu retirá-los do Juizado de Menores dois meses depois da prisão.</p>	
<p>imagem do pórtico do presídio Tiradentes na Avenida Cruzeiro do Sul, bairro de Santana, na capital paulista é noite e Azenha faz uma passagem em frente ao portal GC LUIZ CARLOS AZENHA São Paulo – SP</p>	<p>Azenha: Aqui ficava o presídio Tiradentes. O prédio foi demolido e só sobrou esse pórtico. Sobraram também histórias impressionantes como a de Ilda. Ela passou quatro meses aqui isolada, sem direito a visitas, mas deu um jeito de driblar a repressão. Azenha (em off sobre imagens do presídio Tiradentes): Ilda descobriu uma fresta na janela da cela através da qual conseguia ver uma esquina da cidade. Pediu a alguém da família que levasse as crianças até lá.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>GC VIRGÍLIO GOMES DA SILVA filho de ex-presos políticos</p>	<p>Virgílio: Vamos ver tua mãe, todo mundo feliz vamos ver minha mãe. Ilda: Então eu peguei o jornal, enrolava o jornal e balançava para mostrar que eu estava lá vendo eles. Virgílio: Aí de repente no susto ela falava... dá tchau... mas dá tchau pra onde? Olha lá... você não está vendo aquele jornalzinho abanando? É tua mãe...</p>	
<p>imagens de documentos da prisão do marido nas mãos de Ilda que os folheia GC apoio à edição DEBORAH CARVALHAL GC edição de imagens YOSHIO TANAKA IGOR ARROYO imagens em preto e branco da manifestação contra a ditadura</p>	<p>Azenha (em off): Os documentos oficiais da morte do marido dela ficaram escondidos nos arquivos da polícia política com uma anotação para que não fossem divulgados. Ilda sabe que o marido foi enterrado como indigente em um cemitério de São Paulo. O corpo nunca foi encontrado. Nas crianças, o vazio foi preenchido pelos ecos da presença do pai. Virgílio: Para mim ele continua vivo. Continua vivo em toda reviravolta que deu a história. Em tudo que se tornou. Não são tanques na rua. Então nisso ele está vivo porém dentro de casa falta... (sobe som)</p>	 
<p>encerra a reportagem e a série com a vinheta As crianças e a tortura ao voltar para o estúdio a bancada do Jornal da Record está vazia e logo da Record REALIZAÇÃO RECORD www.r7.com 2013 vice-presidente de jornalismo DOUGLAS TAVOLARO</p>	<p>áudio da vinheta As crianças e a Tortura áudio da trilha do Jornal da Record</p>	


Fim do Apêndice C – série As crianças e a tortura

APÊNDICE D – Relatório da série: *Veículos Elétricos*


Série jornalística em 5 capítulos
de 24 a 28 de julho de 2018
Jornal Nacional – TV Globo
Reportagem Brasil: André Trigueiro
Reportagem EUA: Tiago Eltz
Reportagem França: Rodrigo Alvarez
Reportagem Japão: Márcio Gomes
Produção e Edição: Helton Setta
Edição: Michelle Dominguez, Flávio Lordello,
José Henrique, Rogério Lima



Grande Prêmio CNT²⁵ 2018 R\$ 60 mil




Dia 24 de julho de 2018 Capítulo 1


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
William Bonner apresentador do Jornal Nacional leitura da cabeça da reportagem Cenário – bancada do telejornal imagens litoral brasileiro estrada e mar (imagens presumivelmente feitas por drone)	Bonner: A viagem de carro entre as duas maiores cidades brasileiras já pode ser feita sem uma gota de combustível. Só com eletricidade. A Via Dutra acabou de inaugurar postos de recarga para carros elétricos entre São Paulo e Rio. Em vez de bombas de combustível, tomadas. Os carros elétricos são o tema de uma série especial de reportagens do André Trigueiro, que o Jornal Nacional exhibe a partir de hoje. (sobe som música instrumental dramática)	



²⁵ Confederação Nacional do Transporte.

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Trigueiro abre a porta de um carro – imagem do alto carro parado / branco com capota preta – clica no botão start automático do painel do carro – imagem do alto carro começa a andar</p> <p>Trigueiro no volante de um carro</p> <p>GC ANDRÉ TRIGUEIRO</p> <p>Rio de Janeiro</p> <p>imagem de Trigueiro no volante do carro</p> <p>circulando em rodovia ao lado do mar</p> <p>provável imagem feita por drone do alto imagem do carro, da praia e da montanha</p>	<p>Trigueiro (em off): Imagina você dirigindo por aí um carro como esse.</p> <p>Trigueiro (passagem): Sem ruído, porque o motor é absolutamente silencioso. Sem fumaça, porque não há queima de combustível.</p> <p>Trigueiro (em off): Alguém poderá dizer que esse é o carro do futuro. A verdade é que em vários lugares do mundo o futuro já chegou. E é isso que você vai acompanhar com a gente a partir de agora. (sobe som)</p>	
<p>contextualização imagética (sequência de imagens que serão utilizadas nas reportagens que serão mostradas pela série sobre <i>Veículos Elétricos</i>)</p> <p>Imagem de uma rua em um bairro residencial onde trafega um carro vermelho pequeno elétrico</p> <p>tráfego britânico detalhe de mão no volante</p> <p>Ponte vermelha nos Estados Unidos</p> <p>Oficina de carros pessoa abastecendo um carro com eletricidade mostrador revela 85 ml e que ainda faltam 6 h e 5 minutos para completar a carga da bateria</p> <p>imagens de veículos elétricos</p> <p>caminhão delivery elétrico</p> <p>sequência de takes rápidos presumivelmente simulando a velocidade que o futuro deveria ter</p> <p>chegado no Brasil</p>	<p>(todas as imagens são editadas em sequência apenas com uma música instrumental como trilha de áudio)</p> <p>Trigueiro (em off): O futuro poderia ter chegado há mais tempo.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>GC imagens BIBLIOTECA DO CONGRESSO/EUA Imagens de carros antigos, rapidamente, evolução tecnologia carros. Imagens de carros em movimento, petróleo e fumaça GC imagens ARQUIVO NACIONAL GC imagens PETROBRAS</p>	<p>Trigueiro (em off): A tecnologia do carro elétrico foi desenvolvida na mesma época dos motores a combustão, no final do século 19. E lá se vão mais de 100 anos. Só que a autonomia das baterias era muito pequena. Os carros à combustão logo se tornaram mais baratos, principalmente com o modelo de produção em série, e a expansão da indústria do petróleo. Desde então, essa vem sendo a trilha sonora da civilização. (sobe som do escapamento enfumaçado) Trigueiro (em off): Os carros redesenharam as cidades. Foi preciso abrir espaço para ruas, avenidas, estacionamentos.</p>	
<p>Imagens carros modernos, salão do automóvel imagens sequenciadas simulando velocidade, rastros de luzes, edifícios altos circundados por avenidas lotadas de automóveis, ônibus e caminhões Imagens da conferência de 2015 em Paris público na rua e no auditório diagnóstico com especialistas Felipe Gonçalves no escritório na FGV GC FELIPE GONÇALVES Superintendente de Ensino e P&D da FGV Energia GC JOSÉ MENDES sec. de Estado Adjunto e do Ambiente/Portugal imagens de carros elétricos sendo abastecidos</p>	<p>Trigueiro (em off): A paixão sobre quatro rodas fez o mundo girar cada vez mais rápido. (sobe som buzinas). Até que o rápido foi ficando engarrafado, em marcha lenta, mais ruídos e mais fumaça. (sobe som) Em 2015, em Paris, o mundo declarou guerra às emissões de poluentes. E o acordo do clima abriu espaço para novas tecnologias limpas e renováveis. (sobe som Conferência Clima 2015) Felipe: Diante dessas análises da importância da redução das emissões para o setor de transporte os países foram se movimentando e a partir da COP 21 assinaram acordos diversos para inserção de carros elétricos e a eletrificação da sua frota. José Mendes: Esse crescimento que está a acontecer é muito empurrado pela Europa, pelos Estados Unidos e pela China. (em off): Hoje não um único fabricante de veículos que não tenha uma oferta elétrica. José Mendes: Portanto, é um caminho que não tem retorno.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem de carro elétrico trafegando por uma rua arte com dados mencionados pelo repórter imagens de painéis de carros elétricos, tomadas e postes para abastecer GC arte TRIGUEIRO GATTO ALEX PAIVA</p>	<p>Trigueiro (em off): Já existem aproximadamente 2 milhões de carros elétricos no mundo, sem contar os modelos híbridos. A Agência Internacional de Energia calcula que em 2030 o número de veículos que podem ser abastecidos na tomada pode chegar a 125 milhões. A confiança na nova tecnologia é tanta que vários países definiram até o prazo final para que as montadoras deixem de vender carros com motores convencionais. (sobe som).</p>	
<p>imagens do mapa mundi com bandeira dos países indicando o ano em que os carros a combustão deixarão de ser produzidos: Noruega – 2025, Reino Unido – 2040, França – 2040, Índia - 2030</p>	<p>Trigueiro (em off): É o caso da Noruega, Reino Unido, França e Índia que já deram aviso prévio para os motores a combustão. (sobe som) A China que é o maior mercado automotivo do mundo se prepara para fazer o mesmo mas não anunciou prazos</p>	
<p>Trigueiro passagem em uma oficina de carros (corpo inteiro) a arte trabalha sobre os carros destacando as partes que são faladas pelo repórter</p>	<p>Trigueiro (passagem): Para a gente entender o alcance das mudanças que estão acontecendo na indústria automobilística do mundo, vale comparar um motor a combustão, com motor 100% elétrico. A diferença é impressionante. (Arte computadorizado do motor de um carro a combustão, em vermelho, com palavras indicativas das peças) Enquanto motor convencional reúne aproximadamente 500 peças e componentes como BIELAS, VÁLVULAS, PISTÕES e CILINDROS, a versão elétrica dependendo do modelo de apenas 50. Além de mais compacto e simples esse motor ainda tem a manutenção mais barata.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagem da arte do motor do carro elétrico em azul especialista diagnóstico imagens de Manfred imagens do interior do carro elétrico GC MANFRED PETER JOHANN Diretor Superintendente Unidade Automação/WEG imagens do carro elétrico na estrada GC LENO LIMA empresário Leno dirigindo o carro</p>	<p>Manfred: Além do número de peças e do peso ele consegue ter uma potência maior, num volume menor, ou seja, você ocupa menos espaço no veículo, ele não emite gases poluentes, ele é totalmente ecológico, e também, não gera ruídos. (sobe som música carro na estrada) Trigueiro (em off): O carro é muito gostoso dirigir. Trigueiro (ao lado do motorista Leno): Primeiro, porque você não tem marcha nenhuma para passar, ele nem troca de marcha. Leno: É uma marcha única. Direto no eixo, ele acelera muito rápido de zero a cem, em sete segundos. O carro é muito, muito forte.</p>	
<p>Trigueiro passagem de dentro de uma loja de carros (corpo inteiro) entra em um veículo elétrico e sai dirigindo imagens do VE circulando em um pátio Arte GC velocidade 80 km/h autonomia 100 km GC técnicos JOILSON SANTANA VINICIUS BANDEIRA GC imagens JOSÉ HENRIQUE ROGÉRIO LIMA Especialista volta a falar sobre a nova tecnologia</p>	<p>Trigueiro (passagem): Quando assunto é carro elétrico, tamanho não é documento, e a prova tá aqui ó... (abre os braços ao lado de um carro). Olha o tamanho desse carrinho. (Trigueiro abre a porta e entra no carro) Ele mede 1/3 do tamanho dos veículos convencionais e pesa menos de meia tonelada. Esse carrinho já está sendo testado em vários lugares do Brasil, para múltiplos usos e hoje quem vai ter essa experiência sou eu. (Trigueiro sai dirigindo o carro, sobe som) (em off): Ele chega a 80 km por hora. Tem autonomia de 100 km. Trigueiro (dentro do carro): Ele otimiza o uso do espaço no perímetro urbano. No trânsito, no engarrafamento, no estacionamento. (em off): E ele é ideal para quem dirige sozinho. O que a gente mais vê em engarrafamento são carros grandes, ou carros de tamanho convencional com uma pessoa apenas dentro. Felipe: Para nós é indiscutível que essa tecnologia é uma tecnologia disruptiva que ela vai fazer parte da vida das famílias, não só no mundo, como no Brasil, também.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens do casamento real do Príncipe Harry e Meghan Markle na igreja e depois indo para o carro e em movimento</p>	<p>Trigueiro (em off): A mudança é real. Após o mais badalado casamento do ano, os noivos seguiram para festa num carro conversível de 1968, transformado em elétrico.</p>	
<p>carros de fórmula elétrica dando partida, imagens da corrida no Qatar em 2018</p> <p>GC produção HELTON SETTA GC edição MICHELLE DOMINGUEZ FLÁVIO LORDELLO</p>	<p>(sobe som Fórmula E, zumbido mais leve, mais assobiado) Trigueiro (em off): Os novos tempos chegam na velocidade desses carros de corrida. Parece Fórmula 1, mas é Fórmula E, de elétrico. Os campeonatos mundiais vem acontecendo desde 2014, com a benção da poderosa Federação Internacional de Automobilismo. (sobe som de carro de corrida) Cruzar a linha de chegada quase em silêncio pode surpreender muita gente. O fato é que essa tecnologia já está fazendo o maior barulho mundo afora.</p>	



Dia 25 de julho de 2018 Capítulo 2

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Bancada do JN Nacional com os apresentadores William Bonner e Giuliana Morrone</p>	<p>Giuliana: Se depender dos planos da indústria automotiva os caminhoneiros e motoristas de ônibus não vão demorar muito para dirigir veículos elétricos no Brasil. O que é ótimo, se a gente lembrar que a greve de maio começou por causa do preço do diesel. O impacto dessa transformação para todo mundo a gente vê na segunda reportagem da Série Especial do André Trigueiro.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de carros e caminhões em movimento nas estradas brasileiras edição rápida e sequenciada simulando velocidade imagens de caminhões carregados, filas de caminhões nas estradas</p>	<p>(sobe som de trânsito nas estradas) Trigueiro em (em off): Um país movido a diesel. Onde a maior parte das cargas é transportada assim. São quase dois milhões de caminhões circulando por aí. Quase meio milhão de caminhões leves para entregas rápidas nas cidades.</p>	
<p>imagem do alto greve dos caminhoneiros nas estradas brasileiras em maio de 2018 dezenas de caminhões parados em um posto de gasolina e nas estradas</p> <p>imagens de pessoas paradas em pé numa longa fila com garrações na mão, tentando conseguir combustível num posto de gasolina</p>	<p>Trigueiro (em off): E quando eles páram. O país pára. Foi o que aconteceu em maio. A greve dos caminhoneiros bloqueou estradas, causou desabastecimento e prejuízos em vários setores. (sobe som) Trigueiro (em off): A alta do diesel foi a principal causa da paralisação.</p>	
<p>imagens de fábricas de caminhões com trabalhadores montando carrocerias imagens do motor de um caminhão elétrico imagens do interior de uma fábrica de caminhões elétricos, mecânicos trabalhando em motores</p>	<p>Trigueiro (em off): Mas uma nova geração de caminhões não depende de combustível. Não polui o ar, nem emite ruído. (sobe som) Trigueiro (em off): A partir de 2020 essa fábrica vai abrigar a primeira linha de montagem de caminhões leves com motor elétrico do país. (sobe som)</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Trigueiro de corpo inteiro posicionado entre dois caminhões (um elétrico azul e um a diesel branco) imagens do caminhão branco enquanto Trigueiro descreve o imenso tamanho do motor a diesel e uma pessoa levanta a carroceria para mostrar o motor por dentro GC ANDRÉ TRIGUEIRO Resende, RJ</p>	<p>Trigueiro (passagem): Qual é o motor elétrico? Qual é o motor a diesel? Olhando os caminhões assim de frente não dá para responder rápido e com certeza essa questão, não. Mas quando a gente vê por dentro, levantando as cabines, fica claro que o motor convencional a diesel ocupa um espaço enorme. Olha os tanque de combustível. Olha o tamanho do motor. (Trigueiro caminhando entre os caminhões) Trigueiro (passagem): Do lado de cá, na versão elétrica, não tem tanque de combustível, tem quatro módulos de baterias dos dois lados do chassi e o <i>kit</i> elétrico do motor ocupa muito menos espaço. (som de campanha e uma luz verde piscando no painel)</p>	
<p>imagens do interior do motor de um caminhão elétrico GC imagens JOSÉ HENRIQUE ROGÉRIO LIMA fala do especialista diagnóstico Roberto fala sobre o caminhão elétrico azul GC ROBERTO CORTES Presidente da Volkswagen Caminhões e Ônibus</p>	<p>Trigueiro (em off): O caminhão elétrico suporta o mesmo peso e atinge a mesma velocidade que a versão convencional. E a manutenção é cerca de 30% mais barata. Roberto: E o caminhão elétrico deverá ser mais econômico do que o caminhão a diesel, principalmente em função da performance do motor e do custo da energia elétrica versus o custo do combustível diesel. Trigueiro (em off): Mais barato? Roberto: Mais barato. Trigueiro (em off): Quanto? Roberto: Ao redor de 20 a 30%.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens caminhão azul elétrico da Volkswagen Trigueiro abre a porta e senta ao volante Roberto: sentado colocando o cinto de segurança dá as boas-vindas câmera posicionada atrás dos dois mostra o painel do caminhão caminhão visto de fora em movimento tem uma imagem no vidro em frente ao Trigueiro que mostra ele sorrindo quando o caminhão começa a andar imagens do caminhão numa estrada sem movimento dentro da fábrica da VW imagens do caminhão numa subida caminhão dá umas chacoalhadas ao passar por uma lombada imagens de carrocerias estacionadas na lateral da estrada de testes imagens de carrocerias e da parte dos caminhões arte mapa do Brasil com destaque para SC Jaraguá do Sul</p> <p>GC imagens DIOGO TRIGUEIRO RAPHAEL RIBEIRO RONALDO DE SOUZA</p> <p>imagens do interior de uma fábrica de caminhões</p> <p>GC MANFRED PETER JOHANN Diretor superintendente Unidade Automação/WEG</p>	<p>Trigueiro (passagem): Tá na hora do teste <i>drive</i>. Nós vamos testar o primeiro caminhão leve elétrico do Brasil.</p> <p>Trigueiro para Roberto: Posso dirigir?</p> <p>Roberto: Vamos.</p> <p>Trigueiro: Fui. Vamos simhora.</p> <p>Roberto (dentro do caminhão): Bem-vindo.</p> <p>Trigueiro (no volante do caminhão): Girar a chave. Tá ligado. Em comparação com o motor convencional bem menos ruído.</p> <p>Roberto: ah... infinitamente menor.</p> <p>Trigueiro: Vamos nessa. Roberto: Vamos nessa. (sobe som)</p> <p>Roberto: Olha que beleza, olha que torque...(sobe som música)</p> <p>Trigueiro: Bom, agora a gente vai para a pista de testes com ladeira. (sobe som)</p> <p>Trigueiro: agora eu vou subir essa ladeira. Vamos ver um caminhão elétrico subindo a ladeira.</p> <p>Roberto: Quase 40 graus.</p> <p>Roberto para Trigueiro: Primeiro piloto – não engenheiro de caminhão elétrico.</p> <p>Trigueiro: E você se submetendo a esse risco comigo?</p> <p>Roberto: Porque confio em você e no caminhão...</p> <p>Trigueiro: (risos) Não necessariamente nessa ordem...</p> <p>Roberto: (risos...) sobe som</p> <p>Trigueiro (em off): A bateria do novo caminhão é importada, mas o motor é 100% nacional. Vem dessa fábrica em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Já está preparada para o crescimento desse novo mercado. (sobe som)</p> <p>Manfred (começa em off): Essa demanda já existe no mundo, e ela vai vir para o Brasil também, sem dúvida nenhuma.</p> <p>Manfred: Principalmente na área de transporte de cargas e de transporte urbano. Basta haver mais iniciativas para isso.</p>	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens do alto mostrando o topo dos edifícios e o tráfego de veículos numa avenida / imagens de ponto de ônibus em uma avenida movimentada de São Paulo</p> <p>imagens de ônibus trafegando e caminhões de lixo sendo carregados nas ruas da capital paulista /ônibus circulando na linha 5119-10</p> <p>Iêda sonora especialista diagnóstico GC IÊDA MARIA ALVES DE OLIVEIRA vice-pres. Associação Bras. do Veículo Elétrico</p> <p>imagens de São Paulo do alto à noite mostrando as grandes avenidas iluminadas e completamente tomadas pelos veículos</p>	<p>Trigueiro (em off): São Paulo deu um passo importante nessa direção. Uma lei sancionada em janeiro determina que as emissões de CO2 dos ônibus e dos caminhões de lixo da cidade caiam pela metade nos próximos dez anos. E cheguem a zero em vinte anos.(sobe som) A nova legislação coincide com a renovação do contrato de concessão das empresas de ônibus.</p> <p>Iêda: Você vai ter a renovação do contrato baseado em uma lei que também prevê metas de emissão. Acho que esse é o grande combustível, que se tem o hoje a favor dos elétricos na cidade de São Paulo. (em off): Acho que é um caminho sem volta, para grandes metrópoles do Brasil e do mundo.(sobe som música instrumental).</p>	
<p>imagens de ônibus circulando em SP</p> <p>Iêda conversando com Trigueiro</p> <p>imagens ônibus elétrico</p> <p>especialista diagnóstico GC CLARISSE CUNHA LINKE dir. Inst. Políticas Transporte & Desenvolvimento</p> <p>garagem de ônibus elétrico</p> <p>GC acervo FERNANDA CARDOSO</p> <p>imagens de fios nas avenidas</p> <p>imagens de ônibus elétricos</p> <p>GC: produção HELTON SETTA</p>	<p>Trigueiro (em off): São Paulo tem uma das maiores frotas de ônibus do planeta. São catorze mil. A mudança prevê mais trólebus que são conectados a uma rede elétrica, mas para cumprir a lei será preciso fazer mais. Trigueiro (em off): Qual é a sua previsão de expansão da frota de elétricos no município de São Paulo? Iêda: A gente tem expectativa de 40% nos próximos 6 anos.</p> <p>Trigueiro: Investimento em transporte público que pode levar os benefícios dessa tecnologia para toda a população. Clarisse: Essa revolução que a gente tá passando de tecnologia, principalmente saindo da combustão indo para eletrificação, é fundamental. (em off): A gente precisa priorizar que essa mudança aconteça no ônibus. Que essa mudança aconteça no transporte de carga. Que a gente continue investindo na ferrovia. Clarisse: Eu que eu preciso ter todas essas opções. E elas todas precisam ser de baixo carbono. (em off): Me oferecer segurança, me oferecer conforto e me oferecer conveniência.</p>	

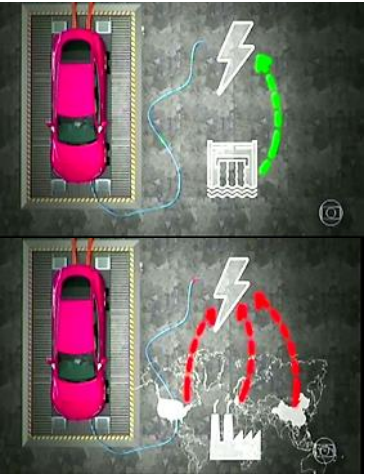
VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>sonora Paulo Saldiva especialista diagnóstico saúde inicia a fala mas não aparece a imagem é de um ônibus elétrico rodando GC: PAULO SALDIVA patologista e dir. Inst. Estudos Avançados/USP imagens de trânsito em São Paulo GC edição MICHELLE DOMINGUEZ FLÁVIO LORDELLO</p>	<p>Trigueiro em (em off): E a saúde também sai ganhando. Paulo (em off): A poluição de São Paulo hoje, ela é duas vezes maior do que aquela preconizada como ideal, pela Organização Mundial de Saúde. Paulo: Esse excesso corresponde a uma redução da expectativa de vida de três anos e meio. (sobe som) Paulo em (em off): Se a gente reduzisse isso pela substituição total do transporte pesado, a gente estima que ganharia em torno de um ano um ano e meio de expectativa de vida.</p>	

Dia 26 de julho de 2018 Capítulo 3

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>JNacional Bonner chama reportagem céu azul sol brilhando forte Trigueiro passagem no telhado onde é feita a captação de energia solar a arte mostra um gráfico de um mapa de SP e posiciona o município de Jaguariúna GC ANDRÉ TRIGUEIRO Jaguariúna, SP Trigueiro trocar o ângulo da imagem e na sequência mostra os veículos na garagem que estão sendo abastecidos com a energia solar do telhado onde ele está</p>	<p>Bonner: Dirigir um carro movido a eletricidade é uma experiência que poucos brasileiros já tiveram. Na terceira reportagem da série especial, o André Trigueiro mostra como é viver com um carro elétrico e o que poderia acontecer com o sistema energético do país se toda nossa frota fosse abastecida nas tomadas. Trigueiro: Num país tropical onde o Sol é abundante é possível abastecer o carro elétrico a partir do telhado da própria casa ou do escritório. É o que a gente está vendo aqui. O dono dessa casa em Jaguariúna, na região metropolitana de Campinas, instalou vinte metros quadrados de placas fotovoltaicas. Trigueiro (de costas para imagem vira de frente): Isso é suficiente para ele abastecer uma moto elétrica, um carro elétrico e a própria casa. (sobe som)</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>protagonista imagens do recarregamento da bateria de um carro elétrico tomada de 220 V dentro de uma casa</p> <p>GC LEONARDO CELI COELHO empresário</p>	<p>Trigueiro (em off): Recarregar o carro na tomada leva até oito horas. O custo é de quinze reais.</p> <p>Leonardo: Considerando um carro que faça dez quilômetros por litro na gasolina, a gente está falando já de um custo de aproximadamente, hoje, quarenta centavos por quilômetro rodado. E num carro elétrico você teria um custo de aproximadamente, doze, treze, centavos, por quilômetro rodado.</p> <p>Trigueiro (em off): A autonomia é de 150 km. Uma vez por semana o Leonardo precisa ir até São Paulo a trabalho, mas hoje quem vai guiando sou eu. (sobe som)</p>	
<p>Trigueiro entra no carro e dirige por uma estrada uma animação mostra como funciona o carro elétrico a autorrecarga do veículo quando o motorista está na descida ou tira o pé do acelerador</p>	<p>Trigueiro (passagem dentro do carro elétrico): Eu já percebi que quando você coloca o pé no acelerador ele sai mais rápido. É isso? Leonardo: Sim. Isso deve ser o famoso torque, né? O torque de um veículo elétrico ele é imediato. Mas se você pisar agora aí, afundar o pé, você vai colar no banco até a velocidade máxima do veículo. Trigueiro: Eu tenho acelerador e tenho um freio. Não tenho embreagem. Leonardo: Não tem embreagem, igual ao carro automático. Trigueiro (em off): Quando o motorista pisa no freio do carro elétrico, ou simplesmente tira o pé do acelerador, o motor pára de consumir energia e passa a funcionar como um gerador, transformando o movimento em energia elétrica que vai para bateria. O sistema também funciona em descidas, é uma autorrecarga. Leonardo: Aí se você quiser tirar um pouquinho o pé do acelerador. Trigueiro: Ok, vou esperar a descida. Pronto, tirei. Leonardo: Aqui ele já começou a carregar. Trigueiro: Impressionante. Leonardo: Ele começa a carregar. Trigueiro: E não é com o freio. É desaceleração. Já começa a gente recarregar a bateria. (sobe som)</p>	



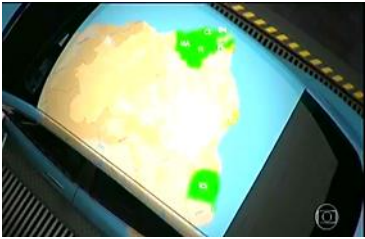
VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Trigueiro e Leonardo seguem pela rodovia dos Bandeirantes (São Paulo) GC arte ALEX PAIVA EDUARDO SEABRA imagens do interior do carro elétrico Trigueiro e Leonardo conversam sobre a economia proporcionada pelo VE GC gasolina 77 km = R\$30 energia elétrica 300 km = R\$30</p>	<p>Trigueiro (em off): Seguimos pela Rodovia dos Bandeirantes que tem a primeira rede intermunicipal de recarga do Brasil com 10 eletropostos. Trigueiro (passagem dentro do carro mostrando o painel): Percorremos até o momento 77 km e o consumo de eletricidade até aqui deu 6.3 km por quilowatt. Isso numa equivalência a um motor convencional? Leonardo: Eu estou falando de um custo de trinta reais com combustível. Com trinta reais eu conseguiria, pagando pela energia na minha residência hoje, eu poderia chegar a rodar até 300 quilômetros. Eu daria duas cargas completas na bateria desse veículo elétrico.</p>	
<p>imagens do posto da CPFL na rodovia dos Bandeirantes em SP imagens de um VE sendo carregado GC técnicos FÁBIO BARÃO MAURÍCIO FERREIRA JOSÉ ROBERTO ALVES</p>	<p>Trigueiro (em off): Aqui o abastecimento é de graça. A distribuidora de energia usa os eletropostos para testes. A Agência Nacional de Energia Elétrica regulamentou em julho a cobrança do serviço. Mas, é preciso ter paciência uma hora para carga total ou meia hora para 80% da bateria. Diminuir esse tempo é um dos desafios dessa tecnologia. Mas a empresa dá como certo o crescimento da frota de elétricos no Brasil, e não vê riscos para o abastecimento do país.</p>	
<p>imagens do especialista Rafael falando sobre o abastecimento com energia elétrica GC RAFAEL LAZZARETTI diretor de Estratégia e inovação do Grupo CPFL imagens do Instituto de Pesquisas Tecnológicas imagens do especialista Mário GC MÁRIO LEITE PEREIRA FILHO Lab. de Equip. Elétricos e Ópticos do IPT</p>	<p>Rafael (começa em off): A gente tem projeções nossas ... Rafael: ...que indicam que o impacto no crescimento de carro elétrico não deve passar de 0,5 a 1,5 % de aumento na carga de energia elétrica do país. (em off): Isso seria o equivalente a dez milhões de carros elétricos em 2030. Esse é o cenário mais agressivo que a gente tem, ou seja, é um crescimento muito gradual. Rafael: E que não deve gerar nenhum tipo de risco de abastecimento, ou de falta de energia. Trigueiro (em off): Só que isso não é consenso. Mário: Eu acho que na geração nós temos problemas de limite de geração hidráulica, que hoje está existindo, até a bandeira vermelha, e a distribuição ainda não está preparada para receber uma frota tão grande de carros elétricos.</p>	


VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens Trigueiro caminhando ao lado do prof. Alexandre na UFRJ especialista GC ALEXANDRE SZKLO Programa de Planejamento Energético Coppe/UFRJ imagens do professor imagens de tomadas imagem de VE sendo carregado numa garagem</p>	<p>Trigueiro: Esse professor fez uma estimativa levando em conta uma situação extrema, a eletrificação de toda a frota de veículos leves no Brasil. Alexandre: Isso representaria alguma coisa tem 15 a 20% da demanda de energia elétrica hoje no Brasil. (em off): Pelo lado da distribuição nossos estudos têm indicado que a distribuição precisaria fazer investimento sobretudo na parte de transformadores para lidar com a sobrecarga associada com veículos elétricos.</p>	
<p>imagens do especialista Celso imagens de um VE sendo carregado num poste de abastecimento GC CELSO NOVAIS coord. do Programa Veículo Elétrico/Itaipu imagens posto VE na Itaipu Binacional GC imagens AMÉRICO FIGUEIROA CARLITO CHAGAS ZITO TERRES imagens de VEs pátio da Itaipu Binacional imagem de um engenheiro testando um VE imagens de torre de transmissão de energia elétrica imagens de arte ilustrando a diferença do abastecimento de VE no Brasil e em outros países No Brasil a energia é limpa e renovável enquanto em outros países, não.</p>	<p>Trigueiro (em off): Este engenheiro estima em 30% o aumento do consumo de energia se toda a frota for elétrica, mas não vê problema nisso. Celso (em off): O veículo elétrico pode ser comparado com ar condicionado de doze mil BTUs. Celso: Qualquer casa que tiver condição de instalar um ar condicionado de doze mil BTUs pode ter um veículo elétrico na garagem. (em off): Isso eu acho que não seria nenhum impacto significativo a entrada dos veículos elétricos no Brasil. Trigueiro (em off): Ele trabalha na maior hidrelétrica do Brasil que também entrou nessa corrida tecnológica.(sobe som) Além dos vários tipos de carros elétricos que podem ser compartilhados entre os funcionários, a Itaipu desenvolveu em parceria com outras empresas ônibus, caminhões, e até um avião elétrico tripulado. Celso: Eu penso que nos próximos dez anos nós vamos ter mais inovação nessa área de mobilidade do que ocorreu nos últimos 50. Trigueiro (em off): E o Brasil tem um diferencial importante quando o assunto é carro elétrico. Na hora da recarga a maior parte da energia é limpa e renovável. Vem principalmente das usinas hidrelétricas. Em países como Estados Unidos, Alemanha e China os combustíveis fósseis são a principal fonte de energia, ou seja, quem anda de carro elétrico por lá, continua poluindo, ainda que indiretamente.</p>	




VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
imagens do telhado solar da casa do Leonardo imagens do Leonardo abastecendo na garagem o próprio VE GC edição MICHELLE DOMINGUEZ FLÁVIO LORDELLO imagens de um VE em uma estrada	Lembra do telhado solar do Leonardo? No carro elétrico dele não entra energia suja. Leonardo (em off): Existe uma satisfação e uma sensação de liberdade e independência incrível. Leonardo: E no final do dia também, eu me sinto até orgulhoso de diretamente ter investido também na infraestrutura do país.(sobe som)	




Dia 27 de julho de 2018 Capítulo 4



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
Bancada do Jornal Nacional William Bonner chama a reportagem da série <i>Veículos Elétricos</i>	Bonner: Então, a gente falou muito de eletricidade essa semana por causa da série especial de reportagens do André Trigueiro sobre veículos elétricos. Agora quando a gente pára para pensar no total de carros, de veículos que existem no Brasil movidos à eletricidade, a gente fica surpreso, são 300. 300, não mais do que isso. Quando a gente fala em carros exclusivamente elétricos. É muito pouco. Eles ainda são muito caros, aqui no Brasil. Exatamente, nesta quarta reportagem da série, do Trigueiro ele explica essa e outras barreiras que os carros elétricos enfrentam. (sobe som)	
imagens do Leonardo abastecendo o VE na garagem da casa dele sequência de imagens de baterias de VE editadas rapidamente para acompanhar o ritmo da música instrumental imagens de ônibus, caminhões e carros elétricos GC imagens ROGÉRIO LIMA JOSÉ HENRIQUE	Trigueiro (em off): A bateria é a parte mais importante e mais cara de um carro elétrico. É ela que permite que o veículo se movimente sem emitir fumaça, nem fazer ruído.	



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>arte virtual com montagem do repórter no volante de um VE para mostrar o processo da bateria</p> <p>GC ANDRÉ TRIGUEIRO Rio de Janeiro</p>	<p>Trigueiro: A questão é o que fazer, depois que a vida útil da bateria termina? Um problema parecido com os celulares e <i>smartphones</i>. Normalmente, as pessoas jogam fora, no lixo. Só que isso não é recomendável, porque as baterias, tanto as dos celulares quanto as dos carros elétricos são feitas de metais pesados que podem causar problemas à nossa saúde e ao meio ambiente. A má notícia é que ainda não há tecnologia barata e acessível para resolver esse problema.</p>	
<p>especialista prognóstico imagens de Trigueiro e Thiago GC THIAGO SUGAHARA vice-pres. Associação Bras. do Veículo Elétrico imagens de baterias de VEs imagens AMÉRICO FIGUEIROA ZITO TERRES imagens da bateria de sal Itaipu Binacional imagens de engenheiros da Itaipu imagens de computadores e engenheiros trabalhando em Itaipu bateria de um VE GC CELSO NOVAIS coord. do Programa Veículo Elétrico/Itaipu imagens de VE entrando em um posto GC arte TRIGUEIRO GATTO EDUARDO SEABRA arte mostra os Estados que isentam os VEs do IPVA</p>	<p>Thiago: As baterias muitas vezes são captadas pelas montadoras que comercializam esses veículos e são reexportadas. Algumas vão para a Bélgica, ou para Alemanha onde são desmontadas, os metais são separados e reciclados. Trigueiro (em off): Isso tem custo? Thiago: Sim, tem um custo. E precisa ser colocado também dentro da conta de investimento que as empresas estão fazendo para popularizar essa tecnologia. Trigueiro (em off): Preste atenção nessas imagens. Essa é a bateria de sal desenvolvida aqui no Brasil. Celso: Nós identificamos uma tecnologia que era pouco explorada no mundo. Ela é 100% reciclável. E ela é reciclável a baixo custo, apenas 1% do valor da bateria é necessário para você reciclar a bateria. Então isso é um ponto forte. Trigueiro (em off): Mas o laboratório da usina de Itaipu quer ir mais longe. Celso: Uma bateria de sódio <i>flat</i>. Uma coisa nova que permite reduzir o preço da produção da bateria em 1/3, e isso facilita muito mais uma entrada no mercado. Trigueiro: Falando em mercado o Brasil segue na contramão dos carros elétricos. Ainda não há fábricas por aqui, e quem decide comprar paga muito caro por isso. A partir de 190 mil reais. A carga tributária é alta. Carros 100% elétricos não pagam imposto de importação, mas pagam IPI. O Imposto Produtos Industrializados, de 25%. O governo anunciou esse mês uma redução que começa a valer em novembro [de 2018]. A alíquota vai variar de 7 a 20%, dependendo do modelo. Só seis estados brasileiros dão isenção de IPVA e 3 tem uma alíquota menor. O número de carros elétricos no país ainda é pequeno. Pouco mais de 300, sem contar os modelos híbridos, segundo a Agência Internacional de Energia Elétrica.</p>	 



VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
interior de um VE fala do especialista Thiago imagens de estradas	Thiago: Nossa expectativa é que para os próximos anos isso aumente, mediante uma provocação que a própria ABVE vem fazendo junto ao governo, para tornar esses veículos mais acessíveis, com a redução de tributos e políticas de fomento. É uma questão de definição de prioridades. (em off): Não é que tipo de carro a gente quer ter hoje? Mas, que tipo de carro nós gostaríamos de ter daqui para frente? Thiago: Sendo também produzido, não só comercializado no mercado brasileiro.	
imagens interior de uma fábrica de automóveis imagens de postos de combustíveis fala de especialista prognóstico GC IÊDA MARIA ALVES DE OLIVEIRA vice-pres. Associação Bras. do Veículo Elétrico montagem de uma bateria elétrica fios mecânicos trabalhando em uma linha de montagem veicular imagem do especialista Thiago prognóstico GC produção HELTON SETTA fala do especialista Celso prognóstico imagens da fábrica Itaipu Binacional GC edição MICHELLE DOMINGUEZ FLÁVIO LORDELLO	Trigueiro (em off): E se a produção de carros elétricos crescer no Brasil? Qual será o impacto disso sobre outros setores da economia, como a indústria de autopeças e combustíveis? Iêda: Você vai ter uma migração natural de parte dessa frota que vai sendo migrada para os elétricos, que vai deixar, por exemplo, de trocar o óleo do motor, mas, por outro lado, vai precisar do inversor, que é o que controla o motor elétrico. (em off): Então, toda essa cadeia produtiva que está por trás dessa tecnologia ela vai continuar, ela vai continuar, ela vai crescer bastante, e vai gerar empregos em outras áreas. Thiago (em off): No setor de autopeças essa é a discussão que a gente precisa fazer agora. Thiago: O Brasil precisa se preparar para chegada dessa tecnologia, para que novos fornecedores possam trazer motores, baterias, e outros conjuntos, no médio e longo prazo. Celso: É um caminho sem volta. Não adianta você querer continuar a investir em máquina fotográfica com filme quando você já tem a digital. Só se você quiser abrir um museu. (em off): É melhor você ser protagonista e preparar a comunidade e treinar pessoas do que você tentar lutar contra. (sobe som)	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>Bancada JN Alexandre Garcia e Giuliana Morrone</p>	<p>Giuliana: Nos últimos dias você acompanhou aqui no JN uma série sobre os carros elétricos. Pois hoje a gente mostra o sucesso que eles fazem em outros países. A reportagem é dos correspondentes Thiago Eltz e Rodrigo Alvarez e do Márcio Gomes que gravou quando ainda estava trabalhando no Japão.</p>	
<p>imagens de São Francisco, EUA imagens bondinho imagens estrada VE passa velozmente</p>	<p>Tiago (em off) : Não se engane com bucólico bondinho cruzando as ladeiras. Nessas ruas roda o que há de mais moderno do mundo, em transporte pessoal. Em comum com o bonde só o que movimento motor, a eletricidade. (sobe som instrumental forte)</p>	 
<p>Tiago faz uma passagem em uma rua de São Francisco mostrando o trânsito GC TIAGO ELTZ São Francisco, EUA</p>	<p>Tiago (passagem rua em S.Francisco): Falar de carros elétricos nos Estados Unidos é falar de Califórnia. Isso porque 50% dos carros elétricos vendidos no país são vendidos aqui. Esse sucesso, metade das vendas dos Estados Unidos, tem uma questão cultural da região, claro, mas, principalmente por um plano de governo, por políticas públicas fortes focadas em incentivar esse tipo de veículo.(em off): A Califórnia foi o primeiro estado a criar um programa de emissão zero, que determina que uma parte dos carros vendidos aqui, tem que ser movida à eletricidade. E o governo dá uma forcinha para quem quer o seu.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de VEs imagens da garagem do protagonista Guilherme com dois VEs GC GUILHERME ROSSI empresário</p> <p>GC imagens LUCAS LOUIS imagens dos painéis dos VEs imagens do trânsito da Califórnia GC produção FERNANDA SAVIOLO imagens de VEs estacionados imagens de VE Tesla circulando velozmente por estradas dos EUA imagem de um filme em <i>fast motion</i> da construção da fábrica de baterias TESLA</p>	<p>Tiago (em off): Nessa casa não tem um só, mas dois carros elétricos. Quem vive aqui é o brasileiro Guilherme Rossi que comprou esse carro pelo equivalente a R\$ 82.500 reais. Só que 1/3 desse valor veio do governo, mas com dois carros para ligar na tomada, já dá para imaginar que a luz vai subir. Guilherme: Então é como se fosse uma máquina de secar roupas ligada por seis, sete horas direto toda noite.</p> <p>Tiago: Gasta uma boa luz? Guilherme: Gasta uma boa luz. A nossa vantagem são os painéis solares que reduzem o nosso custo de energia.</p> <p>Tiago (em off): 60% do que o que Guilherme gastou com os painéis solares no telhado ele recebeu de volta em abatimentos do Imposto de Renda. Guilherme tem uma empresa de aluguel de carros de luxo e o modelo elétrico faz sucesso. É um Tesla, a empresa mais revolucionária quando se fala em elétricos. Não por acaso ela fica aqui na Califórnia e já vale mais do que algumas das montadoras mais tradicionais do mundo, mesmo produzindo menos de 2% dos veículos. A Tesla também está construindo a maior fábrica de baterias do mundo para alimentar seus planos de expansão.</p>	 
<p>imagens de uma arte que mostra a passagem virtual dos Estados Unidos para a França simulando que Tiago abre a porta do carro onde está Rodrigo contextualiza VE na Europa GC RODRIGO ALVAREZ Paris imagens de trânsito em Paris e Noruega</p>	<p>Tiago (passagem): Enquanto os Estados Unidos abrem as portas para os carros elétricos, em vários países da Europa os motores a combustão estão os dias contados.</p> <p>Rodrigo (no volante de um carro): Aqui na Europa uma enorme preocupação com o aquecimento global acelerou o ritmo dessa mudança, o que muito em breve vai levar à extinção dos canos de descarga. Até 2040, países como França e Reino Unido vão proibir a venda dos carros convencionais. (sobe som) (em off): Na Noruega esse prazo é 2025. No país que é considerado o mais feliz do mundo, 20% dos carros novos já são elétricos. (sobe som) Paris, com sua fama de impaciente, resolveu que o último cano de descarga será expulso dessas ruas em 2030. (sobe som) Fábricas, portanto trabalhem depressa.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de uma fábrica (Renault) de VEs na França Rodrigo está na fábrica e fala sobre as baterias dos VEs GC imagens ALBERT STEINBERGER especialista prognóstico GC GILLES NORMAND diretor Divisão de Veículos Elétricos/Renault imagens da fábrica de VE da Renault GC produção MÁRIO CAMERA imagens de mecânicos montando os VEs imagens das ruas francesas imagem de Joseph Especialista prognóstico GC JOSEPH BERETTA pres. Ass. Francesa Des. Mobilidade Elétrica</p>	<p>Rodrigo (passagem dentro de uma fábrica de automóveis): É aqui nesse cantinho, no fim da linha de montagem, que acontece a grande revolução. O carro finalmente vai se tornar elétrico, porque a bateria vai ser colocada nele. (em off): A grande novidade é que essa bateria enorme que a gente tá vendo aqui, pesando quase 300 quilos dá uma grande autonomia ao motorista. Rodrigo: Ao contrário do que acontecia antigamente que o motorista talvez pudesse dar uma voltinha no bairro e já tinha que recarregar o carro, agora é possível andar mais de 300 Km, sem precisar de recarga. (em off): A previsão é que daqui a três anos, um carro popular elétrico possa viajar 360 km, sem parar e a recarga total vai ser feita em pouco mais do que vinte minutos. Gilles (Rodrigo traduz em off): A cidade do futuro terá muitos carros elétricos, será muito mais silenciosa e muito mais adequada que a cidade de hoje. Então eu penso que é uma batalha em que vale a pena combater. Rodrigo (em off): Para incentivar a mudança a França dá até dez mil euros de ajuda, para quem comprar um elétrico. Pelas previsões da Associação Francesa para o Desenvolvimento da Mobilidade Elétrica... Joseph (Rodrigo traduz em off): ...em 2025, um carro com bateria vai custar o mesmo que um carro a gasolina. (sobe som de buzinas e trânsito)</p>	
<p>Rodrigo dirigindo um VE em Paris montagem virtual no painel do parabrisa dianteiro aparece a imagem do Márcio Gomes (Japão) atravessando a rua</p>	<p>Rodrigo (passagem dentro de um carro): O que os especialistas dizem é que no momento em que o preço deixar de ser uma barreira, o carro elétrico tem tudo para conquistar o mercado. (sobe som simulando a passagem da França para o Japão)</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>GC MÁRCIO GOMES Tóquio imagens de trânsito na China Márcio Gomes faz uma passagem mostrando que no Japão há mais pontos de recarga para VEs do que posto de gasolina imagens aéreas do trânsito no Japão</p>	<p>Márcio: Uma parte gigantesca desse mercado está aqui na Ásia, e a China já largou na frente. (em off): Com os subsídios do governo, a China vendeu quase meio milhão de carros elétricos no ano passado. Mais da metade das vendas no mundo. O Japão vem atrás, mas não está parado. Márcio (passagem): Hoje no Japão existem mais pontos de recarga para veículos elétricos, do que posto de gasolina. Isto nos dá a dimensão de como se encara a busca por novas energias para mover esse país. Márcio (em off): O governo daqui investe mais na tecnologia dos carros a hidrogênio, mas não fecha a porta aos elétricos. (sobe som)</p>	
<p>imagens do empresário Omura conversando com Márcio Gomes imagens da fábrica imagens do carro e da garagem coberta com painéis solares GC imagens LUCIANO TSUDA GC produção KUNIHRO OTSUKA</p>	<p>Márcio (passagem com empresário Omura): A pequena empresa do Sr. Omura está oferecendo pacote completo, carro elétrico e painéis solares para as garagens. Ele diz que o modelo será perfeito para cidade do interior onde não existe tanta opção de transporte público. Compacto e bonitinho o objetivo foi desenvolver uma coisa simples, barata para enfrentar a concorrência das montadoras já estabelecidas.</p>	

VÍDEO	ÁUDIO	LINGUAGEM HÍBRIDA TELEVISUAL
<p>imagens de um VE Omura circulando pelas ruas do Japão imagens de Márcio fazendo um test drive em um VE Omura</p>	<p>Márcio (passagem dirigindo um carro elétrico): Mas a autonomia de 50 km comigo foi bem menor. (rindo) A bateria acabou... (empurra o carro para o acostamento e ri)</p>	
<p>imagens aéreas do bairro Fujisawa mostrando todas as casas cobertas com painéis solares imagem do repórter fazendo uma passagem em uma rua do bairro imagem do repórter testando um VE em uma praça GC edição MICHELLE DOMINGUEZ FLÁVIO LORDELLO imagens aéreas de Fujisawa</p>	<p>Márcio (em off): Se tem um lugar que planejou bem o consumo de energia é o bairro de Fujisawa, a 50 quilômetros de Tóquio. Painéis solares cobrem os telhados e ajudam abastecer o bairro. Márcio (passagem numa rua do bairro): O conceito de cidade sustentável vale para tudo, até para locomoção. E o carro elétrico faz parte disso. (abre a porta de um carro estacionado na rua e entra) (repórter em off): Os moradores podem compartilhar três modelos. É chegar e usar. E quem tem seu próprio elétrico abastece na porta de casa, um exemplo que pode se espalhar por todo o Japão. (sobe som)</p>	

Fim do Apêndice D – série Veículos Elétricos